



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

PATRÍCIA DE SOUSA SANTOS

**Comemorando a Bendita Santa: experiências religiosas e práticas festivas na devoção à
Santa Cruz dos Milagres – Piauí (1968 – 1990)**

São Leopoldo – RS

2020

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Comemorando a Bendita Santa: experiências religiosas e práticas festivas na devoção à
Santa Cruz dos Milagres – Piauí (1968 – 1990)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS, como pré-requisitos para obtenção do
título de Doutora em História.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane C. Deckmann Fleck

S237c

Santos, Patrícia de Sousa.

Comemorando a Bendita Santa: experiências religiosas e práticas festivas na devoção à Santa Cruz dos Milagres – Piauí (1968-1990) / Patrícia de Sousa Santos. – 2020.

222 f. : il. color. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, 2020.

“Orientadora: Profa. Dra. Eliane C. Deckmann Fleck.”

1. Religião. 2. Festas religiosas. 3. Santa Cruz dos Milagres. 4. Piauí. I. Título.

CDU 981

PATRÍCIA DE SOUSA SANTOS

**Comemorando a Bendita Santa: experiências religiosas e práticas festivas na devoção à
Santa Cruz dos Milagres -Piauí (1968 – 1990)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, como pré-
requisito para obtenção do título de Doutora em História.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Eliane C. Deckmann Fleck (Orientadora)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Profª. Dra. Edilece Souza Couto
Universidade Federal da Bahia- UFBA

Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Karsburg
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Bolsista PNPd/CAPES

Prof. Dr. Mauro Dillmann Tavares
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Prof. Dr. José Rogério Lopes
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aos meus avós maternos Pedro e Supliza, que me apresentaram ao extraordinário mundo da devoção popular.

AGRADECIMENTOS

Ao cosmo e às forças celestes, que, de alguma forma, agiram em momentos importantes da minha caminhada. Agradeço ao universo por crer que não foi apenas o Deus uno, mas o Deus plural que esteve comigo durante esse tempo,

Aos meus avós maternos Pedro e Supliza (em memória), que, mais que amor, me apresentaram a fé do povo, que transforma chás e unguentos em remédios milagrosos. Suas histórias de graças conquistadas me tornaram o que sou, sensível à fé do outro e crente no poder transformador da esperança,

À minha Mãe Francisca, que muito lutou para garantir meu progresso profissional, obrigada por seu amor e confiança,

À minha segunda mãe, minha Tia Lourdes, que investiu o que pôde na minha educação e me auxiliou dando amor e cuidados a minha filha nas minhas ausências, seja pelas demandas do trabalho ou do doutorado,

À minha filha Valentina, minha fonte de força e determinação, minha luz diária, meu sorriso nas manhãs, quero ser o seu exemplo e por você luto diariamente,

Ao meu amigo-irmão Thiago Silveira, obrigada pelo companheirismo, risadas, planos, contas e ombros divididos. Somos o exemplo de que a amizade rompe barreiras,

Às amigas que estiveram comigo ao longo da jornada, em especial, à Ceicinha e suas filhas Sâmua e Apoena, que acolhiam Valentina com carinho e amor. À minha amiga Fernanda Cavalcante, agradeço por seu carinho, pelos vinhos regados a gargalhadas e música boa, que fizeram as coisas mais leves. Você é o presente que o IFMA me deu; À minha amiga - irmã Lidiane Oliveira companheira de muitos anos; À minha querida amiga Vicencia Pinheiro pelas risadas.

Ao Instituto Federal do Maranhão – Campus São João dos Patos, por ter possibilitado a conclusão desse trabalho e às minhas companheiras de luta e afeto Elisângela Tavares e Nívia Santos. Vocês são fantásticas,

À minha querida orientadora Eliane Fleck, que, com atenção, profissionalismo e carinho me guiou nessa jornada. Serei sempre muito grata a tudo que fez por mim ao longo desses 4 anos,

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, por terem dividido seus conhecimentos de forma primorosa e comprometida, auxiliando no meu aperfeiçoamento profissional,

À minha amiga Andressa Rodrigues, meu presente divino em terras gaúchas, que me encheu de carinho e afeto.

Ao meu companheiro Ricardo Vernieri, que embarcou muitas vezes nas minhas aventuras de pesquisa, que me deu colo nas minhas inseguranças, muito obrigada por existir na minha vida,

Agradeço ao Arquivo Público do Estado do Piauí, ao Arquivo Público do Estado do Maranhão e aos funcionários da Prefeitura Municipal de Aroazes e da Câmara de Vereadores de Aroazes,

Ao Ex-reitor do Santuário de Santa Cruz dos Milagres, Padre Francimilson Gonçalves, que tornou possível o acesso a fontes consultadas na tese e que foi sempre muito prestativo,

À minha Amiga Jucilaine Carvalho, companheira de pesquisa e amiga do coração,

Agradeço à minha família em Santa Cruz dos Milagres, que, desde a primeira viagem, me acolheu: Tia Antônia, Cruzinha, Charles, Cláudio e o pequeno Ricardo,

Por último, mas não menos importante, agradeço a cada romeiro, homens e mulheres de fé, que me fizeram enxergar a graça em cada promessa, em cada lágrima e em cada ex-voto. A eles dedico e entrego essa pesquisa, me sentindo uma pessoa melhor e acreditando que o povo faz a fé. Vocês são o milagre desse sertão.

“Quem é ateu e viu milagres como eu
Sabe que os deuses sem Deus
Não cessam de brotar, nem cansam de esperar
E o coração que é soberano e que é senhor
Não cabe na escravidão, não cabe no seu não
Não cabe em si de tanto sim
É pura dança e sexo e glória, e paira para além
a história [...]”

Milagre do Povo – Caetano Veloso

RESUMO

A Divina Santa Cruz dos Milagres, uma cruz de madeira de pouco mais de um metro de altura feita de uma importante árvore da região, a aroeira, é uma dessas devoções populares do Nordeste brasileiro que movimenta uma multidão de fiéis em seus períodos festivos. A primeira menção à devoção data de 1888, quando é autorizada a construção da primeira capela em honra à Bendita Santa Cruz dos Milagres. Na presente tese, nos debruçamos sobre o período que se estende de 1968 a 1990, período de forte efervescência da devoção, lançando nosso olhar sobre os sujeitos que a vivenciaram e deram a ela múltiplos significados, tais como os fiéis, a Igreja Católica, os comerciantes e alguns políticos locais e regionais. A partir da consulta a uma historiografia de referência sobre a temática das devoções populares e das festas religiosas, analisamos as peculiaridades dessa santa sertaneja, destacando as curas extraordinárias que tornaram possível a santificação popular da Santa Lenha, que transformou um povoado cercado por morros e cortado por rios no terceiro maior Santuário de devoção popular do Nordeste. O Templo Religioso que atrai não apenas os devotos do Piauí, mas, também, de outros estados, especialmente, do Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia, que se deslocam de suas casas em busca das graças da misteriosa e milagrosa Santa Cruz. Nos detivemos, ainda, na análise das tentativas de ordenamento da devoção empreendidas, especialmente pela Igreja, mas, em algumas circunstâncias, fomentadas também pelo Estado, assim como nas evidências das táticas de manutenção devocional empregadas pelos devotos da Santa, considerando as três principais festas de devoção a Santa Cruz dos Milagres como a Festa da Invenção (maio), a Festa de Exaltação (setembro) e o Encontro dos Santos (outubro). As fontes consultadas foram os Livros do Tombo, Cartas e Decretos, materiais disponíveis nas paróquias e na Cúria de Teresina, documentos da Diocese do Maranhão, além de fotografias que nos permitiram observar vários momentos das festas em homenagem à Santa Cruz, bem como discutir a intencionalidade desses registros.

Palavras-Chave: Santa Cruz dos Milagres. Devoção. Religiosidade. Piauí

ABSTRACT

Divina Santa Cruz dos Milagres, a wooden cross with a little more than one meter of high made from an important tree of the region, the *aroeira*, is one of those popular devotions of Brazilian northeastern that moves a crowd of believers in their festive periods. The first mention of devotion dates from 1888, when the construction of the first chapel in honor to Bendita Santa Cruz dos Milagres is authorized. In the present thesis, we focus on the period that extends from 1968 to 1990, period of strong effervescence of devotion, pointing our eyes on the subjects who experienced it and gave it multiple meanings, such as the believers, the Catholic Church, traders and some local and regional politicians. From consulting a referential historiography about the theme of popular devotions and religious festivals, we analyzed the peculiarities of this country holy, highlighting the extraordinary cures that made possible the popular sanctification of Santa Lenha, which transformed a village surrounded by hills and cut by rivers in the third largest popular devotion Sanctuary in the northeast. Sanctuary that attracts not only the devotees of Piauí, but also from other states, especially Maranhão, Ceará, Pernambuco and Bahia, who move from their homes in search of graces of the mysterious and miraculous Santa Cruz. We also maintained on the analysis of the attempts of organization of devotion taken, especially by the Church, but, in some circumstances, also promoted by the State, as well as the evidences of devotional maintenance tactics employed by the devotees of the Holy, considering the three main festivals of devotion in the Sanctuary of Santa Cruz dos Milagres as the Festa da Invenção (may), Festa de Exaltação (september) and Encontro dos Santos (october). The sources consulted were the Tomb Books, Letters and Decrees, materials available in the parishes and the Curia of Teresina, documents from the Diocese of Maranhão, as well as photographs that allowed us to observe several moments of the festivities in honor to Santa Cruz, as well to discuss the intentionality of these records.

Keywords: Santa Cruz dos Milagres. Devotion. Religiosity. Piauí.

LISTA DE IMAGENS

1. Mapa do Piauí -----	33
2. Sala dos Milagres – O corpo curado -----	43
3. Sala dos Milagres -----	44
4. Devotos buscando benção -----	55
5. Romeiros chegando a Santa Cruz dos Milagres de Pau de Arara -----	126
6. Foto recolhida na Sala dos Milagres-----	137
7. Romeiras no adro do Santuário 1970 -----	138
8. Governador Dirceu Arcoverde em Santa Cruz dos Milagres -----	143
9. Desenho do Santuário feito por Padre Davi Mendes -----	148
10. Passeio na Feira -----	163
11. Bares de temporada -----	164
12. Parte interna dos Bordéis -----	169
13. As sociabilidades da Feira de Santa Cruz dos Milagres -----	171
14. Descrição da Escadaria -----	178
15. Corpos Curados -----	185
16. A pagadora de promessa -----	187
17. Agradecimento -----	188
18. Dores do Corpo pela salvação da alma -----	189
19. Família em Graça -----	190
20. Pedintes de Santa Cruz dos Milagres -----	193

SUMÁRIO

1. Introdução -----	13
2. O PODER DA ORAÇÃO E A ORAÇÃO PELO PODER: A “CONSTRUÇÃO” DO ESPAÇO DE DEVOÇÃO À SANTA CRUZ DOS MILAGRES E AS AÇÕES DO PODER RELIGIOSO E PÚBLICO NA TERRA DA SANTA -----	28
2.1. Bendita e Louvada seja: organização pastoral na romaria a Santa Cruz dos Milagres ----	34
2.2. Um voto pela Santa: as ações do poder público no Santuário de Santa Cruz dos Milagres.- -----	63
2.3. Junte o povo na oração: as recomendações do Concílio Vaticano II nas festas religiosas piauienses -----	79
3. FESTEJAR AS GRAÇAS NA TERRA DA BENDITA SANTA: CONTROLE E NEGOCIAÇÕES NAS CELEBRAÇÕES À SANTA CRUZ DOS MILAGRES -----	96
3.1. Romeiros e penitentes: A Festa da Invenção e o sacrifício do corpo em Santa Cruz dos Milagres-----	101
3.2. O devoto que reza é o devoto que dança: controle e negociações na Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres -----	113
3.3. Peregrina Santa Cruz e os passos para a criação do Encontro dos Santos -----	150
4. ORAÇÃO NA FEIRA: COMERCIANTES ITINERANTES E AS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA DEVOÇÃO À SANTA CRUZ DOS MILAGRES -----	155
4.1. O preço do Santo em Santa Cruz dos Milagres: O comércio itinerante e as relações entre os romeiros, Igreja e comércio -----	157
4.2. Agradecendo a Bendita Santa: Ex-votos, Pedintes e presentes na lógica da graça em Santa Cruz dos Milagres -----	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	203
REFERÊNCIAS -----	211



SANTUÁRIO DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES – TEMPLO HISTÓRICO

1 INTRODUÇÃO

Para além das comemorações cívicas¹, nas quais elementos patrióticos ou de reconhecimento local são celebrados, tais como o aniversário da cidade ou datas de emancipação política, as festas religiosas celebradas se voltam para as divindades, para os santos protetores que habitam nosso panteão sagrado, cada um com sua função e rito, curando de males complicados a problemas de amor. Celebrar a graça tem sido, desde os tempos coloniais, uma forma de os católicos brasileiros agradecerem as divindades pelos milagres alcançados e pela proteção diária.

Essas celebrações religiosas, tanto as que ocorrem no interior das igrejas, quanto as procissões são, geralmente, heterogêneas, tanto pelos elementos religiosos que nelas se unem, quanto pelo diálogo que mantêm com o profano, não percebido aqui de maneira negativa, mas como um elemento a mais nas celebrações religiosas. Sabe-se que parte do povo brasileiro reza o terço de dia, mas não ignora os poderes das divindades afro-brasileiras, “mergulhando” no banho de ervas oferecido pelos pais ou mães de santo. Se a oferta é de oração, aceita o convite do conhecido evangélico para louvar ao Cristo Salvador, assim como toma os passes nas reuniões do espiritismo. Nessa lógica de crença, o importante é a benção, pois uma oração é sempre bem-vinda para o sujeito que tem fé.

Como historiadores, invadimos o espaço dos grupos, nesse caso específico, invadimos o ambiente festivo religioso de fiéis piauienses que, tomados pela graça, comemoram uma das mais importantes devoções locais, a devoção à Santa Cruz dos Milagres. A Cruz, hoje protegida pelas benções da Igreja Católica, nasceu autônoma e abençoada pela mística dos sertões em que o extraordinário e o fantástico se misturam aos rituais. Nesta tese, portanto, tratamos de uma das importantes manifestações religiosas do Nordeste.

No Brasil, o espaço por excelência de celebração religiosa é o ambiente do catolicismo popular, debatido e trabalhado por alguns autores como Eduardo Hoornaert (1997), Carlos Rodrigues Brandão (1986) e Vera Irene Jurkevics (2004), dentre tantos outros que acabaram dando relevância às práticas já extremamente importantes em algumas comunidades, fazendo com que aquilo, antes visto como superficial e rústico, ganhasse notoriedade, isto é, as práticas desses sujeitos e suas crenças, que, de certa maneira, são tão mutáveis quanto eles.

¹ Tomamos como base as discussões propostas por Martha Abreu (1999) e Maria Clementina (2001; 2006)

Como bem observado por Carlos Rodrigues Brandão (1986), a religião popular une os dogmas católicos e recria a sua forma, não excluindo as práticas da Igreja, mas ritualizando-as, segundo suas próprias experiências cotidianas, reescrevendo práticas que não afetam sua fé no santo. Este é comemorado de maneira festiva ou mesmo penitente, em atos de devoção que punem o corpo, mas também o levam ao êxtase.

Partimos da perspectiva de que cada festa religiosa carrega suas peculiaridades, sendo abraçada pelos elementos sociais que a compõem, e, por esse motivo, a religiosidade católica em toda sua heterogeneidade, assemelha-se à vida dos seus devotos, caracterizando-se por sacrifício e celebração. Esse catolicismo rústico, como proposto por Luiz Benedetti (1983), sob o olhar dos historiadores e antropólogos mais tradicionais é percebido como sinônimo da pobreza do povo, que, afastado da cultura, celebraria de maneira inadequada os santos e santas do panteão católico. Rui Facó, ainda na década de 1970, analisa os cultos a Padre Cícero e as ações dos seguidores de Antônio Conselheiro, adjetivando-os como fanáticos e ignorantes. Essa análise será, inclusive, replicada em pesquisas posteriores, tanto de historiadores quanto de antropólogos, que, assim como Facó, não consideram as narrativas dos sujeitos responsáveis pela permanência e propagação de alguns cultos.

Nos apoiando em Mary Del Priore (2000), observamos que as festas em honra às divindades locais não deixavam de ser palco de artimanhas políticas e sociais, momento em que o(a) santo(a) antes protagonista se tornava coadjuvante. Roberta Campos (2009), por sua vez, nos alerta em relação às transformações observáveis nas manifestações religiosas ao longo da história, o que significa um processo de mudança dos sujeitos que frequentam essas celebrações populares, que nos permite pensar que a religião do povo é aberta à mudança, diferentemente do que ocorre nas manifestações mais ortodoxas, muitas vezes avessas às transformações.

Percebemos, portanto, o catolicismo popular brasileiro como um emaranhado de expressões religiosas que convergem e dialogam umas com as outras, onde o mais importante é o diálogo com o(a) santo (a). Assim, nascem santos onde houver fé. Muitas vezes, protegidos por construções simples, que abrigam a relíquia local, sendo essa uma das peculiaridades dos santos populares, que, na maioria das vezes, têm representatividade apenas na sua comunidade. Sua notoriedade aumentará quando outros atores sociais conhecerem a “morada do santo”, quando a Igreja procurar organizar seus ritos, quando o Estado organizar o espaço urbano, visando o ordenamento das celebrações, e quando o comércio se encarregar de atrair os devotos com outras ofertas que não as bênçãos e milagres.

Vale lembrar que, no caso do Nordeste brasileiro, devotos, peregrinos e messias são sujeitos que margeiam o imaginário religioso popular. Vistos com desconfiança, ao longo dos

séculos, esses sujeitos confrontavam, com seu modo particular de celebrar e acreditar nas divindades, tanto a Igreja Católica quanto o próprio Estado. Muitas vezes chamados de incultos e ignorantes, esses homens e mulheres tiveram suas práticas desqualificadas, pois, como lembra Maria Isaura Queiroz, essa religiosidade foi rotulada como “fanatismo, loucura religiosa, abusões populares, fazendo com que o povo fosse classificado como fanático, visionário e supersticioso” (1976, p. 161). Com o passar dos anos, o santo do pobre, por vezes tido como manifestação folclórica, a atrair também o rico e, assim, as devoções populares começaram a ser inseridas nos ritos da Igreja, pois a ela interessa tanto aqueles que recorrem ao santo do pé do morro e às muitas representações de Maria, quanto aqueles que observem rigorosamente as normas prescritas.

O catolicismo popular² é complexo e heterogêneo, reunindo uma centena de santos de toda ordem. Santos que, apesar do poder fantástico que têm para promover milagres, são também “próximos” dos devotos, tais como os padres populares, beatos, prostitutas, andarilhos, crianças, mendigos, poços santos, grutas milagrosas, objetos de madeira que se tornaram santos pela devoção do povo, adquirindo uma aura divina, e que, por isso, tornam-se mediadores entre os fiéis e Deus, a divindade superior, que atende a súplica dos devotos pela intervenção do santo.

Os longos períodos de seca, que assolam até hoje o Nordeste, produziram ou adaptaram os santos a esta realidade, absorvendo novas formas de apreensão do sagrado próprias de algumas comunidades, mas também uniram formas individuais, costumes de alguns sujeitos que se diferenciam de outros devotos. As ladainhas pedindo chuva podem ser feitas individualmente ou em grupo, os lamentos pelo sofrimento causado pela seca devem ser percebidos como súplica pela misericórdia do santo, que, compadecido, faria, em nome dos devotos, a mediação junto a Deus, pedindo por melhores dias. As procissões fluviais são um exemplo disto, pois pedem a proteção divina para as vertentes de água, que vêm sendo afetadas pelas mudanças climáticas e pelas crescentes intervenções do homem. No sertão nordestino, pode-se, portanto, perceber a estreita relação entre a fé do homem sertanejo e a sua convivência com a seca, que não diminui a sua fé, pois, em muitos casos, ela é percebida como provação, que logo garantiria a glória, seja na vida ou na morte.

O Nordeste deve ser compreendido, também, como um espaço cultural híbrido, na medida em que, como proposto por autores como Dione Moraes (2006) e Luitgarde Barros (2001), o sertão constitui-se em espaço de diálogo, no qual é possível observar uma intensa

² Tomamos como referência os trabalhos de Pedro Oliveira (1985); Carlos Rodrigues Brandão (1985; 1987); e Eduardo Hoornaert (1997). A discussão será aprofundada ao longo do trabalho.

troca entre os índios e suas ervas, os negros e seus batuques e os colonos instalados na região, que se refletiu nas práticas cotidianas e nos rituais direcionados às divindades católicas, aspecto que pretendemos aprofundar.

Em se tratando do estado do Piauí, este possui, em seu território, inúmeros espaços de devoção popular, alguns deles mantidos por ordens religiosas, outros mantidos pela piedade popular. São grutas, locais situados à beira de estradas e cemitérios que guardam as relíquias de homens ou mulheres que conseguiram glória a partir da fé do povo. A maior parte dessas devoções se perpetuou graças à própria oralidade, pois aqueles que alcançavam a graça propagavam o milagre entre seus familiares e amigos e, assim, a história acabava sendo reproduzida, primeiro, entre a família, para, depois, circular entre amigos e vizinhos, que logo se tornavam também devotos.

Um santo protetor nasce, às vezes, tão lastimavelmente sofredor como seus fiéis, pois muitos desses homens e mulheres que se tornaram santos viveram experiências muito parecidas com a de seus devotos. Para ser um santo milagreiro, ele deve conseguir amenizar as dificuldades dos fiéis nos dias difíceis, decorrentes tanto da falta de chuva, que inviabiliza a colheita e traz dificuldades e fome, quanto da falta de assistência religiosa, política ou médica. O Piauí conta com muitos desses santos, que encontraram glória após a morte, como: Auta Rosa, Noiva Alda, Luzia Cortada, Finado Gregório, finado Tertuliano Lima³, dentre outras almas piedosas que hoje assistem seus fiéis. No Nordeste, outros nomes ocupam os altares sertanejos, como Padre Cicero, Frei Damião, Frei Galvão e a mais nova venerável, Santa Dulce do Pobres, que provém graças a aqueles que creem.

Nesta tese, nos dedicaremos à análise de uma importante devoção piauiense, as festas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres, buscando desvendar como essa devoção tornou-se importante para os fiéis católicos piauienses e apontando para as transformações que permitiram que a pequena capela de pedra se tornasse um dos Santuários mais concorridos do Nordeste Brasileiro. As narrativas dos romeiros-devotos estão, geralmente, marcadas por acontecimentos fantásticos e milagres extraordinários que transformaram Santa Cruz dos Milagres, no sertão do Piauí, em uma das santas mais procuradas do estado, por promover curas e realizar os desejos de seus devotos. Alguns desses devotos, tocados pela graça, ocuparam o território da Santa, para ficarem cada vez mais próximos dela e de seu santuário.

³ A maioria dessas devoções foi tema de monografias e dissertações, sendo a referência principal a investigação da historiadora Maria Cecília Nunes, do qual resultou o livro *Apontamentos para História Cultural do Piauí*, que servirá também de referência a essa tese.

Nossa intenção, ao realizar esta investigação, foi a de perceber quais as mudanças que essas festas já vivenciaram e qual o caráter devocional presente em cada uma delas, identificando e discutindo como essas festas agiram sobre a forma como seus devotos se relacionavam com o sagrado, aqui visto como algo não totalmente apartado do profano. Pelo contrário, percebemos, no decorrer das festas, um trânsito constante entre sagrado e profano, algo não aceito pela instituição Igreja Católica, mas vivido de forma harmoniosa por alguns devotos. O profano, antes de ser o oposto ao sagrado nas festas religiosas, é, na verdade, um elemento da festa de devoção ao santo, servindo de ferramenta de atração, como demonstram os trabalhos de Mauro Passos (2011) e Léa Perez (2011).

As festas de devoção à Santa Cruz dos Milagres fazem parte do calendário religioso piauiense e mobilizam um número considerável de fiéis, sendo que, através dela, pode-se pensar o próprio processo de formação do estado do Piauí e as expressões de religiosidade católica piauienses. As celebrações à Santa Cruz dos Milagres estão dispostas ao longo do ano, se diferenciando tanto pelo modo como ocorrem, quanto também pelo fluxo de devotos, sendo que cada uma confere ao fiel um tipo especial de “penitência”. As festas dedicadas à Santa Cruz dos Milagres possuem, em comum, o desejo dos fiéis de se encontrarem com a divindade através do culto público e das celebrações festivas que invadem a cidade. Durante o período de comemoração, a pequena cidade fica cheia de gente que procura celebrar e agradecer as graças conquistadas.

É importante ressaltar que o interesse nesta temática de pesquisa decorre de motivos pessoais e até sentimentais e, ainda, da minha condição de historiadora que deseja que esta devoção seja mais conhecida pelos piauienses. Minhas pesquisas em torno da religiosidade piauiense tiveram início em 2008, durante a elaboração do meu projeto de pesquisa na Graduação, tributário, em grande medida, das práticas religiosas da minha avó materna e de suas narrativas de milagres que envolviam Santa Cruz dos Milagres, São Francisco e Padre Cícero, santos que ocuparam minha infância com seus milagres tidos como incontestáveis.

Se, nas minhas primeiras pesquisas anteriores,⁴ a atenção se voltou para a maior festa dentre as três, que ocorre em setembro, a de *Exaltação à Santa Cruz dos Milagres*, na tese, abordarei as peculiaridades das três festas que ocorrem no Santuário, abarcando o período de 1968 a 1990, considerado o de maior movimentação e “transformação” desde que se tem notícia

⁴ Sobre o tema, recomendamos ver SANTOS, Patrícia de Sousa. Bendita e Louvada Seja: experiências sociais de fé – mercado e festa na devoção a Santa Cruz dos Milagres (1958 – 2012), Dissertação de Mestrado, UFPI, Teresina, 013 e, ainda, SANTOS, Patrícia de Sousa. “O mistério toma forma”: os ex-votos como representação do milagre em Santa Cruz dos Milagres- PI. Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, São Luiz, 2017, p. 71-83.

da devoção à Santa Cruz. Advertimos que a opção por esse marco temporal não nos impedirá, contudo, de remeter a períodos anteriores que permitem observar toda a longa trajetória de fé no território piauiense. Ressaltamos, ainda, que a proposta de analisar comparativamente as três celebrações à Santa Cruz dos Milagres constitui-se em abordagem inovadora, pois constatamos que existem apenas análises isoladas sobre cada uma das festas, todas elas sem um maior aprofundamento nas transformações decorrentes da própria expansão da festa ou das tentativas de controle dos fiéis e dos espaços festivos pela Igreja Católica local.

Em termos de produção bibliográfica existente sobre essas celebrações, cabe ressaltar que no Piauí oitocentista,⁵ um grupo de intelectuais percebeu a passagem do século como uma oportunidade para renovar e ordenar as práticas religiosas vigentes no estado. Para esses homens de letras, essa ordenação seria um modo de o Piauí se aproximar dos estados mais progressistas e, assim, conquistar o desejado desenvolvimento, o que se refletiu nas obras produzidas por esses intelectuais.⁶ De acordo com eles, havia uma população, em sua maioria, pobre e analfabeta, que mantinha práticas devocionais licenciosas e pouco adequadas, que deveriam ser suprimidas. Como se pode observar, não havia uma preocupação desses intelectuais em relação à sobrevivência das manifestações culturais populares e dos espaços em que elas ocorriam. Para eles, o sincretismo havia promovido uma inadequada relação com o sagrado e produzido ritos festivos que, misturados às práticas rituais, foram conduzidos pelo clero.

Santa Cruz dos Milagres se situa em uma das regiões mais áridas do estado do Piauí. Seu solo pedregoso e cheio de morros acabou dificultando o desenvolvimento de uma agricultura extensiva, e, conseqüentemente, comprometeu a permanência de pessoas na localidade, entre o século XVIII e parte do século XIX. A cidade possui, aproximadamente, 4.000 mil habitantes, sendo, portanto, uma pequena cidade, que tem a maior parte de sua renda vinculada às festas religiosas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres, que nasceram da devoção à santa homônima.

⁵ Estes homens de letras compuseram um seleto grupo responsável pela produção literária do estado do Piauí. Concentrando-se especialmente na capital do Teresina, esses intelectuais eram também a elite do estado, tendo frequentado as faculdades no Pernambuco e Rio de Janeiro. Alguns desses intelectuais, como Matias Olímpio de Melo, chegaram a governar o Estado. Para maiores informações, ver a obra *Literatos e a República* (1994), da historiadora Teresinha Queiroz, traz um rico compêndio sobre esse período.

⁶ Os intelectuais piauienses divulgaram suas percepções em artigos publicados em periódicos locais, a exemplo da Revista Litericultura, de vida curta, mas de grande relevância, bem como em obras nas quais retratavam o cotidiano piauiense e faziam sua ferrenha crítica ao catolicismo. Dentre os intelectuais e suas obras, destacamos Clodoado Freitas (1911) – Vultos Piauienses; Abdias Neves (2000) – Um Manicaca; Higinio Cunha (1924) – História das Religiões no Piauí; Mathias Olímpio de Melo (1928) – Incursão dos rebeldes do Piauí.

Sabe-se que ela atraiu os primeiros devotos à região; todos eles em busca de sua proteção, e, também, de um local para se abrigar, já que muitos dos sertanejos que a buscavam eram agregados de fazendeiros. Não se pode precisar o início da devoção, mas, alguns escritos⁷, que datam do final do século XIX, já dão conta da manifestação em torno da Santa Cruz dos Milagres, uma cruz de madeira de 1,50m de altura e 0,90 de comprimento. Seu aparecimento estaria relacionado a uma figura representativa do sertão, o vaqueiro, sujeito que teria encontrado a cruz e, por ter sido agraciado com um milagre, teria propagado as maravilhas feitas pela “Bendita Santa Cruz”.

As celebrações à Santa Cruz dos Milagres têm início ainda em maio, quando é comemorada a *Invenção da Santa Cruz*, celebração que tem um tom sacrificial e uma lógica ritual diferente da celebração realizada em setembro. Nesse período, o corpo é supliciado como forma de expurgar os pecados e afastar as forças do inimigo, constituindo-se em forma do corpo celebrar e confrontar o pecado.

Em setembro, a *Festa de Exaltação à Santa Cruz dos Milagres* atrai um número expressivo de devotos que se dirigem ao Santuário. São dez dias de oração e de muita festa pelas graças alcançadas. Nos primórdios da festa, além dos devotos, um número considerável de comerciantes seguia para o povoado recém instalado para vender seus produtos, os quais disputavam com a Santa a atenção dos romeiros-devotos.

No final de outubro, ocorre a última celebração do ano, o chamado *Encontro dos Santos*, que reúne os fiéis de várias cidades que, em romaria, levam seus santos para o encontro com a “divindade maior”, a Santa Cruz dos Milagres. E, assim, encerra-se o calendário festivo de Santa Cruz dos Milagres, com a celebração das graças alcançadas, que renovam a fé dos romeiros e, conseqüentemente, os laços entre a Santa e seus devotos.

Cada uma destas três festas tem sua especificidade. A festa de maio ou *Invenção da Santa Cruz*, conhecida pelo caráter penitencial, tem início no dia 1 de maio com o terço. No dia 3 de maio, tido como o dia da Invenção, os devotos começam a rezar o terço às 5h da manhã e, a cada momento, eles têm que se ajoelhar e beijar o chão 100 vezes. Já a festa de *Exaltação à Santa Cruz dos Milagres* começa no dia 5 de setembro e vai até o dia 14, sendo a festa mais longa em homenagem à Santa. O *Encontro dos Santos* tem início no último domingo de outubro e consiste no encontro dos santos padroeiros de outras paróquias piauienses, que são levados pelos fiéis para se encontrarem com a Santa Cruz dos Milagres.

⁷ Acredita-se que a documentação relativa ao possível início da devoção à Santa Cruz dos Milagres esteja perdida ou em mãos de particulares. As referências a esse período mais remoto da devoção estão disponíveis no Livro do Tombo da Paróquia de São Felix e, também, no livro de Memórias de Padre Davi Mendes de Oliveira.

Cabe ressaltar que, até o início da década de 1960, Santa Cruz dos Milagres era apenas um pequeno povoado, que atraía multidões que iam homenagear a Santa Cruz, e o local, sem infraestrutura, era conhecido como Terra de Santa Cruz. As dificuldades de acesso e, até mesmo, a falta de assistência religiosa, faziam com que o deslocamento se tornasse uma penitência,⁸ o que conferia um caráter devocional à caminhada até a Santa, algo que, no entanto, mudará ao longo do tempo, pela presença da Igreja Católica e por uma maior atuação do poder público.

É também importante localizar Santa Cruz dos Milagres no atual contexto religioso piauiense, uma vez que as festas de celebração a Bendita Santa Cruz representam bem a religiosidade católica do estado, sendo que os devotos que seguem até hoje em peregrinação para o Santuário buscam as bênçãos da Santa, encontrando nela uma forma de acalmar a alma. É importante observar, entretanto, que nem todos frequentam as festas exclusivamente pela devoção, mas também pelas barracas de comidas, roupas e bebidas, e pelos jogos e bailes dançantes que animam os fiéis nos dias de festa.

Como já anunciado anteriormente, o recorte temporal abarcado na tese compreende os anos de 1968 a 1990, que se constitui no período de maiores transformações observadas em relação às festas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres. No ano de 1968, em consonância com a reestruturação proposta pelo Concílio Vaticano II e ratificado pela Conferência de Medellín, a Igreja Católica piauiense passará por mudanças, tais como a redistribuição das paróquias, o que, em certa medida, proporcionou uma maior aproximação do clero com seus fiéis, assim como uma inserção maior da Igreja nas práticas religiosas populares. Nesse momento, Santa Cruz dos Milagres também passará por mudanças significativas, devido à nomeação de um novo pároco, Padre Davi Mendes Oliveira, que dará uma nova lógica pastoral e, principalmente, mudará a estrutura física do Santuário, para que pudessem ser atendidas as necessidades dos fiéis.

As décadas de 1970 e 1980 serão períodos de grande efervescência política, sendo que a devoção à Santa Cruz foi utilizada para ampliar o rebanho político piauiense, tanto por parte de prefeitos, quanto de governadores, que fizeram uso da devoção para se autopromoverem junto aos fiéis da Santa. A participação política era maior na Festa de Exaltação à Santa Cruz dos Milagres, pois, nesse período, um número considerável de políticos e a própria imprensa

⁸ Antes da realização das obras que facilitaram o acesso ao Santuário, o deslocamento dos fiéis era uma verdadeira penitência, devido às cheias do Rio Sambito, que era vencida, segundo o Padre Mendes, por aqueles que tinham, de fato, fé.

local seguia rumo ao pequeno povoado. Já o período de 1987 a 1990, se observará o empenho de Padre Davi, responsável pela paróquia, em restituir o ritual católico às festas, como forma de impedir as atitudes tidas como licenciosas de seus devotos, ações que serão, em alguns casos, “negociadas” a fim de garantir a permanência e fluxo de fiéis para Santa Cruz.

A tese está orientada pelos seguintes questionamentos: Como a Igreja se apropriou das práticas dos devotos para manter seus fiéis? Como o profano, evidenciado especialmente no comércio, se inseriu nas festas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres? Quais medidas foram tomadas pelos padres, polícia e estado para manter o controle da/sobre as festas? Quais relações de poder foram construídas para apropriação política das festas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres?

Para o exercício comparativo entre as três celebrações à Santa Cruz dos Milagres, que, apesar de homenagear uma mesma Santa, são muito distintas uma da outra, recorreremos aos trabalhos de Pierre Bourdieu (2015), que nos possibilita mensurar o campo religioso e os sujeitos que dialogam nesse espaço. E, tratando-se de espaço religioso, utilizaremos, como arcabouço teórico, a proposta da geógrafa cultural Zeny Rosendahl, que, em suas obras de 2009 e 2012, discute a formação das Hierópolis e o poder de atração dos santos para formação das cidades. A autora, inclusive, chegou a pesquisar Santa Cruz dos Milagres, fazendo, em alguns momentos, uma análise comparativa com uma manifestação religiosa em Goiás.

As celebrações em homenagem à Santa Cruz dos Milagres também possuem um forte apelo mercadológico, pois os elementos, ditos profanos, acabavam por concorrer diretamente com a Santa, uma vez que, além da divindade e dos rituais litúrgicos, muitas pessoas se sentiam atraídas pelas novidades e entretenimentos que os comerciantes proporcionavam. As feiras garantiam o acesso às novidades que eram vendidas nas grandes cidades, tornando-se, na maioria das vezes, a única oportunidade que as populações das cidades adjacentes tinham para adquirir alguns produtos. Para a reflexão sobre esta dimensão das festas, utilizaremos as reflexões propostas por Peter Berger (1985), especialmente para pensarmos o diálogo/conflito entre bens religiosos e não religiosos, muito presentes nas celebrações aos santos.

Em termos historiográficos, utilizaremos alguns trabalhos já clássicos, que permitem uma aproximação entre as festas à Santa Cruz dos Milagres com outras festas religiosas brasileiras, tais como o trabalho de Martha Abreu (1999), que discute a Festa do Divino Espírito Santo, no Rio de Janeiro; de Léa Perez (2002) e Mariely Santana (2009), sobre festas religiosas, e para a análise de romarias e peregrinações aos lugares santos, iremos recorrer aos trabalhos de Carlos Alberto Steil (1996) e Rubem Fernandes (2009), que permitem pensar a própria

dimensão das romarias e das festas religiosas a partir de sua dinâmica, isto é das permanências e rupturas possíveis nas festas religiosas.

Quanto à produção historiográfica piauiense, estabelecemos diálogo com autores que abordaram as festas de Santa Cruz dos Milagres, alguns de forma direta, outras indiretamente, e o papel da Igreja Católica na formação sócio histórica piauiense, dentre os quais estão os de Sérgio Romualdo Brandim (2007), Jucilaine Maria de Carvalho (2013) e Stanley Braz de Oliveira (2011) que discutem o processo religioso em Santa Cruz dos Milagres.⁹ Recorremos também aos trabalhos de Pe. Cláudio de Melo (1983) e Monsenhor Joaquim Chaves (2013), historiadores diletantes, que nos auxiliam na discussão sobre a atuação da Igreja Católica piauiense no período contemplado na tese. Essas obras permitem pensar as festas religiosas piauienses, em especial, as celebrações religiosas em Santa Cruz dos Milagres.

As principais fontes utilizadas nesta investigação são fontes oficiais, tais como Livros do Tombo,¹⁰ ofícios e decretos, leis e atas, que, apesar de trazerem o olhar da instituição religiosa ou mesmo do Estado, também apontam para as formas de controle e as negociações operadas na devoção aos santos. Vale ressaltar que, se, por um lado, são poucos os documentos a que os pesquisadores têm acesso, o que se deve, sobretudo, ao descaso com o patrimônio e a memória pública, por outro, existem inúmeros registros de devotos à Santa Cruz sobre as três festas que abordamos na tese. Neste sentido, consideramos interessante analisar a festa também

⁹ Dentre os trabalhos já produzidos sobre Santa Cruz dos Milagres se encontram algumas dissertações, com destaque para: BRANDIM, Sérgio Romualdo. *Romeiro e fé: um estudo sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007. Dissertação de Mestrado em História; CARVALHO, Jucilaine Maria de. *Exaltação do profano na Festa do Sagrado em Santa Cruz dos Milagres – PI*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2013. Dissertação de Mestrado em Antropologia; DIAS, Edilene Gonçalves do Nascimento. *O Espaço Sagrado de Santa Cruz dos Milagres*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Dissertação de Mestrado em História; OLIVEIRA, Stanley Braz de. *A Hierópolis de Santa Cruz dos Milagres: produção de um lugar através do sagrado (1992- 2008)*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2011. Dissertação de Mestrado em Geografia. Cabe, também, destacar o trabalho de Zeny Rosendhal, intitulado “Hierópolis: O Sagrado e o Urbano”, no qual a autora analisa comparativamente as festas em homenagem à Santa Cruz com uma tradicional festa religiosa de Goiás.

¹⁰ Na tese, utilizamos três Livros do Tombo, a saber, o terceiro Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição na cidade de Valença – PI. Este livro se encontra em bom estado de conservação e abarca os anos de 1958 a 1994. Utilizamos, também, os dois Livros do Tombo da Paróquia de São Felix de Cantalice, da cidade de São Felix do Piauí, sendo que o primeiro livro compreende os períodos de 1968 – 1983, o segundo, os anos de 1984 a 1990. Estes livros não estão em bom estado, pois se encontram fragilizados pela falta de conservação. Utilizamos, ainda, o Livro de Decretos e normativas do Bispo Dom Severino, que abarca os anos de 1916 a 1933, e possui algumas manchas que dificultam a leitura do texto. Consultamos também o Livro do Tombo da Diocese do Piauí referente ao período de 1952 a 1970. Este livro encontra-se deteriorado pela ação do tempo, com algumas páginas rasgadas, mas ainda com condições de leitura. As duas últimas fontes estão disponíveis na Cúria metropolitana de Teresina. Para compreensão do movimento de criação da Diocese do Piauí acessamos o Livro do Tombo da Diocese do Maranhão, que compreende os períodos de 1856 a 1892, e que está disponível no Arquivo Público do Estado do Maranhão. Esta documentação está muito deteriorada, sendo que os livros anteriores a essa data encontram -se indisponíveis.

sob a perspectiva dos devotos, os responsáveis pelo crescimento da devoção à Santa Cruz dos Milagres.

Importante ressaltar o ineditismo de algumas das fontes consultadas, tais com os Livros do Tombo de Santa Cruz dos Milagres, o Livro de Memórias do Padre, as Leis e as atas da Câmara Municipal de Aroazes que versam sobre o processo de urbanização e as melhorias do povoado de Santa Cruz dos Milagres. Cabe ressaltar que as pesquisas já realizadas sobre a devoção são mais contemporâneas e contemplam discussões que se direcionam, especialmente, para o processo de construção do novo Santuário inaugurado em 2016. Constituem-se, portanto, de pesquisas que, apesar de valiosas para a história do Santuário, trazem um olhar limitado sobre a devoção.

Para a coleta de fontes, a pesquisa se expandiu para além de Santa Cruz dos Milagres, contemplando mais três cidades da região, a saber, Valença do Piauí, a mais antiga paróquia da região; Aroazes, município ao qual pertencia Santa Cruz dos Milagres até 1992, sendo que as obras de infraestrutura que tinham participação do governo estadual e municipal passavam por essa cidade; e, por fim, São Felix do Piauí, pois, após passar para a tutela da Igreja do Município, o Santuário crescerá em tamanho e importância.

Ressaltamos que a dificuldade de acesso às fontes ou a falta delas se devem às peculiaridades da própria Diocese do Piauí, que só passou a existir de fato no início do século XX. O Santuário de Santa Cruz dos Milagres passou por muitas mãos até adquirir independência eclesial em 1997. Até a década de 1920, o pequeno Santuário ficou sob os cuidados de particulares, e, mesmo sendo incorporada à paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, em Valença, a tutela da Santa ficou, durante muito tempo, a cargo de fazendeiros, juízes e políticos, pois ter a Santa sob os seus cuidados era também uma representação de poder na região, cuidar de uma importante relíquia religiosa garantia o controle espiritual e político. Era importante, para os políticos se mostrarem solidários à devoção, sendo que alguns, inclusive, se misturavam aos fiéis, dizendo-se tomados pela graça e tão devotos como os camponeses e operários que para lá se deslocavam.

Também consultamos os jornais piauienses principalmente os jornais: O Estado, O Dia, O Piauí, O Apostolo, O Piauí,¹¹ que apontam para uma forte disputa política, que tem os padres ora como antagonistas e, em outros momentos, como protagonistas das disputas políticas

¹¹ Os jornais permitem um diálogo com as fontes eclesiais, na medida em que registraram as disputas e as polêmicas em torno da devoção à Santa Cruz dos Milagres. O jornal O Piauí (1909), mais progressista, nos oferece também o olhar dos intelectuais sobre a devoção a Santa Cruz, enquanto que o jornal O Apóstolo (1912), veículo da Igreja Católica piauiense, tinha como função proteger a fé católica e combater, em especial, os anticlericais. Consultamos, ainda, os jornais O Dia (1969, 1970, 1972, 1980), O Piauí (1970) e O Estado (1981, 1985).

locais. A disputa se faz especialmente entre padres e Juizes de paz, responsáveis por manter a ordem e o controle local. Os jornais piauienses servirão, inclusive, de palco para essas disputas. Observa-se, contudo, que pouca relevância será dada às manifestações religiosas em Santa Cruz dos Milagres até o ano de 1968, quando o Padre Davi Mendes intervirá de forma enérgica nas manifestações realizadas em honra à Santa Cruz dos Milagres. As ações desse padre, enquanto representante da Igreja do Piauí, podem, por isso, ser também interpretadas, em algumas circunstâncias, como atos políticos.

Na medida em que os jornais nos permitem visualizar os muitos sujeitos que frequentavam as celebrações em honra à Santa Cruz dos Milagres, consideramos o proposto por Tânia de Luca (2008), que observa o jornal como um fragmento social importante, que nos permite observar o cotidiano dos atores envolvidos na pesquisa, e, no caso dessa investigação, os romeiros de Santa Cruz dos Milagres, principais sujeitos dessas notícias. Assim, entendemos que os jornais possibilitam alargar nosso olhar e compreender, mesmo que pelo olhar do outro (do jornalista ou do fotógrafo), as múltiplas facetas de um acontecimento.

Partimos, por isso, de uma observação de caráter antropológico para nos aproximarmos dos interesses dos jornalistas que noticiavam a chegada dos romeiros à Santa Cruz ou mesmo as polêmicas que envolviam a Igreja, os devotos, o Estado (estadual e municipal) e a Santa. Temos consciência das múltiplas possibilidades de análise do texto jornalístico, inclusive, daquelas fundamentadas em teorias da comunicação. Mas, como não nos interessam as “formas” de produção e, sim, o conteúdo apresentado, optamos por uma análise em diálogo com outras fontes, em especial, as históricas, como as produzidas pela Igreja Católica e pelo Estado (decretos, leis e mensagens governamentais), razão pela qual privilegiamos o confronto das matérias jornalísticas com outras fontes documentais, muitas delas, inclusive, citadas pela imprensa local e regional.

Cabe ressaltar que em nosso levantamento de fontes sobre a devoção não encontramos nenhuma que faça referência diretamente à Santa Cruz dos Milagres. Nelas, no entanto, encontramos um importante destaque dado à atuação política do padre Acyllino Portela, que teria sido nomeado padre interino de Valença, quando as igrejas do Piauí ainda pertenciam à Diocese do Maranhão. Apesar de, em suas memórias, Padre Davi Mendes mencionar as ações de Padre Acyllino para a construção do primeiro abrigo de Santa Cruz dos Milagres, não localizamos qualquer documento que comprove essa informação, nem mesmo nos documentos existentes no Arquivo Público do Maranhão.

Recorremos, ainda, a fotografias que localizamos sobre as três festas dedicadas à Santa Cruz, imagens que nos permitem reconstituir o cotidiano dessas celebrações religiosas, dando

preferência às imagens que retratam os devotos, sua sensibilidade e atitudes, pensando, inclusive, em algo que Sandra Pesavento (2008) sugere quanto à intencionalidade de quem fotografa. Para ela, deve-se levar em conta quais as imagens que um devoto gostaria de recordar e levar para seus familiares, sendo que, muitas vezes, essas imagens estão carregadas de sentimentos, que representam a fé depositada no santo, sacrifícios que são marcas de agradecimento. Algumas das fotografias utilizadas na tese foram por mim produzidas, sendo que algumas delas registram tanto o pagamento de promessas, quanto a prática da mendicância que ocorre no período da festa. Situadas historicamente e comparadas entre si, essas imagens também permitem pensar as transformações havidas ao longo desse período nas festas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres.

Em relação às fotografias, é preciso considerar que durante muitos anos, a Festa à Santa Cruz foi celebrada especialmente por camponeses pobres, e, por essa razão, são poucas as fotografias que localizamos das homenagens prestadas pelos fiéis nas décadas de 1970 e 1980. Já sobre a década de 1990 e início dos anos 2000, encontramos um maior número de registros fotográficos, pois, por um lado, as festas não mais se restringiam aos camponeses dos primórdios da devoção, e, por outro, observou-se a facilidade de acesso a câmeras fotográficas. Entendemos que essas imagens são capazes de despertar sentimentos e de mobilizar emocionalmente o espectador. Essa carga emocional é perceptível aos sujeitos fotografados, lembrando que devemos considerar as intenções e as expectativas de quem posa para foto, assim como daquele que tira a fotografia. É necessário também considerar que, no caso específico de Santa Cruz dos Milagres, a imagem fotográfica foi, durante um bom tempo, um verdadeiro luxo, pois o preço dos retratos afastava os mais humildes de adquirirem essa recordação, situação que se alterou nos anos 2000 com a popularização das câmeras digitais.

Apesar de não fazermos uso da história oral, procuramos dialogar com a tradição oral, isto é, com as memórias que foram coletivamente construídas pelos devotos, em sua maioria analfabetos, como uma forma de celebrar e renovar a vitória da fé manifestada nas bençãos e milagres alcançados. Assim como proposto por Ecléa Bosi (2003), essas memórias seriam uma forma de manter vivas as suas experiências com o sagrado e a devoção na Santa Cruz dos Milagres.

A tese é composta de três capítulos. No Capítulo 1, intitulado **O PODER DA ORAÇÃO E A ORAÇÃO PELO PODER: A “CONSTRUÇÃO” DO ESPAÇO DE DEVOÇÃO À SANTA CRUZ DOS MILAGRES**, apresentamos as origens da devoção e analisamos as apropriações que foram feitas da Santa, tanto pelo poder público, quanto pela própria Igreja, que, por vezes, irá recorrer à sua influência para conseguir melhorias que o Santuário precisava.

Nesse capítulo, apresentamos a devoção como manifestação religiosa ligada às experiências sociais desses devotos, analisando as relações que eles mantêm com a divindade/o santo não apenas durante as festas.

No Capítulo 2, **FESTEJAR AS GRAÇAS NA TERRA DA BENDITA SANTA: CONTROLE E NEGOCIAÇÕES NAS CELEBRAÇÕES DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES**, nos detemos na discussão de como a devoção se manifestou após a intervenção da Igreja Católica, e, ainda, nas várias formas de manifestação do profano e do sagrado nas celebrações, que nem sempre viveram tão tranquilamente por ocasião dos três momentos da Festa à Santa Cruz.

No Capítulo 3, intitulado **ORAÇÃO NA FEIRA: COMERCIANTES ITINERANTES E AS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA DEVOÇÃO À SANTA CRUZ DOS MILAGRES**, buscamos analisar as relações de disputa pelos bens não religiosos durante as festas de devoção à Santa, observando, inclusive, os instrumentos de atração de fiéis para esses espaços sagrados, que nem sempre eram apenas de devoção, posto que, durante as comemorações festivas, as barracas com comida são também uma forma de atração de fiéis. Assim, é necessário pensar a devoção à Santa também como uma relação de troca bem complexa, na medida em que não se constitui apenas pela fé, mas também pelos compromissos sociais que se firmam tendo o santo como mediador. Analisamos, ainda, as muitas formas de pagamento de promessas, que vão desde os ex-votos até esmolas dadas aos mendicantes.

Analisar as festas à Santa Cruz dos Milagres é, antes de tudo, pensar o homem religioso e as relações que ele constrói ao longo de sua vida. E, no estado do Piauí, é também pensar como ele se relaciona com o meio em que vive e com as adversidades que acometem a região, como a seca, a fome e a falta de assistência religiosa e médica por parte do estado. Entendemos que este devoto deve ser percebido como um sujeito com autonomia que, mesmo seguindo as prescrições da Igreja, cria a festa a seu modo e celebra seus santos de devoção da maneira mais alegre e ritualizada possível.

Restituir o protagonismo aos múltiplos sujeitos que frequentaram o Santuário no período de 1968-1990 é perceber como os devotos que viviam no semiárido piauiense, a despeito das disputas e das apropriações feitas por políticos e pela Igreja, criaram formas muito próprias de seguir devotando a Santa. As fontes consultadas, sobretudo as da década de 1950, revelaram uma Igreja muito mais preocupada em envolver-se politicamente do que com a manutenção dos templos e com a evangelização dos fiéis, período em que a Santa foi uma coadjuvante e tida por muitos como manifestação de incultos.

Esses conflitos entre poderosos - juízes de paz, políticos e padres - deixaram Santa Cruz dos Milagres, na maioria das vezes, sob o cuidado dos devotos, que, de maneira autônoma, recriaram um diálogo todo seu com a Santa, incluindo seu modo de sentir e demonstrar a fé. Não excluo suas sensibilidades religiosa, mas as vejo muito apoiadas em suas experiências de vida. Cabe, aqui, retomar E.P. Thompson (1986), pois entendemos o cotidiano, as faltas e falhas do dia-a-dia como um elemento promissor na busca da divindade ou das divindades, pois o devoto que crê em Santa Cruz dos Milagres se apega a tantos outros santos, que seria difícil questionar sua fidelidade. O certo é que o compromisso existe, e leva, a cada ano, mais pessoas ao Santuário, seja pela dor ou seja pelo amor ao agradecer a graça. É preciso lembrar, ainda, das amizades construídas ao longo dos percursos de fé, das viagens para os santuários ou pontos de devoção; da relação de compromisso com o santo que, de certa forma, transita entre as gerações, e, também, da experiência pessoal dos devotos com a Santa Cruz dos Milagres e sua estreita relação com o meio em que vive.

Ao final desse texto introdutório, não podemos deixar de refletir sobre o percurso dessa investigação, pois nos deixamos levar pelas várias manifestações de fé existentes entre os romeiros terra de Santa Cruz dos Milagres, alongamos o olhar para um horizonte onde o povo vagueia em busca de graças, pegamos carona na “conversa fiada de políticos” e nos deliciamos com suas promessas, mas nos animamos mais ao ver devotos e comerciantes criando táticas que burlavam a instituição, deixando-os sem palavras e sem ação.

Nesta tese, investigamos uma devoção genuinamente piauiense, que desagradou a ortodoxia católica e foi utilizada estrategicamente pelos políticos locais e estaduais, e, por isso, convidamos os leitores a conhecerem mais sobre a Santa Cruz dos Milagres, a bendita cruz de aroeira. Nos capítulos que a constituem, encontramos fiéis ricos e pobres, políticos, prostitutas, comerciantes e oportunistas, que, através de suas ações e demonstrações de sensibilidade religiosa, nos mostram que a fé desses homens e mulheres se assemelha à flor do sertão que brota a cada gota de orvalho ou chuva.

2. O PODER DA ORAÇÃO E A ORAÇÃO PELO PODER: A “CONSTRUÇÃO” DO ESPAÇO DE DEVOÇÃO À SANTA CRUZ DOS MILAGRES E AS AÇÕES DO PODER RELIGIOSO E PÚBLICO NA TERRA DA SANTA.

No início do século XIX, a província eclesial do Piauí tinha um pouco mais de 19 pequenas Igrejas e capelas, mal administradas e com distância imensas entre os fiéis e esses templos, conforme registrado no Livro do Tombo da Arquidiocese do Maranhão. A dificuldade não era apenas pelo parco número de clérigos espalhados pela província do Piauí, mas a distância administrativa entre esses potentados de fé e a Diocese do Maranhão, então detentora do atendimento espiritual das almas que viviam na região.

Nesse capítulo, nos detemos em uma manifestação de fé que surge sem ser outorgada pela Igreja Católica, a devoção à Santa Cruz dos Milagres, muito cultuada em Portugal, mas que no Piauí surge pela ação de um venerável andarilho. Essa manifestação religiosa caracteriza-se, como muitas outras devoções nordestinas, pela crença no sobrenatural, que é capaz de transitar entre a terra infértil dos pecadores e o céu repleto de graças.

Através da reconstituição das origens da devoção à Santa Cruz dos Milagres podemos desvendar as particularidades da religiosidade católica no Piauí, especialmente, se pensarmos em como algumas regiões do estado tiveram a religião como elemento fundamental para sua ocupação, garantindo o controle do território e a pacificação dos nativos. Santa Cruz pode ser pensada, ainda, como um símbolo de resistência sertaneja, já que durante anos foi coadjuvante no processo de evangelização da região centro norte do Piauí. Essa devoção a Santa Cruz dos Milagres mantém uma forte ligação com o espaço em que vivem seus devotos, que influencia na maneira como estes se relacionam com a divindade e nas práticas que ocorrem dentro e fora do Santuário em nome da Divina Cruz.

Apesar da importância da devoção à Bendita Santa Cruz, poucas são ainda as obras de circulação nacional que versam sobre ela. Os poucos trabalhos que localizamos estão restritos ao meio acadêmico local ou regional, tendo sido produzidos no âmbito de Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, tais como os realizados junto à Universidade Federal do Piauí, à Universidade Estadual do Ceará e à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.¹

¹ BRANDIM, Sérgio Romualdo. *Romeiro e fé: um estudo sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007. Dissertação de Mestrado; CARVALHO, Jucilaine Maria de. *Exaltação do profano na Festa do Sagrado em Santa Cruz dos Milagres – PI*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2013. Dissertação de Mestrado; DIAS, Edilene Gonçalves do Nascimento. *O ESPAÇO SAGRADO DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Dissertação de Mestrado. OLIVEIRA, Stanley Braz de. *A HIERÓPOLIS DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES-PI: produção de um lugar através do sagrado (1992 – 2008)*. Universidade Estadual do Piauí: Fortaleza, 2011. Dissertação de Mestrado; SANTOS, Patrícia de Sousa. “Bendita e Louvada Seja”: experiências sociais de fé – mercado e festa na devoção

A cidade de Santa Cruz dos Milagres, também conhecida pela tradição oral como Olho d'agua² dos Milagres, fica a aproximadamente 180 km da capital do Piauí — Teresina, e, a exemplo de muitas hierópolis, teve o seu povoamento e posterior urbanização baseados nas graças e milagres da Santa, termo cunhado pela geógrafa Zeny Rosendahl (2009), e que permite pensar esse processo de ocupação ao redor do templo da Santa. Rosendahl faz uma análise comparativa entre a devoção sertaneja piauiense e a goiana, afirmando que “Las hierópolis o ciudades sagradas, lugares de peregrinación, constituyen centros funcionalmente especializados que existen en numerosos países y bajo la influencia de diversas religiones” (2009, p. 47).

Foi a devoção à Santa que serviu como elemento de atração e garantiu a ocupação da região, antes constituída de grandes latifúndios escravistas, que se localizavam muito distantes uns dos outros. A própria sociabilidade entre os agregados desses latifúndios ocorria nas festas religiosas e nas desobrigas que garantiam os sacramentos, entre eles, os batizados e casamentos e a comunhão, feita de ano em ano, e que garantia, por alguns dias, que o corpo não cederia ao pecado.

A hoje cidade adquiriu sua independência administrativa em 1992, quando se emancipou do município de Aroazes, cidade que fica a 56 km do Santuário, sendo que seu primeiro prefeito assumiu em 1993. Santa Cruz dos Milagres está inserida na microrregião valenciana, que totaliza 15 municípios, e tem, como sede, a cidade polo de Valença do Piauí, que fica a 72 km. Valença, por sua importância na região, sediou a matriz da paróquia de Santa Cruz dos Milagres até 1967, quando houve uma reorganização das paróquias, o que permitiu uma redistribuição dos padres pelo interior do estado.³

O território em que se manifesta a devoção à Santa Cruz dos Milagres é um espaço no qual, além de Santa Cruz dos Milagres, encontramos outros santos, canônicos e não canônicos⁴, e outras tradicionais festas populares, como as celebrações ao Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Conceição, que, contudo, não ofuscam a Divina Santa Cruz.

a Santa Cruz dos Milagres, no Piauí (1958- 2012). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2013. Dissertação de Mestrado.

² O nome se deve a um dos elementos do milagre, o Olho d'agua, que, junto da Cruz sagrada, seria um dos responsáveis pelas maravilhas na região.

³ O livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, em Valença fala dessa redistribuição com o propósito de atender um número maior de fiéis, já que boa parte do território piauiense, até a década de 1970, carecia da presença de padres. O movimento também atendeu às recomendações do Concílio Vaticano II, que propunha uma maior aproximação dos fiéis e de suas práticas.

⁴ O mais importante é Tertuliano Lima, um sacristão que morreu vítima de lepra. Por conta da sua doença, a Igreja Católica e alguns sujeitos importantes na cidade não permitiram que ele fosse enterrado dentro do cemitério, e determinaram a expulsão de sua família. Com o passar do tempo, aquele “defunto” sem família acabaria atraindo a misericórdia dos visitantes do cemitério no dia dos finados, e logo se tornaria santo graças à piedade popular.

A Santa Cruz dos Milagres é, na verdade, uma cruz de madeira, de aproximadamente 1,50m de altura e 90 de envergadura, presa ao centro por um prego de ferro. A cruz é feita de uma madeira tradicional da região, a aroeira, também conhecida entre os devotos com “chapadeiro”, principalmente pelas características da flora local. Sabe-se que a madeira da qual é feita a Santa é muito usada na medicina natural como remédio para indisposições intestinais, além de ser resistente ao clima árido, representando muito bem a seus devotos, por ser tão resistente quanto os sertanejos que a cultuam.

Ao longo dos anos, a cruz sofreu com a ação de seus afilhados e devotos, que acreditavam que, se levassem um pedaço da Santa Cruz para casa, conseguiriam a proteção efetiva e a cura dos males que sofriam, sendo que alguns fiéis faziam chá com as raspas de madeira retirada da Santa. No final da década de 1960, ela se torna protegida, o que garantiu a conservação da relíquia.

[A Santa] Nos começos foi bastante atingida pela necessidade que tem todo romeiro de tocar o objeto de devoção, e se possível, levar pelo menos uma parcela do mesmo. É como se aquela parte carregasse em si a força divina que está no todo. Por isso foi depois protegida por uma caixa de madeira em forma de cruz, com vidro na parte da frente. Mas a Cruz conserva ainda seu tamanho original (OLIVEIRA, 1990, p. 08).

É, de fato, possível perceber a ação dos romeiros sobre a Santa Cruz nos primeiros anos da devoção, pois nelas encontramos marcas. Essa ação fez com que alguns devotos e padres chegassem a compará-la a um corpo frágil, que resistia à ação do tempo e também à fé de seus fiéis, que, de forma comovente e contrita, retiravam pedaços da Santa, como se a força divina estivesse naqueles pedaços de madeira.

As retiradas de pedaços da Santa se davam pela comprovação, pela medicina popular, dos poderes curativos da aroeira, madeira com que foi feita a cruz. Para Maria Theresa Camargo, a medicina popular, especialmente se ligada a fenômenos religiosos e a interpretações fomentadas pelo saber empírico, que recorre a certas plantas com eficácia curativa, precisa ser considerada em situações como a da Santa Cruz.

[...] O sistema médico popular, em sua dinâmica, ao delinear seu perfil nos diferentes contextos socioculturais do país, vem imprimindo desde os tempos coloniais traços que apontam a predominância de elementos doutrinários de caráter religioso, veiculados pelas três principais matrizes influenciadoras: portuguesa, indígena e africana.

Decorrente dos sistemas de crença envolvidos no processo histórico da medicina popular brasileira, diferentes categorias de protagonistas foram se firmando no país [...] (CAMARGO, 2014, p. 02).

O registro que encontramos no Livro de Memórias⁵ de Padre Davi Mendes⁶ aponta para uma devoção baseada no amor pela divindade e na crença ilimitada em seu poder curativo, sendo que o extraordinário agiria na vida desses devotos, dando a eles a cura. Tocar a santa ou levar suas relíquias poderia, aos olhos desses devotos, garantir a proteção e cuidado que precisavam, sendo a própria celebração religiosa um complemento do milagre.

Santa Cruz dos Milagres é, portanto, uma cruz personificada pelos devotos; uma representação dos milagres por ela operados e que se assemelharia à Maria, já que, para os devotos, ela é a madrinha protetora, a quem se recorre nas horas difíceis, e com quem se mantém uma dívida perpétua. Ela é, também, o instrumento da graça, a fonte de força, pois Cristo teria salvado a humanidade a partir de seu martírio na cruz. Sua simbologia, no entanto, não se perde com sua personificação; pelo contrário, se intensifica.

A prática de personificação das divindades é algo presente na história religiosa, especialmente se levarmos em conta a religiosidade católica, muito heterogênea e circunscrita por elementos que conferiam “sentimentos” a seres inanimados. Laura de Melo e Souza já expôs esse caráter devocional em seus trabalhos sobre a religiosidade popular, apontando para elementos que aproximavam um santo a Deus, sendo que “abrigava o hábito popular de conferir atributos humanos aos santos, tornando-os mais próximos do fiel” (SOUZA, 1993, p. 116). Assim, Santa Cruz dos Milagres é mais do que uma cruz de madeira, é a madrinha protetora de seus devotos.

Apesar de não termos como precisar o início da devoção, alguns relatos dão conta de que teria tido início em meados do século XIX. Os primeiros registros sobre a devoção referem também as dificuldades para se chegar à Santa Cruz dos Milagres, decorrentes da inexistência de estradas e das cheias dos rios que dificultavam a travessia para a cidade de Santa Cruz dos Milagres. Esse ato de sacrifício conferia ainda mais credibilidade à Santa, pois as dificuldades de acesso faziam com que os pecados fossem expiados durante o trajeto percorrido para alcançar o retiro, o que, em certa medida, faria com que a misericórdia acontecesse.

⁵ O Livro de Memórias de Padre Davi Mendes de Oliveira é um livreto com encadernação em espiral, encontrado por acaso pelas pesquisadoras Patrícia Santos e Suyanne Cardoso, no ano de 2008, na Biblioteca Pública Abdias Neves, localizada no centro de Teresina - PI; O livro possui publicação própria do padre e foi distribuído em algumas bibliotecas públicas do estado. O livro não possui editora, e há uma data provável de sua publicação, que seria o ano de 1998, quando o Padre completou 30 anos de atuação à frente do Santuário. Esse é também o ano em que um novo reitor assumiu, considerando a data provável da independência eclesial.

⁶ Padre Davi Mendes de Oliveira nasceu em agosto de 1929, em Simplicio Mendes, no semiárido piauiense. Ordenado em 1957, foi pároco durante 40 anos na paróquia de São Felix – PI. Dedicou-se à realização de melhorias no Santuário de Santa Cruz, que pertenceu até 1997 à paróquia sob sua responsabilidade, bem como a tentativas de ordenamento das festas em homenagem à Santa. Faleceu em dezembro de 2007, em decorrência de uma insuficiência respiratória, aos 78 anos de idade.

A cruz, que se torna Santa, também é a benfeitora sertaneja, que arrasta uma multidão de devotos para junto de si, sendo vista quase que de forma maternal. A ela, os devotos rendem homenagem e, muitas vezes, colocam seus filhos sob os seus cuidados, tornando-a madrinha, garantindo, assim, os cuidados divinos e perpétuos aos seus afilhados. Algo que se assemelha à relação patriarcal vivida no período colonial brasileiro, já que o compadrio, além de garantir a proteção dos filhos, também permitia uma proximidade entre os sujeitos.

Em sua obra *Império do Divino* (1999), Martha Abreu aponta para a disputa entre as instituições — Igreja Católica e o Estado — e os devotos, pelo controle da festa, tanto nos tempos coloniais quanto imperiais. Elementos como as barracas de comida, jogos e os próprios folguedos, com músicas e requebros, não condiziam com aquilo que se esperava de uma manifestação religiosa, constituindo-se em demonstrações de puro desrespeito à divindade.

Essa ação de controle se refletiu em parte das manifestações religiosas do Piauí, em especial sobre aquelas que atraíam muitos fiéis, e que tinham certa tradição no estado. Em muitos casos, a forma como os fiéis cultuavam as divindades incomodou e causou desconforto, não só entre os clérigos, mas também entre os integrantes da elite local, preocupados com os excessos que burlavam o controle e davam, segundo eles, um tom desrespeitoso à festa de devoção.

Além das festas à Santa Cruz dos Milagres, o Piauí possui outras importantes festas religiosas que mobilizam várias cidades devido à devoção a outros santos e também pela animação que essas festas proporcionam. Mas Santa Cruz, por suas características, possibilita um olhar mais amplo sobre as devoções no Piauí e sobre a importância que as manifestações de fé católica terão para a cultura do estado, na medida em que estão ligadas às aparições e visagens que compõem o imaginário sertanejo.

Figura 1: Mapa do Piauí - localização da cidade de Santa Cruz dos Milagres



Fonte: Imagem disponível no Portal da Integração⁷, com localização da cidade marcada pela autora desta pesquisa, 2019.

Importante lembrar que, até o início do Século XX, era a Diocese do Maranhão a responsável pelas almas que habitavam o Piauí. A distância incomodamente impactava no trabalho pastoral da diocese, que se dedicava de forma mais sistemática à sua sede, enquanto que os fiéis piauienses, mesmo recebendo o serviço dos padres, não eram vistos como prioridade.

A história da formação sócio- religiosa do Piauí nos informa que nossa Igreja local, ao longo de sua formação dentro e através de nossa sociedade colonial escravocrata, a este se ligava, trazendo para seu próprio seio, entre outros elementos, a estratificação social e a separação dos sexos, que penetravam até mesmo no recinto dos templos. De modo geral, nas classes de maior condição social recrutava a Igreja seus elementos para as funções sacerdotais. (CHAVES, 2013, p. 247).

Partindo do olhar de Joaquim Chaves, diríamos que a Igreja Católica piauiense, em seu nascedouro, se preocupou mais em formar uma religião de ritos programados e menos com a fé

⁷Disponível em: <https://portalintegracao.com.br/78-municipios-do-pi-fizeram-acordo-sobre-limites-territoriais/mapa-do-piaui-com-todas-as-cidades-011387532466/>.

e a necessidade de seus fiéis, distante, portanto, das celebrações alegres de agradecimentos aos Santos não canônicos, menos ritualizados, e mais próximos dos desejos de seus fiéis.

As comemorações à Santa Cruz nascem dos agradecimentos dos devotos, que, com base nas graças alcançadas, recriaram um espaço de devoção e deram significado a ele, tornando-o terra sagrada, mesmo que os ritos de seus fiéis não sejam tão ordeiros assim. Para fundamentar a análise que fizemos dessa devoção, consultamos, além dos trabalhos de Martha Abreu, os produzidos por Léa Perez (2002), Carlos Brandão (1986) e Mariely Santana (2009), que pensam a festa religiosa para além de um movimento de supressão cotidiana e o observam como espaço de lutas, negociações e conquistas.

No primeiro tópico desse capítulo, tratamos do início das celebrações à Santa Cruz dos Milagres, e, apesar da imprecisão de datas quanto ao início das celebrações, buscamos apontar os fatores que tornaram a Santa tão popular no Piauí. No segundo subcapítulo, nos detemos na transformação do povoado em cidade e nas intervenções públicas na festa, e no terceiro subcapítulo discutimos as transformações propostas pelo Concílio Vaticano II, analisando, inclusive, sua interferência nas festas religiosas, em especial, na festa à Santa Cruz dos Milagres.

2.1 Bendita e Louvada seja: organização pastoral na romaria à Santa Cruz dos Milagres

Considerado o terceiro maior Santuário do Nordeste e o único reconhecido pelo Vaticano no Piauí, o Santuário de Santa Cruz dos Milagres atrai, anualmente, um número considerável de pessoas, cerca de 50 mil fiéis, que buscam pela venerada cruz de madeira, que teria sido presenteada por um beato peregrino, sendo percebida quase como um presente de Deus, enviado para dar ânimo e esperança ao sertanejo piauiense.

A devoção à Santa Cruz dos Milagres surgiu numa região árida do Piauí, a chamada região valenciana, composta hoje por 15 municípios, uma zona de transição entre o norte e o sul do estado do Piauí. Alguns memorialistas, como o Padre Miguel de Carvalho (2009), que foi o primeiro a fazer o censo demográfico da então freguesia do Piauí, aponta a presença, no ano de 1669, de pequenos currais na região que hoje seria Santa Cruz dos Milagres, sugerindo a existência de algumas fazendas que margeiam o “Riacho São Nicolau. Corre do Sul para o norte. Entre no Rio São Bitor (Sambito)” (CARVALHO, 2009, p. 32) uma região de rios intermitentes, o que garantiria a instalação de grandes fazendas agropastoris.

Esses relatos de Padre Miguel de Carvalho são confirmados pelos historiadores piauienses que se debruçaram sobre o processo de ocupação e povoamento do Piauí, sendo que

a região, onde hoje se encontra o Santuário de Santa Cruz dos Milagres, esteve cercada por fazendas agropastoris escravistas. Historiadores como Odilon Nunes (2007), José de Alencastre (2015), Tanya Brandão (2015) e Monsenhor Joaquim Chaves (2013) analisam esse processo de ocupação. Alencastre, inclusive, aponta a região valenciana como um espaço promissor: “[...] foi a primeira que tentou com algum resultado próspero a lavoura de cana, e tem continuado até hoje, porém em pequena escala, porque seus habitantes, como os de toda a Província, também preferem a criação de gado a qualquer outra indústria” (ALENCASTRE, 2015, p. 138).

É importante lembrar que o Piauí teve o gado como mola propulsora do seu processo de colonização, sendo que a ocupação do território piauiense teve início na região semiárida do estado, através do ingresso dos grupos formados por Francisco Dias D’Ávila, que vinham da Casa da Torre, na Bahia, e pelo bandeirante Domingos Afonso Mafrense. O Piauí foi, portanto, povoado por uma elite rural e empenhada na propagação do catolicismo, como propõe Tanya Brandão (2015). O processo de entrada do sertão, em especial do Piauí, não respondia apenas aos desejos econômicos de comércio internacional, “mas, sobretudo, porque a criação de gado deu origem a sociedade do sertão e essa se desenvolveu bastante articulada com princípios colonizadores” (2015, p. 68). Assim, o objetivo era conquistar novos territórios, pacificando os nativos que viviam na região.

Mesmo tendo sido colonizado de sul para norte, com as bandeiras vindas especialmente da Bahia e Pernambuco, era possível, ainda no século XX, encontrar-se grandes territórios praticamente desabitados no Piauí. Se havia pouca gente, também a presença da palavra de Deus se fazia rara, quase imperceptível em algumas regiões, onde batismos e casamentos ocorriam de tempos em tempos. No período colonial e no século XIX, a já mencionada região valenciana possuía imensas áreas devolutas e pouco urbanizadas, ao contrário das regiões norte e do médio Parnaíba do Piauí, onde a urbanização e o povoamento haviam seguido o curso do Rio Parnaíba, principal rio do Piauí, assegurando o atendimento religioso das populações. A região contou, no entanto, com a ação de jesuítas, vindos especialmente da região da serra do Ibiapaba que faz divisa com o Ceará, de capuchinhos vindos do Maranhão, e de franciscanos que, durante um longo período, coordenaram importantes ações da Igreja no norte piauiense.⁸

Em relação aos missionários jesuítas, que com “o rigor doutrinário característico da Companhia de Jesus, consubstanciaram interesses econômicos, sociais e políticos que

⁸ Os dois principais Livros do Tombo da Paróquia de Santo Antônio na cidade de Campo Maior – PI dão conta da atuação desses grupos religiosos, que, com maior participação entre final do século XVIII e início do Século XX, trabalharam especialmente na pacificação da região, com formação de missões e construção das primeiras capelas para celebração religiosa, o que marcaria a conquista da região, mas também permitiria que grupos políticos, sob a bênção da Igreja, perpetuassem seu poder.

sobrelevaram os objetivos de evangelização” (BANDEIRA, 2000, p. 63), sua curta permanência não impediu, como aponta Higino Cunha (2015), que a ordem deixasse a sua marca na arquitetura das Igrejas e nas formas de celebração dos piauienses.

A devoção à Santa Cruz dos Milagres surgiu a partir do pedido de restabelecimento da saúde e da cura tida como milagrosa da filha de um vaqueiro. A própria oralidade e as fontes recolhidas sugerem que essa cura teria ocorrido por volta da década de 1850. Mas os pedidos por graças e as narrativas de cura se aperfeiçoaram com o passar do tempo, sendo que os fiéis passam a fazer outros pedidos (TAVARES, 2012) que vão desde a conquista da casa própria até a nomeação ou eleição para um cargo eletivo. Quando agraciados, os fiéis atribuem a conquista ao poder interventor da Santa Cruz dos Milagres, que parece adequar-se a todas as solicitações feitas por seus devotos. A cruz, que brotou dessa terra árida, foi percebida como o sopro de esperança que o sertanejo piauiense esperava. Mesmo que possa soar como reforço dos estereótipos do sertão, foram a seca, os grandes latifúndios e a falta de oportunidades que fizeram com que milhares de homens e mulheres procurassem a proteção da Santa. Para além dessas necessidades, as narrativas dos milagres foram essenciais para o desenvolvimento e o crescimento da devoção, a ponto de outros sujeitos buscarem a divina Santa para outros benefícios.

Nessa região caracterizada pela pouca ação da Igreja católica, em que as celebrações se confundiam com os pagodes e natalícios, e os santos, que apareciam em locais os mais improváveis, logo passavam a ser cultuados, erguendo-se para eles uma capela de palha ou de pedra. Surgidas no seio das fazendas, na beira de estradas ou na porta de cemitérios, essas ermidas ou capelas prestavam homenagem a esses santos sertanejos, devotados sem a autorização da Igreja, mas sob as bênçãos de Deus e do povo, que buscava neles o consolo e a graça.

[...] A capela não é o lugar do padre. Ele é o local do santo e como tal elemento decisivo nesta religião popular. O grupo de vizinhança é fundamental à sobrevivência. O isolamento é sempre relativo e a economia de subsistência supõe auxílio vicinal, que é assegurado pelos laços religiosos, o mutirão aparece como algo dotado de caráter sagrado (BENEDETTI, 1983, p. 31).

A própria relação que os fiéis irão manter com a Santa Cruz dos Milagres pressupõe essa busca de sua proteção, de garantia de dias melhores, da cura de seus males e de terra para plantar, situação experimentada pelos moradores da região em decorrência do próprio processo de ocupação do Piauí. Muitos dos devotos, antes visitantes na terra da Santa, tornaram-se moradores, na expectativa de com isso conseguir graças e proteção, mas essas ações não são

involuntárias, pois, se a terra era da Santa, ela era também de todos, e assim se fazia lugar de aconchego para aqueles que a procuravam.

Sabe-se que até a década de 1950, o atendimento pastoral no estado do Piauí se fez de forma ineficiente, devido ao número reduzido de sacerdotes e à extensão de terras que deveriam ser atendidas, trabalho que, muitas vezes, era feito por um só padre, empenhado em levar aos fiéis a comunhão e os demais sacramentos. Mas a falta de sacerdotes não significava falta de fé, que, pelo contrário, brotava de modo autônomo, geralmente a partir das palavras lidas em velhos catecismos, que ensinavam as orações e a temer as forças divinas.

Em uma consulta ao terceiro Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, de Valença, relativo ao final da década de 1950, encontramos registrada a ausência de atendimento pastoral e a atuação de leigos que se encarregavam das novenas e mantinham a fé católica entre os moradores:

A situação religiosa da paróquia tem as suas falhas decorrentes sobretudo da circunstância de um só padre não poder, a contento, dirigir tantas almas, como é o caso de Valença, sobretudo antes da criação da paróquia de Santa Teresinha de Elesbão Veloso, desmembrada da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição. [...]. Que esta visita pastoral seja um marco novo plantado na paróquia, sobretudo na sede paroquial, onde desejamos que reine a maior harmonia possível entre todos, para o bem espiritual, intelectual e moral da cidade (Livro do Tombo III- Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, 1958-1993, p. 03).

Em 1968, Padre Davi Mendes de Oliveira assumiu a Paróquia de São Felix, da qual fazia parte a pequena capela de Santa Cruz dos Milagres. Antes, a Capela pertencia à Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, em Valença, sendo que esta mudança é mencionada no Livro do Tombo da referida paróquia:

[...] No dia 18 de maio deste ano de 1968, presente Dom Avelar Brandão Vilela e mais oito sacerdotes, pelas oito e meia da manhã, tomava pose da Freguesia de São Felix do Piauí, o Rev. Sr. Pe. Davi Mendes de Oliveira e com o Decreto Metropolitano constituía nova paroquia e para lá me dirigi. Entreguei ao Padre Davi todo o inventario para que ele pudesse logo dá uma lida nos documentos apresentados, ter uma ideia que já tem a mais fabulosa fazenda. [Raimundo Marques – Vigário] (Livro do Tombo de Nossa Senhora do Ó e Conceição 1958- 1993, Valença, p.19).

Ao assumir a paróquia, e, conseqüentemente, a capela, o padre recebeu o inventário com todos os bens pertencentes à Santa Cruz dos Milagres. Nele, além dos bens existentes na capela e na casa paroquial, aparecem também discriminados os bens da Fazenda Galileia, que, mais do que um bom lote de terra, também dispunha de bens, que, em grande parte, eram fruto de doações de fiéis por graças conquistadas, o que só aumentava o patrimônio da santa.

Inventário Saldo de Santa Cruz dos Milagres

Saldo da capela Cr\$ 3. 700,00

[...]

3 glebas de terra denominadas Jatobá, Patos e Lagoa dos Patos

110 cabeças de gado

5 cavalos

6 jumentos

150 ovelhas e cabras algumas cabeças de gado que não foram anotadas.

Fiz um relato mínimo do que era, o porte e a cor e o apresentei ao vaqueiro o novo vigário. E para que nada ficasse no pensamento fiz esse assentamento que assino. [Raimundo Marques – Vigário] (Livro do Tombo de Nossa Senhora do Ó e Conceição 1958- 1993, Valença, pp. 19- 22).

Mas, ao chegar à Santa Cruz dos Milagres, no final da década de sessenta, Padre Davi percebeu que a estrutura local dificultava a ação pastoral e, para melhor organizar o culto à Santa, passou a cobrar do poder público melhorias na infraestrutura do povoado, que à época da sua chegada não tinha acesso à água potável, sendo que suas ruas eram pequenos becos, que, na época das festas, ficavam superlotadas de pessoas, dificultando o atendimento espiritual.

Em suas memórias, Padre Mendes faz referência à perda de documentos importantes sobre a construção do templo religioso, pois, segundo ele, a primeira documentação teria se extraviada. Pode-se, também, aventar que uma parte dessa documentação tenha se extraviado entre o Piauí e o Maranhão, já que, até 1891⁹, a província eclesial do Piauí pertencia ao Maranhão.

A notícia escrita mais antiga que se tem de Igreja em Santa Cruz dos Milagres encontra-se no 2º Livro de Tombo da Paróquia de Valença. É uma provisão do Bispo do Maranhão, Dom Antônio Cândido de Alvarenga, nomeando o Sr. Joaquim Manoel Pereira de Sousa como “procurador da Capella de Santa Cruz dos Milagres, em terras da Fazenda Jatobá”. Segundo o direito do tempo, esta Provisão foi reconhecida e confirmada em 20 de junho de 1888 pelo Dr. João Gabriel Baptista, Juiz de Direito de Valença, a cujo termo pertencia aquela capela. Antes disso foram encontrados somente apontamentos de batizados naquela capela, em 1881. Quem sabe, o 1º Livro do Tombo de Valença, já perdido, trouxesse indicações mais antigas (OLIVEIRA, 1991, p. 11).

A falta de documentos, até mesmo sobre o beato que teria confeccionado a cruz, não impediu que a Santa Cruz dos Milagres ganhasse notoriedade e, que, logo, seu poder milagroso fosse propagado pela região. A tradição oral deu à Santa Cruz um lugar de destaque no panteão das devoções piauienses, pois concedia saúde à população, em um período em que ela era

⁹ O Piauí, até o ano de 1889, não tinha independência eclesial, estando subordinado a dois bispados, primeiramente, a Pernambuco e, por fim, ao Maranhão. A mobilização em torno da autonomia eclesial do Piauí teria se iniciado ainda no começo do século XIX, sendo uma exigência que vinha da elite piauiense e de um grupo de sacerdotes que desejavam a criação do bispado no estado. In: MELO, Pe. Cláudio. *Piauí, Diocese e província eclesiástica*. Teresina: Arquidiocese de Teresina, 1993.

considerada a maior riqueza, pois garantia a permanência no trabalho, principalmente, na lavoura.

Mas não era apenas a maior presença de padres que a população reivindicava, também a de médicos, como apontado por Rafaela Silva, quando discute a criação da Comissão de Saúde e da Santa Casa de Misericórdia, sendo que esta “foi criada no intuito de oferecer tratamento terapêutico àqueles que não possuíam condições financeiras de tratar-se de modo particular” (SILVA, 2016, 47). Apesar da criação desses órgãos públicos de saúde, a assistência não era oferecida de modo igual para o restante da população, e nem teve seu serviço expandido para todas as regiões do Piauí, já que esses serviços se mantiveram, durante muito tempo e de modo exclusivo, na capital e nas maiores cidades do Piauí, como, por exemplo, Parnaíba.

Como se pode observar, a vida religiosa no semiárido piauiense se fazia com pouca assistência religiosa e pouca atuação do Estado, favorecendo o surgimento do que foi denominado de “catolicismo rústico” (BENEDETTI, 1983, p. 27). Este tipo de catolicismo, que se desenvolveu sem controle eclesial, criou seus santos e suas formas de rito, o que não significava desordenação, uma vez que a população se reunia em torno dessas celebrações.

Essa religião popular não deixa testemunho escrito, o que já é sintoma de sua condição de religião dominada e que será expropriada. [...]. Havia uma preocupação com a presença do padre. Ele se fazia necessário nos momentos culturalmente significativos, principalmente o nascimento (batismo) e morte (BENEDETTI, 1983, p. 28).

Muitas das práticas próprias deste catolicismo rústico se fazem presentes apenas na oralidade, enquanto que nos documentos produzidos pelos missionários, quer sejam eles jesuítas, franciscanos ou capuchinhos, encontramos informações sobre a ação evangelizadora dessas ordens nas regiões mais remotas do Brasil. Nas regiões em que a presença dessas ordens não foi tão forte, as devoções populares e os santos não canônicos ganharam destaque e honras. Alguns desses santos, com experiências semelhantes às de seus devotos, ou pela forma como morreram ou, então, pela quantidade de graças que puderam atender, acabaram encontrando espaço nesses ambientes rurais em que a Igreja e o estado não se faziam presentes.

Essas regiões foram também redutos de messias sertanejos, sujeitos que ensinavam as primeiras orações e o catecismo aos seus seguidores, uma vez que alguns deles eram letrados e católicos, apesar de se encontrarem distantes dos padrões institucionais de evangelização. Eduardo Hoornaert (1997), que analisa a ação de Antônio Conselheiro na região de Vaza Barris, na Bahia, afirma que esses homens de hábitos simples eram vistos por seus contemporâneos como sábios, capazes de promover justiça social em uma região tão castigada pela seca e

também pelo mandonismo. Já no Ceará, na região do Cariri, a 445 km de Santa Cruz dos Milagres, a população tornou santo um padre, “Padim Ciço” o bem-feitor daqueles sertanejos que atraiu uma multidão no final do século XIX para o esquecido povoado de Juazeiro do Norte, na região do Crato. A devoção a Padre Cícero foi tema de centenas de trabalhos, merecendo destaque o trabalho de Ralph Della Cava (2014), que aponta para o poder agregador do padre Cícero Romão e a relação que o padre milagreiro estabeleceu com as lideranças da política local cearense.

O próprio Della Cava aponta as práticas de devoção popular como algo que beirava à credence, já que homens e mulheres, ricos e pobres, buscavam nelas a solução para as adversidades face a um mundo hostil e de poucas oportunidades:

Em nítido contraste com o catolicismo ortodoxo, predominavam em ambas as classes práticas para litúrgicas e credences populares. Sobretudo entre os pobres, eram credences o meio mais eficaz para coibir a dureza e as adversidades da vida. Era comum que se fizessem promessas aos santos na esperança de obter saúde, felicidade, fortuna, enquanto, entre os trabalhadores rurais, o plantio era precedido de preces, numa tentativa de afastar os maus espíritos, aos quais invariavelmente se atribuíam as más colheitas. (DELLA CAVA, 2014, p. 62)

Assim como a Santa Cruz dos Milagres, o padre bem-feitor serve como elemento de atração, mas, diferentemente do que ocorreu na romaria do Piauí, a devoção a padre Cícero transformou o pequeno povoado de Juazeiro do Norte em polo econômico, tendo a devoção como mola propulsora desse desenvolvimento, pois a partir dessa busca ao “Padim Ciço”, os peregrinos se instalaram na região e, junto ao poder público, souberam aproveitar a movimentação de fiéis que recorriam a ele:

A afluência de romeiros a Juazeiro produziu um impacto econômico imediato, transformando-se a vila-santuário em um progressista centro agrícola, comercial e artesanal do sertão nordestino [...] a motivação da ida dos peregrinos para o povoado não pode ser atribuída somente a dados religiosos; reside também em fatores de ordem econômica, já que muitos romeiros viam na ida para aquela Terra Santa uma maneira de superar a pobreza crônica e a injustiça social que predominavam em suas vidas. (GUIMARÃES, 1985, p. 20).

A maioria dos homens e mulheres que seguiram rumo a Juazeiro do Norte buscava, na terra do santo padre, a promessa de uma vida próspera, que parecia surgir graças à ação política do padre na região do cariri cearense, diferentemente do que ocorria em Santa Cruz dos Milagres, onde a terra da Santa não parecia tão promissora, não figurava como terra prometida

para aqueles que se refugiavam aos pés do morro. Mas os devotos que ali se instalavam levavam mais que desejos, estavam imbuídos pela fé, que os fazia ignorar as adversidades territoriais e o solo seco e pedregoso, para receber as bençãos daquela que era, para eles, a “dona daquelas terras”, lugar de seus afilhados.

De Padre Cícero a Antônio Conselheiro, os líderes messiânicos que despontavam pelo Nordeste apareciam aos sertanejos como enviados de Cristo para as terras antes “abandonadas à sorte”. Para Antônio Gomes (2015), esses movimentos, movidos também pela precariedade em que viviam esses homens e mulheres, seriam expressão de formas primárias da religião, conciliando influências das religiões indígenas, afro-brasileiras e católicas.

No sertão nordestino, a terra não promete nada e o latifundiário, misto de político e *pater familias predador*, retira tudo. [...] Essa mistura de crenças produziu um sincretismo religioso que caracterizava a religiosidade popular das terras secas no último quartel do século XIX e primeira metade do século XX. Sem contar com a presença do estado e da Igreja para enfrentar as dificuldades de sobrevivência, restava ao sertanejo poucas opções sociais como o cangaço, o trabalho semiescravo nos latifúndios dos coronéis e o misticismo. (GOMES, 2015, p. 85).

As dificuldades, como apontado por Gomes, eram vistas, por esses líderes religiosos e seus seguidores, como castigo de Deus. Portanto, era necessário supliciar o corpo e fazer penitências para, assim, serem ouvidos pelas divindades. No caso de Santa Cruz dos Milagres, a pequena capela de pedra, que guardava as relíquias da graça, se tornou alvo de afluência desse povo em romaria, que passou a procurar a cruz de aroeira, rústica, mística e fantástica, transformada pela fé.

O povoado e cidades vizinhas, como Aroazes, sede do povoado de Santa Cruz dos Milagres, e São Felix, paravam em respeito à celebração à Santa Cruz que, para alguns devotos, era o período mais importante do ano, momento em que se celebravam as graças alcançadas e se renovavam os votos, tanto através do pagamento da promessa, quanto do compromisso perpétuo de visitar o Santuário “enquanto tiverem vida e saúde”. A cidade se enchia de barracas, dispostas ao longo da rua, e uma salva de foguetes marcava o início da celebração tão religiosa quanto profana, pois o devoto que celebrava a Santa Cruz também vestia sua melhor roupa e se enchia de alegria, disposto também a festejar: “As festas religiosas atuavam como agente de socialização, uma vez que constituíam para as populações camponesas uma espécie de peregrinação à urbe, a um mundo pleno de novidades” (PEREZ, 2011, p. 24).

Os moradores da cidade e os demais fiéis aproveitavam as festividades para reencontrar seus familiares e conhecidos e para celebrar juntos as graças alcançadas pelos poderes milagrosos da santa. Nesse momento, os já devotos restabeleciam sua relação com a Santa Cruz, ao mesmo tempo em que os novos fiéis, pessoas que tomavam conhecimento dela através de outras que já foram agraciadas, buscavam encontrar nela a solução para seus problemas e o consolo para suas inquietações.

As referências mais antigas sobre Santa Cruz dos Milagres remontam ao século XIX, mais precisamente ao ano de 1881¹⁰, quando é construída uma capela de pedra para abrigar a Santa, porém, nem mesmo essas notícias dão conta da quantidade de devotos que se direcionavam para a região. Será a partir da década de 1970 que o Santuário ganhará importância, a ponto de os jornais piauienses passarem a noticiar a grande afluência de devotos que seguiam em romaria para o então povoado de Santa Cruz dos Milagres, na maioria das vezes, em caminhões chamados de paus-de-arara, que, mesmo em condições adversas, levavam famílias em louvor para renovação dos votos com a Santa.

Considerada por muitos como a mais tradicional e movimentada festa religiosa do interior do Piauí, Santa Cruz dos Milagres, localizada a alguns quilômetros do município de Aroazes, está atraindo a atenção de piauienses de todo o Estado para as novenas [...] essa verdadeira procissão de Fiéis de todos os cantos que partem em direção a milagrosa Igreja, cuja relíquia religiosa é consagrada pelos católicos piauienses (Jornal *O Dia*, 1976, p. 2).

A nota jornalística aponta para a repercussão que a devoção ganhou na década de 1970, o que, em parte, se deveu à importância dada por esses veículos de informação e pelo número de “personalidades” locais que participou das celebrações no pequeno Santuário, em meio aos agricultores e vaqueiros humildes clamavam por saúde.

A grande maioria dos pedidos era — e continua sendo até hoje — por saúde, principalmente, aqueles relacionados com doenças graves, como câncer e acidentes automobilísticos. Em relação a esse último, é preciso destacar que, em sua maioria, decorriam do aumento do poder de compra das populações rurais, que acabaram substituindo o velho jumento pelas motos, provocando muitos acidentes. No período de festa, é possível encontrar ex-votos em quase todo o caminho de acesso ao morro da Santa. A Sala dos Milagres, por ser ainda rústica e muito pequena, acaba fazendo com que os ex-votos fiquem espalhados, sem que

¹⁰ Em pesquisa realizada no Arquivo Público do Maranhão foi possível acessar o Livro do Tombo referente ao período do possível aparecimento da Santa, isto é, entre 1877 a 1898. Sabe-se que alguns documentos foram extraviados, e, nos documentos disponíveis, não foi possível encontrar referências diretas à Cruz, mas críticas ao modo de celebrar dos fiéis do Piauí.

se tenha uma classificação quanto ao tipo. O que se vê é um amontoado de réplicas de partes do corpo que pretendem provar, para quem as observa, que o milagre aconteceu.

Sala dos Milagres - um corpo curado¹¹



Fonte: Registrado pela autora, 2011.

A análise da imagem possibilita pensar até mesmo nas condições sociais dos devotos, pois a qualidade do material em que eram confeccionados os ex-votos diz muito sobre o poder aquisitivo desse devoto. Os bem talhados e feitos em madeiras nobres, como carvalho e cedro, sugerem um devoto com uma condição melhor, enquanto que os feitos de gesso ou madeira de pouca qualidade apontam, muito provavelmente, para um ex-voto de um devoto mais humilde. Mas essa avaliação pode ser precipitada e até imprecisa, se levarmos em consideração o valor simbólico do milagre para o devoto, que, na maioria das vezes, não media esforços para proporcionar a Santa o que considerava melhor.

Como propõe Carlo Rodrigues Steil (1996), os objetos, até mesmo os do cotidiano, quando depositados como ex-votos, acabavam adquirindo outro significado, uma aura sagrada. O próprio Santuário pesquisado por Steil, Bom Jesus da Lapa na Bahia, carrega semelhanças com Santa Cruz dos Milagres, sendo que os ex-votos estão dispostos ao longo do espaço

¹¹ Por não termos localizado fotografias relativas ao período de 1968 a 1993, tornou-se necessária a utilização de fotos recentes dos ex-votos. A imagem acima é de setembro de 2011.

sagrado, evocando “experiência vividas, acontecimentos da vida familiar, princípios morais e religiosos que compõem o seu universo cultural” (STEIL, 1996, pp. 52-53).

Os pedidos por saúde, por um corpo saudável que garanta o sustento diário, são feitos quando esses devotos já não encontram mais soluções terrenas e, por isso, recorrem ao sagrado, mantendo com o santo uma relação de compromisso e troca, como aponta Maria Cecilia Minayo:

Quem busca a cura num santuário não se imagina frente a pequenos problemas que são resolvidos cotidianamente na luta da vida, com esforço pessoal ou pela colaboração de amigos, familiares ou companheiros. Quando uma pessoa em nossa sociedade se move pela cura está frente a situações que considera situações-limite, concretizadas em doenças graves, insegurança material e desordens morais. A procura de saída de circunstâncias aflitivas soa então como recorrência a uma “tábua de salvação. (MINAYO, 1994, p. 57).

Sala dos Milagres¹²



Fonte: Registrada pela autora, 2012.

A Sala dos Milagres constitui-se nesse espaço em que os devotos podem contabilizar os milagres, na medida em que o volume de ex-votos aponta para os tipos de milagres realizados pela Santa. Mas, mais do que uma demonstração da graça, eles evidenciam a lealdade do devoto

¹² Como já observado anteriormente, tivemos que recorrer a fotos mais contemporâneas, sendo que as fotografias acima são de maio de 2012.

para com a santa e contribuem para a consolidação da devoção, através da relação de proximidade que se estabelece entre eles e que, muitas vezes, se assemelha a vínculos familiares ou de compadrio.

O povo reza à Santa Cruz, manda cartas pedindo graças e conselhos, dá aos filhos como afilhados, tratando-a depois como madrinha ou comadre. E nesta intimidade chega a conversar com ela contando suas dificuldades e dando recado de pessoas amigas que não puderam vir. Houve tempo em que lhe ofereciam roupas para vestir-se e jóias para enfeitar-se (OLIVEIRA, 1991, p. 8).

É preciso também considerar que em uma relação de troca que é atemporal, o devoto que se direciona à festa de Santa Cruz dos Milagres, por vezes, agradece publicamente a graça alcançada através dos ex-votos, o que, por consequência, potencializa a formação de novos devotos.

O agradecimento geralmente revestia-se de diversas figurações: pinturas, desenhos, esculturas em cera representativas de uma parte do corpo – um membro, por exemplo – pertencente a quem alcançara o favor da cura recebida. Além de doações de grande valor que refletiam gestos de agradecer ao “santo” (BORGES, 2013, p.61).

E, ainda, que os ex-votos constituem uma espécie de materialização do milagre, do extraordinário que promoveu a conquista do que havia sido almejado pelo devoto, que só tem validade para aqueles que reconhecem o milagre e são tocados por ele, enquanto que, para os potenciais novos devotos que, através do conhecimento sobre a graça alcançada, passam a acreditar que o(a) santo(a) pode, de fato, promover curas, esses ex-votos os colocam próximo do mistério.

Nos ex-votos, permite-se entrever outra realidade: as moléstias são um modo simbólico de dizer como está a vida dos devotos, nos quais se observam a falta de saúde, emprego, moradia, inteireza etc. Entretanto, os fiéis sabem como transpor os percalços e recriar suas vidas. Eles conhecem o trajeto a peregrinar e também o ente sagrado de quem poderão valer-se (OLIVEIRA, 2007, p 104).

Ressaltamos que uma análise mais aprofundada das práticas de pagamento de promessa será feita no capítulo seguinte, quando trataremos a influência que os ex-votos exercem na dinâmica da festa. No momento, importa pensar a relação entre os ex-votos e a consolidação da devoção.

A análise do Livro do Tombo de São Felix, referente aos anos de atuação do Padre Davi Mendes, revelou que os períodos de maior procura pela Santa foram aqueles de instabilidade

econômica e desastres naturais, e, no caso específico de Santa Cruz dos Milagres, foi a seca que levou milhares de devotos até o Santuário.

[Festa de Exaltação – 1970] Este ano não era nada de esperar-se desta festa. Realmente a crise é terrível, já se reflete no pôvo a angústia pelos dias que virão certamente cheios de necessidade que alguns já começam a sentir. [...] o resultado financeiro da festa inesperadamente mais alto que o ano passado (Livro do Tombo I, 1968 – 1983, p. 53).

O Livro do Tombo confirma a percepção de que os devotos, em momentos de crise econômica e ambiental, procuravam ainda mais o Santuário, tornando-o ainda mais concorrido, pois àqueles que se dirigiam a ele para agradecer, se somavam aqueles que iam até ele para pedir por saúde e trabalho. Novos e velhos devotos se encontravam, e a cada relato de graça conquistada, a Santa Cruz ampliava o número de fiéis, que passavam a segui-la, inspirados, inclusive, na crença de que encontrariam a cura de seus males e alcançariam outras graças. Entre os romeiros estavam homens e mulheres que, de modo contrito, clamavam pela chuva que poderia garantir as colheitas e o fim da fome.

[1971] A crise terrível pela qual o povo está passando, é fato conhecido, faz agigantar-se qualquer movimento social, sobretudo os de ordem religiosa. No caso específico de Santa Cruz, é a insegurança do povo, arrastando-o para o apêlo do sobrenatural, mas é também como os demais movimentos, uma espécie de fuga das tensões [...] (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984, p. 111).

Como se pode observar, eram os períodos de seca e de fome que predominantemente levavam as pessoas a buscarem o conforto da Santa. Eles, no entanto, também foram acionados pela Igreja e pelos políticos para o atendimento de demandas terrenas associadas, em grande medida, a obras de infraestrutura na região, bem como para criticar a pouca fé do povo e seu distanciamento das divindades, como veremos ao longo do capítulo.

Partindo da citação do Livro do Tombo que transcrevemos acima, constata-se uma atração do sertanejo piauiense pelo sobrenatural, mas que, como observado por Emilio Pontes (2014), procura a graça e a misericórdia nas experiências diárias, nas quais um Deus misericordioso se faz presente mediante sua permanente invocação (PONTES, 2014, p. 157).

De acordo com Emilio Pontes, os sertanejos se apropriaram dos ensinamentos ministrados pelas ordens mendicantes que cruzaram os sertões. Esses ensinamentos sobre sacrifício e glória se manifestam nas devoções religiosas sertanejas e nas romarias feitas a pé sob sol escaldante e em meio à uma vegetação ressequida, que se constituem em demonstrações

de fé, animadas e contritas, que chegam a destoar da gravidade e da tristeza que acompanham os dias de estiagem.

A celebração festiva era, acima de tudo, uma forma de agradecer, mas também um apelo do fiel, um desejo de ser ouvido pela Bendita Cruz de aroeira. Assim, entendemos que, para seus devotos, a cruz não era uma fuga, como pensava padre Davi Mendes, mas uma fonte de esperança por dias melhores, pela superação das dificuldades e por chuva, que garantiria uma boa colheita e, conseqüentemente, o retorno dos romeiros ao Santuário no ano seguinte.

É preciso lembrar que o universo devocional está circunscrito às formas de compreensão do sagrado pelos fiéis, isto é, de como cada devoto vive a fé, com seus rituais de devoção. Nas festas, o sagrado e o profano dialogam e, antes de serem antagônicos, dão a lógica da festa, havendo espaço tanto para os atos de penitência, nos quais a dor significa plenitude e possibilita alcançar mais rápido o milagre, quanto de extravasamento da alegria. Como nos lembra Léa Perez (2002), as festas são, por um lado, um momento de conagração, no qual a transgressão e as normas se confundem. Mas nelas se dá também a reafirmação da devoção, através da confirmação do milagre. Neste sentido, a religião é “parte integrante e fundamental na estrutura da sociedade, e as celebrações religiosas se constituíram, a partir do século XVII, no momento quase exclusivo para que as pessoas se reunissem e se entregassem ao ‘lazer’” (SANTANA, 2009, p. 49), sendo, portanto, marcadas por um tempo em que se reza e se ajoelha, mas também por um em que se bebe e se dança para exultar a alegria pela graça alcançada.

É preciso considerar que, muitos dos que se dirigem à cidade de Santa Cruz, se mobilizam apenas para participar da festa e visitar o santuário da santa, não se dedicando devotadamente aos rituais conduzidos pela Igreja no templo. Essa conduta, aliás, pode ser percebida como uma desobediência aos preceitos institucionais, o que não significa que “[...] Quando os fiéis estão reunidos, o estado de efervescência religiosa” não se traduza por “movimentos exuberantes que não se deixam facilmente sujeitar a fins estritamente definidos”, pois eles escapam, sem objetivo preciso, pelo “simples prazer de se desdobrar”, como um jogo (PEREZ, 2002, p. 22).

Esses devotos, mobilizados pelas graças alcançadas, muitas vezes, seguem um rito coletivo, mesmo que fora das determinações institucionais, constituindo-se, assim, em uma devoção que é repassada por gerações, bastante flexível em relação aos milagres alcançados:

Embora as religiões exaltem a salvação e a vida após a morte, a maioria das pessoas busca na fé respostas para aflições cotidianas. No imaginário dos fiéis, a definição de milagre é elástica: ele pode ser grande, pequeno, reconhecido por todos ou percebido apenas intimamente. Neste contexto, o mártir ocupa

lugar privilegiado tanto no discurso eclesiástico como nas manifestações da religiosidade católica (ANDRADE, 2008, p. 257).

As discussões propostas por Léa Perez e Solange Andrade corroboram as análises feitas sobre a devoção à Santa Cruz dos Milagres, pois seus devotos também vão ao seu encontro em busca de coisas objetivas. Seus desejos, para além de um encontro espiritual, são pautados por necessidades pessoais muito claras e pelo desejo de uma resolução de suas aflições cotidianas, que estão, em grande medida, vinculadas à seca.

Mesmo que a primeiras narrativas produzidas sobre o Nordeste, a exemplo do trabalho de Euclides da Cunha, falem de um sertão inculto, pobre, e de uma mestiçagem improdutiva, no sertão que estamos descrevendo sobrepõem-se as adversidades climáticas e políticas para fazer um híbrido movimento de restauração e recriação de suas práticas, seja de fé ou de sobrevivência no semiárido. Cabe lembrar que essa seca, que historicamente assola a vida do nordestino, também serviu de plataforma política ou religiosa, pois muitos se apegavam à inevitável condição climática dessa região para fazer dela elemento de graça ou de castigo.

Santa Cruz dos Milagres tornou-se, assim, a santa protetora dos pobres agricultores. Vale lembrar que foi um vaqueiro quem primeiro recebeu uma graça da santa, um representante dos sujeitos que viviam naquela região do Piauí, muitos deles há léguas de distância de outras localidades, e, na maioria das vezes, “em pecado”, mantendo relacionamentos maritais com negras e mulatas, e experimentando os atos de fé apenas nas desobrigas, isto é, a visitas religiosas feitas às localidades mais distantes, que seriam parte das missões religiosas e, no caso do Piauí, serão importantes até meados do século XX, como importante elemento de evangelização do povo.

O vaqueiro teve inegável importância no processo de formação econômica do Piauí. Este indivíduo, que desempenhava funções nas fazendas de gado, apesar de mestiço ou mulato, contava com a total confiança do dono da terra, o que acabava garantindo certa ascensão social, pois, segundo Brandão “[...] apenas a vaqueirice era compatível com o homem livre. Além desse aspecto, havia probabilidade de edificação de fazendas próprias [...]” (2015, p. 156). Inseridos na lógica escravista, esses vaqueiros garantiam seu lugar social pela aquisição de cativos, o que, em alguns aspectos, os assemelhava aos patrões.

Nesse território de práticas escravistas e de relações de poder marcadas pelo compadrio, o vaqueiro, um sobrevivente do sertão, também surge como o sujeito que encontra o extraordinário, como e pode constatar no primeiro registro de graça alcançada, justamente, por intermédio da cura da filha de um morador do sertão. Cabe salientar que as práticas devocionais sertanejas diferem das do homem do litoral, pois o homem sertanejo vive em um espaço que

fomenta suas experiências com o sagrado. O sertão é o lugar das aparições misteriosas e martírios, que acabam por tornar santos muitos homens e mulheres, como se pode observar no caso da Santa Cruz dos Milagres, município que vive a seca devido às chuvas irregulares. Dione Moraes refere-se, desta forma, ao sertão piauiense:

[...] os lugares geográficos ou sociais identificados como sertão em sua trajetória histórica no Brasil – o Piauí não foge à regra – recebem avaliação ora positiva, ora negativa, dependendo do ponto de vista: interior perigoso/fonte de riqueza; exílio/liberdade e esperança; inferno/paraíso (MORAES, 2006, p. 17).

As práticas sociais dos sujeitos e o modo como enfrentam as diversidades dizem muito sobre sua aproximação com o sagrado e com as divindades. O sertão, costumeiramente entendido como lugar inóspito, se caracteriza por uma expressão muito particular de religiosidade, como se pode observar nas rezas, nas promessas e nas narrativas dos vaqueiros e caçadores, que relatam seus encontros com o sobrenatural, fazendo com que o povo que vive nessas paragens seja temente a Deus e respeitador das coisas de outro mundo. O sertão não é, portanto, um espaço vazio, mas cheio de vida, como se pode observar na tradição oral que valoriza os mistérios e crenças do espaço no qual os sertanejos vivem.

[...] para o entendimento desses sertões foi fundamental o encontro etnográfico com sertanejos e sertanejas do sudoeste piauiense em seu modo de vida e suas tradições orais que, como a do “fogo do campo” ou “luz do campo”, falam de fortunas acumuladas em segredo e escondidas, pelos antigos, em locais ermos como uma marca da presença humana ancestral nas “chapadas”. São narrativas que, através de representações do além, referem as “chapadas” como terras de donos antigos e, ao mesmo tempo, assinalam esses locais como, de certa maneira, ermos, fins-de-mundo, e com um matiz sobrenatural (MORAES, 2006, p. 19).

É nesse espaço sertanejo, onde abundam os relatos orais sobre os milagres, que surgiu e se consolidou a devoção a Santa Cruz dos Milagres, uma santa que se diferencia dos santos tradicionais da Igreja Católica, pois não passou por processos de beatificação, nem santificação e, apesar de ter sido personificada por seus devotos, não possui uma hagiografia, não havendo nada escrito, especificamente, sobre ela. É importante frisar que, para a Igreja, no período temporal analisado, a Cruz representava antes de tudo o martírio, não sendo necessariamente um elemento de milagre, capaz de promover o extraordinário, enquanto que para os devotos a Santa, a madrinha, era a fonte de cura.

As fontes, especialmente as do Livro do Tombo da Arquidiocese do Maranhão dos anos 1870 a 1888, apontam para a precarização do serviço religioso, o que, em certa medida, teria

contribuído para a adoção de práticas religiosas um tanto distantes da ortodoxia católica, sendo comum a construção de pequenas capelas junto aos mais importantes templos como forma de controlar as manifestações religiosas que fossem dissonantes.

O serviço religioso, de tempos em tempos, para desobrigar, esteve restrito à administração dos sacramentos que por um lado massificou o crente sem respeitar-lhe o acolhimento consciente e livre, e por outro inculcava uma visão de excepcionalidade, de algo prescindível, ainda mesmo nas urgências da morte, isto propiciou uma catequese ou educação para fé, entendida como memorização das verdades a crer e dos preceitos a cumprir [...] (SILVA, 1982, p. 17)

A própria inserção da Igreja Católica no sertão do Piauí foi feita de forma a educar os fiéis para as boas práticas religiosas, afastando-os dos vícios que grassavam pelo sertão piauiense, mediante o ensino da doutrina e a administração dos sacramentos, mesmo que em algumas circunstâncias a pregação do padre parecesse inalcançável. A Divina Santa Cruz, por menos canônica que fosse, representava um importante elemento de devoção católica, sendo o símbolo dos primeiros fiéis, que usaram a cruz como símbolo de misericórdia e do sacrifício de Cristo, e, também, como instrumento de graça e expiação de pecados.¹³

A crença na santa só será reconhecida a partir da legitimidade a ela conferida pela Igreja, isto porque, segundo Nestor Canclini (2013), os populares “desprovidos de cultura” precisam das bençãos da elite para que tenham suas devoções reconhecidas, e, no caso da Santa Cruz dos Milagres, é a Igreja Católica que seleciona o que é digno ou não de culto.

O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegaram a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos. (CANCLINI, 2013, p. 205).

De acordo com esse autor, o termo popular é usualmente associado a algo ultrapassado, inculto e supersticioso. Canclini observa, no entanto, que as práticas próprias de comunidades rurais não devem ser, em razão dessa percepção, tidas como menos relevantes ou simplistas. Nas memórias do Padre Davi Mendes e nas narrativas de alguns intelectuais piauienses, contudo, a devoção à Santa Cruz dos Milagres constitui-se em manifestação religiosa de um povo pobre que, por pouco conhecimento, abraçou a cruz de aroeira, tratando-se, na verdade,

¹³ Divina Santa Cruz e Bendita Santa Cruz são termos utilizados pelos romeiros/devotos para se referirem à Santa Cruz dos Milagres.

de uma prática arcaica de fé desordenada. Mas para os verdadeiros “fazedores da devoção”, isto é, os sertanejos, a devoção celebra a bendita santa, a cruz que zela cotidianamente por todos os que vivem no sertão.

A devoção à Santa Cruz dos Milagres se insere nos movimentos religiosos rurais bastante comuns até o século XIX, dentre os quais se encontra a devoção a Padre Cícero, no Ceará, e a Bom Jesus, na Bahia. Este último, aliás, foi estudado por Carlos Alberto Steil (1996), que também percebe o espaço e as experiências cotidianas dos sujeitos como relevantes para o seu modo de crer. Apropriando-nos do olhar de Steil, podemos dizer que esses santos sertanejos formaram uma rede tão forte, que foi capaz de atrair, além dos fiéis, também os setores públicos e privados, que, a partir da década de 1960, se envolverão nessa manifestação de fé.

A devoção a Bendita Santa também surgiu a partir de um sujeito venerável, um beato, homem respeitado e conhecido nas paragens nordestinas e que atuou como mediador entre os devotos e a santa, homem de corpo franzino e que usava roupas escuras e grossas que o protegiam do sol e da vegetação durante a época da estiagem. Mas o beato das terras de Santa Cruz dos Milagres não estava ligado a nenhuma ordem religiosa. As fontes, inclusive, o apontam como um andarilho do sertão, que peregrinava pela terra árida, levando a palavra e apontando a graça.

A figura do beato ou beata é comum no Nordeste. O beato, sempre celibatário, faz voto de castidade, real ou aparente, e não tem profissão. Ele trabalha pela causa de Deus e vive da caridade dos bons e da exploração dos crentes. Veste-se à maneira de frade: uma batina de algodão tingida de preto, uma cruz às costas, um cordão de São Francisco amarrado à cintura, uma dezena de rosários, uma centena de bentinhas, uns saquinhos com breves religiosos e orações poderosas, tudo pendurado no pescoço. (GOMES, 2015, p. 86).

Nessas regiões do Nordeste brasileiro, de pouca presença do “Deus institucional”, os beatos atuavam como missionários, principalmente por sua aproximação com o povo. Eram respeitados por serem “homens santos”, que viviam a lógica da comunidade e dialogavam de igual para igual com eles, diferenciando-se dos padres e missionários que faziam as desobrigas no sertão: “os missionários encaravam as coisas dentro de uma racionalidade eclesiástica, enquanto o Beato vê o mundo a partir de uma racionalidade mística” (HOORNAERT, 1997, p. 24), na qual todos eram escolhidos por Deus e conseqüentemente sujeitos a experimentar o extraordinário. Vale lembrar que a função desempenhada pelo mediador é a de tornar o divino “acessível imediatamente a todos e tão próximo que o mediador humano ocupa papel de servidor religioso do sagrado grupal, e o próprio mediador da religião oficial (missionário itinerante) aparece revestido apenas de seu caráter funcional” (BENEDETTI, 1983, p. 29-30).

Como já observado em outro momento, o calendário litúrgico de Santa Cruz dos Milagres é formado por três festas que ocorrem ao longo do ano. A primeira festa de Santa Cruz dos Milagres é a Festa da Invenção de Santa Cruz. Nela, o ato é quase penitencial, e a festa acontece em dois dias, de 2 a 3 de maio, sendo que o terço e as celebrações de missa se iniciam já no dia 1º de maio. O dia de penitência acontece em 2 de maio, quando os devotos se organizam ainda no alvorecer. Um número significativo de homens e mulheres deixa suas casas, hotéis ou os abrigos sob as árvores¹⁴ para seguir em direção ao adro da Igreja.

De forma silenciosa e contrita, esses devotos seguem em direção ao morro, onde se encontra a Igreja de Santa Cruz dos Milagres, para as celebrações que têm início com uma ladainha de chamada dos devotos, para que, assim, seja iniciada a reza do terço. Por volta das 7h da manhã começa a celebração da Invenção, sendo que o ritual “consiste fundamentalmente em recitar cem (100) vezes uma pequena oração seguida da Ave Maria e o santo sinal, depois de que, cada vez, a pessoa se ajoelha e beija o chão”. (Livro Tombo I – São Felix do Piauí 1968-1983).

A prática secular é repetida e seguida por jovens e velhos, de forma tão apaixonada, que mesmo um olhar menos “devoto” não deixa de se admirar. Os atos penitenciais são feitos de modo mais contrito e apaixonado por idosos, que se ajoelham, beijam o chão e olham calorosamente para a Santa Cruz, que é colocada do lado de fora da Igreja. As orações, sob a forma de ladainha, são repetidas pelo padre, amplificando a manifestação de fé pelos devotos. Os idosos que mantêm as práticas ancestrais servem de modelo para os jovens que os seguem, pois eles não se furtam de suportar a dor, apesar das limitações da idade.

Na verdade, algo que se observa é que velhos e jovens desenvolvem as mesmas atividades, o que os diferencia é a experiência desses sujeitos, que aprenderam pelos ensinamentos geracionais, que as súplicas promoveriam a graça. O que pode ser observado é que muitos desses homens e mulheres aprenderam, com seus pais, não apenas a crer na santa, mas também o modo como deveria ser devotada, evidenciando o que nos lembra Michel Pollak (1992), isto é, que uma memória pode ser mutável e orientada pelo significado que cada um dá às experiências vividas.

Como sugere Renata Menezes (2009), o santo é o resultado da interação com seus fiéis, se relaciona com aquilo que é capaz de resolver e até com novas atribuições que podem ser nomeados pelos devotos, pois o santo, para além das narrativas fantásticas, transita não somente

¹⁴ Desde o início da devoção, há registros de que muitos dos romeiros se instalam à sombra de árvores da região, como as de jatobá, chapada, faveira e aroeira, que servem de abrigo enquanto se encontram na cidade de Santa Cruz dos Milagres.

pela memória dos que foram tomados pela graças, mas, também, por aqueles que ouvem e passam a interagir com as narrativas. O santo, enquanto esse “sujeito multifacetado”, é capaz de se transformar e se integrar ao cotidiano de seus fiéis.

[...] um santo é resultado da interação entre sua história, sua tradição, sua reputação de santidade e as apropriações locais/ conjunturais desse repertório. Ele possui “plasticidade”, isto é, a capacidade de suportar projeções e absorver significados, deixando ou não outros lados, de distintos tempos e espaços, colocando-se numa certa abertura em relação aos grupos que cultuam. (MENEZES, 2009, p.114).

Nesse momento, não importa que as narrativas sejam conflitantes, e nem mesmo as narrativas históricas importam (MENEZES, 2009), pois na devoção existem verdades fantásticas. Para um devoto o que importa não é o início e, sim, como a devoção é capaz de permanecer para além das transformações, que acabam criando novas narrativas à história do santo. Assim, manifestações religiosas como Santa Cruz dos Milagres expandem-se para além do espaço de atuação inicial, tornando-se patrimônio de todos.

Nas narrativas sobre a Santa Cruz dos Milagres e sobre seus devotos observa-se que cada sujeito apreendeu, do seu jeito, as experiências vividas ao visitar o Santuário, ou, então, ao ouvir as narrativas de seus antepassados, sendo que grande parte são passadas oralmente, o que, segundo Verena Alberti, torna as narrativas vivas e, ao mesmo tempo, tão contemporâneas para quem as escuta:

[...] é da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu-a, por isso dá vida, [...] E, ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais [...]. (ALBERTI, 2004, p. 14)

Os devotos da Santa se prostram o mais próximo possível da cruz, como se a graça pudesse ser alcançada pelo seu simples toque. Como bem observado por Alessandro Portelli (1997, p. 29), “as narrativas essenciais: revelam as emoções do narrador, sua participação na história e a forma pela qual a história o afeta”, e, até mesmo, as memórias escritas por Padre Davi Mendes de Oliveira, apesar de partirem de um olhar institucional, não puderam ignorar a demonstração de devoção à cruz pelo povo de Santa Cruz.

As emoções são expostas de modo alegre, traduzindo o agradecimento pelas graças promovidas pela Santa. As ações, postura e modos de os devotos se relacionarem com a Santa

são repetidos tanto pelos fiéis habituais, quanto por aqueles que se dirigem pela primeira vez ao Santuário. Como em um ciclo, a festa e o ritual são repetidos anualmente, assim como os excessos cometidos no ato da celebração. Em suas memórias, Padre Davi descreve, até com enternecimento, os comportamentos dos devotos/romeiros, pessoas tomadas pelo desejo de cura e saúde, que buscam o Santuário, ao mesmo tempo em que critica o que ele chama de distorções no culto:

[...] Percebe-se em todas as atitudes, no modo de falar nela [SANTA CRUZ], ao entrar no Santuário, ao beijá-la depois das celebrações. É de não esquecer a velhinha tocando na cruz e passando depois a mão sobre os olhos cegos, na esperança de recobrar a vista. E quando a cruz por vezes é levada a outras comunidades, o trabalho para em todo o percurso, quando os moradores da margem da estrada querem ao menos vê-la de mais perto e tocar nela, na passagem (OLIVEIRA, 1990, p. 08).

Essa necessidade de tocar a relíquia e de extrair dela seus poderes curativos nos remete às celebrações coloniais, durante as quais, como observado por Martha Abreu (2002), a bandeira do divino era tocada por lábios de negros e brancos, o que levou os viajantes europeus a, cheios de preconceito, falarem da atração que os negros sentiam pela bandeira do Divino, um fascínio que poderíamos comparar ao que a Santa Cruz dos Milagres exerce sobre seus devotos. Eles desejavam tocá-la ou, então, possuir uma relíquia que serviria de patuá protetor nos momentos de adversidade. No sertão do Piauí, a Santa Cruz, que antes era apenas um símbolo da vitória de Cristo sobre a morte, passou a ser vista como “aquela que opera curas” e seus pedaços, antes tidos como relíquias, passaram a ser também usados em chás e beberagens, como atestam as ranhuras feitas em seu lenho.

Fotografia 1: Devotos buscando benção¹⁵

Fonte: Registrado pela autora, 2012¹⁶

Os pedaços da cruz, que compõem esses remédios, passam a representar as dádivas da Santa, aquilo que é distribuído aos seus fiéis de forma gratuita, compartilhando um dom. Esta utilização da cruz pelos devotos evoca o proposto por Marcel Mauss (2013), em seu estudo sobre a dádiva entre certos grupos tribais. Sob essa perspectiva, o consumo de partes da Santa Cruz dos Milagres pode ser percebido quase que como um rito antropofágico.¹⁷ A cada lasca levada da cruz, esses devotos levariam um pouco do dom da cura da Santa, que se daria através do chá e, posteriormente, pelo toque.

Quanto à peregrinação da Santa por outras comunidades, ela pode ser comparada com as peregrinações de Cristo, sendo que a cruz abençoa cada fiel por onde ela passa, provocando inúmeras demonstrações por parte dos devotos que querem sorver o dom da Santa pelo toque das mãos, a exemplo do que Marc Bloch nos relata na obra *Os Reis Taumaturgos* de (1999).

¹⁵ As marcações em preto, na imagem, são para registrar as lascas retiradas pelos devotos de Santa Cruz dos Milagres, a partir da década de 1970 a Santa passa a ser protegida por essa redoma.

¹⁶ A utilização de fotos mais contemporâneas ao recorte temporal da tese se deve à falta de imagens que retratem as festas à Santa Cruz no período estudado.

¹⁷ O termo utilizado é devido à própria ação dos devotos, que consideram a Cruz uma Santa, ou seja, a personificam. Ao retirarem suas lascas, eles também estão agindo como se consumissem um corpo santo.

No caso de Santa Cruz dos Milagres, ela também aparece ligada à graça, à misericórdia e à aliança, ao proteger os sertanejos em meio às dificuldades provocadas pela seca.

Iniciamos a descrição das festas à Santa Cruz pela Festa da Invenção, que foi, durante muitos anos, uma festa marcada por sacrifícios realizados pelos fiéis que se deslocavam até Santa Cruz, já que o mês de maio é o período chuvoso na região. Até o ano de 2004, a região não possuía um sistema de estradas eficientes e nem ponte sobre o Rio Sambito, o que dificultava a travessia, sendo que o deslocamento era feito por canoas e os devotos enfrentavam lama, as chuvas e a própria subida do morro, o que representava concretamente um exercício de fé, como se pode constatar nesse registro feito no Livro Tombo:

É de fato uma penitência violenta, que lembra bem a ação dos missionários do século passado, tão forte que nem todos são capazes de fazê-la integralmente e que a faz, por muitos dias sente o efeito no corpo todo. Fazendo tudo com o povo o vigário achou que seria o caso de valorizar a devoção para uma melhor compreensão e vivência de seu sentido (Livro Tombo I – São Felix, 1968-1983).

Padre Davi via na Festa da Invenção o “verdadeiro” sentido cristão, pois, para ele, a devoção significava sacrifício, penitência e contrição, que deveriam ser feitos de forma silenciosa, sem que os fiéis se perdessem em distrações como as que se faziam presentes em outras festas dedicadas à Santa Cruz.

Embora de origem popular, esta devoção e este exercício seguem bem de perto a linha de espiritualidade do povo cristão, sobretudo entre nós, no século passado. Foi o tempo em que se valorizava mais o sentido da penitência corporal, buscando na Paixão de N. Senhor o seu paradigma. Era o sentido de expiação dos pecados pelo sofrimento [...] (OLIVEIRA, 1990, p. 25).

Já a Festa de Exaltação ocorre no mês de setembro, tradicionalmente marcado pela estiagem, o que fazia com que os fiéis pedissem por chuvas para os meses posteriores. Assim, se na Festa da Invenção, a chuva era celebrada¹⁸, nada mais apropriado do que pedir por ela no mês de setembro, quando ela escasseava. Por ocasião dessa festa, alguns fiéis ficavam aos pés da Divina Santa Cruz, pedindo um inverno de fartura, alguns vinham agradecer pela colheita nos períodos de chuva, enquanto outros, cheios de lamento, clamavam pela misericórdia da

¹⁸ Não há, no Livro do Tombo e nas memórias, qualquer menção a que esta festividade seja, efetivamente, de agradecimento pelas chuvas. Esta interpretação parte da constatação de que, durante a Festa da Exaltação, as chuvas são pedidas pelos fiéis, a fim de garantir as colheitas e evitar a seca. Além disso, há os fatores físicos, já que o período é conhecido como período do BR-Ó-BRO, que vai de Setembro a Dezembro, e é considerado o período mais quente na região.

santa interventora. Mas todos, de forma penitente, entoavam seus Benditos, cantos que pedem pelas chuvas, que trariam de volta a esperança aos fiéis da santa, em sua maioria, agricultores:

Bendita as chuvas meu Jesus Menino,
Chuva pra os inocente que são pequenino
Chuva pra os inocente que são pequenino

Acorda meu anjo e me ajuda eu rezar
Acorda meu anjo e me ajuda eu rezar

Que as árvore estão seca e quer vir verdejar
Que as árvores estão seca e quer vir verdejar

As árvore estão seca que não fazem sombra
Morrendo de sede e a gente de fome,
Morrendo de sede e a gente de fome [...] ¹⁹

No período das festas, muitos fiéis vêm à Santa Cruz de regiões próximas, bem como de outros estados que fazem fronteira com o Piauí, como Maranhão, Ceará e Pernambuco, e solicitam as graças da santa. O que os une é a condição de marginalizados e empobrecidos, devido à pouca assistência dada à saúde e à ausência do estado na região, que se estendia também à Bacia do São Nicolau.²⁰ A ausência do poder público deixava a população sem serviços básicos, como atendimento médico e água potável, algo que, na percepção dos devotos, era atendido pela Santa, que, através de seus milagres, assegurava essa assistência tão esperada pelo povo.

No final dos anos sessenta e início dos anos setenta ainda mais devotos buscaram a Santa Cruz dos Milagres. Em sua maioria, clamavam pela misericórdia divina e viam na cruz a interventora capaz de auxiliá-los não apenas em relação às secas, mas, também, em relação às dificuldades advindas do período da ditadura civil-militar, tais como a crise econômica acompanhada de uma inflação flutuante.²¹ Embora não fossem sentidos diretamente os efeitos

¹⁹ Bendito entoado após a missa nas festas em comemoração à Santa Cruz dos Milagres, ocorridas em setembro de 2012. Esse ano, inclusive, foi de chuvas irregulares, o que ampliou os números de pedidos de chuva aos pés de Santa Cruz.

²⁰ Rio que corta Santa Cruz dos Milagres e deságua no rio mais importante da Região, o Sambito. Para maiores informações ver: SANTIAGO, Cristiane Maria Cordeiro; SALES, Marta Celina Linhares e PAULA, Jorge Eduardo de Abreu. Caracterização físico-ambiental da bacia do Rio São Nicolau - semiárido piauiense. *Revista Equador*, 2013, 1º, volume 1, p.118-139.

²¹ Diferentemente de outros estados nordestinos, o Piauí teve fortes manifestações no campo em prol da Reforma Agrária, mas estas foram um tanto mais modestas se comparadas com as ocorridas na Paraíba, por exemplo. Alguns autores, inclusive, falam da experiência ou de modelos de liderança no sertão que teriam servido de exemplo para esse movimento ocorrido em Marrecas, na década de 1980, no Piauí. Para maiores informações sobre esse tema, ver: SILVA, Gisvaldo “Um levante no sertão do Piauí: A trajetória camponesa na formação do assentamento Marrecas (1985- 1995)”. - Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2012; AGUIAR, Marcondes Heberte. “A juventude e a luta pela terra no Piauí: memórias no processo de construção do assentamento Marrecas – PI (1985- 1994)”, – Dissertação de Mestrado em Memória,

do regime, os agricultores do interior do Piauí sentiam os efeitos da política econômica adotada pelos militares, que, aliada às condições climáticas, com anos seguidos de estiagem, desestabilizavam a população.

[Festa de Exaltação Santa Cruz 1970] - Este ano não era nada de esperar-se desta festa. Realmente a crise terrível já se reflete no povo a angústia. Pelos dias que virão certamente cheios de necessidade que alguns já começam a sentir. (Livro Tombo I – São Felix, 1968-1983).

No Livro do Tombo, Padre Davi Mendes menciona a quantidade de pessoas que participavam da festa, vencendo, inclusive, as dificuldades do trajeto, que, como já mencionado, na década de sessenta e setenta eram imensas. Muitas dessas pessoas e famílias inteiras se organizavam ao longo do ano que antecedia a festa para ficarem na cidade durante os 10 dias. Na maioria das vezes, o deslocamento até a região era mais do que uma viagem motivada pela fé, pois envolvia também a busca por produtos, como roupas, calçados e especiarias e por entretenimento.

Durante os dias da festa, barracas ofertavam todo o tipo de produtos e divertimentos, e se espalhavam pela cidade, o que dificultava o exercício pastoral e transformava a festa, que, sob o olhar do Padre deveria ser predominantemente religiosa, em uma festa também profana. No caso de Santa Cruz dos Milagres, vale lembrar que a suposta dualidade entre sagrado e profano é suavizado entre os romeiros, que percebiam as celebrações vividas na rua como extensão da devoção.

As festas e as procissões à brasileira revelam uma sociedade que, desde o seu começo, vive do espetáculo, das mudanças e da fusão de vários códigos e registros intermutáveis, que ri de si mesma, que poetiza as relações dos homens consigo mesmos e com os mundos nos quais vivem, ou seja, o profano e o sagrado (PEREZ, 2002, p. 43).

Os elementos não sagrados atuam como uma espécie de complemento da celebração religiosa, aspecto que aprofundaremos no capítulo seguinte. É importante ressaltar que, assim como Léa Perez, entendemos as festas em homenagem à Santa Cruz como resultantes da fusão de vários elementos que não descredibilizam ou enfraquecem a fé do devoto e, muito menos o valor que o Santo tem para esses fiéis, na medida em que determinam a afluência e permanência dos fiéis no lugar santo.

Linguagem e Sociedade. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018. e LIMA, Marcos Fernandes. “O MST e a luta pela terra no Piauí: história e memórias familiares (1989 – 2014) – Dissertação de Mestrado História Social. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2017.

Ao longo dos anos, os devotos aprimoraram a festa a seu modo, imprimindo nela suas experiências e modos de vivê-la, vivenciando um “sagrado de transgressão” (PEREZ 2002, p.31), no qual o corpo que se prepara para o sacrifício da fé é o mesmo que se prepara para os atos profanos da festa. No caso de Santa Cruz dos Milagres, o povoado se organizava para as celebrações, assim como as cidades circunvizinhas, que viam uma oportunidade de confraternizar:

Vale dizer que a festa é necessariamente desordem, no sentido de transgressão das interdições e das barreiras sociais usuais. Ela promove uma imensa fusão comunicacional, por oposição à vida ordinária, que classifica e separa, que desgasta as energias da sociedade. A ordem é essencialmente usurária, o tempo é dilapidador (PEREZ, 2002, p. 31).

Muitos dos romeiros-devotos vivem a festa para além das experiências de fé na Sagrada Cruz, pois, durante a ocasião, confraternizam com outros fiéis, recebem notícias de familiares e amigos, e celebram a vida e tomam conhecimento da morte de familiares e amigos. As festas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres promovem, portanto, reencontros não apenas com a cruz, mas também entre os devotos que se dirigem à cidade a fim de pedir bênçãos e agradecer. Elas são, ainda, espaço de recriação e reapropriação da devoção, como apontado por Martha Abreu (1999), em sua análise de festas religiosas do século XIX. Este aspecto se manteve presente na devoção à Santa Cruz dos Milagres e, no período das décadas de 1970 a 1990, “na[s] festa[s] misturam-se alegria e angústia, regozijo e violência, prazer e dor [...]” (PEREZ, 2012, p. 26), um misto de sentimentos expressados pelos devotos no momento da celebração.

Essa expressão de sentimentos devocionais nos permite refletir sobre a experiência social desses sujeitos e sobre a maneira como celebram e cultuam os santos. Para tanto, é preciso pensar para além dos atos de contrição, isto é, pensar também nos acordos feitos com a divindade, pois as promessas e o retorno anual ao Santuário também podem ser vistos como uma negociação, um compromisso entre os devotos e a santa, que não se eliminam com o milagre alcançado.

Célia Borges (2013), ao analisar as celebrações religiosas, ressalta as relações que os devotos mantinham com as festas religiosas e a importância que tinham os lugares de veneração a um santo:

Esses centros de devoção permitiram aos colonos dar expressão à sua fé, ao mesmo tempo em que lhes proporcionavam o encontro com outros homens e mulheres, gerando a formação de novos laços sociais. Nessa diversidade de lugares sagrados, alguns centros destacaram-se mais do que outros, como

resultado das narrativas míticas suscitadas ao seu redor (BORGES, 2013, p. 60).

A festa religiosa e, por conseguinte, a homenagem à santa de devoção, é um momento que se afasta da lógica cotidiana, pois implica, primeiramente, na preparação da festa e, posteriormente, na confraternização entre os sujeitos, que se dá desde a romaria feita em grupo até o Santuário, durante a qual relembram as romarias anteriores, até o momento propriamente dito da festa. Nesse momento, os novos devotos passam a integrar a “família” de romeiros-devotos, que seguem juntos em peregrinação.

[A festa] é um evento religioso que festeja a santa padroeira, relacionando-se ao sagrado, às comemorações da ordem e da hierarquia sacralizada e, para além disso, permite uma intensa gama de informalidade festiva, de confraternização, solidariedade e regras igualitárias de convivência (ALVES, 2005, p. 42).

Já reafirmamos ao longo do texto a peculiaridade da devoção do sertanejo, “adaptada às suas próprias concepções da vida e das coisas, as suas necessidades materiais imediatas” (FACÓ, 1991, p.140), sendo que o modo como se relacionam com uma divindade revela, inclusive, a realidade econômica e social desses romeiros-devotos, que nem sempre é aceita pela Igreja, como podemos observar nas ações tomadas por Padre Davi Mendes, que tentará normatizar a devoção.

Para além dessa relação entre santo e devoto, há também a relação entre os devotos e a cidade, que para alguns deles seria a extensão da relação com a própria santa, já que tudo que está próximo ao Santuário da Santa Cruz é considerado como “terra da Santa Cruz”. Tudo o que está em cima do morro, no pé do morro ou próximo do olho d’água é considerado como parte do território da Santa.

[...] Trata-se de uma demonstração de fé que adquire nítida espacialidade, pois envolve o deslocamento de um lugar a outro, o qual, em muitos casos, é marcado por uma periodicidade regular. Envolve, assim, espaços e tempos fixos (os lugares sagrados) e fluxos (a peregrinação) (ROSENDAHL, 2012, p. 19).

Como já informado anteriormente, foi no olho d’água, em suas águas milagrosas, que a primeira pessoa a receber a graça da Santa Cruz, a filha do vaqueiro, teria se banhado. A água, na liturgia cristã, aparece, muitas vezes, como elemento de purificação e de dor. No caso específico da devoção à Santa Cruz dos Milagres, a água aparece como que magicamente, pois o vaqueiro, andarilho daquelas paragens, desconhecia a existência daquela fonte, que viria a ser associada à “Bendita Santa Cruz” e passaria a ser invocada para curar os enfermos. No livro

de memórias do Padre Davi Mendes, encontramos as narrativas sobre essa água milagrosa, que junto da Santa Cruz, teria operado curas no sertão do Piauí. Segundo o livro, o beato teria descido do morro, onde teria depositado a cruz, e, “[...] já próximo ao Rio São Nicolau, mostrou-lhe uma nascente de água (olho d’água) que o vaqueiro não conhecia, apesar de tantos anos campeando naquela região. Também falou que, por aquelas águas, até milagres ali haveria de acontecer” (MENDES, 1990, p. 06).

Para o historiador Sérgio Romualdo Brandim, a cruz sagrada é o elemento de aproximação com Deus, enquanto que a água, por garantir a expiação dos pecados, deve ser percebida como elemento purificador.

O olho d’água, assim como a cruz, foi apresentado ao vaqueiro, próximo ao morro, nesse sentido, é interessante sabermos qual a possibilidade de um homem que vive numa região de tanta necessidade de água não conhecer todas as suas fontes existentes! Nesse caso, o beato não lhe mostrou algo já existente, e sim, uma fonte nova. É uma fonte de purificação dentro do sertão, poderíamos considerar a sua proximidade com o rio São Nicolau e isso diminuiria a sua característica de fonte de água comum (BRANDIM, 2007, p. 48).

Essa tônica purificadora da água pode nos levar a outro importante ponto: o da água como sobrevivência. As longas estiagens secavam o solo, o tornavam impróprio para o cultivo de subsistência, fazendo com que os moradores migrassem, deixassem a terra natal e seguissem em busca de oportunidades em outros lugares. BARROS (2001) trata da realidade do sertão de maneira apaixonada, lembrando que, apesar dos infortúnios o homem sertanejo anseia a volta, retomar suas origens e se encontrar com sua comunidade. Assim, abundam as histórias de idas para o sul e sudeste, e as festas religiosas eram uma das poucas oportunidades que o filho da terra tinha de rever todos.

A Festa de Exaltação à Santa Cruz dos Milagres seria, portanto, um lugar de encontros de famílias e de romeiros, de bênçãos e de pagamento de promessas, bem como de festas marcadas por danças, compras e bebedeiras. Durante as festas, as lembranças de outras festas, romarias e milagres são compartilhadas na mesa do botequim, que se torna uma extensão do culto orientado pela Igreja. Mas a celebração à brasileira, como diz Roberto da Matta, que misturava os “sacolejos” com a oração, era tida como inadequada. Os jogos que alegravam velhos e moços, a venda de produtos de todo gênero, e os corpos comerciáveis dispostos na viela do povoado, causavam dissabor ao padre, pois distanciavam a festa de sua dimensão sagrada.

Fechando o ciclo de Festas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres acontece, no dia de todos os Santos, o chamado “Encontro dos Santos”. Diferentemente das duas primeiras festas, a da Invenção e a da Exaltação da Santa Cruz, que se caracterizam por práticas e expressões de devoção religiosa criadas espontaneamente pela população, sem a intervenção de instituições religiosas oficiais, o Encontro pode ser denominado de festa “institucional”. O Encontro foi instituído em 1990, pelo Padre Davi Mendes de Oliveira, como parte de sua estratégia de doutrinação dos fiéis e de ordenação das homenagens à Santa Cruz.

Assim já na festa o vigário convocou a Paróquia de S. Felix do Piauí, onde está implantado o Santuário, para a primeira Romaria Oficial, marcada para o dia 28 de outubro, domingo. O vigário foi depois a cada comunidade São Felix, Baixa Grande, Buriti do Castelo, Prata do Piauí, Aroazes e São Francisco levando o convite, preparando o tipo de organização, falando para o povo sobre o sentido do movimento. (Livro Tombo II – São Felix, 1984-1993)

O Encontro dos Santos se constitui no “encontro” dos santos de cada paróquia piauiense, que, ao serem levados à Santa Cruz, promoveriam uma celebração celeste, pois ele promoveria a reunião dos santos de devoção de todas as paróquias piauienses, agregando o povo e assegurando, assim, a ligação entre as paróquias piauienses e o Santuário. Além dessa ligação entre as paróquias, o Encontro deveria observar as regras propostas pelo Padre Davi Mendes, de forma que os fiéis devotassem “corretamente” a santa, afastando-se do comércio e das noites festivas, aproximando-se, assim, da ortodoxia católica.

A princípio, Padre Davi Mendes nomeou o “Encontro” de “I Romaria Oficial”, sendo que seu objetivo era instituir uma manifestação devocional mais organizada que, na comparação com as outras, deveria pautar-se, essencialmente, pelos rituais católicos e pela oração, distanciando-se das festas da Invenção e da Exaltação:

Cada comunidade deveria comparecer com o maior número de pessoas levando a imagem do seu padroeiro. Foi grande o entusiasmo entre todos os lugares. No dia 28, às 7: 30 horas da manhã já se encontravam todos no pátio da Fazenda Galiléia de onde saía a procissão, cada comunidade com o seu padroeiro até o Santuário, onde houve a missa (Livro Tombo II – São Felix, 1984- 1993).

Na primeira edição do Encontro dos Santos, o número de devotos foi considerável e a alegria do padre se reflete nas menções que ele faz no Livro do Tombo à cooperação das comunidades próximas, e ao êxito da “sua” romaria, passo importante para um movimento que visava à doutrinação dos fiéis e à observância dos ritos previstos pela Igreja.

A pretensão de Padre Davi, ao inserir a festa em um movimento que deveria unir as paróquias, era integrar os já devotos de Santa Cruz naquilo que definiu como a verdadeira romaria à Santa Cruz dos Milagres, como o verdadeiro exercício da devoção, na medida em que os fiéis estariam mais próximos dos rituais católicos e mais distantes da parte profana da festa.

Como procuramos demonstrar neste primeiro tópico, para compreender como se deu a relação entre os devotos e a Santa se faz necessário reconstituir o movimento religioso em torno da Santa Cruz desde sua formação até a construção do Santuário de Santa Cruz dos Milagres, a expressão concreta da ação da Igreja sobre a devoção. A devoção, no entanto, não ficou restrita às intervenções da Igreja Católica, estando também sujeita à intervenção do poder público, aspecto que abordaremos no próximo tópico.

2.2 Um voto pela Santa: as ações do poder público no Santuário de Santa Cruz dos Milagres.

A religião foi fundamental no processo formativo de nosso país, tendo sido utilizada não apenas como ferramenta de dominação/pacificação das comunidades nativas, mas também na formação das cidades e como elemento definidor de caráter dos sujeitos que nela viviam, sendo que os “homens bons” eram definidos por sua participação na missa e pela relação que mantinham com o capelão local encarregado da manutenção de templos e cemitérios.

A emancipação do povoado de Santa Cruz dos Milagres começará a ser discutido ainda no final da década de 1980, devido ao crescimento da devoção à Santa Cruz dos Milagres e ao retorno financeiro que ela propiciava para a região nos dias de festa. Mas se a emancipação de Aroazes ocorrerá apenas em 1993, com a posse do primeiro prefeito da cidade, a autonomia, enquanto Santuário, e a desvinculação da paróquia de São Felix só ocorrerá em 1997, quando assumirá o primeiro Reitor do Santuário.

Ao longo dos últimos anos, acompanhamos o aumento na afluência nas peregrinações ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres, como também a criação da cidade com a mesma denominação.

Consultamos os conselhos canônicos, como também o pároco da atual Paróquia São Felix de Cantalice a quem pertence esse território que hora desmembramos e os demais párocos vizinhos, assim achamos por bem criar por meio deste Decreto em conformidade com o cânone 515 e demais cânones do direito canônico a Paróquia de Santa Cruz dos Milagres com território integralmente desmembrado da atual Paróquia de São Felix de Cantalice. (DECRETO DE CRIAÇÃO DA PARÓQUIA DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES).

O decreto acima aponta tanto para o diálogo entre poder temporal e religioso, vinculados institucionalmente, quanto para as ações feitas pelo estado, a pedido da Igreja, empenhada em obter algumas melhorias para o município. Para melhor compreendermos essa vinculação entre Igreja e estado, torna-se importante refletir sobre o período de atuação do já referido Padre Davi Mendes de Oliveira frente ao Santuário e, especificamente, sobre suas ações.

A cidade de Santa Cruz dos Milagres está inevitavelmente ligada à devoção à Santa homônima e à crença no poder da cruz sagrada, que levou famílias a buscarem o abrigo ao pé do morro. Não raro, muitas dessas famílias vinham de relações autoritárias, nas quais os laços de compadrio conformavam elementos de força e submissão dessas comunidades camponesas. O autoritarismo das relações, as vezes, parecia se confundir com a proteção paternal, como sugere Gilberto Freyre (2006), ao discutir a proximidade entre os fazendeiros e seus agregados, que logo tomavam como afilhados os meninos e meninas dos camponeses. Rui Facó, por sua vez, sugere que esses homens, submetidos à autoridade desses latifundiários, seguiam a rota do banditismo ou da fé fanática, levados pelo “sonho de uma vida melhor” (2009, p. 31). Ter uma vida melhor significava ter terra, constituir o sonho de aplacar a fome dos filhos, como forma de resolver o que seriam dois problemas urgentes.

Os devotos que tomavam o santo como padrinho tinham essas relações sociais como exemplos, sendo que, como aponta Régis Lopes, se encontravam inseridos em uma dinâmica da proteção que viria do altíssimo e refletia nas suas relações com os outros sujeitos. A ação dessas divindades como protetoras podem ser percebidas também como reflexo de uma lógica de apadrinhamento desde o período colonial, utilizado de maneira ativa no sertão.

[...] é imprescindível ressaltar que essa cultura de padrinhos e afilhados guarda íntima relação com as estruturas de poder desenvolvidas na chamada “Região Nordeste”. Vale lembrar: sob a égide do “pacto colonial”, foi gerada uma elite de grandes proprietários de terra que alimentou certas estruturas de poder local. (LOPES, 1998, p. 39).

O apadrinhamento construiu e marcou profundamente as relações que surgiram nessas terras, onde os filhos dos agregados deviam tomar a benção do patrão por sua condição de padrinho. Essa relação, assentada ao mesmo tempo em laços de confiança e submissão, fazia com que os filhos seguissem a lógica dos pais, isto é, de submissão cega aos donos da terra, condição que geralmente era quebrada pela fuga ou pela seca, pois essa última, quando vinha, era impiedosa, levando o agregado e o dono da terra.

É preciso lembrar que o primeiro agraciado com o milagre da Cruz será um vaqueiro, que, mesmo não sendo o dono da terra, conquista uma graça, a saúde, que era algo tão caro ao

povo. Como já ressaltado, o sertão do Piauí, por sua extensão e dificuldade de acesso, vivenciará o descaso do poder público e da Igreja, situação que será revertida apenas na década de 1930, quando o arcebispado do Piauí tentará contornar os efeitos da falta de atendimento religioso. O bispo pedirá o empenho dos vigários para a evangelização, apesar de entender as dificuldades de deslocamento e a sobrecarga de alguns clérigos, que nesse período ainda eram responsáveis por grande número de almas.

Á penúria em que se acha de sacerdotes esta Diocese, força-nos a sobrecarregar alguns Reverendos Vigários com a regência de duas e por vezes três freguesias quando uma só seria mais que bastante para a aplicação de todas as suas atividades e energias (ARQUIDIOCESE DE TERESINA, Circular nº 31, Cúria Metropolitana 1922- 1933, p. 44).

Diocese nova e pobre como era, o recém-criado arcebispado do Piauí não conseguia atender a todas as almas que precisavam de assistência espiritual. As visitas se faziam em lombos de burros, enfrentando o calor, a caatinga e as pragas. Alguns padres, vestidos em hábitos escuros, bem ao estilo redentorista, atravessavam rios e riachos para chegar aos povoados, onde eram recebidos pelas famílias importantes, às quais demonstravam seu agradecimento pela recepção. Mas o primeiro Arcebispo do Piauí, nesses tempos de penúria, alertava os padres para o “excesso de cortesia”, apontando para os interesses que porventura poderiam existir por trás de um bom prato de comida e de um lugar aconchegante para o sono.

Como se pode constatar na passagem extraída do Livro Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, duas décadas depois, no ano de 1958, a região de Santa Cruz dos Milagres ainda encontrava dificuldades para o pleno exercício pastoral, já que um único pároco cobria uma vasta região e, mesmo em tempos de desobriga, não conseguia cumprir com a administração dos sacramentos, especialmente batismo e casamentos, devido às longas distâncias e às dificuldades de acesso:

A situação religiosa da Paróquia [Valença]²² tem as suas falhas, decorrentes sobretudo da circunstância de um só padre não, poder, a contento, dirigir tantas almas, como é o caso de Valença [...] fatores de natureza política têm concorrido para certos desgostos na vida de Valença.

Que esta visita pastoral²³ seja um marco novo plantado na Paróquia, sobretudo na sede paroquial onde desejamos que reine a maior harmonia possível entre todos para o bem espiritual, intelectual, moral e social da cidade (Livro do Tombo 3 - Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição (1958-1986).

²² Vale salientar que a Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, da cidade de Valença, foi a primeira paróquia a que Santa Cruz dos Milagres pertenceu. Em 1968, com o reordenamento eclesial do Piauí, ela passou a pertencer à Paróquia de São Felix, na cidade de São Felix do Piauí, distante 38 Km da cidade de Santa Cruz dos Milagres.

²³ Faz referência à visita do Segundo Arcebispo do Piauí Dom Avelar Brandão Vilela.

As falhas apontadas pelo segundo Bispo do Piauí, Dom Avelar Brandão Vilela, por ocasião de sua visita pastoral, também assinalam as disputas políticas que se manifestavam nesses ambientes marcados pela fé, que, no caso de Santa Cruz dos Milagres, também será alvo de intervenção política após sua consagração como lugar de devoção e de milagres. Assim, o Bispo chamava a atenção para algo que já era preocupação do primeiro Bispo do Piauí, o uso político da devoção.

A instalação da cidade de Santa Cruz dos Milagres se assemelha muito à fundação de outras importantes “Cidades-Santuários”, como Aparecida, em São Paulo, e Trindade, em Goiás. Os milagres operados pela Santa levaram os fiéis a se instalarem próximo da divindade, o que faz como que a região onde eles ocorriam passasse a receber um grande afluxo de pessoas, que também podiam se fixar no local. Importante lembrar que o pequeno povoado nasceu cercado de água, apesar de se encontrar em uma região pedregosa. Situado às margens do Rio São Nicolau, esse rio de águas perenes foi fundamental para criação de gado por volta do Século XVII, quando o primeiro assentamento surgiu da ocupação portuguesa, baiana e paulista da região.

Padre Miguel de Carvalho (2009), o primeiro a fazer o recenseamento das terras piauienses, já apontava para uma ocupação territorial nas proximidades do Rio São Nicolau. Não há, contudo, informações suficientes para comprovar que se tratava da Fazenda Jatobá. Havia, pelo menos, 4 fazendas na região que hoje compõe a cidade de Santa Cruz dos Milagres. Cabe ressaltar que Padre Miguel de Carvalho, nos relatos sobre o período de sua peregrinação pelo território piauiense, não se refere a devoção à Santa Cruz dos Milagres, nem mesmo à nascente de água do Olho d’água dos Milagres, elemento importante na devoção que teria se iniciado, segundo memorialistas, no século XIX.

Os relatos feitos por Padre Carvalho, considerado o primeiro recenseador do estado, na foram analisados por outro religioso, reconhecido pela historiografia piauiense: Padre Cláudio de Melo, que, ao acessar as fontes encontradas no seu trabalho pastoral, conseguiu identificar algumas das fazendas²⁴ citadas por Miguel de Carvalho, fazendas essas que se tornaram importantes núcleos populacionais na região, das quais surgiram as cidades de Prata do Piauí, Aroazes e São Miguel do Tapuio, todas elas localizadas na região que compreende o Vale do

²⁴ Algumas fontes acessadas por Padre Cláudio de Melo estão desaparecidas ou extraviadas, a exemplo do segundo Livro do Tombo de Valença, que daria conta do processo de construção da segunda capela de proteção de Santa Cruz dos Milagres. Para tentar sanar essa lacuna, fomos em busca de testamentos e inventários, mas, infelizmente, a única caixa disponível é de 1886, e suas citações se referem apenas a doações à Igreja de Nossa Senhora do Ó e Conceição, não havendo menções à Santa Cruz dos Milagres.

Sambito, onde surgiu a devoção à Santa Cruz dos Milagres. O documento produzido por Padre Carvalho serviu como fonte para aos pesquisadores Odilon Nunes (2007) e Solimar Lima (2016), que observaram, para além das ações de fé no território, a violência imposta aos habitantes dessas terras, tais como genocídio/controlado das populações nativas. Como já referimos anteriormente, essa região teve seus aldeamentos destruídos e seus nativos banidos após a expulsão dos jesuítas no século XVIII, tendo, além disso, suas memórias apagadas em algumas dessas regiões.

A região de Santa Cruz dos Milagres contou, como já informado, com uma breve presença da Companhia de Jesus, sendo que alguns registros sobre a atuação dos jesuítas estão na história oral ou nas marcas de construções de pedra²⁵. A própria região de Aroazes, que pertenceu à cidade até 1992, teve as marcas dos missionários apagada, restando apenas uma rua com nome vinculado à ordem jesuíta²⁶. Mas, de acordo com Padre Cláudio de Mello, inexistem documentos sobre esse período, podendo-se apenas inferir a presença jesuíta na região de Aroazes – Santa Cruz dos Milagres. Já a análise de jornais²⁷ do século XIX sugerem a presença dos jesuítas com aldeamentos na região, mas sem ações efetivas:

[...] A Paróquia não tem nenhum livro em arquivo, nem em Valença, onde está a sede, nem em São Luís ou Teresina...

Em 1757 vamos encontrar dirigindo a freguesia de Aroazes o Pe. Manuel Nunes Teixeira, cujo início do Paroquiado deve ter sido um pouco antes. Ele é autor de um documento muito importante para o estudo da Freguesia e que não foi possível encontrar. Trata-se do “Extrato das Fazendas e Povoações, suas distâncias, rios e seus nomes que todos são de Vale e nenhum navegável, pessoas de comunhão e capelas desta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Aroazes, Bispado de São Luís do Maranhão²⁸”. (MELO, 1991, p. 101).

Já o pesquisador Paulo Machado (2002), que segue a trilha das nações indígenas com o propósito de descrever o processo de ocupação do território, refere a presença de religiosos,

²⁵ Pela região, é possível encontrar resquícios de construções de pedras que serviam de curral ou protegiam as habitações, das quais a mais famosa e ainda existente é a fazenda Serra Negra, que, por volta do século XVIII, compunha a região de missão dos Aroazes, hoje as cidades de Aroazes, São Miguel do Tapuio e Santa Cruz dos Milagres.

²⁶ A região sofreu um apagamento da presença dos jesuítas, tanto que uma placa, deixada no local onde teria sido construída a capela em honra à Nossa Senhora dos Aroazes, foi derrubada, sobrando apenas registros orais sobre a atuação da ordem.

²⁷ Os Jornais a que nos referimos são *O Diário do Piahy*; *A Imprensa e Opinião Conservadora*.

²⁸ Pela análise das fontes coletadas no Arquivo Público do Estado do Maranhão, Padre Davi Mendes faz referência ao período de atuação do Bispo do Maranhão Dom Antônio Cândido de Alvarenga, que teria dirigido a Igreja maranhense e, na época, também a piauiense, de 1876 a 1898, partindo dele a autorização para a construção de uma capela de pedra para abrigar a Santa. Infelizmente, o documento que dá conta dessa ação não foi encontrado, restando apenas a sugestão do Arcebispo para o grande número de manifestações religiosas, sem o controle da Igreja, que surgiam na região.

supostamente da Companhia de Jesus, na fundação de uma missão no Vale do rio Sambito, sob a proteção de Nossa Senhora dos Aroazes, bem como a presença de militares comandados por Domingos Afonso Mafrense, a quem se atribui também a ocupação pelo Sul do estado, por volta de 1740.

Apesar de as terras não terem se mostrado como a desejada terra prometida, os milagres e a esperança em melhores dias fizeram como que o território fosse sendo gradativamente povoado, transformando aquele recanto árido e pedregoso do sertão do Piauí em local de devoção à Santa Cruz. Recorrendo às palavras de Zeny Rosendal (2009), podemos dizer que o deslocamento dessas pessoas para o sertão do Piauí foi motivado pela crença comum em uma mesma divindade e pela necessidade que sentiam de acalmar o espírito diante de tantas adversidades:

A atração ocasional de homens a esses centros, não motivada pela necessidade de residência fixa e sim pelo estímulo espiritual, continua sendo um dos critérios essenciais definidores da cidade-santuário. [...] Tais pontos fixos e espaços sagrados de encontros, periódicos ou permanentes, para os quais convergem devotos de mesma prática ou crença religiosa [...] (ROSENDAHL, 2009, p. 16).

Sendo assim, a terra árida ou a falta de infraestrutura da região não eram percebidos como um obstáculo para aqueles que procuravam a milagrosa cruz e, de repente, casebres de barro cobertos de palha começaram a se espalhar ao pé do morro da cruz, além de às margens do Rio São Nicolau, e ao lado do milagroso Olho d'água dos Milagres. Junto a esses locais, passaram a se instalar romeiros, pois acreditavam que neles não havia praga ou males que os tocassem e, caso algum mal insistisse em tocar seus devotos, a Santa Cruz logo acabaria com ele, restituindo a saúde de seus fiéis.

Vale lembrar que assim pensavam também os seguidores de Antônio Conselheiro, que, fugindo do “Anticristo” e seu séquito, buscavam proteção da seca, da fome, das pragas e doenças. Aos olhos dos fiéis, Conselheiro parecia imune a tudo isso e sua voz clamava por misericórdia, acalmando o povo.

[...] Conselheiro também foi respeitado pelas epidemias que, em decorrência da seca e da fome, nos meses e anos seguintes castigaram os que tinham conseguido sobreviver. As mulheres abortavam assim que ficavam grávidas, as crianças perdiam os dentes e o cabelo, de repente os adultos começavam a cuspir e defecar sangue, inchavam-se de tumores e ulcerações que os faziam rolar no cascalho como cães sarnentos. O homem filiforme continuava peregrinando no meio da pestilência e do morticínio, imperturbável, invulnerável [...]. (VARGAS LLOSA, 2010, p. 31)

O olhar do escritor Vargas Llosa nos permite observar uma dinâmica devocional também descrita pela historiografia, isto é, de redutores surgidos do povo e que nas narrativas tradicionais parecem ter sido enviados para a salvação dos filhos de Deus, especialmente, aqueles que viviam explorados na sua terra natal, e, no caso de Conselheiro, era o homem pequenino que conseguia espantar a morte e as pragas.

Esses sertanejos, que seguiam esses líderes religiosos e viviam abandonados à própria sorte, foram considerados subversivos por não defenderem a república que se instaurava, pois, como aponta Eduardo Hoornaert (1997, p. 15), “ninguém se importa com esses vagos do sertão”. A figura do beato protetor e conselheiro amoroso, que os orientava contra as pestes e problemas corriqueiros da vida, contudo, imprimia mais respeito que a liderança do padre ou dos líderes políticos locais.

As pestes e a fome que assolavam o sertão acabavam por direcionar o povo para esses lugares místicos, nos quais viviam beatos e homens tidos como santos, que salvavam seus fiéis das mazelas e da morte em troca de uma fidelidade quase perpétua, em algumas circunstâncias afetada apenas pela eficácia de um novo santo de devoção. As relíquias que alguns desses homens traziam consigo eram costumeiramente abrigadas, na maioria das vezes, em um casebre coberto de palha, pois era importante protegê-las da chuva e do sol para que seus efeitos fossem preservados. Além disso, era uma questão de respeito manter esse “corpo santo” guardado e protegido das intempéries climáticas.

No entorno do retiro/da ermida em que vivia o beato ou da capela dedicada ao santo, pessoas iam se amontoando, formando núcleos habitacionais que se pautavam na confiança na sua proteção face a problemas e necessidades comuns.

A cidadela era a associação religiosa e política das famílias e das tribos. Os homens tinham os mesmos deuses e cumpriam os atos religiosos no mesmo santuário. A cidade tinha o seu conjunto de orações e práticas, sempre conservadas em segredo. Julgava-se comprometer a sua religião e o seu destino a cidade que revelasse aos estrangeiros suas crenças (ROSENDAHL, 2009, p. 20-21).

Poucas fontes dão conta do processo de ocupação ou mesmo de desenvolvimento da devoção nos anos anteriores a 1968, apesar de a devoção se encontrar tutelada pela Igreja desde o final do século XIX²⁹. Mas, mesmo as intervenções que ocorreram no período em que a igreja de Santa Cruz pertenceu à Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, foram sutis diante da expressão que tinha a devoção, limitando-se a reformas realizadas na capela. A intensificação

²⁹ Referimo-nos ao Livro do Tombo da Arquidiocese do Maranhão, ao Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, Livro do Tombo de São Felix e ao livro de memórias de Padre Davi.

do diálogo entre Igreja e Estado, e as consequentes intervenções na devoção, se dará a partir de 1968, com a chegada de Padre Davi Mendes de Oliveira, como pode ser observado no Livro do Tombo de São Felix, que nos permite reconstituir o processo de ocupação, formação e proteção da imagem de Santa Cruz dos Milagres.

Segundo relato de Padre Mendes, a Igreja Católica começa a se interessar pela devoção por volta do ano de 1888, quando o Bispo do Maranhão, Dom Antônio Cândido de Alvarenga, teria autorizado a construção de um “capella de Santa Cruz dos Milagres, em terras da fazenda Jatobá” (OLIVEIRA, 1990, p. 11). Teria, assim, se iniciado a intervenção da Igreja nas terras da Santa Cruz. Ainda de acordo com relatos do mesmo padre, é no ministério do Cônego Acyliño Baptista Portela³⁰, então vigário de Valença, que uma “nova capella [será] construída com pedra no alto do morro de Santa Cruz perto do famoso olho d’água denominado dos milagres” (OLIVEIRA, 1990, p. 11). A memória escrita sobre a ocupação da região se constitui, portanto, dos registros feitos por esses bispos e que foram recolhidos pelo Padre Davi Mendes.

No período descrito pelo Padre, Santa Cruz dos Milagres era apenas um tímido povoado, com uma população que, para além da sobrevivência, se preocupava com a proteção dos seus maiores tesouros, a Divina Cruz de Madeira, seu símbolo de encontro com a divindade. Os recursos utilizados na construção da nova capela, vale ressaltar, foram adquiridos junto a seus devotos, que não se furtavam de deixar a sua esmola para que fossem feitas as benfeitorias em favor da Santa. Os romeiros, antes peregrinos, agora se estabeleciam em Santa Cruz dos Milagres, esperando, sob seus pés, encontrar moradia e proteção.

O Livro do Tombo de São Felix, paróquia à qual pertenceu Santa Cruz dos Milagres até 1997, traz importantes informações acerca do povoado, que, no ano de 1968, possuía uma população de cerca de 300 habitantes, um número que chegava a triplicar nos períodos festivos. Essas pessoas, que se apinhavam embaixo das árvores e nas margens dos rios, em sua grande maioria, enfrentavam os perigos e as dificuldades de locomoção até a cidade. Como se pode constatar por essa descrição, a cidade de Santa Cruz dos Milagres, assim como outras cidades sagradas, tornou-se um refúgio do divino, com o seu ponto sagrado ao centro, servindo de apoio aos que a procuravam. Em torno da cruz, posta pelo beato no alto do morro, em um ponto estratégico que dava uma visão da campina, logo surgiria um espaço de encontro e benção.

Por trás da muralha, a cidade tornou-se um recinto sagrado, era o lar do seu Deus poderoso. Os símbolos, arquitetônicos e legitimados pelo povo elevaram

³⁰ O cônego piauiense terá um papel importante na região, desempenhando prestimoso trabalho nas eleições do final do século XIX. Infelizmente, não existem trabalhos acadêmicos que contemplem a atuação política do cônego ou mesmo da sua atuação como religioso na região.

a cidade muito acima da aldeia. Foram as potências religiosas que se achavam no recinto dos templos e dentro dos palácios que estabeleceram as finalidades e os significados para as transformações urbanas (ROSENDAHL, 2009, p. 20).

O homem religioso constrói seu templo de devoção no centro ou no alto, erguendo um espaço consagrado orientado pelos deuses e escolhido por eles. Quando o templo é construído, ocorre, como recorda Mircea Eliade (1992, p. 55), a “reprodução terrestre de um modelo transcendente”, onde é possível proteger-se nos braços da divindade, que, conseqüentemente, protege os que se encontram dentro do templo, assim como aqueles que se encontram junto dele. É nesse espaço que muitos dos fiéis, agora moradores do lugar, irão construir suas experiências, sejam elas religiosas ou não.

[...] as relações do homem religioso com o sagrado se efetuam diretamente; elas ficam, assim, sujeitas à interpretação e ritualização do praticante: é ele quem decide em matéria religiosa.

Convém acrescentar que a cultura local reflete o alto nível de sacralidade no controle sobre o ritual e as crenças. As práticas de rezas, as promessas e romarias tomam a forma simbólico-religiosa centralizada nos santos (ROSENDAHL, 2009, p. 35).

Também de acordo com os relatos do Padre Davi, no ano de 1968, o pequeno vilarejo de Santa Cruz permanecia, ainda, com características de arraial, pois não tinha saneamento e nem mesmo água potável de qualidade, o que não impedia a afluência de devotos que, em romaria, rumavam para a cidade.

Entre as tradições religiosas católicas as mais concorridas são aquelas onde ocorre a peregrinação de fiéis, envolvendo uma série de práticas culturais que circulam entre o sagrado e o profano. Essas comemorações representam e conservam a memória não só do evento em si, mas também das instituições, espaços físicos, populações e religiosidade envolvidas (SANTIROCHI, 2013, p. 169).

Sob a perspectiva de Rubem César Fernandes (1982), as romarias acabam por atribuir nova função ao vilarejo, na medida em que os fiéis passam a viver na periferia do Santuário, onde constroem sua vida profana e rendem louvor à santa de sua devoção:

A morada do Santo não é um lugar como os outros. Sua origem não seguiu as normas comuns de fundação de uma nova localidade, mas resultou de uma sucessão de acontecimentos miraculosos que escapam à esfera do controle humano (FERNANDES, 1982, p. 11).

A essa situação de privação de infraestrutura, se somavam os períodos de chuva e de seca, que dificultavam tanto o acesso ao local de devoção, quanto a realização das romarias e festas. Em 1970, dois anos após sua chegada a Santa Cruz dos Milagres, o Padre apontava o longo período chuvoso na região, que ia de dezembro a meados de maio, como sendo um dos maiores problemas para a Festa da Invenção, tanto pelo tamanho da igreja, onde a missa era realizada em caso de chuva, como pela lama, que dificultava o acesso ao morro. A lama inviabilizava, ainda, a chegada de veículos, como se pode constatar nessa passagem: “[...] apesar de ser um período de chuvas, não puderam chegar veículos para a Festa da Invenção” (Livro Tombo I – São Felix, 1968-1983).

O ano de 1970 foi também marcado por uma visita ilustre por ocasião da Festa de Exaltação a Santa Cruz, no mês de setembro. No Livro do Tombo, encontramos a menção à visita do governador³¹ em exercício do Piauí, João Clímaco³², que, como romeiro, visitou o concorrido Santuário piauiense. Nesse mesmo registro, Padre Mendes relata as dificuldades de deslocamento enfrentadas pelos fiéis e a situação das estradas de acesso à Santa Cruz dos Milagres.

Festa de Exaltação 1970 - [...] visita do Governador como simples romeiro, acompanhado apenas pela esposa, ajudante de ordem e alguns amigos, estive em visita pagando promessa particular, chegou a Sta. Cruz, no dia 12, pela manhã, o Governador João Clímaco de Almeida. A tarde estive na Igreja sendo recebido pelo vigário que lhe mostrou os trabalhos realizados, explicando os planos de trabalho para a reforma completa do Santuário. À noite compareceu à novena. Depois aos atos religiosos no pátio externo [...] (Livro Tombo I – São Felix, 1968-1983).

A presença do governador demonstra a importância da devoção para o Estado, na medida em que, durante o período festivo, a cidade recebia grande número de fiéis, percebidos como potenciais eleitores. Mas não é essa a imagem que o padre e, muito menos o governador, querem que os devotos tenham de sua participação na festa. Para ambos, era importante reforçar a devoção do governador e sua participação nas celebrações, e, especialmente, sua motivação pessoal para buscar a Santa e seus milagres, pois não estava acompanhado de uma comitiva governamental.

A participação do governador será pauta nos jornais locais, preocupados em apresentá-lo como devoto da Santa e destacar sua religiosidade e respeito aos eventos religiosos do Estado.

³¹ As fontes apontam João Clímaco como o primeiro governador a visitar o Santuário de Santa Cruz dos Milagres.

³² João Clímaco foi uma figura muito importante no Estado do Piauí. Foi vereador, secretário de Segurança Pública, deputado estadual (1951/63). Foi também Vice-governador do Estado do Piauí e presidente da Assembleia Legislativa (31-1-1963 a 1966 e de 12-9-1971), tendo assumido o governo interinamente diversas vezes de 15- 5-1970 a 15-3-1971). No período abarcado na tese, ele exercia o cargo interinamente (BASTOS, 1994, p. 30).

A ênfase dada a esse aspecto pelos jornais se desfaz, contudo, na informação de que ele seguiu para o local acompanhado de uma comitiva:

No próximo dia 12 [setembro de/ 1970], sábado, o Governador Clímaco de Almeida estará viajando acompanhado da senhora Hercília Almeida e dos Srs. Dirmo Pires, Clóvis Melo e Baltazar Melo, com destino à Santa Cruz [Milagres]³³. Vai participar de solenidade religiosa ali. (Jornal *O Piauí*, 1970, p. 8).

Apesar de Padre Davi Mendes apresentar o governador como um devoto, não deixou de cobrar, mesmo que de forma sutil, a necessidade da realização de melhorias no trajeto de acesso ao Santuário, o que pode ser percebido nessa passagem extraída do Livro Tombo:

[...] o vigário fêz-lhe uma saudação, pedindo-lhe ao fiel [Governador] que falasse para o povo. Usando da palavra o Governador começou por identificar-se com todo aquele povo, porquanto ali estava, como qualquer um homenageando a Sta. Cruz. Mas como Governador conhecia bem as condições difíceis da região, e já estava dando ordens para que fossem atacados os serviços da estrada São Felix – Sta. Cruz, que é a grande exigência do Santuário. Foi vibrantemente aplaudido. (Livro Tombo I – São Felix, 1968-1983).

Como se pode constatar, Padre Mendes tinha consciência da importância da presença de autoridades nas festas em homenagem à Santa Cruz, pois, para ele, esses devotos ilustres poderiam se sensibilizar e direcionar recursos para o espaço de devoção, o que seria uma forma de garantir que as melhorias necessárias chegassem, possibilitando a continuidade das romarias e a conservação do espaço sagrado.

João Clímaco, que assumiu interinamente o governo do Estado do Piauí entre 1970 a 1971, devido ao seu curto mandato, não pôde dar início às obras de melhorias prometidas no discurso proferido no Santuário. Mas na prestação de contas do seu governo, em março de 1971, o governador chegou ao afirmar que:

Para nós a Religião desempenha papel fundamental na condução e no aperfeiçoamento da humanidade. [...]. A Religião tem sido fator de progresso social, em todos os tempos. Com essa profissão de fé, entendemos de prestar cooperação aos cultos religiosos do nosso Estado, tudo fazendo para que eles pudessem desenvolver ação benfazeja no governo das almas e de humanizar a vida pelas lições da virtude. (Mensagem do Governador João Clímaco de Almeida, 1970, p. 9-10).

³³ A nota foi incluída para não causar possíveis confusões, já que no Piauí existe uma cidade chamada Santa Cruz do Piauí.

Na mesma mensagem, o Governador afirma que foi impossível concluir algumas obras (tais como a construção de pontes e melhorias nas estradas), dentre as quais estavam as previstas para facilitar o acesso à Santa Cruz dos Milagres, que, na época, ainda pertencia ao município de Aroazes. Disso, podemos inferir que o líder do executivo entendia a importância dessas obras, inclusive como isso afetava sua figura diante dos líderes políticos da região do Vale do Sambito:

Quando assumimos o Governo, em maio de 1970, encontramos firmados com prefeitos municipais, 82 convênios, para execução de obras – convênios assinados a partir de 1969 [...]

Eis as obras a que se referem tais convênios, todas devidamente fiscalizadas a partir de meados de maio de 1970: Ponte (Alto Longá – CONCLUÍDA), Melhoramento de estrada (Angical – CONCLUÍDA), chafariz com motobomba (Arraial – CONCLUÍDA), Pontes (três Aroazes – NÃO CONCLUÍDAS) (Mensagem Governador João Clímaco, 1970, p.39).

As melhorias realizadas no acesso ao espaço sagrado garantiriam o trânsito de devotos e, principalmente, o serviço religioso. Cabe ressaltar que essas melhorias foram demandadas, também, em outras regiões do Nordeste, como em Juazeiro do Norte, no Ceará. Ralph Della Cava (2014) recorda que a cidade, que surgiu como vilarejo na região do Crato, logo se viu cercada por disputas políticas, que promoveriam a liderança religiosa de Padre Cícero. Assim, os fiéis atraídos pelos milagres teriam ocupado a região, sendo a “peregrinação o principal veículo dessa rápida ocupação demográfica”, que atrai a atenção dos políticos.

Não é nossa intenção discutir as possíveis aproximações entre Juazeiro do Norte e Santa Cruz, mas é possível constatar que em ambas as cidades o afluxo e as articulações de políticos e, sobretudo, as romarias, promoveram o desenvolvimento das cidades. Se, em Juazeiro, Padre Cícero conseguiu aglutinar tanto devotos e fiéis romeiros, quanto políticos, que fizeram da cidade um grande polo na região do Cariri Cearense, em Santa Cruz dos Milagres, a movimentação se resumiu a aparições de políticos nos períodos festivos, os quais, de maneira aparentemente desinteressada, se passavam por fiéis, que, ao renovarem seus votos à Santa, se aproximavam dos eleitores que frequentavam o Santuário.

O povoado que se formava aos pés da Santa Cruz dos Milagres, assim como os caminhos que levavam ao Santuário, se constituíam, em razão disso, em locais em que vicejava um ambiente de permanente campanha política, mesmo que o propósito das autoridades governamentais fosse de mostrarem-se desvinculados da política e comprometidos com a devoção. A cidade santuário tem, nesse caso, a sua paisagem urbana conformada a partir da devoção, sendo “possível reconhecer o sagrado, não como aspecto da paisagem, mas como

elemento de produção do espaço” (ROSENDAHL, 1996, p. 39). O Santuário ocupa, assim, e não apenas para os fiéis, a centralidade da cidade, pois é a partir dele que ela se estrutura e desenvolve.

Somente no ano de 1972, o executivo municipal da cidade Aroazes, então sede administrativa do povoado de Santa Cruz dos Milagres, aprovaria a destinação de recursos para a construção de uma ponte, como fica evidenciado nesse documento: “Autoriza ao executivo municipal a construir 4 pontes e 2 pontilhões no trecho da estrada tabuleta ao povoado Santa Cruz dos Milagres [...] (AROAZES. Ata da Câmara de Vereadores de Aroazes 1971-1979). A obra em questão facilitaria o acesso de moradores da cidade e também de outras regiões ao Santuário. A construção dessas pontes diminuiria as distâncias, além de garantir a chegada de romeiros nos períodos chuvosos, os mais complicados para acessar a cruz e o Santuário.

A despeito de todos os apelos feitos por Padre Davi ao Governador do Estado no ano de 1970, e das decisões tomadas pelo executivo de Aroazes, em 1973, as péssimas condições em que se encontrava o trecho São Felix – Santa Cruz dos Milagres ainda se mantinham, tanto que há o registro de que os fiéis tiveram dificuldade de chegar ao povoado para as celebrações religiosas pela rodovia estadual, em especial, para a Festa da Invenção da Santa Cruz, realizada em maio, devido à intensidade das chuvas.

As péssimas condições das estradas e a dificuldade de travessia no Rio Sambito, que separa São Felix de Santa Cruz, eram apontados como fatores que poderiam comprometer o acesso dos fiéis que vinham de Teresina ou mesmo de algumas cidades do Norte e sul do Piauí e, também, do Maranhão. Mas contrariando todas as expectativas, não houve, segundo as fontes consultadas, a diminuição do número de romeiros, mas o contrário, pois houve o aumento da arrecadação por ocasião da Festa da Invenção daquele ano.

Festa da Invenção 1973- Este ano não chegou veículo algum à Festa e os romeiros tiveram de ir mesmo a pé, quando até viajar com animais era difícil. Nem por isso, no entanto diminuiu o número de romeiros na festa. (Livro Tombo I – São Felix, 1968-1983).

Importante acrescentar que, para o devoto, as dificuldades de acesso ao Santuário, antes de representar um empecilho, funcionavam como elemento motivador, pois eles entendiam que as adversidades encontradas ao longo do caminho possibilitavam a expiação dos pecados, fazendo com que a própria geografia do lugar passasse a ser incorporada ao ritual de devoção (STEIL, 1996). Michel Sot (2002) também percebe a peregrinação a lugares sagrados como algo atemporal, em que as dificuldades de acesso ao templo sagrado amplificavam o desejo do encontro com a divindade alvo de devoção e com Deus: “A rota é uma dura ascense. Aí sente-se

a fadiga do corpo, o sofrimento provocado pelos pés doloridos, a tensão dos músculos, a sede e a fome. Aí sofre-se o rigor das intempéries. Aí se enfrenta múltiplos perigos, sobretudo na passagem de rios e montanhas (SOT, 2002, p. 354).

No ano de 1976, o Santuário recebeu novamente a visita do governador do Estado. Dessa vez, o governador Dirceu Mendes Arcoverde, que foi conhecer o concorrido santuário de Santa Cruz dos Milagres, no sertão piauiense. Por ocasião da visita, o governador assinou um convênio com a Prefeitura de Aroazes, que previa a construção de uma ponte e a instalação de um posto de saúde:

[Festa de Exaltação 1976]. Foi ponto alto a presença do Sr. Governador do Estado Dr. Dirceu Mendes Arcoverde, que veio especialmente a Santa Cruz para conhecer o Santuário, deixando assinado um convênio com a Prefeitura para uma ponte no Riacho da Areia e uma unidade de assistência médica em Santa Cruz. Foi recebido pelo vigário na Casa dos Romeiros, depois falou ao povo da sacada da Igreja [...]. Ao meio dia o almoço foi ao povoado, em casa do Senhor Manoel Portela. Visitou a pé vários pontos do povoado, o rio São Nicolau, e voltou as 3 da tarde, não podendo aguardar a procissão que é o mais importante da festa. (Livro Tombo I – São Felix, 1968-1983).

A presença dos governadores no Santuário sempre eram pauta nos jornais locais, pois junto à comitiva do executivo estadual iam também repórteres, que acompanhavam os passos do devoto ilustre. Eles participavam das celebrações e da procissão, confundindo-se com os fiéis das Santa, atuando naquele momento como romeiros, enfrentando, como os afilhados e protegidos da Santa Cruz, os morros íngremes para celebrar com a Santa.

[...] O governador Dirceu Arcoverde que compareceu ao local [Santuário de Santa Cruz dos Milagres], acompanhado do vice-governador Djalma Veloso e auxiliares do seu governo, tendo na oportunidade dirigido sua mensagem ao povo.

O chefe do Governo chegou a Santa Cruz dos Milagres por volta das 10 horas da manhã [dia 12 de setembro de 1976] fazendo de imediato, a exemplo de todos que passam pelo povoado, uma visita ao Santuário, e no próprio local falou aos romeiros, oportunidade em que também ouviu a saudação do Prefeito de Aroazes, José Soares da Silva, interpretado pelo padre Davi Mende, vigário local. (Jornal *O Dia*, 1976, p. 7).

A atitude dos políticos locais era de demonstrar o máximo de naturalidade na sua estada no Santuário, pautando seus discursos na fé que tinham na Santa Lenha, mas, apesar da aparente ação desses líderes políticos, tanto os jornais quanto os relatos feitos pelo Padre não descuidam de mencionar a intencionalidade e os possíveis usos políticos da visita ao Santuário, visto que a visita se tornava o momento propício para a campanha política e também para as cobranças do Padre.

A visita do governador, no ano de 1976, e as medidas anunciadas, traziam a esperança de melhorias na terra da Santa Cruz, pois acenavam para melhores condições de vida para os devotos e moradores do povoado e, conseqüentemente, para o melhor desenvolvimento da prática pastoral. Padre Davi, no entanto, não se furta de mostrar seu descontentamento com o fato de o governador não ter aguardado por aquilo que ele considerava o momento mais importante da festa, a procissão. No Livro do Tombo, encontramos também registrada a conversa – em particular – que Padre Davi teve com o governador, na qual ele teria demonstrado sua preocupação com a situação de acesso ao Santuário:

[...] conversa pessoal com o vigário, mostrou-se visivelmente impressionado com as precárias condições da estrada, serviços de água e luz, pediu que o vigário o procurasse no Palácio para ele vê-lo que poderia o governo fazer” (Livro Tombo I – São Felix, 1968-1983).

A iniciativa proposta para contornar a situação pode ser encontrada na documentação do município de Aroazes que consultamos, pois localizamos o acordo firmado entre o gestor estatal e o municipal, expresso na Lei nº 04/77 de 09 de maio de 1977 da Prefeitura de Aroazes:

O cidadão José Nonato da Costa, Prefeito Municipal de Aroazes, Estado do Piauí, por eleição popular etc.
Faço saber o poder legislativo municipal aprovou e sancionou a presente Lei.
Art 1º O prefeito municipal de Aroazes fica autorizado a celebrar e assinar com a secretária do Estado, e Obras Públicas do Estado do Piauí, convênio para construção em conjunto de uma ponte no Riacho da Areia, na estrada carroçal denominada Aguilhada ao lugar Baixão dos Picos deste Município.
Art 2º Fica o executivo municipal autorizado a executar as despesas de que trata o artigo primeiro da presente Lei com a verba do orçamento vigente, referente a construção da ponte, inclusive com a dotação do convênio Estadual a ser aprovado. (Lei nº 04/77 de 09 de maio de 1977 da Prefeitura de Aroazes).

A celebração do convênio entre Estado e Município atenderia tanto aos reclamos do Padre Davi, quanto aqueles dos devotos, que teriam assegurado um acesso mais fácil ao Santuário, e para os moradores de Santa Cruz, que teriam a garantia da execução de melhorias infra-estruturais.

Ainda focando na importância que a devoção à Santa Cruz dos Milagres tem na região, no ano de 1984, já na administração de Manoel Portela, o prefeito decreta o dia 13 de setembro como feriado municipal, utilizando como justificativa a grande quantidade de devotos que celebravam a Santa na cidade. Sua ação teria, como propósito, garantir aos fiéis moradores da cidade de Aroazes uma maior participação na celebração em homenagem à Santa Cruz dos Milagres.

O prefeito municipal de Aroazes, estado do Piauí.

Faço saber que a câmara municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art 1º Fica instituído feriado municipal o dia 13 de setembro, para culto público e oficial a Santa Cruz, padroeira do povoado de Santa Cruz dos Milagres, deste município.

[...]

Gabinete do Prefeito, em 04 de setembro de 1984. (Lei nº 22 de 04 de setembro de 1984).

O prefeito se diz tomado pelo clamor popular, sendo necessário atender aos anseios do povo que celebrava a Santa Cruz dos Milagres. Como se pôde constatar na pesquisa que realizamos junto aos arquivos da Prefeitura de Aroazes, o município soube utilizar muito bem a devoção à Santa Cruz dos Milagres para o atendimento de seus propósitos, isto é, sempre que necessário, as obras junto ao Santuário serão exaltadas, bem como a atuação dos bons cristãos preocupados com a obra divina e com a continuidade de seus mandatos.

Somente no ano de 1984, as terras da Santa Cruz dos Milagres passarão a contar com rede elétrica. Até então, a iluminação do Santuário era feita por um motor a diesel, algo caro e ineficiente, especialmente pelas demandas na época da festa, como a iluminação do Santuário e entorno e o resfriamento da água consumida pelos devotos. A inauguração contou com a presença do Governador a época, Hugo Napoleão, mas a obra que traria conforto, na verdade, foi inaugurada inacabada.

[...] veio a Santa Cruz o governador Hugo Napoleão, especialmente inaugurar a rede elétrica do povoado, provisoriamente servida por um motor a diesel, enquanto não se faz a ligação com o sistema de Boa Esperança. Passou-se todo ano e foi a mesma coisa do ano passado. Nada de ligação com a Boa Esperança³⁴. (Livro Tombo II, Paróquia de São Félix de Cantalícia. 1984-1993).

Não foi possível encontrar as mensagens referentes a esse período, assim como não há referências nas leis do município de Aroazes, nem a convênios com o Governo do Estado, e nem a essa inauguração, o que reforça que a presença do governador na terra da Santa foi utilizada como plataforma política, que se traduzia em promessas que deveriam render votos.

Três anos depois, em 1987, o então prefeito de Aroazes, Manoel Portella de Carvalho, deu início à construção da escadaria, uma obra que permitiu aromeiros e moradores um melhor

³⁴ Trata-se da Usina Hidroelétrica de Boa Esperança, construída ainda durante os governos militares, aproveitando as águas do Rio Parnaíba, fronteira geográfica entre o Piauí e Maranhão. Na época da construção, teria o propósito de abastecer energeticamente os estados do Piauí, Maranhão e Pernambuco. A Usina foi inaugurada em 1970, no governo do então presidente Emilio Garrastazu Médici.

acesso à Igreja. Manoel de Carvalho aproveitou a obra para ampliar sua influência política junto aos eleitores da região. Essa obra de infraestrutura permitirá um melhor acesso ao Santuário e será lugar concorrido nas disputas comerciais que ocorrerão na cidade, questão que será aprofundada no capítulo a seguir.

A Santa será, pelo menos até 1992, uma ferramenta política importante na região de Aroazes e São Felix do Piauí, sendo que as ações do estado ou do município serão sempre apontadas como iniciativas que visavam exclusivamente o bem-estar de moradores, fiéis eromeiros. É importante, no entanto, ressaltar que Padre Davi Mendes, ao longo do período em que esteve à frente da administração do Santuário, mostrou-se um bom articulador, obtendo dos políticos as melhorias tanto para o acesso ao Santuário, quanto para a cidade, o que, conseqüentemente, também garantia o seu controle sobre a devoção.

Vale também lembrar que, ao longo desse período, a Igreja, em meio às novas orientações emanadas do Concílio Vaticano II³⁵ e da Conferência de Medellín³⁶, viu-se diante do desafio de submeter as inúmeras devoções populares existentes no Brasil à uma mais eficiente orientação pastoral, razão pela qual as festas dedicadas à Santa Cruz dos Milagres, na região do Vale do Sambito, sofrerão inegáveis transformações. Este aspecto será abordado no próximo tópico.

2.3 Junte o povo na oração: as recomendações do Concílio Vaticano II nas festas religiosas piauienses

Ao longo do capítulo, nos propusemos a reconstituir historicamente como a Santa Cruz dos Milagres passou a ser cultuada e o modo como os devotos passaram a lidar com essa divindade, além de discutir as questões políticas que, em algumas circunstâncias, tornaram a devoção uma profícua plataforma política. Neste tópico, nos deteremos nas transformações ocorridas na Igreja Católica, não só no Piauí, mas no mundo, considerando os efeitos do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, que promoveram a aproximação dos clérigos com questões sociais e, principalmente, com a situação vivida pelo homem do campo, que sofria com a violência e falta de terra.

³⁵ O Concílio Vaticano II ocorreu de 1962 a 1965 e teve como propósito uma aproximação maior da Igreja Católica com os fiéis católicos. Permitiu reflexões sobre a própria prática evangelizadora da Igreja, e foi, segundo João Passos (2014), um momento de auto-compreensão da Igreja Católica, especialmente, no que diz respeito às mudanças e necessidades do cristão moderno.

³⁶ A Conferência de Medellín, ocorrida na cidade de mesmo nome, na Colômbia, teve como propósito alinhar as recomendações do Concílio Vaticano II, especialmente, no que diz respeito aos cultos devocionais que existiam na América Latina, além de buscar uma aproximação maior da Igreja com a realidade social latino-americana.

O momento será tanto de regulação, quanto de abertura, com uma aproximação maior com as práticas do povo.³⁷ Na década de 1960, a Igreja Católica no Piauí ainda era muito orientada por padre mais ortodoxos, como nas paróquias de Santo Antônio, em Campo Maior, de Nossa Senhora das Graças, em Parnaíba, e de Nossa Senhora da Vitória, em Oeiras, que viam-se às voltas com uma disputa entre as práticas modernas e um modelo de Igreja que alguns deles gostariam de seguir mantendo. Portanto, as ações de alguns párocos se caracterizarão por serem coercitivas e reguladoras, enquanto que outros procurarão um maior diálogo com os devotos. E, no caso de Santa Cruz dos Milagres, o que pode parecer aceitação das novas ideias inspiradas no Concílio Vaticano II, na maioria das vezes, esteve camuflado em tentativas de controle e coerção das práticas devocionais. Assim, o convívio nem sempre significou aceitação, podendo ser percebido antes como uma estratégia para fazer com que os devotos, que já eram fiéis da Santa, respeitassem os dogmas da Igreja Católica.

Para a Igreja Católica, a devoção à Santa não se constituía em expressão do catolicismo oficial, mas uma expressão do catolicismo popular, que, por isso, precisava ser controlado.³⁸ De acordo com Pedro Oliveira, o catolicismo popular pode ser definido:

[...] como um conjunto de representações e práticas religiosas que independem da mediação de agentes institucionais [...] contrapõe-se à produção religiosa de especialistas que sistematizam as representações e práticas religiosas, produzindo doutrinas e rituais explicitamente formulados, sobre os quais eles são os únicos a exercerem um domínio [...] (OLIVEIRA, 1985, p. 134).

A afirmação de Oliveira parece aplicável à devoção à Santa Cruz, especialmente se pensarmos no modo como a Igreja irá tentar regulá-la, ao mesmo tempo em que dará espaço para as práticas de seus devotos. O que se pôde observar é que Padre Davi, a fim de manter os fiéis junto à Igreja, se apropriou de certas práticas dos devotos, mas não deixou de intervir na devoção, defendendo o que considerava como verdadeiro exercício de fé.

Os modos como os devotos se comportavam durante as festas religiosas que ocorriam na capital do Piauí, Teresina, e naquelas realizadas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres,

³⁷ Importante frisar que, quando nos referimos a povo, não estamos nos referindo apenas aos pobres, apesar de estarmos cientes de que a maioria dos sujeitos que procuraram a Santa, nos primeiros tempos, era composta por indivíduos pobres e explorados pelos mandatários rurais. Não devemos desconsiderar que sujeitos ricos, que não encontravam cura nos tratamentos médicos, também buscaram a intervenção de Santa Cruz dos Milagres, e que muitos desses homens e dessas mulheres recorriam à Santa em busca de graças como aquelas já alcançadas por outros sujeitos, de suas relações familiares ou não.

³⁸ O catolicismo que definimos como oficial tinha seus rituais prescritos pela Igreja Católica, como se constata na celebração das missas e procissões e na administração dos sacramentos.

também foram alvo de críticas por parte de alguns intelectuais piauienses,³⁹ que as consideravam manifestações ruidosas e em desacordo com a Igreja e com a moral pregada pelas elites. Cabe ressaltar que, diferentemente do que se observa em Teresina, em Santa Cruz dos Milagres não encontraremos um grupo político e/ou intelectual que procurou controlar a festa, o que permitiu uma maior autonomia e mobilidade dos fiéis, a despeito das iniciativas tomadas por Padre Davi.

Sendo assim, entendemos que a maleabilidade ou tolerância nas práticas do catolicismo popular, apontadas por Oliveira, podem ser percebidas em Santa Cruz dos Milagres. Às determinações da doutrina oficial foram agregadas as necessidades dos fiéis, os quais, apesar de, às vezes, agirem em desacordo com a ortodoxia, não abriam mão dos sacramentos: “Tal maleabilidade real, prática, do catolicismo, lhe permite ser ao mesmo tempo a religião dos dominantes e dos dominados, sem que as diversas significações atribuídas aos mesmos significantes religiosos deem lugar a múltiplos sistemas religiosos” (OLIVEIRA, 1985, p. 34).

Como pudemos observar, apesar de a década de 1960 se caracterizar pelas transformações ocorridas na Igreja Católica, principalmente na relação que vinha mantendo com as práticas populares, não devemos desconsiderar a existência de tensões que se manifestavam a despeito de um discurso conciliatório. Tensões que, em sua maioria, foram contornadas por negociações que tornaram possível a manutenção e até a ampliação de algumas manifestações religiosas no Piauí. Entendemos que o conceito de catolicismo popular proposto por Solange Andrade é o que nos permite uma abordagem mais próxima da análise que nos propusemos a fazer das festas realizadas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres, especialmente, a Festa de Exaltação à Santa Cruz. Práticas como dançar, beber e jogar não afastavam os devotos da sacralidade da devoção, assim como rezar e participar dos rituais litúrgicos durante as missas não os tornava submissos à Igreja.

[...] a conceituação de uma manifestação a partir da dicotomia oficial/popular, dominante/ dominado mostra-se no mínimo, incompleta, pois exclui a especificidade de cada manifestação de religiosidade que o historiador aborda. Ao adotar a análise considerando esta dicotomia, acaba por pulverizá-la, dado que cada prática analisada é apresentada como tendo uma existência forjada em virtude de outra prática considerada oficial (ANDRADE, 2008, p. 238).

³⁹ Vale, aqui, lembrar que, de acordo com Peter Burke (2010), quando as culturas ditas populares começaram a desaparecer, elas se tornaram alvo do interesse de estudos dos intelectuais. Higinio Cunha, Abdias Neves, Mathias Olímpio e Clodoaldo Freire produziram suas obras no início do século XX. Nelas encontramos, ora um tom elogioso para a manutenção das tradições, ora, a recriminação das práticas dos ditos “incultos”. Por serem anticlericais, suas críticas estão, em sua maioria, relacionadas à religiosidade católica.

Como já afirmado em outro momento, em Santa Cruz dos Milagres, a aproximação entre Igreja/clero e fiéis se intensificará logo após o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín, o que não significou, no entanto, que Padre Davi aceitasse plenamente as manifestações dos fiéis durante as festas em homenagem à Santa. O caráter apaziguador e conciliador de suas iniciativas não escondia o anseio pelo controle da festa, como se pode observar na introdução das confissões coletivas, para o que seria auxiliado por padres de outras comunidades eclesiais. No caso de Santa Cruz dos Milagres, vale lembrar que ela esteve subordinada à Valença até fevereiro de 1968, quando a divisão das paróquias a colocará sob a tutela de São Felix, passando a ser dirigida por Padre Davi Mendes.

Padre Davi, assim como outros clérigos do Piauí, teve sua formação muito pautada no modelo romano de catolicismo, de respeito à Trindade e submissão aos dogmas da Igreja. Joaquim Chaves (2013), no seu texto sobre a formação eclesial do Piauí, descreve o excesso de apego aos dogmas e a pouca aproximação com os fiéis em vigor no período, que reforça o esforço de romanização empreendido e que

só poderia ser efetivada na medida em que o poder religioso fosse totalmente transferido dos leigos para os clérigos. Ao promover tal centralização, o clero passou a exercer um controle cada vez mais acirrado sobre todas as manifestações religiosas, combatendo, enfaticamente, aquelas que não se enquadrassem nos limites permitidos (JURKEVICS, 2004, p. 41).

Assim, todas as práticas religiosas que ferissem os dogmas da Igreja Católica deveriam ser eliminadas. Os jogos, as bebedeiras e a prostituição, que, muitas vezes, coexistiam com os rituais de devoção ao santo/à santa, em meio às festas religiosas, passaram a ser alvo de medidas adotadas pelos clérigos. No caso de Santa Cruz dos Milagres, as medidas coercitivas vinham disfarçadas de melhorias ao rito, mas pelos escritos do Padre é possível perceber as ações de controle.

No caso das festas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres, elas eram acompanhadas de música e de comidas e bebidas oferecidas em barracas que se espalhavam pela cidade, atestando que, por muito tempo, as festas à Santa Cruz vinham sendo feitas sem maior controle por parte do clero, em grande medida, devido ao seu despreparo. Este aspecto é, aliás, recorrente na documentação do primeiro bispo do Piauí⁴⁰, que, na década de 1930, destacou as posturas inapropriadas dos fiéis nas festas religiosas.

⁴⁰ Para o Arcebispo Dom Severino Vieira de Melo, primeiro Arcebispo do Piauí, era necessário moralizar o clero, que se deixava levar pelas festas e após a missa acabava acompanhando os fiéis nas bebidas.

Tais solenidade [novenas] constitui verdadeira profanação do culto religioso e, longe de servir a Deus ou honrar os seus santos são grandemente ofensivas, não só por estarem em oposição ás leis gerais da Igreja e contrárias as prescrições da autoridade diocesana a quem compete regularizar todo e qualquer exercício de culto, como também por constituírem um flagrante atentado contra a moralidade e a boa ordem. (CURIA DE TERESINA, Decretos e Normativas, 1926-1955, p. 38).

Como nos lembra Martha Abreu, essas festas também se convertiam em preocupação para os detentores do poder:

Algumas autoridades policiais e municipais condenaram as festas nas ruas, com suas barracas e diversões, por serem locais de jogos e vagabundagem; os médicos, por sua vez, passaram a considerar as festividades religiosas como bárbaras, perigosas, vulgares e ameaçadoras da “família higiênica”, e, finalmente, A liderança religiosa começou a se preocupar mais sistematicamente com as ditas deficiências do catolicismo brasileiro, marcadas pelo despreparo do clero e pela prática religiosa distante dos cânones oficiais (ABREU, 1999, p. 37).

As tentativas de maior controle sobre essas festas e de coerção dos fiéis se traduzirão nas missões populares, através das quais os padres deveriam levar o ensinamento e os sacramentos aos moradores dos mais longínquos lugares, os quais, segundo os religiosos viviam em pecado. De acordo com Severino Silva, serão os redentoristas, os capuchinhos e os franciscanos⁴¹ os religiosos que irão trazer

sua contribuição decisiva para a mudança de hábitos da população pobre, com a pregação moralizante e conformadora que tanto auxiliam o domínio de certos segmentos sobre a população pobre, ao mesmo tempo em que foram fundamentais no processo de romanização e europeização da Igreja no Brasil (SILVA, 1988, p. 79).

Em sua atuação, esses padres procuraram substituir alguns cultos tradicionais, praticados pelos fiéis, por outras formas de experiências com o sagrado, fomentando e introduzindo comportamentos e práticas devocionais que se manterão, em algumas cidades do Piauí, até meados do século XX. Isso se deu, em grande medida, pelo medo imposto pelos sacerdotes, que lhes haviam ensinado sobre a obrigatoriedade dos sacramentos, que fazia com que os fiéis, a despeito de sua miserável condição, solicitassem a vinda do Padre nas desobrigas:

[...] com uma sociedade de rígida estratificação social, de separação aos costumes e aos usos sociais, combinava bem uma Igreja onde a separação entre padres e fiéis fosse rígida, onde as normas eclesíásticas eram sempre

⁴¹ Não existem pesquisas sistematizadas sobre a entrada dessas ordens no Piauí, mas algumas fontes, como o Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio, sugerem que esses religiosos teriam vindo do Maranhão e do Ceará ainda no final do século XVIII, e teriam auxiliado no processo de pacificação e controle das comunidades nativas da região. Os franciscanos teriam ficado na região norte do estado do Piauí até meados do século XX.

impostas, aceitas e nunca discutidas. O predomínio das normas sobre os valores religiosos fazia da nossa Igreja uma instituição normativa e ritualística (CHAVES, 2013, p. 247).

Assim, durante muito tempo, as festas religiosas populares do Piauí sofreram forte intervenção da Igreja Católica, tanto na organização dos cortejos religiosos, quanto nas celebrações, sendo que muitas foram colocadas na ilegalidade por não respeitarem os preceitos da ortodoxia católica. Eurípedes Filho aponta as ações de controle sobre a Festa de São Gonçalo no Piauí, na qual não só a Igreja a apresentava como libidinosa, como também a elite, que criticava e condenava a sensualidade das danças em louvor a São Gonçalo.

Na cidade de São Gonçalo do Piauí, a prática desta dança encontrou um clima próprio, por estar esta cidade longe dos centros urbanos e ser zona de pecuária e de lavoura de subsistência.

Com o beneplácito dos senhores de fazendas, os rurícolas se reuniam e improvisavam latadas, terreiros cobertos com palhas de babaçu ou carnaúba, ou mesmo ao ar livre e iniciavam a veneração ao Santo (FILHO, 1987, p. 27).

Os padres, além de responderem à ortodoxia católica, também buscavam agir sobre as consciências e a moral dos fiéis, na medida em que viam o diálogo que eles mantinham com o(a) santo(a) como algo libidinoso, implicando na necessidade de corrigir e/ou proibir determinadas práticas. Os religiosos estavam, também, conscientes de que havia, como bem apontado por Severino Silva (1988), dificuldades para atingir esse propósito em um estado como o Piauí, que, no início do século XX, possuía um número imenso de analfabetos.

Em relação à devoção à Santa Cruz dos Milagres, e conseqüentemente, em relação à romaria e às festas, pode-se afirmar que elas tiveram, por um longo período, uma ação limitada da Igreja, que, apesar de ter tomado a iniciativa, em 1888, da construção de um templo dedicado à devoção, terá uma ação mais efetiva somente por volta da década de 1968, pela atuação de Padre Davi Mendes.

No Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, o Padre, à época, registrou uma série de iniciativas tomadas para garantir um acesso mais fácil e uma estadia mais aprazível para os devotos da Santa. Essa preocupação com os fiéis, no entanto, visava também manter o ritual sob a vigilância eclesial, como forma de manter incorruptíveis os símbolos da fé, como por exemplo, o Olho d'água, que deveria ser protegido para garantir sua pureza:

[Ano 1960] Em Santa Cruz fiz um salto na margem do Rio São Nicolau todo de aroeira [...] foi concluído o trabalho na ladeira ficando de modo a passar qualquer veículo. Mandei construir as barracas do Olho d'água, sendo as

colunas de alvenaria e a cobertura de telha. (Livro do Tombo III - Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, 1958-1986).

Como se pode constatar, as melhorias feitas nas áreas próximas ao Santuário tinham como propósito facilitar não apenas o acesso dos devotos, mas, também, o exercício pastoral.⁴² É importante frisar que, se nas fontes referentes à Nossa Senhora do Ó e Conceição, observamos apenas breves menções às festas de Santa Cruz dos Milagres, aquelas que se referem a São Felix, além de enfatizarem a importância da romaria para o catolicismo piauiense, revelam a preocupação em orientar os fiéis para o culto, considerado por Padre Davi Mendes como o mais puro momento da manifestação devocional.

Mesmo agindo de modo menos atuante, os padres que antecederam Padre Davi Mendes conseguiram deixar as marcas da ação institucional na Igreja, através de iniciativas de melhoria do templo em Santa Cruz dos Milagres, como explicitado pelo Padre Raimundo Marques:

[Ano de 1962]: Em Santa Cruz dos Milagres. Fôra benta a primeira pedra, da futura igreja. O oficiante foi o padre Mateus Rufino Cortez⁴³, que proferiu um bellissimo discurso, comoveu o povo. (Livro do Tombo III - Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, 1958-1986).

Como já mencionado anteriormente, até 1901, a Igreja Católica piauiense se manteve subordinada à Arquidiocese do Maranhão, sendo que, apenas em 1903, foi criada a Diocese do Piauí (CARVALHO JUNIOR, 1980, p. 84). Alguns dos problemas para o efetivo exercício pastoral decorria da distância do Bispado, que garantia uma certa liberdade em terras piauienses. Esse afastamento implicou não apenas no ineficiente exercício pastoral, mas, sobretudo, nas características que o clero e a religiosidade assumiriam na região:

Com data de 20 de fevereiro de 1901, sua Santidade o papa Leão XIII, pela bula *Supremum Catholicam Ecclesiam*, criou a Diocese do Piauí, sinal de que o pedido dirigido pelo Governador e povo piauiense e a solicitação de Dom Jerônimo, foram atendidas. No entanto, por motivos ainda hoje sem explicação o documento pontifício fica engavetado por dois anos (MELO, 1993, p. 17).

A análise que realizamos revelou que, mesmo após 50 anos de criação da Diocese no Piauí, o estado ainda enfrentava problemas em relação ao exercício pastoral em todas as suas regiões. O problema era maior na região semiárida do estado, entre o centro norte e sul, que possuía extensos territórios, poucas estradas e poucas condições para a fixação ou, até mesmo,

⁴² É preciso considerar que essas iniciativas, que visavam intensificar a pregação junto aos fiéis, se adequam aos pressupostos da romanização, processo implantado pelo Concílio Vaticano I, como já exposto em outro momento.

⁴³ Na época, padre Mateus Rufino Cortez era vigário Geral do Piauí.

para o deslocamento dos religiosos. Em 1958, a preocupação com essas condições e dificuldades seria exposta pelo bispo Dom Avelar Brandão Vilela, no Livro da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição:

[Ano 1958] Esperamos que a vida cristã da paróquia⁴⁴ se desenvolva, que as associações religiosas, cujo trabalho louvamos e abençoamos se afervorem mais ainda, que o catecismo se robusteça sob todos os aspectos, que a graça divina habite todos os lares e a paz social promova o bem público, sob os cuidados materiais de Nossa Senhora. (Livro do Tombo III - Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, 1958-1986).

A fala do então Arcebispo de Teresina, Dom Avelar, aponta, ainda, para a necessidade do trabalho dos leigos, reunidos em associações, e que deveriam atuar como mediadores entre a Igreja e o povo, fomentando a participação dos fiéis em grupos de casais, de jovens e de senhoras, em prol da “paz social e do bem público”. Ainda nesse mesmo Livro do Tombo, o Arcebispo manifesta sua disponibilidade para o diálogo com a comunidade, com vistas a uma participação mais efetiva dos fiéis junto à Igreja, que se colocava como preocupada com a evangelização da região.

Dez anos depois, em 1968, o Arcebispado piauiense estava empenhado na implantação do proposto pelo Concílio Vaticano II, seguindo o que desejava o então Papa Paulo VI, que defendia, entre outras questões, uma atuação carismática da Igreja Católica. Essas iniciativas, que previam uma atuação mais próxima do povo, iam ao encontro do que Dom Avelar já havia proposto anos antes. Vale lembrar que, por ocasião da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, foram apresentadas as propostas aprovadas no Concílio Vaticano II, inclusive, daquelas que se direcionavam para a América Latina. Na abertura da Conferência, Dom Avelar, então presidente do CELAM, expôs os principais objetivos da reunião.

A todos interessa a tarefa essencial da *evangelização e crescimento da fé*, que atende a renovada pastoral popular e das elites, a uma catequese viva e orgânica, a uma liturgia frutífera e expressiva. A todas preocupa uma revisão evangélica da Igreja visível e de suas estruturas, que anime os movimentos apostólicos de leigos, o ministério e vida dos presbíteros, a atividade dos religiosos e religiosas, a atualizada e sólida formação do clero, o testemunho da pobreza evangélica, a coordenação pastoral em seus diversos níveis, a utilização sábia dos meios de comunicação social (CELAM, 1998, p. 07).

Dom Avelar, valendo-se de sua condição de Arcebispo do Piauí, colocou em prática os princípios acima referidos, direcionando o clero do Estado a um exercício pastoral mais

⁴⁴ Neste Livro de Tombo, o Arcebispo se refere à Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, o que não excluía Santa Cruz dos Milagres, já que, nesse período, o Santuário ainda se encontrava subordinado à referida paróquia.

próximo do povo e que, efetivamente, integrasse os fiéis nas atividades paroquiais. O bispo tenta, acima das dificuldades sentidas nas paróquias piauienses, aproximar os fiéis da liturgia, para, desta forma, afastá-los das credences e das novas religiões, um temor que era compartilhado por padres de quase todo o Piauí.

Dom Avelar deu visibilidade a este projeto de Igreja, divulgando sua mensagem na imprensa escrita e no rádio, meios através dos quais pretendia alcançar todas as cidades piauienses. Sônia Carvalho, ao escrever a biografia do Arcebispo, aponta para os efeitos de sua pregação, na medida em que

Dom Avelar foi personagem de atuação frequente neste lugar social chamado imprensa escrita. Nele viveu tensões e batalhas para defender sua atuação em Teresina. O preço da diversificação do púlpito foi ampliação das possibilidades de choque ideológicos com os interlocutores da cidade (CARVALHO, 2010, p. 111).

A atuação do Arcebispo será, de fato, importante para as transformações pelas quais passará a Igreja do Piauí após o Concílio Vaticano II. Ao retornar ao Piauí, em dezembro de 1968, Dom Avelar concedeu entrevista a um jornal do estado, na qual destacou a conjuntura política e social que o Brasil vivia, enfatizando o papel social que a Igreja deveria assumir e as responsabilidades do cargo que ele desempenhava junto ao CELAM:

Quem como eu vem exercendo tantos cargos de responsabilidade, está forçado a viajar sempre, quer queira quer não. [...] No Rio de Janeiro, além das reuniões promovidas pela CNBB, mantivemos contatos com o Sr. Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio, e com algumas autoridades civis e militares.

Nestes momentos mais delicados da vida nacional, são de grande utilidade para o bem público êsses contatos que esclarecem problemas e derramam luz sobre os caminhos. (DOM AVELAR FALA A REPORTAGEM DE O DIA. Jornal *O Dia*, 1968, p. 06).

O “momento delicado da vida nacional”, ao qual Dom Avelar se referia, era o da ditadura civil-militar, regime político que durou até 1985, marcado também por dificuldades econômicas de âmbito nacional e regional. Esses problemas econômicos eram citados também no Livro do Tombo por Padre Davi Mendes, de maneira indireta. Mesmo com alguns atos de rebeldia de padres e bispos na década de 1970, como afirma Paulo Gomes (2014), a medida dos dirigentes da CNBB, como no caso de Dom Avelar, previa agir com cautela em relação ao governo militar.

A defesa dos direitos humanos pela CNBB, a partir desse momento passou a se sobrepor às considerações sempre reticentes feitas sobre a situação

socioeconômica do país. No documento mencionado, a entidade fez elogios a alguns resultados já atingidos pelo governo em certos setores como o campo financeiro, os transportes, as comunicações e a habitação, resultados do chamado “milagre econômico”. Somente alguns bispos arriscavam denunciar as desigualdades sociais, o que não era o caso dos dirigentes da Conferência. (GOMES, 2014, p. 53).

O Arcebispo piauiense trazia no seu discurso um tom mais apaziguador, apesar de ter noção da situação social e política do país. Sua mensagem e sua atuação junto a CNBB e ao CELAM eram divulgadas em notas nos jornais locais e também na Rádio Pioneira⁴⁵ de Teresina, importante veículo de divulgação das ações da Igreja Católica no Piauí. Os jornais o apontavam, inclusive, como um importante representante na América Latina no Vaticano.

A Rádio Pioneira permitia um diálogo mais próximo do povo com ações de evangelização e, também, de educação. O Arcebispo, ao dar início ao projeto desse modelo de rádio, tinha como exemplos as experiências radiofônicas da colombianos, mas também de rádio brasileiras que pelas “ondas do rádio”, levavam a educação pastoral para as regiões mais longínquas do estado, trabalhando a palavra e a cultura local.

Havia, também, uma preocupação do bispo em repassar as ações tomadas pela Conferência aos “pastores” locais, por vezes, deslocando-se para as dioceses para falar com o povo e com os clérigos, pois era urgente repassar as recomendações, para, assim, definir quais as linhas que a Igreja Católica Piauiense iria adotar.

Reunião de Bispos: Logo mais as 8 horas. D. Avelar presidira a importante reunião de Bispos, encontro que prorrogará até sábado. Estarão presentes os bispos de Parnaíba, Oeiras, Bom Jesus e o vigário Capitular de São Raimundo Nonato. Além da coordenação pastoral de cada diocese serão debatidos assuntos ligados a Conferência Nacional dos Bispos. (REUNIÃO DE BISPOS, Jornal *O Dia*, 1969, p. 1).

Vale lembrar que, no cenário pós-Concílio Vaticano II, os bispos passaram a ter um papel mais atuante junto à comunidade, motivados por uma ação social até então inexistente. Eles passaram a se preocupar com os problemas sociais de seus paroquianos, inserindo-se, inclusive, em uma rede de discussões sobre o próprio destino da Igreja Católica na América Latina, como lembra José Oscar Beozzo:

⁴⁵ A Rádio Pioneira foi um importante veículo de evangelização no estado do Piauí. Foi a primeira Rádio Católica do estado, sendo a realização de um sonho do Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela, que percebia o rádio como uma ferramenta importante no processo de evangelização, especialmente “considerando o crescimento do áudio visual, cada vez mais desabaladamente”. (Livro do Tombo da Arquidiocese do Piauí e Teresina 1952 - 1964). A rádio iniciou suas atividades em setembro de 1962 e, até hoje, é um importante veículo de comunicação no estado do Piauí, promovendo a cultura e a principalmente evangelizando.

O Concílio quebrou ainda o secular predomínio dos órgãos da Cúria Romana sobre as Igrejas locais e fez emergir os bispos como sujeitos e atores na cena conciliar, como responsáveis primeiros e porta-vozes de suas próprias Igrejas e de seus países e continentes, como foi o caso do Brasil, por intermédio da CNBB, e da América Latina, por meio do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) e de seus cerca de 600 bispos. Essa nova condição do episcopado expressou-se plenamente na realização e nos resultados da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, na Colômbia, em 1968 (BEOZZO, 2005, p. 54).

A Conferência de Medellín, por sua vez, pode ser entendida como o momento em que a Igreja Católica assumiu e aceitou a heterogeneidade da América Latina. De acordo com João Passos (2018), esse período reformista será de diálogos e embates com as tradições, e, também, de observação das diferenças, tendo em vista à implementação de mudanças que deveriam ser feitas dentro da Igreja, que deveria “confrontar a fé com a vida (2018, p. 100)”, determinando uma maior aproximação as comunidades rurais e com suas necessidades.

A despeito da inexistência de consenso em torno das propostas do Concílio Vaticano II, alguns membros da Igreja Católica que renascia após o Concílio percebiam os grandes abismos sociais existentes no continente, passando a se pensar e se perceber como uma “Igreja feita para o povo”, portanto, claramente voltada ao diálogo, face à “necessidade de adaptação da Igreja a uma pastoral que priorize a diversidade e pluralidade cultural do homem latino-americano” (ANDRADE, 2008, p.145) e um convívio menos conflituoso com as práticas religiosas populares. Essas alterações vivenciadas pela Igreja Católica ao longo dos anos e seus efeitos sobre as práticas religiosas são assim percebidas por Riolando Azzi:

Importa ressaltar que em geral o modo de vivência da fé relaciona-se diretamente com a própria visão de Igreja que se mantém nos diversos períodos históricos: alterando-se o conceito que a instituição eclesiástica tem de si mesmo, modifica-se em geral a prática da fé e a consciência religiosa do povo (AZZI, 1981, p. 21).

No ano de 1969, a Igreja piauiense passou a adotar as recomendações do Concílio Vaticano II. Nesse mesmo ano, Padre Raimundo Marques, então pároco da igreja de Nossa Senhora do Ó e Conceição, em Valença, muda a estrutura da igreja de São Benedito, considerada uma das mais antigas da região, por ter sido fundada em meados do Século XIX, e que se encontrava subordinada à matriz de Nossa Senhora do Ó e Conceição. As mudanças tinham por objetivo não só a adequação ao proposto pelo Concílio, mas, também, assegurar uma maior liberdade pastoral.

Em maio de 1969 iniciei por conta própria, uma remodelação da Igreja de São Benedito. Comecei pelo meio da nave central e corredores eu os coloquei na

parêdes, para continuarem a um testemunho através dos templos. Abri mais dois arcos na capela-môr, afastei a mesa do altar, desde a forma defendida pelo Concílio Vaticano II, tirei todo o reboco que era de barro simplesmente [...] tirei os arcos dos corredôres, coloquei novas portas acrescentando mais duas [...]. (Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, 1958 -1990).

A reforma da igreja realizada por Padre Raimundo Marques visava, além de uma maior aproximação com a comunidade, que o templo se tornasse mais acolhedor, de forma a atrair, em especial, os jovens, para inseri-los no projeto evangelizador. A juventude, além de dar às práticas religiosas uma jovialidade, poderia garantir a continuidade das práticas católicas. Nesse mesmo período, observa-se um incremento da participação popular nas festas religiosas da região, como se pode constatar na festa em homenagem ao Divino Espírito Santo. No Livro do Tombo, Padre Marques registrou a grande participação dos leigos nas festas à Virgem Maria e ao Divino Espírito Santo, festas que, além de muito movimentadas, eram aguardadas pelo povo. Vale lembrar que a postura adotada pelo padre permitia uma maior participação dos fiéis nas comemorações:

[Maio de 1970]. No mês de maio as 18 e meia horas a recitação do terço. A cidade foi dividida, as famílias, os alunos, a polícia, as enfermeiras, todos tiveram o seu dia para rezar a virgem. Houve muita manifestação. A Festa do Divino Espírito Santo. Simples, com muita concorrência do povo no interior da paróquia. Mas revestida de muita liberdade. (Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, 1958 -1990).

É importante ressaltar que a participação de leigos nas comemorações religiosas não era algo novo e que as irmandades são uma prova da atuação desses grupos de fiéis na Igreja, isto porque “Os leigos participavam ativamente na construção de Igrejas, nos atos do culto e na promoção de devoções” (MESSIAS, 2010, p. 50).

No caso de Santa Cruz dos Milagres, pode-se afirmar que as festas em sua homenagem serão marcadas por essas novas orientações e, especialmente, por aquilo que podemos denominar de circularidade cultural, isto é, “um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (JURKEVICS, 2005, p. 12), movimentando os preceitos do catolicismo romano e incorporando as práticas do catolicismo popular. Esta circularidade, motivada pela implementação das orientações do Concílio Vaticano II, se dava de forma muito clara em algumas circunstâncias e, em outras vezes, de forma camuflada. Assim, os padres se apropriavam de práticas religiosas populares,

inserindo-as nas missas, enquanto que o povo adotava e participava de parte dos ritos da Igreja, sem que isso significasse submissão ou autonomia.

Em se tratando das iniciativas tomadas pelos padres de Valença e de Santa Cruz, não devemos desconsiderar e/ou minimizar as tensões e a contestação que elas provocaram em alguns setores da sociedade das duas cidades. Muitas delas implicaram nas proibições de certas práticas e no esforço cada vez maior dos padres em controlar a festa e, principalmente, os momentos que antecediam e que se sucediam às missas e às procissões. Apesar dessa crescente intervenção, as festas religiosas realizadas no interior piauiense seguiram sendo muito concorridas, atraindo fiéis de todos os recantos, desde moradores das cidades até os do interior. Não se deve minimizar a consciência que os padres tinham de que as festas, assim como as procissões, “quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir” (JURKEVICS, 2005, p. 2), constituindo-se, ainda, em uma forma de aproximação da Igreja com os fiéis.

No caso do Nordeste, as recorrentes secas deixavam a população em uma situação preocupante, sendo importante levar esperança ao povo, em especial, através da mensagem do Evangelho. É preciso considerar que a situação dos piauienses que viviam no sertão fomentava ainda mais sua participação nas festas religiosas, nas quais faziam ou renovavam seus pedidos por chuva e por oportunidades de trabalho. Esses pedidos de bençãos eram feitos, na maioria das vezes, aos santos padroeiros das comunidades, mediante manifestações acaloradas de fé. Face à situação, alguns padres exerciam seu ministério sem coibir ou intervir nas devoções populares, adotando certa tolerância em relação às práticas dos fiéis. Padre Nery Sobrinho, ao chegar a Valença, recorreu à tolerância para ser aceito pelos paroquianos:

[Trabalhos pastorais de 1973]: Não fizemos nada de extraordinário. Apenas tentamos conhecer os três municípios da paróquia de Valença com todos os seus interiores. Tentamos conhecer a vida do povo com todos os seus costumes e tradições religiosas. Para este trabalho fiz questão de não impor minhas idéias, limitei a ouvir o povo, fazendo o que era do agrado dele. Presidi todas as festas dos três padroeiros principais [...]. (Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, 1958 -1990).

Ao chegar em Valença, Padre Nery teve que enfrentar não apenas a desconfiança da população, mas conviver com a rejeição de seu antecessor. Mas, como se pode constatar, o padre adotou a tolerância como uma estratégia para que fosse aceito pela comunidade. Em razão disso, tudo o que ele considerava como credice foi colocado, temporariamente, em suspenso, possibilitando, assim, sua inserção no cotidiano dos paroquianos.

A complacência do padre com os costumes do povo será o modo que ele encontrará para ser inserido na comunidade, e, conseqüentemente, aceito. Mas, para além da lógica de integração ao grupo de fiéis, havia, ainda, a necessidade de trazer os devotos para dentro da Igreja, aproximá-los para evangelizá-los. Uma ação que será reforçada pela ampliação da catequese nas paróquias e, também, pelas confissões comunitárias no período de festa.

Como se pode observar, a Igreja piauiense, no final da década de 1960 e início da década de 1970, opta pela união com seus fiéis, isto porque se propõe a ser “parte do povo”, “ser simples como seus fiéis, [sendo que] o sacerdócio se realizaria não pela distinção, mas sim pela identificação com o “outro” (FERNANDES, 1994, p. 39). No período de atuação de Padre Nery, os festejos dos padroeiros foram reorganizados, a fim de garantir uma maior participação popular, especialmente, da liturgia. Através dessa participação, o padre pretendia introduzir novas práticas religiosas na comunidade:

[Festa de São José 1971] – Esta festa teve um cunho novo, pois foi participada por todo o povo da cidade e do interior através de palestras especializadas, campanha financeira, festa social e etc... Senti o interesse do povo todo em trabalhar pela Igreja, a partir de logo depois da festa nasce uma equipe de leigos (3 casais) para tomarem conta da Igreja, não só na parte material, como também na vida espiritual do Povo de Deus (Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, 1958 -1990).

Essa liturgia mais aberta e mais simples estava presente nas determinações do Concílio Vaticano II, e previa o envolvimento tanto do povo do interior quanto do da cidade, com vistas à sua evangelização. Mas a despeito da tolerância e de certo relaxamento das exigências, a Igreja não deixou de propor a modificação ou a proibição de certos comportamentos adotados pelos devotos nas romarias e nas peregrinações, de forma que práticas mágicas e supersticiosas fossem eliminadas, como exposto no texto de Medellín:

Suas expressões podem estar deformadas e mescladas, em certa medida, com um patrimônio religioso ancestral, onde a tradição exerce um poder quase tirânico; correm o perigo de ser facilmente influenciadas por práticas mágicas e supersticiosas, de revelar um caráter mais utilitário e certo temor ao divino, que necessita da intervenção de seres mais próximos ao homem e de expressões mais plásticas e concretas (CELAM, 1998, p. 111).

A relação de proximidade entre o devoto com o(a) santo(a) padroeiro, traço característico da religiosidade popular, era algo perceptível na festa de Santa Cruz dos Milagres, com demonstrações acaloradas de fé. A cruz da Chapada não era mais percebida como objeto de devoção dos fiéis, passando a ser percebida e tratada como uma “pessoa”, como uma divindade para a qual se rendia culto. Cabe ressaltar que “a grande massa dos crentes não está

interessada em santos como exemplos morais, mas como protetores contra tempestades e pestes” (WOODWARD, 1992, p. 70). Por esse motivo, para o devoto, não importa se o(a) santo(a) é um(a) criminoso(a) ou o tronco de uma árvore em forma de cruz. Importa sua capacidade de fazer milagres e resolver toda a sorte de problemas.

Em seu livro de memórias, Padre Davi Mendes faz referência às promessas pagas em função das graças alcançadas e aos exageros que as caracterizavam, fazendo as seguintes recomendações:

A promessa para ter sentido em nossa vida e ser realmente válida, tem de ater-se a certas normas:

1- A promessa tem de ser boa em si mesma e nos seus objetivos. Promessa alguma coisa má, ou pretender adquirir coisas más com a promessa, até ofende a Deus.

2- A promessa é uma atitude pessoal. Assim não vale uma promessa feita para outra pessoa pagar. Não é, portanto, pecado deixar de pagar uma Promessa que outra pessoa fez por nós. Mas se a gente aceita a promessa, fica com a obrigação.

[...]

5- Não se deve fazer promessa por razões de pouca importância. Como se devem fazer muitas promessas ao mesmo tempo, ou acumular muitas promessas sem pagar. [...] (OLIVEIRA, 1990, p. 27).

Como se constata na passagem acima, Padre Davi Mendes não recrimina, de forma enfática, os atos dos devotos. Em seu livro de memórias, ele tenta orientá-los para o que acreditava ser uma forma correta de solicitar a compaixão da Santa, buscando, ao mesmo tempo, mostrar que a Igreja e a Trindade nunca abandonavam seus fiéis com ou sem promessas. Como se pode constatar, Padre Davi Mendes e o Arcebispado piauiense, em sintonia com o proposto pelo Concílio Vaticano II e pela CELAM, apoiaram as manifestações que entendiam ser demonstração autêntica de fé, e, através da negociação, procuraram corrigir certos comportamentos, a fim de assegurar a proximidade dos fiéis da Igreja.

A religiosidade popular pode ser ocasião ou o ponto de partida para o anúncio da fé. Não obstante, impõe-se uma revisão e um estudo científico dessa religiosidade para purificá-la de elementos que a tornem inautêntica e para valorizar seus elementos negativos (CELAM, 1998, p.125).

Coerentemente com a percepção de que havia a necessidade de purificar a religiosidade popular proposta pela CELAM, Padre Davi Mendes defendia que o romeiro necessitava de orientação e disciplina, devendo ser educado e inserido nas atividades litúrgicas, visando ao seu afastamento das manifestações impróprias do ponto de vista moral. Ao escrever suas memórias sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres, o padre lembra a necessidade de “um trabalho

profundo de purificação e levantamento a nível satisfatório de Igreja” (OLIVEIRA, 1990, p. 03), defendendo que a ocasião propícia seria a própria festa em homenagem à Santa Cruz dos Milagres, a Festa de Exaltação. Foi durante as comemorações de maio do ano de 1970 que Padre Davi anunciou aos fiéis as modificações que deveriam ser feitas no culto à Santa Cruz.

[Festa da Invenção 1970] O vigário anunciou nesta festa [Festa da Invenção] as modificações que pretende introduzir na festa de setembro, e que a seu tempo serão aqui registradas [...] O vigário acompanhou o exercício da Invenção e anotou certos problemas a serem estudados para a festa de para o ano. (Livro Tombo I – paróquia de São Felix, 1968-1983).

Padre Mendes percebia que todas as festas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres eram acompanhadas de vícios que precisavam ser sanados, havendo a necessidade de ensinar os devotos sobre a liturgia e, conseqüentemente, a agirem de modo mais respeitoso com a Santa, recomendações que também se faziam presentes no texto de Medellín:

É recomendável a celebração comunitária da penitência, mediante uma celebração da palavra [...]. Sendo tão arraigadas em nosso povo certas devoções populares, recomenda-se buscar formas mais adequadas que lhes dêem conteúdo litúrgico, de modo que se tornem veículos da fé e do compromisso com Deus e com os homens. (CELAM, 1998, p. 141)

Entre as iniciativas de Padre Davi para sanar os vícios estiveram as confissões comunitárias, as quais, segundo ele, deveriam garantir a participação mais efetiva dos fiéis nas missas, fazendo com que o protagonismo da festa fosse efetivamente da Santa Cruz dos Milagres e não da música, dos jogos, das comidas e das compras dos mais variados artigos que antecediam e acompanhavam as celebrações.

A grande preocupação dessa festa é a pastoral. Nunca se acertou uma linha de ação que tranquilizasse quanto ao aproveitamento espiritual dos romeiros. [...] Na impossibilidade de fazer um planejamento concreto, decidimos partir para uma ação mais ou menos organizada, que fôsse ao menos um roteiro de trabalho. Alguma coisa se devia tentar, ao menos como experiência. E a idéia central seria dar ao romeiro ao que se acha fundamental naquela ânsia que o leva a procurar o Santuário (Livro Tombo I – paróquia de São Felix, 1968-1983).

A devoção, na compreensão do padre, deveria estar imbuída de um sentido mais espiritual e menos material, razão pela qual a Igreja deveria intensificar sua atuação junto ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres, organizando as romarias e as celebrações litúrgicas, contando, para isso, com a ajuda dos padres da região para o esforço de eliminar as superstições

das devoções e os vícios dos devotos. O texto de Medellín também traz orientações nesse sentido:

Impregnar as manifestações populares, como romarias, peregrinações, devoções diversas, da palavra evangélica. Rever muitas das devoções aos santos, para que não sejam tomados apenas como intercessores, mas também como modelo de vida, de imitadores de Cristo. Tratar as devoções e sacramentos de maneira que não levem o homem a uma aceitação semifatalista e sim que eduquem para se tornar co-criador e administrador com Deus do seu destino (CELAM, 1998, p, 114).

Para Padre Mendes, a romarias não deveriam se resumir a momentos de pagamento de promessas, devendo ser também momentos de evangelização. Essa percepção se manifestará em suas ações de intervenção nas festas à Santa Cruz, e que resultarão na proibição de práticas consideradas profanas e libidinosas, como a Festa dos Vaqueiros, e no seu firme propósito de transformar a Festa da Invenção da Santa Cruz no momento central da devoção, por considerá-la a verdadeira romaria.

No capítulo a seguir, nos detemos, especificamente, nos dias de celebração das festas em homenagem a Santa Cruz dos Milagres, com destaque para as maneiras encontradas pelos devotos para devotar festivamente a Santa, conciliando as prescrições religiosas e as manifestações próprias da religiosidade popular. Discutimos, ainda, os usos políticos feitos das festas em homenagem à Santa e as repercussões da presença dos líderes do Executivo nas festas na imprensa local e regional.

3 FESTEJAR AS GRAÇAS NA TERRA DA BENDITA SANTA: CONTROLE E NEGOCIAÇÕES NAS CELEBRAÇÕES DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES.

As festas religiosas populares, por tradição, trazem muito da resistência do povo e da sua fé. Prova disso, são as manifestações nos concorridos Santuários brasileiros, uma renovação na fé feita de norte a sul do país. Estas manifestações variam de santo e dos milagres que ele opera, podendo, através deles, conquistar um fiel escudeiro, um devoto que dedique sua vida ao santo, e que, por conta disso, se torna um dos seus maiores propagandistas, espalhando entre os fiéis as notícias das graças alcançadas.

No Nordeste, as celebrações religiosas seguem o período das colheitas, a exemplo das comemorações juninas, que festivamente agradecem aos Santos a boa colheita e a saúde de seus fiéis. As festas, geralmente, trazem os elementos locais, que vão desde as comidas que serão oferecidas até os trajes. Essas manifestações de fé acabam agitando as noites dos povoados e das cidades, que se organizam para celebrar os santos.

A historiografia dá conta de grande número de celebrações no período colonial, que, muitas vezes, permitiam a conexão entre negros e brancos, conagração conquistado pela via do sagrado. Mas o santo que permitia a adoração de pretos e brancos, ricos e pobres, era celebrado de formas diferentes por cada grupo. Como aponta Mauro Passos (2011), o país possui uma grande diversidade econômica regional, mas não podemos esquecer os componentes culturais, que atuam nas suas “variadas formas de manifestações”, não sendo homogêneas nem mesmo nas suas regiões, sendo capazes de dialogar com as diferenças e inseri-las no seu cotidiano e nas suas práticas de fé.

Há uma imbricação de culturas, interesses e motivos. Com isso, o natural, o social e o sagrado se integram num universo contínuo, mas não linear, pois se trata da construção de símbolos e de uma série de representações, o que implica uma relação mais complexa. (2011, p. 255).

As relações constituídas nessas celebrações não são somente de diálogo, mas também de conflito, como evidenciam as tentativas de preservação de algumas práticas culturais tradicionais. Isto porque as práticas de cultura popular, assim como as de religiosidade popular, estão em “constante movimento”, como recorda Passos (2011), entre continuidades e descontinuidades, onde festejar permite inserir novos sujeitos, que também contribuem com novos elementos a festa. Assim, a festa religiosa deixa de ser apenas o momento lúdico de celebrar e adorar a divindade e passa, como nos recorda Mary Del Priore (2000), a ser momento

político e social, a partir do qual se criava o ilusório diálogo com as diferenças, tendo a devoção ao santo como elemento de aproximação entre esses sujeitos distintos.

O corpo que celebrava, de modo casto dentro da igreja, o santo de sua devoção, se transformava pelos remelexos e jogatinas ao fim da celebração religiosa, pois, o que se desejava, mais do que a benção do santo, era o momento de confraternização com os outros fiéis agraciados por milagres. Mas a alegria da graça, comemorada com música e bebidas, não estava isenta de críticas feitas pelo clero. Como lembra Ronaldo Vainfas (2017), os jesuítas já chegaram ao Novo mundo dispostos a controlar esse corpo pecador, e, ainda muito envolvidos nas lendas e mitos do velho mundo, também importam para os trópicos aquilo que definiam como correto e civilizado. Assim, além do projeto de expansão da religião Católica, trazem, na bagagem, a necessidade de uma vivência de fé casta e pura, algo que aos seus olhos não era disponível aos nativos.

Os jesuítas traziam as prescrições do Concílio de Trento, isto é, renovar e educar as práticas religiosas, já que a corrupção da Igreja Católica, nos tempos de Idade Média, sugeria uma limpeza interna, que devia ser pensada para além do ambiente da instituição, chegando aos fiéis e aos novos convertidos. Mas, o maior obstáculo, até meados do século XX, ao projeto civilizador católico, eram as grandes distâncias e os poucos ministros da fé.

No Piauí, as distâncias interferiram no efetivo exercício pastoral, como apontado no capítulo anterior, problema que será muito debatido ainda na década de 1960, quando da emergência de mudanças e de um reavivamento da fé católica por questões apontadas no Concílio Vaticano II. O estado terá um grande número de santos não canônicos, a maioria compostas por almas milagrosas que haviam passado por grande dor ou haviam sido excluídos pela sociedade, recebendo a glória post-mortem.

No Piauí, em decorrência desse contexto de quase abandono pastoral, o povo acabou por criar e vivenciar uma religiosidade baseada nas graças efetivas e na resolução das emergências cotidianas, sendo o santo popular muito mais festejado do que o santo canônico. Nesse ponto, nos aproximamos das reflexões de E.P. Thompson, que pensa a experiência dos sujeitos como determinante nas práticas cotidianas, pois são essas experiências algo relevante na constituição cultural e social do grupo, assim, entendendo que:

[...] Os homens e mulheres também retomam como sujeitos dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidade e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura. (THOMPSON, 1985, p. 182).

Nessa perspectiva, Thompson aponta algo muito caro às pesquisas de religião e religiosidade, isto é, o diálogo com a antropologia, que, pelas análises *in loco*, possibilitaram pensar as vivências dos sujeitos e suas permanências, que, no caso da religiosidade popular, foi capaz de manter algumas tradições, com poucas alterações, como se pode observar no Piauí.

Este diálogo mediado pelas experiências e também pelas tradições, como bem lembram Eric Hobsbawm e Terence Ranger (2012), vai desde tradições puras as tradições inventadas, que, muitas vezes, tentam responder um desejo de um grupo, mantendo diálogo com o passado ou apartando-se dele. Essa separação seria, inclusive, o grande desejo das sociedades modernas, que se mostra desvinculada daquilo que poderia parecer arcaico. Entre esses elementos, poderíamos sugerir a própria religião e seus rituais. No caso específico do Piauí, as manifestações religiosas populares passavam a ser vistas pela intelectualidade e pela Igreja como inimigas do progresso, como pontua Áurea Pinheiro:

Os livres-pensadores atuavam em todos os setores da vida sociopolítica. Defendiam as liberdades religiosa e educacional, criticavam a Igreja por não limitar sua ação ao campo espiritual, às atividades religiosas. [...] A instituição eclesiástica era acusada de ser inimiga do progresso, da civilização. Seus membros não podiam falar de liberdade, de tolerância, pois eram os representantes de velhas ideias. (PINHEIRO, 2001, p 63).

Essa crítica era feita às formas de celebração do povo, que faziam suas práticas de fé à revelia da Igreja, de maneira licenciosa e íntima demais, com laços muito estreitos estabelecidos entre santo e devoto, muitas vezes, tratado como compadre ou companheiro; com corpos que dançam e se requebram para o santo, como nas celebrações a São Gonçalo e São Benedito, que, de tão festeiros, deixaram de ser celebrados em algumas cidades, para garantir a moral.

É importante salientar que boa parte da produção anticlerical do Piauí, tanto em termos de literatura, quanto de folhetins e jornais, é anterior ao nosso período de recorte, concentrando-se entre 1900 e 1930, período em que encontramos uma produção crítica à postura da Igreja local, que acreditavam que as celebrações de religiosidade popular eram responsáveis pela “manutenção da ignorância e da superstição” (PINHEIRO, 2001, p. 105).

A historiadora Teresinha Queiroz (1994) aponta que a após a formação do bispado no Piauí, no ano de 1906, a Igreja preocupou-se em impor os limites da religiosidade popular. Mas, considerando essa acirrada disputa por poder sobre as festas religiosas, era possível perceber que nem toda intelectualidade piauiense era anticlerical, assim como nem toda a elite era composta de pessoas contrárias a algumas manifestações religiosas, na medida em que não

contestavam o rito, mas eram críticos em relação aos corpos dançantes pós-festas e a forma como o profano se manifestava durante as celebrações e romarias.

Santa Cruz dos Milagres era tida por alguns segmentos sociais e ligados ao clero como uma devoção permissiva, sendo, por isso criticada não só pela Igreja, mas também pela intelectualidade local. As críticas se dirigiam à proximidade que os devotos tinham com os santos – canônicos ou não – e a capacidade que a Santa Cruz tinha de atrair pessoas anualmente para que seguissem seu cortejo de fé. Ao longo dos dias de festa, a cidade e os fiéis mudavam para celebrar a Santa e a vida passava a ter outra lógica para os devotos, que visava a demonstração da fidelidade e de agradecimento.

As festas têm sido vistas, por alguns historiadores, como uma válvula de escape, isto é, um momento em que os sujeitos esqueciam suas dificuldades diárias e passavam a celebrar. Como um momento em que o sujeito esquecia suas tensões cotidianas, em que ocorreria um processo de reordenação das relações sociais, pois, mesmo com as transgressões sociais da ordem, as pressões eram sanadas por meio dos rituais.

Para além desse momento de pacificação das tensões, a festa religiosa é também um momento de lembrar as vitórias sobre as dores, quer sejam elas físicas ou espirituais. Não podemos, contudo, simplificá-las como uma supressão das lutas diárias, pois, pelo contrário, elas se constituem no momento de retomar as memórias difíceis e comemorar as vitórias, a conquista da graça. Momento em que as regras são quebradas para celebrar o santo, as tensões não são apagadas, mas negociadas entre quem tem poder, isto é, a Igreja Católica e quem se contrapõe esse poder, os devotos.

Os devotos de Santa Cruz dos Milagres se contrapunham ao poder da Igreja quando passavam a tratar de forma pessoal a Santa, quando o objeto do milagre torna-se Santa, madrinha, amiga daqueles que a procuram, e ignoravam a ação do padre ou seus ritos para cumprir sua devoção, tanto nas promessas dolorosas de subida ao morro de Joelho, quanto nas transgressões festivas que contavam com bebidas, mulheres e jogos, nas quais o corpo preparado para oração extravasava a alegria nas mesas de bar. É essa conduta, muitas vezes condenada, que será discutida, pois, para os clérigos, o corpo que recebe a graça deveria ser um templo de pureza.

Como já mencionado, a presente tese se debruça sobre três importantes festas de Santa Cruz dos Milagres: a primeira, que ocorre em maio, é a Festa de Invenção da Santa Cruz dos Milagres, momento de penitência e dor; a segunda é Festa da Exaltação à Santa Cruz dos Milagres, momento de celebração e festa, que provoca as maiores preocupações pastorais; e,

por último, o Encontro dos Santos, que tem um propósito integrador a partir da negociação com os devotos.

Iniciaremos nossa incursão nas festas em homenagem à Santa Cruz no ano de 1968, período em que entendemos ter havido uma maior intervenção nas celebrações religiosas, sendo que em alguns casos o corpo e o espírito eram purificados mesmo antes do início das festas religiosas, como forma de garantir a boa celebração. Essas ações visavam, principalmente, educar e manter a ordem dos fiéis, que, segundo o clérigo, deslumbrados, se deixavam envolver pelas práticas licenciosas.

Assim, ao observarmos uma festa religiosa, é possível notar a vida e a alegria que ela traz, pois mesmo as lágrimas derramadas nas longas conversas ao pé do santo são agregadas ao agradecimento pela vida, saúde, estudo dos filhos e conquistas profissionais. Essa assertiva um tanto “sentimental” é observada nas narrativas do Padre, preso em muitas circunstâncias a admiração do ritual e a cautelas gerada pelo cargo. A devoção popular dialoga, portanto, com outros elementos, na medida em que está impregnada da realidade desses sujeitos, que, em momentos que antecederam o século XX, estiveram distantes de uma ação e atuação pastoral mais ativa da Igreja.

É importante retomar as origens da devoção à Santa Cruz. A tradição oral conta que um beato, de quem não se sabe nome, nem paradeiro, apareceu a um vaqueiro, pedindo que o mesmo abrisse um buraco nas rochas para que ele, o beato, pudesse fincar uma cruz de madeira, feita com um galho de árvore muito comum na região, a aroeira, e a colocasse no chão. O vaqueiro, a princípio, considerou impossível atender o pedido do beato, já que o lugar que ele havia pedido para que cavasse era o alto de um morro pedregoso. O beato, ao perceber que o vaqueiro não havia cavado nada,

[...] com as pontas dos dedos fêz um pouco de pressão na pedra e sacou com facilidade um tampão de pedra correspondente a um buraco perfeito de meio metro de fundura, onde plantou a cruz de madeira, anunciando ao vaqueiro, admirado a realização, ali naquele lugar [...] aquele sinal, verdadeiros prodígios e milagres [...]. (Livro do Tombo I – paróquia de São Felix, 1968-1983, p. 01).

Em seguida, desceu o morro acompanhado do vaqueiro e lhe mostrou um “olho d'água”, que não era conhecido pelos moradores da região.¹ O velho beato desapareceu e o vaqueiro voltou ao seu trabalho. Algum tempo depois, a filha do vaqueiro adoeceu, e, apesar

¹ Essa narrativa é contada pelos devotos de Santa Cruz dos Milagres. O lugar, inclusive, é preservado como a primeira marca do “extraordinário”, sendo que o relato pode ser encontrado também no livro de memórias de Padre Davi Mendes de Oliveira, intitulado *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco de sua história*.

das rezas e promessas, a menina não apresentava qualquer melhora. É nesse momento que o vaqueiro se recorda do que lhe havia dito o beato sobre o olho d'água e a cruz instalada no alto do morro. Ele, então, toma a filha nos braços e a leva para ser banhada na água milagrosa e pede à misteriosa cruz pela saúde da filha, que se recupera. A notícia do milagre se espalha, e a partir de então, romeiros de todo o Piauí e de outras regiões do Nordeste visitam a cidade em busca de graças. Essa narrativa sobre a origem da devoção a Santa Cruz dos Milagres nasce de um “mistério”, a exemplo de muitas outras devoções cristãs.

Ao analisarmos os momentos de celebração, além de entramos em contato com a profusão de sons, cores, sabores e remelexos que esses devotos vivenciavam, somos levados a tomar contato com o que naquele período constituíam as necessidades cotidianas desses devotos, pois durante as romarias, as missas e as festas, seus corpos são cobertos e descobertos pela fé, em um momento no qual convivem o sagrado e o profano. Para além disso, nos interessa identificar e discutir também os efeitos das ações de controle da Igreja Católica do Piauí sobre as festas religiosas populares a Santa Cruz dos Milagres.

3.1 Romeiros e penitentes: A Festa da Invenção e o sacrifício do corpo em Santa Cruz dos Milagres.

O Santuário de Santa Cruz dos Milagres guarda mais do que uma relíquia importante para os católicos do Piauí. Ele guarda uma comunidade inteira que passou a se proteger aos pés da Santa, abandonando as incertezas próprias de uma terra árida de chuvas escassas. Vale lembrar que, até meados da década de 1990, o Santuário de Santa Cruz dos Milagres possuía apenas duas importantes festas religiosas: a da Invenção da Santa Cruz e a da Exaltação. A partir do ano de 1990, outra festa foi incorporada, o Encontro dos Santos, que tinha como propósito criar uma celebração tida como verdadeira, na medida em que resgatava os rituais católicos de adoração a Santa Cruz, questão que aprofundaremos mais adiante.

Para reconstituir os rituais de fé praticados na Festa da Invenção, recorreremos ao Livro do Tombo da Paróquia de São Felix, tanto o primeiro livro que vai de 1968 a 1983, quanto o segundo que vai de 1984 a 1990, lembrando que Santa Cruz dos Milagres pertencerá a essa Paróquia até 1996, quando irá adquirir independência eclesial, além desses Livros de Tombo utilizaremos o Livro de memórias do Padre Davi Mendes (1990), pois constituem as principais fontes sobre essa celebração, pois no período que antecede à atuação pastoral do Padre Davi essa festa tinha pouca relevância para a mídia local se comparada com a Festa de Exaltação. Esta, sim, fazia com que afluísse um número expressivo de romeiros à Santa Cruz dos Milagres,

assim como um número considerável de comerciantes itinerantes e de pedintes, que aproveitavam a grande presença de devotos para lucrar e receber ajuda. Para além do aspecto comercial que ela promovia, a Festa de Exaltação também possibilitava uma boa visibilidade para os políticos, que apareciam perante os potenciais eleitores como devotos da Santa.

A Festa da Invenção era um exercício de penitência, pois o sacrifício começava ainda no trajeto, pois a festa ocorria no início do mês de maio, período chuvoso na região. Em razão disso, as estradas ficavam praticamente intrafegáveis de tanta lama e os rios subiam muito, o que acabava dificultando a chegada ao Santuário. Mas nenhuma dificuldade parecia intransponível para os devotos e essa via dolorosa parecia reforçar a fé e os laços com a Santa.

A festa dá início ao ciclo festivo em homenagem à Santa. Nela, o ato é quase penitencial, sendo que a festa acontece de fato em dois dias, de 2 a 3 de maio, mas tanto a reza do terço quanto as missas se iniciavam ainda no dia 1º de maio, que, por ser feriado, favorecia o deslocamento do povo entre o amanhecer e a metade da tarde, para que todos juntos iniciassem as orações ao pôr do sol.

O dia de penitência acontecia no dia 2 de maio, quando os devotos se organizavam ainda no alvorecer, para iniciar os atos religiosos. Um número significativo de homens e mulheres deixavam suas casas, hotéis ou os abrigos sob as árvores para seguir, de forma silenciosa e contrita, em direção ao adro da Igreja. As celebrações tinham início com uma ladainha, que, de forma implícita, convocava os devotos², para que, assim, fosse iniciada a reza do terço. Por volta das 7h da manhã tinha início a celebração da Invenção, sendo que o ritual

[...] consiste fundamentalmente em recitar cem (100) vezes uma pequena oração seguida da Ave Maria e o santo sinal, depois de que, cada vez, a pessoa se ajoelha e beija o chão. O sentido desta devoção, manifestado na noção é exorcizar e renegar o demônio. É de fato uma penitência violenta, que lembra bem a ação dos missionários do século passado, tão forte que nem todos são capazes de fazê-la integralmente e quem o faz, por muitos dias sente o efeito no corpo todo [...] (Livro Tombo I – São Felix do Piauí, 1968- 1983).

O sacrifício do corpo representava uma forma de proteger o espírito daquilo que não era agradável a Deus ou mesmo de expiar os pecados que haviam sido cometidos. Ao mesmo tempo, ele possibilitava ao pároco um aproveitamento pastoral desse rito de fé dos devotos, na medida em que o corpo que sentia dores para ser curado poderia ser mais bem-educado para aquilo que a Igreja entendia ser a verdadeira prática religiosa.

² No chamado toque da Alvorada, os sinos da Igreja tocavam, e as vozes pela rua, mesmo que sussurradas, acabavam despertando os devotos, que, em grupo, subiam o morro da Santa.

Essa violência corporal tornava-se um suplício consentido, um sacrifício que pode ser assim descrito: “encerra o que há de mais refinado em termos de metamorfose da violência em ação sagrada. O sacrifício é o coração e o maior enigma da história das religiões” (SUSIN, 2010, p. 379). Para o autor, a religião mantém forte relação com a violência, atitude existente nas experiências cristãs, mas também em outras religiões e que se mantém na contemporaneidade. Em Santa Cruz dos Milagres, a ideia do sacrifício pelo bem também está presente no terço que era entoado antes do ritual da Invenção, uma forma de conscientizar o povo para o Sacrifício de Cristo, pois agora a Cruz tornava-se o instrumento, no qual o Cordeiro havia sido imolado para dar fim aos pecados e, ao invés de entoarem o terço, rezam a seguinte oração:

[...] Cruz tu és o trono da vitória, fostes a última morada de Nosso Senhor Jesus Cristo na terra. Eras um instrumento de dor, mas tornastes o trono da glória, sinal da salvação. Tu causaste uma chaga no ombro de nosso Senhor Jesus Cristo e com essa chaga ele muito sofreu. Em nome dessa Chaga dai-me a graça [...]. (MANUAL DO ROMEIRO - Terço da Divina Santa Cruz, 2007, p. 5)

O sacrifício do corpo, que ajoelha e beija o chão 100 vezes, era tomado pelos devotos como remédio para as dores na alma e no corpo. O ritual não parecia ser tão doloroso àqueles que queriam ter suas preces atendidas, pois o corpo, antes colocado como sacrifício de sangue, era agora apenas punido para que pudesse se aproximar da graça prometida e pedida. Afinal, tudo valia pela Santa e para que a graça do milagre fosse alcançada:

Os cristãos ainda mais intensificaram sua espiritualidade e devoção à Cruz de Nosso Senhor. A igreja orientava e estimulava, mas surgiram no meio do povo muitas orações e celebrações voltadas para a Paixão, tendo a Cruz como centro. Assim foi que surgiu também, não se sabe quando, mas certamente muitos anos atrás, a Devoção e o Exercício da Invenção da Santa Cruz. (OLIVEIRA, 1990, p. 25).

A Festa da Invenção, por mais ritualística que fosse, não deixava de agitar a cidade. Como aponta Jucilaine Carvalho (2013), a cidade era acordada com orações e rezas, bem como pelo burburinho de pessoas que trafegavam por suas ruas estreitas e mal iluminadas, que levantavam com o sol e subiam o íngreme morro, com passos compassados, já dando início à oração.

[...] a cidade é “sacudida” nos seus ciclos festivos e recebe uma quantidade enorme de romeiros que se deslocam para lá em busca de graças e em agradecimento a elas. No tempo da festa da Santa Cruz dos Milagres, a cidade

de Santa Cruz dos Milagres vive momentos de efervescência que nem lembra uma “Santa Cruz” tranquila nos seus dias “normais”. A cidade renasce. (CARVALHO, 2013, p. 31).

A celebração da Invenção, como apontado, focava muito na necessidade de melhorar o espírito, de renovar os votos com um Cristo que estava vivo e era representado pela Divina Santa Cruz. Nesse momento, o corpo, que sentia dores, afastava as tentações. Além de ajoelhar e beijar o chão 100 vezes, os devotos entoavam a oração:

Nos campos de Caifás, com o inimigo da Cruz encontrarás, arreda-te e afasta te Satanás. Tu comigo não tem conta, deixa minha alma passar em paz. Porque no dia da Invenção da Santa Cruz, cem vezes me ajoelhei, cem vezes o chão beijei, cem vezes me persignei, pelo sinal da Santa Cruz, livre-nos Deus, nosso senhor, dos nossos inimigos. Cem Ave Marias rezei, cem na véspera e cem no dia, me recomendo a Deus e à Virgem Maria. Cem vezes do cão arreguei: “arrego de ti Satanás”. Ave Maria cheia de graça o senhor é convosco bendito é o fruto do vosso ventre. Santa Maria mãe de Deus rogai por nós pecadores agora e na hora da nossa morte, amém.³

O rito era uma forma de diálogo com a Santa e, por consequência, com a possibilidade de ser agraciado com o milagre. A crença de que as coisas iriam se restabelecer fazia com que os devotos mantivessem o sacrifício, a dor física. Segundo Stanley Oliveira, “Esse ritual expressa a busca do milagre ou o seu pagamento, pelos fiéis que participam do ritual, todos movidos pela fé e pela confiança que depositam na Santa Cruz, fazendo daquele momento de coletividade algo transcendental e imaginário [...]” (2011, p. 61).

As modificações no rito passaram a ocorrer já a partir de 1970, quando as confissões comunitárias são integradas à lista de sacramentos oferecidos durante a Festa da Invenção. Essas mudanças visavam atender às necessidades dos fiéis e agradavam ainda mais à Igreja, que observava a Festa da Invenção como uma preparação para a Festa de Exaltação.

[Festa da Invenção 1970] notou-se maior número de romeiros e maior participação nos sacramentos. Isto porque, com a introdução da Confissão comunitária, o vigário pode atender a todos que procuravam confessar-se. Realizamos por três vezes esse exercício até mesmo na véspera da Festa. O povo compreende perfeitamente a explicação e é visível o aproveitamento pelo modo como se comporta e realiza a ação. Até mesmo percebe a colaboração dos demais em não perturbar o trabalho dos que estão se confessando. (Livro Tombo I – São Felix do Piauí, 1968- 1983).

³ Essa oração é entoada pelos fiéis na Festa de Invenção da Santa Cruz dos Milagres.

A estratégia utilizada pelo padre para integrar o povo foi a inserção das confissões comunitárias, algo que, em certa medida, se adequava bem à festa, especialmente, por esse caráter de contrição e de foco na necessidade de expurgar o pecado. Mas outros fatores podem ser apontados, como a própria dificuldade de acesso nesse período do ano, o que restringia o número de devotos que iam ao Santuário e se encontravam à disposição dos párocos para o trabalho de evangelização.

Padre Davi, percebendo a boa receptividade aos sacramentos introduzidos na Festa, anuncia aos fiéis as mudanças, especialmente na Festa de Exaltação, que era percebida como o maior problema, não apenas devido à quantidade de pessoas que frequentavam a cidade e o Santuário, mas também pelos jogos e festas, que faziam com que ela perdesse o sentido religioso tão esperado pelo clérigo.

[Festa da Invenção] O vigário anunciou nesta festa as modificações que pretende introduzir na festa de setembro⁴, e que a seu tempo serão aqui registradas.

[...]

O vigário acompanhou os exercícios da Invenção e anotou certos problemas a serem estudados para a Festa de Paroano. (Livro Tombo I – São Felix do Piauí, 1968- 1983).

O vigário encontrava, até mesmo na mais religiosa das Festas em homenagem à Santa Cruz, problemas que, segundo ele, deviam ser sanados. Além das dificuldades de acesso ao Santuário, Padre Davi refere ainda o pouco número de vigários disponíveis para auxiliá-lo durante a celebração:

[Festa da Invenção 1971] Foi um período muito chuvoso [...] O próprio vigário para chegar em Sta. Cruz alguns dias antes teve que caminhar três léguas a pé. Nos três últimos dias da festa, porém cessaram as chuvas, e osromeiros puderam chegar em número pelo menos igual ao do ano passado.

Os trabalhos estão ficando cada vez mais pesados para um só padre, e é difícil levar outros sacerdotes e ajuda neste tempo.

A renda financeira igualou a do ano passado cresceu o número de comunhões e houve casamentos e batizados⁵. (Livro Tombo I – São Felix do Piauí, 1968-1983).

Mas, para além do empenho do padre em assegurar a ritualística católica, havia o empenho dos devotos para manterem a festa viva a qualquer custo, a fim de assegurar o

⁴ Padre Davi faz referência à Festa de Exaltação à Santa Cruz dos Milagres, que tem início em 5 de setembro.

⁵ Casamentos serão permitidos a partir da Festa de Exaltação de 1970. Essa questão será aprofundada no tópico seguinte, mas cabe salientar que essa permissão, concedida pelo Arcebispo do Piauí na época, Dom Avelar Brandão Vilela, possibilitará que um número ainda maior de devotos possa ter acesso ao sacramento do matrimônio na Terra da Santa.

atendimento os pedidos feitos aos pés da Santa. As fontes nos permitem observar que não havia barreiras intransponíveis para a devoção, pois, mesmo que o acesso fosse interrompido pela chuva, todos os anos a Santa era celebrada, reafirmando os votos com a divindade. Como observado por Pedro Oliveira (1985), a devoção é uma aliança, um compromisso firmado entre o devoto e o fiel:

O fiel se faz devoto do santo, esperando deste que ele seja seu protetor celeste, uma espécie de padrinho do céu. Os atos de culto desse modo contratual são atos regulares, periódicos, independentes da necessidade imediata de proteção. O devoto pratica o culto para agradar seu santo e não para pagar promessa ou pedir favores. Presta culto porque é obrigação sua, como devoto, cultuar seu santo de devoção. (OLIVEIRA, 1985, p. 118).

O compromisso com a Santa se intensifica ao longo dos anos e a devoção passa a contar com novos fiéis, que, animados com as narrativas de milagres, reafirmam os votos de fidelidade a cada ano, buscando, ainda, o atendimento de sacramentos como o batismo e o casamento. Padre Davi, consciente da importância dada aos devotos a esses rituais sacramentais, recorre a eles para, de certa forma, controlar a celebração através da evangelização.

João José Reis, ao analisar a Cemiterada, que ocorreu na Bahia, percebeu que esse diálogo com o santo, além de garantir proteção, também tinha efeito sobre a morte, especialmente, se pensarmos na proteção da alma. Mas o que levava esse povo a buscar o santo era, principalmente, a saúde, para que pudessem ter vida longa: “A atitude em relação aos santos refletia tanto uma preocupação com o destino da alma após a morte quanto uma busca de proteção no dia a dia, particularmente proteção do corpo, estratégia para enganar a morte.” (REIS, 1991, p. 73). No caso analisado por José Reis, eram as irmandades que permitiam que essas celebrações ao Santo acontecessem, enquanto que no caso específico de Santa Cruz dos Milagres era através da oralidade que o povo tomava contato com as maravilhas promovidas pela Santa.

A importância da oralidade no início da devoção se dá também pela grande quantidade de analfabetos no estado. Segundo Antônio de Pádua (2016), apenas em 1908 surgirá no Estado do Piauí uma elite intelectual preocupada com a instrução. Isto não significa que essa preocupação será considerada para todo estado, especialmente em regiões que já contavam com a pouca atuação do poder público, como é o caso da região centro-sul e sul, onde a pouca intervenção no campo educacional irá gerar críticas à práticas culturais populares, especialmente, aquelas relacionadas à vida religiosa do estado.

Foram as disputas políticas em algumas regiões e a falta de uma atuação mais consequente de uma intelectualidade que não permitiram que a devoção a Santa Cruz dos

Milagres tenha sido registrada em memórias escritas. As narrativas que localizamos dão mais contas de críticas à devoção, vista como resultado do atraso do Estado e do pouco valor dado ao progresso, como observado por Matias Olímpio de Melo (1909), que enxergava o homem piauiense com pouca disposição para a mudança, aceitando, sem questionar, as condições sociais impostas.

A falta de iniciativa e o apego a rotina, o pouco empenho do piauiense em desenvolver as suas indústrias incipientes, explicam-se pelo atraso completo dessa sua estrutura. Não é retrógado ou um ser incapaz de aperfeiçoar-se é um inculto. Inteligência lucida e pronta, patriota e efetiva, possuem atributos de virilidade e fortes condições de energias. Falta-lhe, porém, armas para o seu aperfeiçoamento. Vive num aterrorizador obscurantismo. (MELO, 1909, p. 02).

Matias de Melo percebia a falta de incentivo à educação como um dos responsáveis pelo abismo cultural do estado, e também pela manutenção de práticas tidas como incultas. Perspectiva semelhante tinha J. Fonseca Ferreira (1909), que apontava a necessidade de formar professores e instruir a população. Segundo Ferreira, era necessário “lamentar este fato porque sem a boa instrução indispensável e urgente que querem transpor os humbraes obscuros e trevosos da ignorância, nada progride, nada prospera.” (1909, p. 01), ou seja, instruir era, para esses intelectuais, o caminho para encontrar o progresso e livrar o povo do obscurantismo e das superstições.

Não é nosso propósito aprofundar o contexto da instrução pública no Piauí no período, mas não podemos deixar de referir como a intelectualidade piauiense estigmatizava as práticas religiosas do estado, ligando-os a um movimento de incultos e relacionando a falta de educação e atuação eficiente dos professores como o atraso. Este desdém pelo progresso, que permitia a proliferação de credices populares, seriam a marca dos sertões de pouca escrita, no qual conviviam o medo das assombrações e as várias formas de religiosidade popular.

O terror que provocavam as noites sem lua e o medo de uma má colheita levavam os homens e mulheres a celebrar a divina Santa Cruz durante o ano inteiro. Se, no período do mês de maio, as celebrações exigiam sacrifícios, no mês de setembro era comemorada a colheita e os devotos pediam chuva, sendo eu a boa colheita garantia o retorno ao Santuário no ano seguinte. Este comportamento pautado nos ritmos da natureza do sertão só poderia, segundo João Alfredo de Freitas (2018), vir de mentes incultas e apegadas ao ouvir dizer dos velhos, que passavam de boca em boca as lendas do sertão, geralmente, camponeses sem instrução, que passavam, segundo o autor, suas superstições para os mais jovens e reforçavam nas memórias de velhos convivas.

A classe baixa da sociedade, tendo ideias muito vagas e frágeis de uma concepção religiosa, por onde pudesse regulamentar os seus atos deixava-se entregar ao politeísmo, e então era supersticiosa ao extremo. Essa gente não tardou em assimilar as lendas dos selvagens, e, elando as suas com a destes, pôde satisfazer as pobres exigências de sua imaginação inculta. (FREITAS, 2018, p. 30).

É importante assinalar que não bastava a intervenção da Igreja, pois sob a ótica desses intelectuais a devoção precisava ser pura nos moldes rituais, e qualquer prática que fugisse do que se propunha como racional era criticado por quem detinha o poder. Para J. Fonseca Ferreira, na devoção à Santa Cruz estavam misturados todos os ritos, dos sacrifícios dolorosos às pândegas festivas, o que apontava para certa falta de trato do povo com o que era, de fato, religioso.

A tradição oral, a mesma que propagou os milagres da Santa, conformou a memória sobre as graças alcançadas, que se materializavam nos ex-votos, que tomavam conta do abrigo da Santa Cruz Assim, eles tomavam para si essas memórias de curas e graças, na medida em que, como proposto por Michel Pollak (1992), essas memórias individuais assimiladas coletivamente levavam os devotos-romeiros a manter, ano após ano, a difícil penitência para o Santuário na Festa da Invenção.

[...] a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. (POLLAK, 1992, p. 201).

No ano de 1973, mesmo com as dificuldades já relatadas, Padre Davi tratou de preparar o povoado para receber os devotos-romeiros que viriam ao Santuário. A Festa da Invenção, apesar de tímida, deveria atender os devotos com um ritual rico em cantos e preces. E, para isso, ele organiza, junto às professoras do povoado e os alunos da escola local, os cânticos que seriam entoados nas celebrações, além preparar as crianças para o sacramento da comunhão.

[Festa da Invenção 1973] Fui mais cedo este ano e fiz um trabalho junto a professores e alunos da escola local. Ensaaios de missa, canto, preparação para comunhão, e por fim uma missa com participação e comunhão qual das crianças. Por isto mesmo toda festa sentiu-se mais participação nos atos religiosos.

[...]

A parte sacramental foi bastante concorrida e cada ano fica mais difícil ao vigário atender sozinho a tanta gente. (Livro Tombo I – São Felix do Piauí, 1968- 1983).

A introdução da comunhão e as confissões comunitárias haviam aumentado o trabalho do padre e, surpreendentemente, depois da inserção desses sacramentos, o número de romeiros-devotos que passaram a frequentar Santa Cruz dos Milagres no período da Festa da Invenção quase dobrou, aumentando conseqüentemente, os problemas no atendimento desses fiéis.

Essa atuação do Padre Davi nos lembra as celebrações de Bom Jesus da Lapa, apontadas por Steil (1996), que também vivenciaram o empenho do pároco para tornar o culto ainda mais dinâmico e mostrar para os devotos que se deslocavam ao Santuário do Bom Jesus sua preocupação com o sacramento e com os ritos de fé.

Os dirigentes do culto em seus sermões geralmente enfatizam a presença da multidão no Santuário para reforçar o sentido da universalidade do culto. [...] pode-se ver na construção da esplanada o resultado do investimento do clero para prover o santuário com uma estrutura capaz de responder aos interesses e às demandas das massas populares católicas não-letradas. (1996, p. 54).

A Igreja Católica, tanto em Bom Jesus quanto em Santa Cruz dos Milagres, reforça sua atuação junto à divindade através dos sacramentos e do controle feito entre o adro da igreja e as celebrações ao pé do morro. Controle até então mantido nas celebrações da Invenção, pois, até mesmo a atuação política, que é tão forte durante os festejos de setembro, tem pouca ou nenhuma representatividade na celebração de maio.

O desejo do vigário era que a Festa da Invenção mantivesse o tom sereno e tranquilo que fazia com que a celebração tivesse um caráter mais devocional, mas, esse tom tão desejado pela Igreja parecia ser desvirtuado quando o povo, em grupos, vencida as intempéries do inverno⁶ na região e conseguia chegar ao Santuário, atravessando a correnteza no Rio Sambito ou pisando nos lajeiros do Rio São Nicolau, movimentando-se com alegria rumo à Festa da Invenção.

Este aspecto fica evidenciado na fala do Padre no ano de 1974, ano em que a intensidade das chuvas levou um número menor de romeiros-devotos ao Santuário. Estes, no entanto, não se importaram muito com a lama ou mesmo com o trajeto escorregadio até o morro. Para Padre

⁶ No Piauí, o verão chuvoso é chamado de inverno, sendo o período em que se planta na região. Esse período chuvoso vai de dezembro a maio e, em algumas regiões, como é o caso de Santa Cruz dos Milagres, os rios e riachos ficam muito cheios, chegando a transbordar.

Davi, esta era uma genuína demonstração de fé por parte daqueles que iam para celebrar sua devoção à Santa, não se importando com as dificuldades.

[Festa da Invenção 1974] O inverno este ano foi mais rigoroso que em todos os anos anteriores. Isto quer dizer que para Sta. Cruz, tudo fica mais difícil, sobretudo na festa de maio. Este ano então, chovia copiosamente, o Rio Sambito não permitiu passagem senão de Canoa, e os riachos eram empecilho sério.

Para a festa religiosa o inverno assim até ajuda porque só permite a ida de quem faz sentido mesmo de fé. Assim, são mais organizados os atos religiosos e o vigário pode atender melhor.

O exercício da Invenção foi feito dentro da Igreja, em razão da ameaça de chuva, não havendo gente em excesso, foi melhor assim [...]. (Livro Tombo I – São Felix do Piauí, 1968- 1983).

A Festa da Invenção conseguiu manter-se tão fiel ao seu ritual penitencial devido ao pequeno número de devotos que frequentavam a festa, visto que a chuva e as estradas ruins tornavam a festa menos concorrida e pouco atrativa para comerciantes e políticos. A Festa de maio parecia uma celebração mais fácil de ser controlada, no entanto, a própria organização proposta pela Igreja irá mudar a lógica da festa, quando o número de fiéis dobrar.

Em 1985, diante da dificuldade de acesso ao Santuário, o padre passa a questionar os benefícios religiosos da festa, pois “É uma viagem estafante e eu não sei se vale a pena em vista os trabalhos religiosos” (Livro Tombo II – São Felix do Piauí, 1984- 1990). O povoado de pouca estrutura foi nesse ano devastado pela cheia dos rios, desabastecido de tudo, e a população ficou ilhada e doente, necessitando de água potável e serviços médicos, que chegaram somente dia 03 de maio, no último dia de festa.

No inverno de 1986, a situação ficou ainda pior. Sem condições de atravessar o Rio Sambito, Padre Davi deixa de ir a Santa Cruz dos Milagres celebrar a festa da Invenção, e sua ausência não programada acaba favorecendo as críticas à sua atuação, assim como para questionar a própria dinâmica do Santuário.

Como o ano passado também este ano a estrada de São Felix para Santa Cruz estava totalmente impedida. Somente por Aroazes podia chegar-se a Santa Cruz, mas somente em carro grande.

[...]

No dia 2 mandei recado para Santa Cruz dizendo da impossibilidade de chegar lá. [...] “uma família tradicional” de Santa Cruz botou no rádio sobre a falta de Padre. Não assinaram a [nota] como fazem todos os irresponsáveis. Mas são bem conhecidos, na sua “tradicional solidariedade”, não querem viver em Santa Cruz, reservando seu amor pela terra apenas pelas propriedades que lá deixaram rendendo para si, e como um lugar de passeio nas festas principais. (Livro Tombo II – São Felix do Piauí, 1984- 1990).

A fonte aponta para um conflito de interesses, que revela a disputa entre a devoção popular e o controle pretendido pela Igreja. Padre Davi que, com sua influência, havia tornado a romaria à Santa Cruz dos Milagres muito mais conhecida, até mesmo no período de menor participação, como era o caso da Festa da Invenção, passava agora a ser alvo de críticas. Muitas delas destacavam uma suposta displicência sua em relação à celebração de maio e tinham relação com uma disputa com o ex-vigário do Santuário.

Os questionamentos feitos à atuação de Davi Mendes o aborreciam, especialmente quando os questionamentos eram direcionados a seu trabalho frente ao Santuário de Santa Cruz. Esta situação remete à análise, realizada por Ana da Silva (2012), dos conflitos entre padres e a elite local em Minas Gerais, que acabaram tendo efeitos na dinâmica dos espaços religiosos. No caso de Santa Cruz dos Milagres, são vários os elementos que precisam ser considerados, entre eles, a educação religiosa e o controle do território de influência da Santa.

Os devotos-romeiros, que se penitenciavam na ida à Santa Cruz dos Milagres, se uniam em maio aos fiéis que viviam na cidade e que também tinham sua penitência diária, ao passar, como vimos, por fome e doenças trazidas pela tão desejada chuva, pois a mesma que garantia o sustento diário, também deixava os fiéis moradores do povoado ilhados. Portanto, celebrar a Santa era mais que pedir auxílio, era manter um vínculo com a Santa, e agradecer a ela, apesar de tudo.

A Festa da Invenção a Santa Cruz havia mantido um ritual quase sem interferências, e lembrava o esforço dos primeiros cristãos de manter viva a chama de Cristo, pela adoração do seu símbolo de martírio, a cruz, que recordava a dor passada pelo filho de Deus, que, nessas partes do sertão piauiense, representava a vitória sobre a morte e as forças da natureza.

Em 1987, o padre que atuava à frente do Santuário começou a perceber os sinais de que o ritual da Invenção também havia crescido, pois não era mais tão puro quanto antes. A procura pela Santa havia aumentado, assim como o uso político da Festa, até então negligenciada pela elite e pelos políticos locais. A tímida celebração ganhava status de grande festa e seu potencial político-eleitoreiro deveria ser mais bem explorado, o que desagradava o padre e, especialmente, suas pretensões evangelizadoras.

O Prefeito Manoel Portela, que nas últimas eleições ficou preocupado quanto a seu domínio político, sobretudo quanto ao povoado de Santa Cruz, onde tinha votação maciça e este ano foi diferente. Com a estrada de Arozés já terminada a implantação da luz e do telefone ele agora faz da festa uma bandeira de propaganda. (Livro Tombo II – São Felix do Piauí, 1984- 1990).

O uso político da Festa da Invenção era uma novidade, a festa de poucos devotos e muito sacrifício não atraía os olhares de quem precisava de espectadores para suas ações. Tanto a elite local quanto os políticos se mostravam desinteressados em seguir para a Terra da Santa tendo que enfrentar tantos percalços, mas, com as melhorias no acesso ao povoado realizados desde 1976, um público considerável passou a seguir em busca das bênçãos da Santa.

O prefeito à época, Manuel Portela, do PTB, encontra uma maneira de deixar sua marca na festa, pois ajudar os devotos a chegar até a Santa não demonstraria apenas sua boa gestão, mas afirmaria seu espírito cristão. As decisões do Prefeito inclusive eram bem recepcionadas pelos vereadores, não sendo possível no ano acima referido perceber nenhuma intervenção ou questionamento do legislativo aos gastos do executivo, pelo contrário, a Ata da Câmara de Vereadores de Aroazes, datada de 30 de abril, aponta para aprovação dos gastos referentes ao primeiro semestre de 1976.

O prefeito encontra, assim, uma forma de conservar uma memória sua naquela terra, pois, como aponta David Lowenthal (1998), cada sociedade tem uma forma de conservar sua memória e, particularmente, tais sociedades dependem das experiências desses sujeitos. Ao forjar uma memória, tanto o prefeito quanto o padre se apegam ao que havia de mais caro para aquela sociedade. Assim, a Santa Cruz dos Milagres deixa de ser apenas o veículo de cura e salvação para se tornar o elemento de diálogo entre o povo e o Estado. Ao serem repetidos os ritos em certos lugares (Nora, 1993) eles passam a ser lugares de memória. Não seria impreciso, portanto, dizer que os grupos, para confirmar ou manter seu poder, aproveitam-se desses lugares de memória, para “redefinirem sua identidade pela revitalização de sua própria história” (1993, p. 17).

O aumento no número de romeiros, nos últimos anos, havia se circunscrito à Festa da Exaltação da Santa Cruz, tanto pela duração da festa, quanto por ser um período mais longo de estiagem, pois o calor castigava quem seguia para a celebração, mas não dificultava tanto o acesso ao Santuário, já que os rios não estavam tão cheios, facilitando a travessia. Com a melhoria nas estradas, a celebração, antes vista como a mais pura por Padre Davi, estava ameaçada, com possibilidade de se tornar mais um problema pois “[...] com a estrada pronta foi enorme a ocorrência de pessoas. Tenho certeza de que uma vez pronta a estrada de São Felix, que liga também com Teresina esta festa vai ser igual à festa de setembro.” (Livro Tombo II – São Felix do Piauí 1984- 1990).

A pureza penitencial da Festa da Invenção encontrava-se assim ameaçada pelo número surpreendente de devotos que seguia em romaria, procurando os trajetos mais fáceis para chegar ao Santuário e, desta forma, devota a Santa Cruz. Leila Schoenenkorb (2013, p. 212) sugere

que, depois de “passar pelas adversidades da viagem e se sujeitar aos transtornos dos precários acampamentos, os romeiros viam a pândega e o desregramento como merecidas recompensas”, comportamento que se aproxima muito daquele dos romeiros que se dirigiam à Santa Cruz. Ao compararmos a devoção de Santa Cruz com outras festas religiosas brasileiras, percebemos que a relação entre a Santa e o devoto se faz de forma muito semelhante, mas também observamos que peculiaridades regionais, que dizem muito sobre a experiência dos sujeitos sertanejos.

Assim, as celebrações de maio terminavam com o povo preparando o espírito para a festa da Exaltação, que começava e terminava alegre, celebrava o fantástico em forma de Cruz, a madrinha protetora que alegraria os dias e tardes com suas missas e novenas e, entre sorrisos e brindes, comemoraria as graças alcançadas em barracas e bares, pois o corpo que rezava também dançava.

3.2 O devoto que reza é o devoto que dança: controle e negociações na Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres.

A cidade de Santa Cruz dos Milagres, não por acaso, tornou-se um dos maiores redutos da fé católica no Piauí, devido aos milagres operados pela Bendita Santa Cruz. A devoção, atravessada pela ação misericordiosa da Santa e pelo pagamento das promessas, será complementada pelas ofertas solidárias aos denominados “mendigos de Santa Cruz”, tema que aprofundaremos no capítulo seguinte.

O pequeno Santuário recebia centenas de milhares de devotos, que, apesar da chuva ou da estiagem, seguiam em direção à Santa Cruz, em caminhonete ou em caminhões, popularmente conhecidos como paus de arara⁷, mas também iam a pé ou no lombo de cavalos e jumentos. Como já informado em outro momento, a partir de 1968, aumentaria significativamente o número de romeiros devido às melhorias realizadas na infraestrutura do Santuário, à iluminação e fornecimento de água para o povoado, além da construção de estradas que facilitaram o acesso ao templo.

Como bem apontado por Cândido da Costa e Silva (1982), aos desafios de sobreviver nos sertões, se somavam os efeitos do mandonismo e da dependência da terra, o que fazia com que os sertanejos buscassem uma forma de encontrar consolo e esperança.

⁷ São caminhões cobertos de lona e com bancos de madeira usados no trajeto para as romarias. Esse tipo de transporte ainda é muito popular no interior do Piauí e levam centenas de romeiros ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres.

A história do homem por essas lonjuras do sertão foi um cometimento de audácia e desafio às forças adversas do meio ambiente. Numa luta desigual entre os recursos e instrumentos culturais de que dispunha e a hostilidade ecológica de uma natureza que negaceia e se retrai ante o esforço heroico por dominá-la. (COSTA E SILVA, 1982, p. 5)

A aridez da terra, aliada à exploração dos grandes proprietários rurais, caracterizavam e, em certa medida, ainda funcionavam como elemento impulsionador na região, em que o compadrio e os laços patriarcais ainda davam o tom das experiências cotidianas. Nessas pequenas cidades rurais, assoladas pela seca, esses homens e mulheres acabavam se tornando alvos fáceis para as forças exploratórias, muitas vezes insensíveis à agrura diária. Como aponta Costa e Silva (1982), a necessidade de trabalho faz a exploração dessa massa trabalhadora rural ser uma constante no sertão.

Assim nasceu a devoção sem a intervenção da autoridade eclesial, resultante da ação dos sertanejos e respondendo à fé e às necessidades imediatas dos devotos, pessoas de carne e osso que acreditam no sagrado e creditam a essas divindades poderes extraordinários. O que torna esses momentos fantásticos é especialmente o fato de, em alguns casos, serem pessoas comuns, e, no caso de Santa Cruz, um elemento religioso que toma forma para atender aos fiéis. Santa Cruz dos Milagres pode ser definida como uma santa eminentemente popular, pois não nasce no berço da Igreja Católica e, oficialmente, nem pode ser cultuada como santa, pois, segundo Kenneth Woodward (1992), sequer passou pelo processo de santificação. Na verdade, a santa assemelha-se aos primeiros santos que nasciam da devoção do povo e garantiam sua santidade pelo bem que geravam para as pessoas.

Apesar de a Cruz ser algo bem representativo dentro do catolicismo, a personificação ocorrida no caso da Santa Cruz dos Milagres torna a devoção tão especial, visto que foi a cruz que se tornou santa e em torno dela surgiu a devoção. Mas como Padre Davi Mendes (1990) descreveu em suas memórias, para os devotos, por vezes, ela era tão mulher quanto Maria, já que assumia o papel de madrinha.

Às medidas de repressão e controle da devoção se somaram estratégias claras de manutenção do poder religioso da Igreja Católica piauiense, que se restaura a partir do Concílio Vaticano II, restabelecendo o poder sem necessariamente perseguir, como nos lembra Edilece Couto (2008), ao afirmar que, em algumas circunstâncias, promover ou incentivar a devoção podem ser vistas como estratégias de manutenção de poder. O que se reproduz nesses espaços de devoção é uma crença que ultrapassa os limites institucionais e, mesmo com reconhecimento da Igreja Católica, a fé do devoto produz sua forma de culto, que vai de penitências a manifestações festivas, fazendo com que Santuários, Basílicas ou pequenas igrejas sejam para

o fiel o espaço do sobrenatural e da graça, a possibilidade de transformar o impossível em possível.

A 'fé humana' nos milagres continua, porém, como característica do catolicismo romano, inclusive o 'milagre' da mesma fé. O que importa para a nossa compreensão é como a atribuição de ocorrências miraculosas, sobretudo em santuários e túmulos de santos, entrelaçaram-se na teia de exigências para canonização. (WOODWARD, 1992, p. 57)

O Santuário dedicado à Santa Cruz dos Milagres surgiu dos propósitos da Igreja de controlar a devoção e de instruir e evangelizar os devotos, pois construir templos “nesses lugares para abrigar as relíquias e assegurar uma celebração mais apropriada aos santos ‘padroeiros’ locais”. (WOODWARD, 1992, p. 57), seria uma forma de alcançar esses objetivos.

Mas, como já ressaltado em outro momento, a experiência religiosa em Santa Cruz dos Milagres diz muito sobre os seus devotos e de como a religião católica foi inserida na região, entre o ouvir falar de pais e avôs que, pelo exemplo e pela crença, cooptam novos devotos. Essa crença religiosa é, segundo Mauro Passos (2013, p. 270), um lugar cheio de símbolos e ritos, alguns inexplicáveis racionalmente, que levam o fiel a um “mundo cheio de mistério. A religiosidade popular cria um mundo de imagens onde se encontram histórias e memórias produzidas coletivamente.” Sendo assim, esse símbolo religioso, que se personifica, também fala muito das carências do seu povo e de sua necessidade de proteção.

A festa religiosa une os corpos em transe e em êxtase festivo, o gosto pela celebração não separa de todo o que é sagrado do profano, pois as barracas, sempre tão próximas do espaço de culto, fazem ferver a cidade e, no caso de Santa Cruz dos Milagres, propiciava a exposição dos corpos que, ao saírem do templo, rompiam as regras ao seguirem o forró e a gritaria.

O clamor da festa e a voragem sonora acabava por incentivar a quebra de regras e o rompimento com os padrões de comportamento exigidos pelas autoridades. Isto porque a aparente promiscuidade da festa é enganosa e a participação maciça de todas as classes respondia a regras bem estabelecidas. A festa, no entanto, ensejava o exagero [...] (DEL PRIORE, 2000, p. 20)

A Festa de Exaltação à Santa Cruz dos Milagres assemelhava-se às festas coloniais por esse exagero, devido às danças e jogos que desfaziam a pureza dos ritos religiosos. Os corpos que haviam se penitenciado durante as romarias que seguiam em direção ao morro da Santa cediam agora à permissibilidade e usavam as praças e as margens dos rios para seus encontros de amor, em uma outra forma de celebrar a sobrevivência no sertão. Como apontado por Vera

Jurkevics (2005), as celebrações eram palco de sociabilidades e, muitas vezes, a “única oportunidade de descanso, prazeres e alegrias (2005, p. 73)”.

Nosso olhar para Santa Cruz dos Milagres se aproxima muito do proposto por Carlo Ginzburg (2012), quando analisa o Sabá, pois pensamos nos múltiplos motivos que levam alguém a crer. Não excluímos os devotos de suas experiências sociais, pois não se crê sem motivo. Mesmo que estejam em busca da manutenção da saúde ou cura, esses homens e mulheres não encontram o santo por acaso. Assim, entender o sentimento religioso não significa excluir os múltiplos acontecimentos que ocorrem na vida do devoto, pelo contrário, é encontrar o ponto de convergência entre o cotidiano e a divindade. Como lembra Espada Lima (2006), Carlo Ginzburg escolheu um sujeito comum na região do Friuli, na Itália, mas mesmo esse sujeito aparentemente simples possuía elementos que o diferenciavam de seus contemporâneos, pois ele, Menocchio, sabia ler e escolheu construir a partir de suas leituras um lugar à parte na cosmogonia tradicional.

Os devotos e devotas que homenageiam Santa Cruz dos Milagres provêm de um universo comum, o que não os torna simplórios, pelo contrário, são sujeitos bem heterogêneos, que foram capazes de mesclar a festa em elementos e formas de celebrar, e, por esse motivo, trouxeram para os festejos elementos particulares do seu dia-a-dia: cada um, ao visitar o Santuário, levava suas expectativas e esperanças, em função das suas vivências cotidianas. Os homens e mulheres que rezam, o fazem conforme suas necessidades, seguindo, muitas vezes, os ritos aprendidos com os pais e com o padre, que, por sua vinculação institucional, cerceia muitas de suas práticas, crenças e desejos.

Ao chegar ao então povoado de Santa Cruz dos Milagres, Padre Davi se depara com um vilarejo sem nenhum serviço urbano, que via sua população triplicada nos períodos de festa, em especial, no período da Exaltação da Santa Cruz dos Milagres, que ocorria no mês de setembro, quando muita gente passava a ocupar o entorno do morro e as margens dos rios⁸. No povoado não havia energia elétrica nem água encanada, e as ruas estreitas e sem iluminação criavam oportunidade para atos tidos como perniciosos e condenáveis. A cidade recebia centenas de romeiros que, nas comemorações a Santa, dançavam e bebiam de forma desordenada. Mas para os devotos, os atos devocionais se misturavam à diversão, que ocorria após as celebrações do espírito conduzidas pelo padre.

A partir do ano de 1968, Padre Davi Mendes é transferido da cidade de Elesbão Veloso para a cidade de São Felix, a aproximadamente 39 Km de Santa Cruz dos Milagres. Como

⁸ Reforçamos as características de pequena mesopotâmia que possui o município de Santa Cruz dos Milagres, por sua localização entre rios, Rio Sambito e São Nicolau.

citado no capítulo anterior, este padre teve papel importante no processo de ampliação e divulgação da devoção a Santa e, também, por sua articulação política, o que garantiu a implantação de alguns serviços na cidade, como água e energia elétrica. Padre Davi Mendes iniciou sua atuação em Santa Cruz dos Milagres cercado pela expectativa de dirigir um dos templos católicos mais concorridos do Piauí, pois a devoção à Santa e ao Olho d'água dos Milagres mobilizava religiosos e curiosos que viam a Bendita Cruz como a única forma de obter cura e salvação.

No período da Festa de Exaltação à Santa Cruz, a cidade se coloria e se animava, o oposto do que ocorria na Festa da Invenção da Santa Cruz, em que o caráter de penitência e a reserva do espírito eram mais fortes. Em 1968, ao celebrar a primeira Festa de Exaltação à Santa Cruz dos Milagres, Padre Davi Mendes, recém-chegado à terra da Santa Cruz, admirou-se com o grande número de pessoas que seguiam para o pequeno Santuário. A simples capela, cuja autorização para construção se deu em 1929, parecia insuficiente para o tamanho da devoção. Ao descrever a Igreja, Padre Davi a apresenta como sendo;

[Festa de Exaltação 1968] uma construção bem sólida quanto aos baldrames e paredes, com um bom teto. Mas já se manifesta pequena para o movimento atual e há uma constante reclamação de todos pelo melhor estado de conservação e pobreza de um templo tão visitado por tanta gente. (Livro do Tombo I- Paróquia de São Felix, 1968-1984).

O novo vigário sentiu, por isso, a necessidade de remodelar a devoção, e ela passava, necessariamente, pela remodelação do templo, o que conferiria uma imagem mais vigorosa ao local de culto. A capela existente era pobre nos seus paramentos e descuidada em sua conservação, sendo inapropriada para o tamanho da devoção e da representação religiosa de Santa Cruz dos Milagres.

Além de reestruturar o ambiente sagrado, o padre propunha o restabelecimento dos rituais da Igreja, de forma que as práticas populares e as manifestações de fé católica pudessem ser purificadas. E essa ação deveria se dar pela orientação do culto e pelas melhorias no exercício pastoral, excluindo-se ou reduzindo-se a atuação dos leigos, que deveriam auxiliar o padre apenas nas celebrações, sendo que os cultos, procissões, e novenas deveriam ser exclusivos ao clero.

Algumas autoridades policiais e municipais condenaram as festas nas ruas, com suas barracas e diversões, por serem locais de jogos e vagabundagem; os médicos, por sua vez, passaram a considerar as festividades religiosas como bárbaras, perigosas, vulgares e ameaçadoras da “família higiênica”, e,

finalmente, a liderança religiosa começou a se preocupar mais sistematicamente com as ditas deficiências do catolicismo brasileiro, marcadas pelo despreparo do clero e pela prática religiosa distante dos cânones oficiais. (JURCKEVISC, 2004, p. 41).

O desagrado do religioso com as práticas profanas que se seguiam à romaria e à missa aumentou ainda mais quando os vaqueiros, figuras associadas ao primeiro milagre da Santa Cruz, passaram a agir como baderneiros. Devotos fervorosos da Cruz, eles se entregavam às necessidades da carne, consumindo cachaça e comprando beijos das moças nos bordéis. Para Raquel Soihet (2006, p. 344), o público dessas celebrações era muito heterogêneo, mas predominavam os pobres, aqueles que, para a elite e para a Igreja, não seguiam as normas de boa convivência social, pois essas festas, segundo eles, não representavam a racionalidade.

Vale lembrar que, desde os tempos coloniais, como observado por Del Priore (2000, p. 41), as festas eram acompanhadas “[...] [d]o barulho dos fogos e [d]o resplendor das suas luzes [que] tinham função que entrelaçava-se àquela das autoridades: a solidariedade entre o estampido, o barulho, o brilho e as luzes significava para a população carente a vitória sobre as forças hostis da natureza”, pois não bastava agradecer a graça alcançada durante a missa, era necessário externar a felicidade de ter sido agraciado.

Mas o povoado se tornava, durante os dias da festa, também um espaço de outro tipo de entretenimento das famílias rurais da região, na medida em que buscavam as pequenas barracas que tudo vendiam, atrás dos doces e das especiarias, como alho e pimenta, e, ainda, dos afrodisíacos do amor, oferecidos pelas prostitutas nos cabarés itinerantes. Esta condição do povoado é descrita por Padre Davi, que afirma que o “comércio [é] enorme [e] há veículos vindos dos lugares mais distantes” (Livro do Tombo I- Paróquia de São Felix, 1968-1984).

A diversidade de produtos oferecidos nas barracas agradava os romeiros que vinham à Santa Cruz. Muitos, inclusive, economizavam ao longo do ano para poder esbanjar no período dos festejos. Assim, após terem seus corpos purificados nas celebrações diárias ou nos novenários noturnos, acabavam buscando a música, os remelexos, a bebida e os amores furtivos. As moitas, situadas à beira do Rio São Nicolau,⁹ e as ruas escuras tornavam-se logo esconderijo dos amantes e ambiente propício à prostituição, assim como outras eram utilizadas para todo o tipo de jogos:

Junto ao môrro da Santa Cruz está o povoado que tem de 200 a 300 habitantes. Pelo tempo da festa são milhares de pessoas que acampam no local, em barracas de palha, sob as árvores, por toda a parte. O lugarejo se transforma

⁹ Importante rio da região de Santa Cruz dos Milagres, conhecido como Vale do Sambito, e que percorre pelo menos três cidades da região semiárida do Piauí.

em imenso arraial, onde campêia o meretrício, a jogatina mais desenfreada, as festas populares às centenas porque se dança e se joga e se bebe a toda hora e por toda a parte. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

Para Padre Davi e alguns fervorosos devotos, essas práticas eram nocivas para a purificação espiritual tão desejada pelo sacerdote, motivando seu empenho em renovar a devoção. Entende-se, assim, a razão para ele ter, por ocasião da primeira participação no festejo como pároco oficial do Santuário, afirmado que o “[1968] serviço religioso desenvolve-se tumultuado pela multidão” (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix 1968-1984). Mas essa avaliação negativa não impediu que ele se visse fascinado diante de tamanha devoção à Santa Cruz, a ponto de ter registrado no Livro do Tombo que “[...] Todo romeiro tem por primeira obrigação ao chegar ir à Igreja rezar deixar sua esmola no altar e soltar alguns foguetes [...]”. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix 1968-1984), atitude que, apesar de ser acompanhada de práticas não rituais, é vista positivamente pelo Padre. Os problemas que Padre Mendes observou no primeiro ano de trabalho em Santa Cruz dos Milagres iam além das questões espirituais e estavam relacionados com as condições que a capela existente oferecia para abrigar padres e devotos.

[Festa de Exaltação 1969] Observamos atentamente a movimentação religiosa desta o ano passado buscando encontrar meios de aproveitá-la pastoralmente. Tivemos que realizá-la novamente este ano nos mesmos moldes, absorvidos completamente em fazer funcionar, e assim mesmo precariamente os serviços materiais, essenciais ao seu funcionamento. O serviço d’água, primitivo e anti-higiênico, e ainda em quantidade insuficiente. O Serviço de luz, com revisão da rede do motor. A hospedagem dos padres, mal colocadas, todos em dois quartos apenas, e ainda sem tranquilidade [...] (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

O estado de abandono em que se encontrava a capela implicava em um ineficiente serviço religioso, o que precisava ser contornado. Padre Davi passaria, em razão disso, a interferir de forma intensa na romaria e nas homenagens em honra à Santa Cruz dos Milagres. A partir de sua chegada, os ritos, procissões e novenas passaram a ser pensados de forma mais ritual, para que a manifestação adquirisse um sentido devocional e litúrgico, mediante ações mais firmes de evangelização. Para que isso pudesse acontecer, o padre tentará disciplinar esses devotos, que apesar de sua genuína devoção à Santa, pecam e cometem excessos após o cumprimento dos rituais. Como afirmado por Riolando Azzi e Klaus Van der Grijp (2008), as buscas por ritos mais puros visavam o restabelecimento da fé.

Na mentalidade eclesiástica, os verdadeiros valores do mundo eram aqueles que traziam conotação espiritual, sobrenatural, religiosa. Simultaneamente, os aspectos materiais e concretos da existência humana eram considerados de somenos importância, e, por vezes, até prejudiciais, quando apreciados em demasia; esses aspectos são considerados pejorativamente profanos (AZZI; GRIJP, 2008, p. 18).

Vale salientar, como aponta o historiador Sérgio Brandim (2007), que os espaços de comercialização funcionavam o dia inteiro e que os comerciantes itinerantes instalavam suas barracas entre o morro que abrigava a Santa e o Olho d'água dos Milagres, outro importante ponto de devoção. Ao longo do dia, portanto, se dava a venda de comidas e bebidas, mas o momento áureo das atividades tidas como profanas ocorria após as novenas, já cumpridas as obrigações religiosas.

Esse constante caminhar errante dos romeiros traça trajetórias como aquelas que realizam nas “festas profanas”, durante a noite, ficando a parte baixa da cidade cheia de pessoas em busca de diversão. Nessa cartografia, encontramos outro local de vagação, como a margem esquerda do rio São Nicolau, que cede seu espaço para as inúmeras barracas onde se presencia o vaivém de pessoas que ingerem bebidas alcoólicas e comem com intensidade. (BRANDIM, 2007, p. 72)

As ações de controle da festa propostas por Padre Davi terão a ajuda do poder público, sendo que terão como foco os jogos de azar, o meretrício e as corridas de vaqueiros, que careciam de, segundo o padre, “mais ordem na própria (manifestação) movimentação das corridas” (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix 1968-1984).

A Festa de Exaltação à Santa Cruz dos Milagres se iniciava no dia 05 de setembro, como de costume, com a alvorada, com queima de fogos e vivas à Santa Cruz dos Milagres. Muitos romeiros programavam a chegada para esse horário e também agradeciam, com fogos, a boa viagem e a alegria de estarem junto da Santa. O povoado, agora desperto, cheirava a café, bolo e frito de galinha, prato que geralmente acompanhava os romeiros. Na sequência, o povo começava a se organizar para a Missa, que tinha início por volta das 7h da manhã.

Além dos devotos, personagens importantes apareciam nesse primeiro dia de festa. Eram os vaqueiros, que montados a cavalo, chamavam o povo à celebração, cantavam para celebrar a Santa e ocupavam o pátio do pequeno Santuário. Os homens, vestidos a caráter, pareciam carregados de uma aura mágica, e, entre gritos e vivas à Santa, apeavam de seus animais e entravam no pequeno Santuário para, junto com o povo, darem início à primeira missa.

Após a celebração, os vaqueiros se organizavam para a Corrida de Vaqueiros, tradicional entre os devotos, e esperada no primeiro dia de festa em homenagem a Santa, pois fazia parte do rito de abertura dos festejos. Mais tarde, ela passou a ser condenada pelo Padre Davi por conta dos supostos excessos cometidos por esses ilustres participantes. Os vaqueiros eram vistos como viciosos, pois costumavam provocar confusão com seus cavalos, bebiam muito após a celebração e frequentavam os bordéis. Para Padre Mendes, “[a Festa de Exaltação 1969] Merece estudo e atitude a tomar o fato de que se faz muito grande despesa com hospedagem com os mesmos [vaqueiros], e da parte deles nenhuma ajuda [...]” (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix 1968-1984). Como se pode constatar, por sua importância para a Festa em homenagem à Santa Cruz, toda a despesa com a alimentação e estada dos vaqueiros ficava por conta da Igreja. Esses pontos serão motivos de desavenças entre o Padre e os vaqueiros, mas não serão o único motivo de preocupação ao longo da Festa de Exaltação, pois a ele se somarão os pequenos roubos, os jogos e o meretrício.

A Festa de Exaltação à Santa Cruz, por ser a mais longa das celebrações em homenagem à Santa, gerou muita preocupação à Igreja Católica local, principalmente pela ocupação desordenada dos devotos no período da festa, que armavam suas tendas e redes nas copas das árvores as margens do rio e também nas proximidades do Santuário. Esse número expressivo de dias de festa também fazia com que outros sujeitos buscassem a região, sendo que muitos deles armavam barracas, nas quais ofereciam jogos de carta e tiros, que entretinham e aninavam com suas prendas.

Ao observar a dinâmica da festa, Padre Davi traçou novos rumos para o espaço sagrado, já que o lugar disponível não era ambiente apenas de romeiros e religiosos, pois a terra sagrada também representava, para alguns, um lugar de oportunidade. Esse ambiente da festa e as próprias condições do povoado atraíam também aproveitadores e lanceiros¹⁰, que viam o momento como uma oportunidade para pequenos golpes e furtos. Os romeiros figuravam como os alvos de atenção, tanto para a Igreja Católica, quanto para esses golpistas. No Livro do Tombo, Padre Davi manifesta sua preocupação com o que chamou de ingenuidade do romeiro, visto que, para ele, o entretenimento que ocorria no período poderia influenciar os romeiros, que gastavam seus vinténs em diversões que ele denominava de algazaras, as quais não tinham o mesmo significado para os devotos da Santa Cruz. Carlos Rodrigues Brandão ressalta que na década de 1970 a relação entre os fiéis e a Igreja Católica ainda era muito conflituosa, apesar

¹⁰ Popularmente, lanceiro é aquela pessoa que comete pequenos furtos, aproveitando-se da distração de suas vítimas, algo muito recorrente nas festas religiosas que possuem grandes aglomerações. No Dicionário Aurélio, Lanceiro seria: soldado munido de lança. Significado bem diferente do popular.

da maior disposição ao diálogo do que na década anterior, havendo o firme propósito de mostrar o que era tido como mais virtuoso:

A igreja local em parte aceitava e reconhecia o sistema religioso popular e procurava classificar os seus tipos de especialistas e de fiéis. Os sucessivos vigários não descuidavam em demandar limites entre o religioso necessário e respeitável, praticado no interior da ordem paroquial; e um religioso ilegítimo, ora próximo da magia profanadora, ora da pequena profecia subversiva [...] (BRANDÃO, 1985, p. 39)

Na festa que ocorreu em 1969, o padre se preocupou em implantar algumas atividades, que ocupassem os fiéis e, ao mesmo tempo, os integrassem às atividades rituais, como cuidar de parte da celebração, participar da preparação do terço ou mesmo, junto com a família, fazer as confissões.

[Festa Exaltação 1969] Merece destaque: Dia dos Casais: Estabeleceram-se o dia 8 de setembro como dia dos casais na Igreja de Santa Cruz, com uma missa celebrada por eles. Este ano contou com a presença de apenas residentes no lugar, porque somente de véspera foi lançado o movimento. A ideia alcançou grande aceitação e paroano é de esperar-se uma movimentação maior. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

A inclusão dos devotos nos rituais litúrgicos aproximava mais a Igreja do povo e os comprometia com as celebrações. Essa participação, no entanto, não significava um afastamento das práticas profanas. Eram antes ações vistas como necessárias, mas que não faziam com que os devotos abrissem mão da diversão, pois celebrar era comemorar um novo tempo, reencontrar o grupo e reatualizar o tempo litúrgico e festivo:

[...] ao participar desses eventos, o fiel evoca e recria o tempo inicial. As manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação. (COUTO, 2008, p. 2).

O trabalho de aproximação da Igreja em relação aos devotos também se daria através do esforço do padre em realizar o grande sonho de alguns fiéis, que tentavam celebrar o matrimônio na terra da Santa, sacramento que os aproximava da divindade e fazia com que tivessem a benção da madrinha protetora. Mas o Padre encontraria dificuldades para realizar o sonho desses romeiros, que eram impedimentos institucionais, já que a Arquidiocese só concedia o direito de casar no pequeno Santuário àqueles que residiam nas proximidades ou na

região de atuação da Igreja de São Felix. Sendo assim, muitos fiéis tinham seus sonhos frustrados quando buscavam o sacramento.

Tendo em vista a grande procura, Padre Davi decide solicitar à Arquidiocese autorização para casar os fiéis que procurassem o Santuário, enfatizando, no seu pedido, a tradição e, até mesmo, a dificuldade que alguns devotos tinham, devido à grande distância da sede de suas paróquias, para a realização do casamento. A fim de atender às demandas dos devotos, Padre Mendes envia, no ano de 1969, um ofício solicitando permissão para realizar o casamento dos fiéis no Santuário de Santa Cruz dos Milagres:

Pe. Davi Mendes de Oliveira, vigário da Paróquia de São Felix do Piauí desta Arquidiocese, vem muito respeitosamente pedir de V. Excia. conceder-lhe faculdade para dispensar impedimentos matrimoniais, maiores e menores, nos moldes e limites que tem todo pároco no território da própria paróquia, de todos os fiéis desta Arquidiocese que tradicionalmente frequentam a Capela de Santa Cruz dos Milagres, durante a festa da Invenção da Santa Cruz (24 de abril a 3 de maio) e da Exaltação (5 a 14 de setembro) [...].(Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

Os devotos que buscavam o Santuário o procuravam também para receber os sacramentos, razão pela qual não havia como ignorar o grande desejo popular de que os casamentos pudessem também ocorrer na Terra da Santa Cruz. Moças e rapazes, que buscavam as bênçãos da Santa, tinham, muitas vezes, seus sonhos interrompidos ao chegar ao Santuário e perceberem que não poderiam casar.

Por causa disso, no pedido de dispensa, o Padre Davi também apresenta as razões para o pedido, e, como forma de garantir a autorização para realização do sacramento do matrimônio, ele apela para a sensibilidade do Arcebispo e para algo que era ainda mais caro nesse período de renovação, a necessidade de possibilitar o sacramento do matrimônio para aqueles fiéis que tanto o desejavam.

Justificando o pedido, apresento as seguintes razões:

- 1- Caráter regional destas festas e do próprio Santuário, para onde acorrem fiéis das mais distantes paróquias da região;
- 2- Situação geográfica do Santuário, situado no extremo leste da Paróquia¹¹, muito próxima ao limite de várias outras, cujos fiéis se encontram a distâncias consideráveis das próprias sedes das paróquias;
- 3- Precariedade dos meios de comunicação, quando aquela localidade não dispõe de Correios nem de telégrafos e, nem sempre estão presentes os respectivos párocos daquelas populações;
- 4- Costume antigo destas populações que tradicionalmente procuram nestas capelas os serviços religiosos, inclusive a celebração matrimônio. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

¹¹ Refere-se à Paróquia de São Felix.

O espaço dedicado à Santa Cruz dos Milagres, além de ser um ótimo instrumento de orientação religiosa, tornava possível o exercício pastoral, principalmente quando permitia que esses fiéis saíssem da vida em pecado e recebessem a benção de Deus. Além disso, como sugere Padre Mendes, o costume já disseminado entre os devotos era o de casar na terra da Santa, o que nos leva a inferir que o que os motivava não eram apenas as graças de Santa Cruz dos Milagres, mas a possibilidade de realizar o casamento em seu Santuário. No caso específico de Santa Cruz dos Milagres, o casamento era visto como uma oportunidade de inserir a Santa em algo que mudaria a vida dessas pessoas, no momento em que constituíam suas famílias:

Nesse clima de festa, de aceitação recíproca e de hospitalidade, ocorre uma aprendizagem entre as pessoas e os diversos grupos. Os próprios símbolos e rituais tradicionais e novos da fé são colocados em comum, tornando-se acessíveis a todos. [...] Nos cantos e gestos, nos símbolos da vida, nas cores e nos perfumes, no ritmo e na dança, o ser humano se expressa com todas as suas potencialidades- razão, emoção e projeção. (WEBER, 2002, p. 150).

Atitude semelhante tinham os devotos de Padre Cícero, que, nas palavras de Régis Lopes (1998), escreviam para Padim Ciço, pedindo conselhos em relação às suas escolhas pessoais e ao matrimônio:

[...] Diante da dúvida, a devota pede ajuda a quem teria possibilidade de vislumbrar um futuro. O problema posto nesse escrito é o risco de uma escolha errada. Sua pergunta é no sentido de evitar uma desventura, ou seja, um matrimônio infeliz. [...] Pelo menos aparentemente, mostra-se disposta a dar rumo para sua vida a partir da resposta esperada. (LOPES, 1998, p. 18)

Ao padre pareceu extremamente oportuno aproveitar o grande número de fiéis que seguiam para Santa Cruz dos Milagres para evangelizar e ordenar a festa, o que o motivou a solicitar a dispensa, que foi atendida, o que possibilitou que nas Festas de 1970 pudessem ser realizados casamentos para alegria dos devotos.

Reverendo, Em resposta ao vosso requerimento, de 27 corrente¹², solicitando faculdade, para dispensa de impedimentos matrimoniais, maiores e menores no território desta Paróquia, de todos os fiéis dessa Arquidiocese que frequentam a Capela de Santa Cruz dos Milagres durante as Festas da Invenção e Exaltação da Santa Cruz. Comunico-vos que Exm^a e Reverendo Senhor Arcebispo escreve o seguinte despacho: “Como pede atendido”. Aproveito-me do ensejo para vos apresentar os meus cumprimentos.
Pe. Helvídio Martins

¹² O Secretário do Arcebispo se refere ao dia 27 de agosto de 1969.

Secretário do Arcebispo

Mas havia outras questões que precisavam ser melhoradas no Santuário, algumas não tão simples como a dispensa para o casamento, e que diziam respeito à organização das festas que, para que se tornassem mais pastorais e mais próximas da devoção, deveriam observar certos rituais católicos e afastar-se de práticas nocivas ao exercício da fé.

A procura pela santa no período das festas era tão grande que os romeiros acabavam fazendo deslocamentos arriscados em caminhões que cruzavam as rodovias levando os devotos que dirigiam ao Santuário cantando louvores à bendita Santa Cruz dos Milagres. Essas condições irregulares fizeram com que o ano de 1969 a viagem terminasse de maneira dramática para um grupo de romeiros de Morrinhos, hoje município de Demerval Lobão, que fica a 42 km de Teresina.

Um dos maiores desastres rodoviários registrados no Piauí nos últimos anos, matou dez pessoas e deixou treze feridas na manhã de ontem [10 de setembro de 1969] quando um caminhão que se dirigia de Morrinhos para o lugar Olho d'água dos Milagres ficou sem freios na descida de uma ladeira e virou. O caminhão havia sido fretado [...] para levar 21 pessoas para os festejos da Divina Santa Cruz [...] as vítimas acidentadas ficaram várias horas à espera do socorro. (Jornal *O Dia*, 1969, p. 1).

O terreno acidentado, com muitos morros pedregosos, tornava-se um perigo para aqueles que se arriscavam a viajar nesses caminhões paus de araras, que, geralmente, iam lotados de devotos-romeiros, que, em sua maioria, passavam o ano pagando essas excursões religiosas para, junto da família, cumprir sua obrigação com a Santa.

De acordo com matéria divulgada no Jornal *O Dia*, os devotos-romeiros já se encontravam próximos ao Santuário, a pelo menos 40 km da terra da Santa. Era usual os caminhões subirem/descerem os morros vazios, apenas com o motorista, para diminuir o peso e o consequentes tombamentos, já que a estrada em péssimo estado de conservação não contribuía. Era possível, segundo a tradição oral, ver grande número de devotos subindo/descendo a pé os altos morros, para só assim voltarem a subir no caminhão e seguirem seus destinos.

Fotografia 2: Romeiros chegando a Santa Cruz dos Milagres em Pau de arara



Romeiros chegam a Santa Cruz para as novenas.

Fonte: Jornal O Dia, 1976.

A imagem acima expõe as condições precárias da ida dos romeiros ao Santuário. Esse caminhão, por exemplo, não possuía lona de proteção, o que fazia com que os devotos ficassem desprotegidos dos raios solares, que nesse período eram ainda mais intensos. Os jornais, inclusive, enfatizavam o grande número de pessoas que saíam de uma das principais praças de Teresina em um cortejo de caminhões que se dirigiam para Santa Cruz dos Milagres. A matéria também aponta para as condições sociais desses devotos, que, em sua maioria, eram agricultores ou trabalhadores do comércio local, o que não descarta a possibilidade de pessoas mais abastadas viajarem dessa forma, já que não havia, na época, serviço de transporte público.

O fotógrafo parece, efetivamente, estar interessado em apresentar as péssimas condições em que os devotos viajavam e denunciar o descaso do Estado e o não cumprimento das inúmeras promessas feitas pelos líderes do executivo ao pé da Bendita Santa. A imagem divulgada na imprensa, como sugere Sandra Pesavento (2008), parece trazer à tona a tensão entre o desejo de demonstrar a fé à Santa Cruz e as condições existentes para realizá-lo:

As imagens também suportam um outro tipo de tensão, aquela existente entre o todo que se revela na composição da cena e na delimitação do campo da imagem, fornecendo uma visão de conjunto daquilo que é representado, e o detalhe, que demanda um olhar mais detido, apurado, metucioso e carregado de questionamentos. (PESAVENTO, 2008, p. 107).

Como já afirmamos em outro momento, a Festa da Exaltação se caracterizava por uma ampla oferta de entretenimentos, que aos olhos do Padre Mendes, não apenas desvirtuavam o

sentido da festa, como atraíam os romeiros com a promessa de ganhar dinheiro facilmente nos jogos de azar.¹³

[Festa de Exaltação 1970] O ano passado fiquei preocupado com a invasão de jogadôres na festa de Santa Cruz. Todos os tipos de jogos, com a finalidade única de roubar os pobres romeiros. Ainda tentei conversar com os sargentos que comandavam o destacamento, nada conseguindo [...] (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix de Cantalice, 1968-1984).

Como se pode observar na passagem acima, Padre Davi criticava a apatia da própria polícia, que não coíbia as ações dos barraqueiros, que exploravam os ingênuos devotos da Santa. A essas distrações com jogos, somava-se a prostituição que ocorria em casas de drinks temporárias ou em alguns bordéis, que só funcionavam durante os dias dos festejos e que, geralmente, traziam moças de fora da cidade. Mas não apenas os jogos desviavam o olhar dos romeiros, pois eles buscavam também o atendimento de outras necessidades, como a compra de comida e das ofertas em homenagem à Santa Cruz. Vale salientar que esse comércio também disputava espaço na festa da Santa, e tinham um impacto bastante positivo na economia local, o que agradava os que eram do município e aguardavam ansiosamente pelo tempo das festas.

Esse cenário de desregramento parecia reforçar a urgente necessidade de institucionalizar a festa. E entender os devotos como ingênuos fazia com que eles fossem vistos, também, como passíveis às regulações da Igreja, que visava restaurar o verdadeiro significado do espaço em que a Santa Cruz era homenageada. Neste sentido, resgatamos a percepção de territorialidade para Zeny Rosendahal:

o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar dado território. Os geógrafos focalizaram padrões espaciais que refletem as expressões materiais e simbólicas de grupos religiosos em sua territorialidade, nos diferentes contextos sociais. (ROSENDAHL, 2012, p. 22).

O ordenamento da festa pelo padre pode ser percebido como parte de um conjunto de medidas que visavam o doutrinamento dos fiéis, e que previam a regulação do espaço e das condutas dos devotos. Para tanto, Padre Davi Mendes se utiliza de seu prestígio pessoal para solicitar não apenas a ação coercitiva do Estado, visando ao fim aos jogos e das demais

¹³ As bancas de jogos, que se multiplicavam no período da Festa de Exaltação, nos remetem às festas do Brasil Colonial, com celebrações que, se não suprimiam a realidade dura dos sujeitos que buscam a intervenção do santo, lhes davam alternativas de entretenimento na falta deles no seu dia-a-dia. Martha Abreu (1999), ao tratar da Festa do Divino no Rio de Janeiro, observa que as barracas nas festas agradavam e divertiam sem tirar o brilho do santo: “Estavam em foco os desperdícios sociais e humanos presentes nos divertimentos indevidos, posto por propiciadores do crime e da vadiagem; nos descuidos com a cidade; nos perigos para a vida e a segurança, a partir do mau uso dos fogos, e, ainda nos hábitos tidos como não civilizados”. (ABREU, 1999, p. 219).

libertinagens, como para assegurar a evangelização e, assim, poder ampliar a participação da Igreja na ritualização da festa. Carlos Brandão aponta para esse aspecto, ao afirmar que:

Vários outros momentos da festa serão o resultado de uma tensão entre os mesmos desejos e interesses: os das autoridades da Igreja, para tornar a cerimônia mais “puras” e subordinadas a sua lógica, versus os dos festeiros, foliões, capitães de ternos de folguedos e outras pessoas corporadamente dedicadas às vocações e ao desejo de manter vivos os costumes cerimoniais de seus antepassados, justamente aquilo que torna uma festa como outras: “a nossa festa”. (BRANDÃO, 1989, p. 12).

Essa tentativa de controle da devoção por parte da Igreja, contudo, não poderia desconhecer que a devoção à Santa Cruz dos Milagres é, de acordo com o historiador Dagoberto Junior (1984), expressão de um povo, que vivenciando a religião católica, fez da Santa Lenha uma personificação da graça e misericórdia de Cristo no sertão do Piauí.

[...] Toda religião mesmo as tradicionalmente históricas, bem organizadas transcendentemente ao lado do rigorismo rígido, da ortodoxia, recebem acréscimos criados pelo povo. Este também é o caso da devoção a [Santa Cruz] como de resto de outros cultos regionais. Não há dúvida quanto a influência do meio social sobre a prática místico-religiosa. (CARVALHO JUNIOR, 1984, p. 10).

Ao analisar a procissão do Corpo de Deus, José Tinhorão (2012), observou que os mesmos devotos que se mantêm silenciosos nas procissões, o que é quebrado vez por outra pela repetição dos ritos, fora da igreja, conduziam suas orações de forma diversa e clamavam a Deus de forma alegórica e alegre. Cabe observar que, apesar de o autor trabalhar um recorte temporal anterior as analisadas em Santa Cruz dos Milagres, a discussão do autor nos permite observar as permanências nas manifestações religiosas. Ainda segundo Tinhorão (2012, p. 17), recrutar os devotos durante a celebração do Corpo de Deus apontava para a “intenção da Igreja de levar uma massa urbana à adesão de um dogma fundamental para a fé católica”, o que, em Santa Cruz dos Milagres, assumirá a forma da oferta dos sacramentos, como os batismos e os casamentos, estratégia adotada por Padre Davi e que já assinalamos.

Assim, em agosto de 1970, um mês antes da Festa de Exaltação, o vigário enviou um ofício a Secretária de Segurança do Estado do Piauí, solicitando o apoio das forças policiais no período da Festa, para que, assim, pudesse garantir a paz religiosa no retiro da Santa;

[...] o abaixo assinado, vigário da paróquia de São Felix do Piauí, vem respeitosamente expor o que se segue:
Dentro da jurisdição desta paróquia existe uma capela no povoado de Santa Cruz dos Milagres, e como também é chamado pelo povo de Olho d’água dos

Milagres, distrito do município de Aroazes. Esta Capela é centro de uma romaria popular que vem do século passado.

A Festa da Padroeira é realizada todos os anos nos dias 5 a 14 de setembro. Nestes dias, sobretudo entre os dias 10 a 14, ali se concentra uma multidão calculando mais de vinte mil (20,000) pessoas.

A maioria deste povo é constituída de pessoas simples do campo, que vão a festa mesmo de pé. Nos últimos dias contam-se mais de duas centenas de carros, vindos de toda parte. Este povo se concentra todo no povoado e arredores, nas mais difíceis condições e maior promiscuidade [...]

Há roubos a todo instante, e até mesmo dentro da Igreja, dezenas de pobres romêiros foram despojados do pouco que possuíam [...]. Penso ser indispensável a presença em Sta. Cruz dos Milagres, pelo menos nos últimos dias, de um Delegado Especial, a bem da proteção daquele povo pobre e ingênuo [...] apelo a V. Excia. vendo a desorganização social ameaçando inutilizando o nosso trabalho, que, sendo cristão, é também, e por isso mesmo, humano e social. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix de Cantalice, 1968-1984).

O vigário enfatiza que sua maior preocupação era com o bem-estar dos devotos presentes na festa, mas isto significava controlar ou coibir as comemorações festivas que se seguiam às missas e procissões. Se a ingenuidade ou deslumbramento dos romeiros eram recorrentemente referidas pelo padre para justificar a intervenção da Igreja, os intelectuais e líderes políticos entendiam que os excessos nas demonstrações de fé estavam relacionados com a pobreza e o analfabetismo, vistas como propícias e facilitadoras do misticismo.

Vale lembrar que a intelectualidade piauiense, especialmente no início do século XX, teceu críticas ao clero, pois responsabilizavam os padres pelo fomento do medo e do fetichismo religioso. Higino Cunha, inclusive, refere-se à Santa Cruz dos Milagres e à devoção a Padre Cícero como loucas manifestações religiosas.

[...] Mas o pior é que esse estado da alma do sertanejo transborda às vezes e, tenebrosos acesos de loucuras religiosas coletiva, determinando crimes e pandemônios macabros como se deu no famoso reduto de Antônio Conselheiro. São notáveis as romarias ao Juazeiro do célebre Padre Cícero e ao Olho d'água dos Milagres no município de Valença. (CUNHA, 2015, p. 84)

Além de Higino Cunha, também o cronista Mario José Baptista, em visita à região de Santa Cruz dos Milagres, aponta para a peculiaridade desse movimento religioso:

Ainda não me fora dado assistir a uma dessas romarias que a piedade indígena anualmente realiza a certos e determinados santos; coube – me a vez agora, pois que me achando de passagem, para esta villa, vindo de Valença demorei-me dois dias no “Olho d’ água dos Milagres”, não só por dever de ofício, como também para poder contar de certo o que é uma romaria, no sertão da nossa terra.

Chamava-se “Olho d’água dos Milagres”¹⁴ a um aprazível lugar, sitio a margem do rio São Nicolau, rio perene, de águas murmuras e cantantes cachoeiras impetuosas e, conseqüentemente, banhos magníficos; a denominação primitiva está hoje acrescentado o apêndice de “milagres” [...] (BAPTISTA, 1912, p. 2).

O tom de Mário Baptista vai da admiração ao sarcasmo, pois da mesma forma que menciona a singeleza do espaço de devoção à Santa, também usa de certo sarcasmo ao chamá-la de piedade indígena, uma prática de incultos e selvagens. Sua crônica também destaca certas deformidades, que resultam de sua total incompreensão da devoção:

Ninguém pode me explicar como é que aquela romaria [...] Parece-me, porém, que o povo acredita que uma velha cruz, hoje existente na capela erigida na assentada do morro, fora ali colocada pela vontade divina com o intuito de indicar que as águas desse lugar eram milagrosas.

Não pude verificar de que maneira é feita a cruz, pois que a vi coberta ou vestida; afirmaram-me, porém, ser de “pau de chapada”. Acredito que o artista que fez aquela cruz ou tinha muita pressa ou era mau artista: um dos braços da cruz é menor que o outro. Mas... seja como for lá está ela e eu só desejava para ser rico que me dessem as esmolas que anualmente lhe dão;

Também não posso dizer que eu não achei quem me apontasse um milagre realizado pela cruz ou pela água da vertente; mas fé é que cura... (BAPTISTA, 1912, p. 02).

Baptista não deixa de referir a rusticidade da Santa Cruz homenageada pelos romeiros e também da própria capela, manifestando sua incompreensão diante de tamanha devoção e de tantas demonstrações de gratidão pelas graças alcançadas, o que fazia com que o pequeno povoado ficasse superlotado durante as celebrações festivas:

[...] Todos os anos o vigário vem a 14 de setembro, realizar a festa e dizer a missa, mandando antes efetuar uma serie de novenas. É então que a aglomeração de povo se torna colossal; calculo ter visto reunido alguma coisa mais que um milhar de pessoas [...]

Procurei com empenho verificar se havia um romeiro que houvesse feito a promessa de não beber a mais ou ao menos durante a romaria, e não encontrei um só que tal promessa fizesse. A pandega é colossal; canta-se, dança-se, come-se e, incidentemente, reza-se.

A festa da Igreja é pretexto para muitas outras; casa-se muita gente e batiza-se outro tanto [...]. (BAPTISTA, 1912, p. 03).

¹⁴ Vale salientar que tanto Higino Cunha quanto Mário Baptista chamam o local de devoção de Olho d’água dos Milagres, denominação que refere-se exclusivamente à fonte d’água ao pé do morro. Essa denominação é vista em alguns documentos até a década de 1930, mas em outras fontes nas décadas posteriores começa a ser citada apenas Santa Cruz dos Milagres. Pelo recorte temporal da tese, optamos por chamá-la apenas de Santa Cruz e mantivemos a denominação dada pelos autores quando citados.

A percepção dos intelectuais também era a da maioria das pessoas que integravam a elite local e do clero. Mas com o passar dos anos a Santa Lenha deixou de ser uma devoção de camponeses e passou a agregar políticos e pessoas que integravam a elite local e regional, os quais iriam se contrapor à intelectualidade anticlerical do estado do Piauí, que manifestava suas ideias através da literatura e de periódicos, questionando os dogmas impostos pela Igreja, pois, ser religioso, para esses intelectuais, era ser tolo e fanático.

Em resposta ao texto de Mário Baptista, será publicado, no Jornal católico *O Apóstolo*, uma crítica ao inspetor de ensino, que será adjetivado como perseguidor. Além disso, o cronista Agobardo de Nola, pseudônimo que remetia a um santo espanhol, criticava o nobre servidor e sua atuação na terra da Santa.

Como inspetor do ensino o esbelto dr. Mario Baptista anda apoquentando o professorado do interior. Neste caráter dirigiu-se ao Olho d'água dos Milagres, em o município de Valença, onde não existem escolas. Mas para lá foi conduzido pelo dever do ofício. O divertir-se faz parte do ofício do Mário. O Mário gosta de pandenga. (Jornal *O Apóstolo*, 1912, p. 1-2)

O autor da crônica busca, a partir do texto, desmoralizar o inspetor do ensino, como forma de diminuir e ridicularizar seus comentários a respeito da devoção à Santa Cruz dos Milagres. Baptista, que antes havia criticado as formas licenciosas de cultuar a Santa, é visto agora como um fanfarrão que se diverte nas festas do sertão. Nola critica também trechos do artigo de Mário no Diário do Piauí, no qual faz referência à devoção.

O Mário andava também em observações filosóficas. O Mário é um folclorista de força. Não achou quem lhe explicasse como o povo começou a crer na força milagrosa da fonte. O Mário não precisa de dados parecendo-lhe uma coisa, está desatado o nó górdio. Eis uma tirada de Mário: “parece-me, porém que o povo acredita que uma velha cruz, hoje existente na capela erigida na assentada do moro, fora ali colocada pela vontade divina com o intuito de indicar que as águas desse lugar eram milagrosas”. Ora, meu Mário, como adivinhaste isso?! És um vidente, que desbanca o Mucio Teixeira! O Mello Moraes Filho iria examinar. O Mário é lhe superior: advinha e explica, mas a explicação do Mário não vale um tostão. (Jornal *O Apóstolo*, 1912, p. 1-2)

O cronista ainda expõe as críticas de Baptista às “esmolas da Santa”, considerando-o arrogante e prepotente frente a fé dos devotos. Para além das discussões travadas entre os dois cronistas, é importante observar como a defesa da devoção só é feita pelo ataque à instituição, pois nesse período a Igreja já atuava na região, mesmo que de forma ainda incipiente. Baptista, ao questionar a fé do povo, reduzindo-a a um movimento de selvagens, também questiona a

ineficiência da Igreja, ao permitir que uma devoção, vista como tão primitiva permanecesse atuante na região. Para o cronista Agobardo de Nola, a importância do Santuário estava na grande quantidade de ex-votos ali depositados, o que demonstrava que a Santa agraciava seus fiéis com bençãos e milagres.

Aparentemente, a discussão entre os dois intelectuais não teve grande repercussão ou continuidade, pois não foi possível encontrar réplicas ou trélicas no debate que travaram em torno da devoção à Santa Cruz dos Milagres. Como bem observado por Teresinha Queiroz (2015, p. 78), “a partir da década de 1880, é possível falar de uma disposição anticlerical em Teresina, bem como de repercussões do anticlericalismo mais agressivo de outras regiões”, que estará presente no processo de institucionalização da devoção e se manifestará nos idos de 1968, quando de fato a devoção se populariza e passa a chamar a atenção da Igreja, em especial, do Padre Davi Mendes.

Para além dos fiéis, a devoção necessitava de outros atores, também importantes na manutenção da ordem da festa, tanto que Padre Davi Mendes cobra uma maior participação das forças policiais durante o período festivo. Um grupo de policiais foi enviado para Santa Cruz dos Milagres, a fim de fazer a proteção dos romeiros e de seu patrimônio, medidas que permitiram um maior controle da festa e das distrações com jogos e danças:

[...] Realmente, já no dia 10 de setembro chegava a Santa Cruz um destacamento com 22 praças [...]. As ordens eram precisas, e a festa decorreu na mais perfeita ordem, sendo notada por toda a população a falta absoluta de jogos, roubos e arruaças costumeira nos outros anos. Fiquei muito satisfeito e após a festa enviei um telegrama ao Sr. Secretário de Segurança agradecendo o trabalho da polícia. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

Se, em seu livro de memórias, Padre Davi refere-se até entusiasticamente as manifestações de devoção à Santa Cruz, o mesmo não se observa no Livro do Tombo. Acreditamos que essa distinção nas narrativas deva ser creditada ao público leitor diverso desses dois textos, sendo que no Livro do Tombo a condenação dessas práticas devocionais atenderia às expectativas daqueles a quem ele se destinava e daqueles que o consultariam.

Eu pensava, é claro, como me ensinaram: o catolicismo do povo era pobre, cheio de credices, beirando a idolatria, aprofundando sua alienação da vida e dos grandes compromissos cristãos [...] O que sempre me deixava em dúvida era testemunhar ao vivo, ano após ano, o aflorar espontâneo da fé, em manifestações tão profundas e comoventes. E sem poder honestamente mascarar-la com interpretações negativas, ou ao menos descartá-las em minha responsabilidade pastoral. (OLIVEIRA, 1990, p. 3)

Padre Mendes tinha consciência de que o povo não negligenciava os rituais católicos, pois os devotos-romeiros os viviam, mas o faziam a seu modo, conferindo sentido à devoção. Em relação a isso, deve-se considerar que

Os rituais são fundamentais não só porque situam seus participantes num universo simbólico que configura a sua realidade, mas sobretudo por causa de sua força performativa, o que os torna essenciais para a construção das identidades dos próprios grupos. (STEIL, 1996, p. 115).

Vale, aqui, lembrar o momento histórico pela qual passava a Igreja Católica na década de 1960, em que Concílio Vaticano II permitiu uma maior maleabilidade da Igreja, que, segundo Solange Andrade (2010), encobria, na verdade, a ainda “latente intolerância da Igreja, muitas vezes camuflada”, como no caso de Santa Cruz dos Milagres, em preocupação com o bem estar dos devotos. Para a historiadora, “ao eleger a tolerância enquanto estratégia a Igreja Católica está sendo intolerante pois parte de sua concepção de verdade, de religião e crenças respaldada na premissa de que somente o catolicismo é universal” (ANDRADE, 2010, p. 153).

Maíra Vendrame, ao analisar a ação política e religiosa do Padre Antonio Sório, o observa como indivíduo influente, que usa seu lugar social para controlar e garantir a coesão dos fiéis, com interesses que iam para além dos religiosos, já que o Padre era figura representativa do espaço social da vila.

Ao se tornar pároco de Silveira Martins, em 1884, Antônio Sório acompanhou e supervisionou a construção das diversas capelas que começaram a ser erguidas na região colonial, procurando, ao mesmo tempo, garantir o controle sobre o amplo território que pertencia à paróquia. Com isso, buscou evitar o surgimento de questionamentos de outras comunidades quanto ao domínio administrativo da Freguesia de Silveira Martins. (VENDRAME, 2013, p. 236)

Padre Davi Mendes, assim como Padre Sório ao final do século XIX, exerceu papel político importante na própria organização do então vilarejo de Santa Cruz dos Milagres, controlando e coordenando até mesmo as obras que deviam ser feitas pelo serviço público, garantindo o serviço de água e iluminação pelo menos no período da festa. Como visto no capítulo anterior, ele valeu-se da grande presença de políticos, que se aproveitavam politicamente do movimento religioso, para solicitar algumas melhorias.

Além das solicitações feitas ao Secretário de Segurança, e que visavam o policiamento para controle dos jogos e da vadiagem, o sacerdote tomará uma decisão radical, ao suspender a tradicional corrida de vaqueiros, por considerá-la nociva à própria festa e ao exercício pastoral. A proibição da corrida, acreditava o vigário, garantiria celebrações mais condizentes com as

práticas ritualizadas de fé e reduziria as licenciosidades e a exploração dos ingênuos devotos. Para o vigário, continuar financiando a corrida dos vaqueiros demonstrava certa conivência com a postura condenável desses fiéis.

[Festa de Exaltação 1970] Este ano foi suspenso o movimento de vaqueiros no dia 5, como já era costume. As razões que levaram o vigário a dispensar este movimento foram a) a enorme despesa que tinha a Igreja neste dia, com a alimentação dos vaqueiros, sem nenhuma colaboração da parte deles. b) a absoluta falta de ordem que reinava, sobretudo depois das corridas. O povoado ficava a noite toda tomado por uma enorme quantidade de vaqueiros embriagados às carreiras e gritos pelo meio da rua. Da parte do vigário, durante dois anos houve tentativa de organizar e fazer tudo melhor. Nada foi possível. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984)

Mas, apesar da aparente vitória de Padre Davi, no ano seguinte, os vaqueiros encontraram uma alternativa para manter viva a primeira manifestação surgida na região para homenagear a Santa Cruz dos Milagres. Como aponta Eduardo Hoornaert (1997), ao ser inserido um novo agente religioso em práticas já tradicionais, há uma tentativa de mudar as formas de cultuar o santo de devoção:

As pessoas sofrem o impacto da mudança provocada pela presença de agentes de fora, que se passa na micro-história de cada dia, é parte integrante de todo o processo da colonização. Instala-se uma luta de séculos entre os deuses antigos e o novo Deus dos cristãos, com pouquíssimos negociadores, infelizmente. (HOORNAERT, 1997, p. 33)

A intervenção feita por Padre Mendes não tirou a determinação dos devotos e principalmente dos vaqueiros de celebrar a Santa como costumeiramente faziam, especialmente por entenderem que qualquer espaço dentro do território de Santa Cruz dos Milagres era Terra da Santa. Assim, sair pátio da Igreja não tornava o movimento menos significativo no olhar desses homens e mulheres.

[Festa da Exaltação 1970] Este foi o ano da grande festa, pela imensa multidão que ali se concentrou. Realmente ainda não se notara tão grande movimento de romeiros. Não tivemos, no entanto, a organização do ano passado. Houve a movimentação dos vaqueiros no dia 5, mas agora sob a inteira responsabilidade dos mesmos. Assim a paróquia prestigia o movimento, apoia e estimula, mas nunca como antes, quando tudo corria por conta da Igreja. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

Como podemos perceber no trecho que transcrevemos acima, os vaqueiros passaram eles mesmos a organizar a corrida, tendo que arcar também com as despesas da homenagem prestada à Santa Cruz dos Milagres, e que envolviam gastos com o café da manhã e o almoço oferecidos

aqueles que vinham de longe e o almoço. Mas o que significava, de fato, controlar a mais tradicional (e antiga) manifestação de homenagem à Santa Cruz?

O vaqueiro no Piauí sempre foi percebido como uma figura heroica, que participou efetivamente do processo de colonização do Estado, e bravamente venceu as dificuldades climáticas, a fome e as doenças. Ele também teria sido, como já citado, o primeiro a receber as graças da Santa Cruz. O vaqueiro piauiense foi exaltado pela literatura e o literato Francisco Gil Castelo Branco, considerado por alguns críticos como o precursor dos romances sobre a seca, descreve no livro *Ataliba, o vaqueiro*, a saga desse homem que sobrevive por sua fé e coragem.

[...] tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que era vaqueiro [...]. São naturezas especiais as dos homens desses ermos longínquos; implacáveis no ódio, extremados no amor, fiéis à gratidão, morrem onde se prendem, como as lianas que se adunam às vetustas árvores das suas florestas. (CASTELO BRANCO, 2003, p. 32).

Além dessa determinação, que o habilitava a ser descrito como herói, o vaqueiro se via envolvido em uma realidade social marcada pelo compadrio e pelo paternalismo e, especialmente, pelas disputas por terras e pela posse de gado:

[...] A mobilidade exigia um acúmulo contínuo de reses e o acesso à terra. Estas exigências acarretaram dois processos comuns na zona de pastoreio piauiense ao longo do século XVIII e XIX, levando a uma intervenção mais segura da elite e do governo. O primeiro foi o enriquecimento ilícito de criadores e vaqueiros com desvio e furto de animais, situação ainda mais comum nas propriedades públicas. O segundo refere-se à ampliação das riquezas de criadores e vaqueiros pelo não pagamento de dízimos de gado, recurso também comum entre os proprietários. Estas práticas reforçavam o aumento da pressão sobre a terra, uma vez que, enriquecidos, criadores e vaqueiros passaram a reivindicar propriedades, acentuando-se os sérios conflitos pela terra. (LIMA, 2016, p. 116).

Entendemos que esses conflitos entre elite agrária e vaqueiros e, sobretudo, a percepção que o clero tinha desses sujeitos estejam presentes na tentativa de controle da participação dos vaqueiros na festa em homenagem à Santa Cruz. No esforço de ter o controle da festa está, portanto, implícito um conflito que dizia respeito ao poder sobre a celebração da Santa pelos sujeitos que primeiramente se beneficiaram de um milagre e pelos detentores do poder religioso e do poder econômico. A propósito desse esforço de controle feito pelo Padre Davi, consideramos fundamental refletir sobre o conceito de campo religioso.

Para Bourdieu, a racionalização da religião, prática adotada pelas instituições religiosas, impõe formas de adorar a divindade, sendo que seu maior desafio é o de manter a ordem religiosa e de orientar as celebrações e o modo de devotar:

Á medida que desaparece “a relação imediata com a realidade plástica e vital das forças naturais”, “estas forças, deixam de ser imediatamente inteligíveis, transformam-se em problemas” e “ a questão racionalista do ‘sentido’ da existência” começa a se colocar, ao passo que a experiência religiosa depura-se e as relações diretas com o cliente introduzem valores morais na religião do artesão. (BOURDIEU, 2015, p. 35)

No caso da devoção à Santa Cruz, ela passará, a partir das iniciativas de Padre Davi, a sofrer as intervenções das instituições, tanto eclesiásticas, quanto estatais. Aos olhos do padre, uma educação religiosa do povo era urgente, como uma forma de assegurar que as festas obedecessem a ritualística cristã. Mas é importante ressaltar que isso exigirá muito de Padre Davi, que, além de ter a administração da paróquia de Santa Cruz dos Milagres, tinha, pelo menos, mais umas 20 paróquias para administrar. Administrar um Santuário tão concorrido como Santa Cruz dos Milagres, e com tantos problemas, tanto pastorais quanto estruturais, tornava sua atuação ainda mais desafiadora.

Por volta do ano de 1974, outro elemento passou a gerar problema nas celebrações feitas em homenagem à Santa: os fotógrafos, que aproveitavam a grande circulação de pessoas para registrar a presença de romeiros, e alguns desses profissionais não respeitavam sequer o momento das celebrações, e registravam o alegre devoto junto a Santa,

[Festa de Exaltação 1975] Foi problema sério o criado pelos fotógrafos que em grande número impediam o acesso dos romeiros aos pés da Cruz, com o pretexto de tirar retratos dos que os procuravam para isto. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

Apesar do alto valor das fotografias, ainda vistas como artigos de luxo por muitos, isso não impedia a procura, visto que alguns devotos guardavam suas economias para esse gasto, pois era importante ter uma imagem da Santa que pudesse registrar sua passagem por Santa Cruz dos Milagres.

Fotografia 3: Foto recolhida na Sala dos Milagres



Fonte: Acervo da Sala dos Milagres, Santa Cruz dos Milagres, 2012.

A recordação da família aos pés da Santa era uma forma de agradecimento e, ao mesmo tempo, uma recordação importante para ser deixada para as gerações futuras. A imagem acima nos sugere, também, que a memória fotográfica servia para reforçar os laços de fidelidade entre a Santa e seus fiéis, especialmente entre os mais jovens, que teriam o exemplo de devoção dos pais. É preciso, no entanto, lembrar que a fotografia traz consigo as intenções não apenas da família, mas também do fotógrafo. Como nos recorda Sandra Pesavento (2008), as imagens são uma representação do real, e a expectativa de quem fotografa, assim como de quem posa para a fotografia, é que ela capte o real e traga a experiências que cada sujeito, “correspondendo a um gosto, a um sentimento, a uma lógica e a um valor presente em uma época [...]” (PESAVENTO, 2008, p. 104).

Os fotógrafos, além da falta de trato com os devotos, concorriam com o ritual, disputando a atenção dos fiéis, que, em muitas circunstâncias, se importavam mais em ter seu momento com a Santa registrado do que com a missa. A atuação dos fotógrafos durante as festas era, por vezes, comparada aos ladrões e às barracas de jogos, e não seria exagero afirmar que, assim como as outras distrações citadas, eles competiam entre si pelos potenciais clientes.

Fotografia 4: Romeiras no adro do Santuário década de 1970.



Fonte: Acervo pessoas de Antônia Paz.

A foto que registra as mulheres junto ao adro da igreja nos revela, para além da recordação da peregrinação à terra da Santa Cruz dos Milagres, revela a grande afluência dos devotos no Santuário no período de setembro. Ela nos mostra, ainda, que, independentemente do comportamento ou da roupa que vestiam, os fiéis buscavam registrar momentos de descontração e não de contrição. As romarias favoreciam as conversas e os reencontros, constituindo-se, muitas vezes, no passeio anual que a família podia pagar. Apesar de viajarem apertados na carroceria de caminhões, os devotos seguiam de forma alegre, não apenas porque iriam encontrar a Santa Cruz dos Milagres, mas também porque reencontrariam amigos e familiares. Vale lembrar que as dificuldades do deslocamento se constituíam, de certa forma, em um ritual dos devotos e que os altos custos para se deslocar de carro próprio ou alugado faziam com que os devotos se arriscassem na carroceria dos caminhões. Para Clarice Peixoto (2001), as fotografias e os filmes de família:

[...] guardam a memória do grupo familiar, deixando registrados os flagrantes do cotidiano, mas, também, as cerimônias que marcam a vida familiar como os nascimentos, aniversários, casamentos, festas natalinas, entre outras. [...] Além disso, os comentários, as histórias, as lembranças evocadas por estas imagens apresentam aos jovens uma história que não viveram, mas da qual fazem parte, convidando-os assim, a incorporar à sua história essa memória familiar. (PEIXOTO, 2001, p. 175).

As fotografias, em razão disso, resultam em memórias que serão logo repassadas, pois por meio delas é possível revisitar as experiências da viagem, a visita ao Santuário, relembrar

as toadas religiosas, o reencontro com os amigos e, conseqüentemente, a atualização das notícias. As imagens possibilitam, a quem as vê, recriar o momento, que, muitas vezes, depende da narrativa de quem as apresenta.

Além dos fotógrafos, dos lanceiros e barraqueiros que ofereciam comidas e jogos, havia também a falta de água potável e de energia elétrica, que, na época, era fornecida com ajuda de transformadores movidos a óleo diesel. A falta de manutenção dos equipamentos, por vezes, provocava a falta de fornecimento e a escuridão favorecia todo o tipo de comportamento desregrado repreendido pelos religiosos: as danças e bebedeiras nos bailes e bares ao pé do morro da Santa, assim como os pequenos furtos e a ação de charlatões que enganavam os romeiros.

[Festa de Exaltação 1975] A Festa toda apresenta os mesmos problemas de sempre. Os fotógrafos agravaram mais os abusos. A polícia sem resolver nenhum problema. O roubo é aberto, o Jogo exagerado. Também tivemos problemas com a luz. O motor completamente desajustado, arriscando deixar tudo no escuro a qualquer momento. Não podendo funcionar bem também não podemos ter água a vontade, criando outros problemas para o povo. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

Nas fontes consultadas é possível perceber o aumento no fluxo de romeiros e mesmo o tempo de permanência desses fiéis em Santa Cruz após 1968, devido à publicidade dada ao movimento pela mídia local e aos jogos de poder e interesses que fizeram com que a região passasse a ser mais concorrida. Muitos dos conflitos de poder que observamos na região giraram em torno da própria devoção, na medida em que as promessas de melhorias da infraestrutura do local conferiam visibilidade aos políticos, que, através delas, procuravam deixar suas marcas na cidade e, desta forma, assegurar a vitória nas urnas. Mas, independentemente dessas melhorias, os devotos seguiam infringindo as regras e, desta forma, seguiam mantendo viva a devoção popular.

No ano de 1976, durante a Festa de Exaltação, ocorreu mais um episódio das divergências entre a Igreja e os vaqueiros, pois a tradicional celebração de abertura havia sido proibida, mesmo após uma primeira tentativa de organização em 1974, quando o padre nomeia o Senhor Caçula Barbosa, morador do povoado de Santa Cruz dos Milagres, para coordenador da corrida de vaqueiros. A medida visava uma melhor organização das celebrações, sendo a forma encontrada pelo religioso de coibir os exageros, mas a medida não surtiu o efeito esperado e, na Festa de Exaltação de 1976, em meio a brigas e desavenças, a corrida será interrompida.

[Festa de Exaltação 1976] A festa este ano apresentou-se de maneira extraordinária [...] Começo pelo problema dos vaqueiros já o ano passado se

constatava, que era preciso pensar em outra coisa. Já um mês antes, quando muitos vaqueiros já começaram a fazer treinamento no pátio da fazenda¹⁵, começou havendo desentendimento entre eles, a ponto de um vaqueiro chegar a invadir a casa da fazenda para agredir o outro com que se desentendeu. Assim no dia 5 pela manhã anunciei que não aceitaria as corridas no pátio da fazenda, podendo eles fazerem a programação em outro lugar. Eu queria evitar incidentes e rixas já iniciados e não assumir em nome de Santa Cruz o abuso desenfreado de homens bêbados a noite toda, correndo a cavalo nas ruas estreitas do povoado, apinhados de gente. Que tudo acontecesse, mas não em nome da festa. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

O que havia, já desde 1969, eram orientações para uma boa conduta dos vaqueiros, com ações pouco enérgicas por parte da Igreja, mas as desavenças foram uma oportunidade perfeita para a intervenção do padre e para que a disputa se tornasse pública ao ser exposta em um jornal local. Um grupo de vaqueiros, liderados por Luís Barbosa, compareceu à redação de um jornal em Teresina para denunciar as ações do padre, consideradas pelos vaqueiros como arbitrárias, pois teriam sido promovidas de forma truculenta e contado com o apoio da polícia.

Afirmando que o Padre Davi pároco de Aroazes e São Felix, continua cometendo absurdos naquela região, o Sr. Luís Barbosa compareceu à redação do Jornal O Dia para divulgar e protestar sobre o impedimento com uso descabido da Polícia, que aquele vigário praticou contra o desfile tradicional e pacífico de mais de seis vaqueiros, no dia 5 de setembro, maior parte da população se revoltou e os vaqueiros declararam-se ofendidos. Fizeram o desfile em outro município onde foram aplaudidos por mais de 5 mil pessoas. Declarou Luís Barbosa que era organizador da festa de vaqueiros, com o desfile feito ali a muitos anos a cada dia 5 de setembro, o 1º dia do novenário, padroeira Santa Cruz dos Milagres. Participam vaqueiros de vários municípios, sendo um dos pontos altos dos festejos [...], no entanto, o Padre Davi mandou chamar a polícia e ordenou acabar com tudo que estava programado [...] (Jornal *O Dia*, 1976, p. 6).

Luís Barbosa denuncia a tentativa de monopolização da Festa de Exaltação pela Igreja, que procurava ditar as formas de crer e celebrar a Santa, contestando e proibindo, desta forma, as tradicionais práticas dos devotos da Cruz, dentre as quais se encontrava o desfile dos vaqueiros.

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘corpus’ deliberadamente organizado (e, portanto, raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que são excluídos[...]. (BORDIEU, 2015, p. 39).

¹⁵ O padre faz referência à Fazenda Galileia, que pertencia ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres.

Como se pode observar na passagem acima, a exclusão, para Bourdieu, se refere ao afastamento dos grupos que não cumprem os anseios dos dirigentes. No caso da devoção à Santa Cruz, ao proibir a manifestação dos vaqueiros da Fazenda Galiléia, o padre propunha o apagamento desses sujeitos e de suas práticas, por não estarem de acordo com o proposto com a ortodoxia católica. A denúncia feita pelos vaqueiros não foi ignorada pelo padre, pelo menos não no Livro do Tombo, no qual manifestou seu descontentamento com a publicização da oposição dos vaqueiros à proibição do desfile. Mas, de acordo com o vigário, a denúncia, na verdade, estava muito mais associada a interesses de grupos políticos locais, que buscavam se autopromover através da devoção, do que à manutenção de práticas tradicionais.

[...] um tal de Luís Barbosa que nunca foi vaqueiro, mas apenas comerciante e testa de ferro do grupo político [local] que financia a corrente política Arena, mandou estampar no jornal “O Dia”, de Teresina, do dia 10 de setembro, um artigo contra o vigário, mas tão cretino e mentiroso que para qualquer pessoa honesta só provocou náuseas. O vigário nem sequer se deu o trabalho de mostrar que havia lido a tal falsidade. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

A disputa pela devoção à Santa estava, portanto, explicitada na fala e atuação dos personagens, tanto dos vaqueiros, quanto do vigário e políticos locais. Mais do que cultivar a Santa, havia a disputa pela legitimação do modo de homenageá-la, conflito muitas vezes amenizado, mas nunca, de fato, sanado. Célia Borges, ao discutir a atuação das irmandades do Santíssimo em São João Del Rei, aponta para algo semelhante ao ocorrido na devoção à Santa Cruz dos Milagres:

Imbuídos, portanto, dessa sensibilidade religiosa e da consciência do dever de render preito ao sagrado, nada podia faltar, sob o risco de provocar uma desordem nas suas existências. O desafio era produzir com maior pompa, mas nem sempre essa aposta esteve isenta de conflitos, pois cada vez mais a religiosidade dos fiéis passou a estar sob o crivo perseverante dos administradores eclesiais, que se empenhavam em ter o controle sobre os cultos, as festas e a vida das pessoas. Por meio dos bispos e dos representantes, a Igreja exercia uma vigilância cerrada sobre fiéis. (BORGES, 2013, p. 80).

A maioria dessas ações de controle desconsiderava as peculiaridades de cada manifestação de devoção. Além das celebrações dos vaqueiros, havia, ainda, as celebrações dos afilhados, as procissões dos peregrinos que vinham a pé de algumas localidades e tinham na penitência uma forma de adorar a Santa Cruz. Coibir essas práticas do povo era reforçar a necessidade de dar um significado teológico e pastoral à devoção a Santa Cruz dos Milagres.

As alternativas, como já apontado, estavam na introdução das confissões comunitárias e nas permissões de casamentos de fiéis que não compunham a comunidade pastoral da Santa, mas mesmo essas ações não foram suficientes para suprimir a devoção popular.

A disputa de poder também passava pela capacidade de atração dos grupos, pois tanto a Igreja quanto os vaqueiros, como sujeitos atuantes no ritual, tentavam atrair o olhar do público para suas práticas. No caso da Igreja, as missas, casamentos e batismos tinham um lugar importante na vida religiosa dos sujeitos que buscavam o Santuário, assim como também os vaqueiros, que abriam espaço para devoção à Santa. Cada grupo, a seu modo, pretendia atrair as atenções para si, e, como nos recorda Certeau, cada grupo atrai outro grupo e os envolve nas suas relações.

Por outro lado, a vida de santo indica a relação que o grupo mantém com outros grupos. Assim o “martírio” predomina lá onde a comunidade é marginal confrontada com uma ameaça de morte, enquanto a “virtude” representa uma Igreja estabelecida epifania da ordem social na qual se inscreve. (CERTEAU, 2011, p. 293).

Após a proibição, os vaqueiros faziam parte de um grupo marginalizado, por suas atuações tidas como pouco religiosas. Disputar a devoção com o padre não só os excluiu das celebrações de abertura da Festa de Exaltação, como os afastou do centro da manifestação religiosa e das proximidades do Santuário. E, não seria exagero afirmar que a ação também visava um apagamento da corrida dos vaqueiros da memória dos devotos.

Não foram apenas os vaqueiros que movimentaram as celebrações à Santa Cruz na Festa de Exaltação no ano de 1976. Naquele ano, o governador do Estado do Piauí, Dirceu Arcoverde, uniu-se ao povo nas celebrações. Como era de se esperar, a visita do líder do executivo eleitoral atraiu a atenção dos políticos da região, que se dirigiram ao Santuário para celebrar a Santa junto com os outros fiéis. Na imprensa, a visita foi registrada da seguinte forma:

[...] Dirceu Arcoverde falou aos romeiros, justificando sua presença em Santa Cruz como rotina de trabalho, procurando conhecer o Piauí de Norte a Sul, dialogando com seu povo, conhecendo as dificuldades e procurando a solução adequada para cada problema.

“Não vim fazer promessas ou milagres – disse o Governador – mas sim unir-me à fé de vocês conhecer os problemas, procurar remover obstáculos que os impede de ter uma festa bonita”. (Jornal *O Dia*, 1976, p. 7).

O Governador se referia a problemas já conhecidos, como a falta de infraestrutura no povoado, isto é, a falta de água e energia, a qualidade das estradas, a necessidade de construção de pontes sobre os rios, em especial, sobre o Sambito, principal trajeto para quem vinha de

Teresina e de outros estados. No discurso, o Governador ainda salientou que suas ações seriam direcionadas para as melhorias da festa, para que assim ela se tornasse ainda mais bonita.

Fotografia 5: Governador Dirceu Arcoverde em Santa Cruz dos Milagres



Fonte: Jornal *O Dia*, 1976.

Na imagem, é possível perceber o grande número de pessoas cercando o Governador. Além da comitiva que o acompanhava, o povo, aparentemente, tentava se aproximar do líder do executivo estadual, que se misturava a multidão de fiéis, tornando-se parte dos romeiros. A fotografia registra a visita de Dirceu Arcoverde à Casa do Romeiros, que se localizava ao lado do Santuário.

A fotografia nos permite uma análise rica da atuação política disfarçada de interesse religioso por ocasião da visita do Governador, que percebia a influência política desse espaço de devoção e, como sugere Aline Coutrot (2003), perceber a heterogeneidade dos sujeitos que frequentam esses espaços de devoção. Para esses políticos, agradar as lideranças religiosas seria o primeiro passo para a vitória diante dos fiéis.

[...] O fundamento de todas as mediações reside no fato de que a crença religiosa se manifesta em Igrejas que são corpos sociais dotados de uma organização que possui mais de um traço em comum com a sociedade política. [...] é fácil compreender que as intervenções das autoridades religiosas, exprimindo-se em nome de vários fiéis, têm uma influência política e não podem ser ignoradas pelo Estado [...] (COUTROT, 2003, p. 332-333).

No ano de 1978, a festa passou a ser mais iluminada, pois agora, além das velas e da própria fé, que, para o devoto, tornava tudo misticamente puro, a energia elétrica foi instalada

no povoado de Santa Cruz. Assim, a celebração de Exaltação à Santa Cruz dos Milagres tornava-se uma festa mais facilmente controlada pelos reguladores da moral.

Na cidade já funciona a luz da Cepisa¹⁶ em convênio com a Prefeitura de Municipal¹⁷. Lamentavelmente não houve ligação para Igreja, ficando apenas dois postes de luz no alto da Igreja, assim, apesar desse serviço foi preciso manter todo o sistema de luz da própria Igreja. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

Os documentos oficiais, leis e decretos e a ata da Câmara municipal de Aroazes dão conta de que o convênio com a Companhia Energética do Estado foi firmado ainda no ano de 1977, sendo concluído em 1978. Nas festas do ano anterior, o povoado ainda se encontrava na escuridão, sendo que a celebração religiosa se dava em meio ao atropelo de devotos que, no escuro, rezavam e se requebravam.

O abastecimento de energia garantiu também um maior bem-estar aos devotos que frequentavam o povoado, como a possibilidade de consumirem água gelada, assim como uma melhor conservação dos alimentos oferecidos ao público, seja nas barracas de comida ou nos bares, que se encarregavam de manter a cerveja gelada e a diversão. A Lei nº 14 de junho de 1977 foi incluída na Lei nº 10 também de julho de 1977, “que autoriza o poder executivo a abrir crédito especial e dá outras providências [...]” (AROAZES, Ata da Câmara Municipal 1971-1979.), aprovada por unanimidade a inclusão da Lei nº 14 que;

Art. 1º fica aberto no orçamento e plano de aplicação e crédito, no valor de Cr\$ 100, 000, 00 (cem mil cruzeiros), para atender as seguintes dotações:

SERVIÇOS ÚRBANOS E OBRAS PÚBLICAS

Serviço de utilidade pública

Iluminação pública

Obras Públicas

Construção de instalações de luz elétrica no povoado de Santa Cruz dos Milagres.

Art. 2º as despesas constantes no art 1º ocorrerão por conta do acréscimo da arrecadação do Fundo de Participação dos Municípios, em valor correspondente.

Art 3º revogadas as disposições em contrária, a presente lei entrará em vigor na data da sua publicação.

(AROAZES, Lei n º 14 de 26 de julho de 1977. Abre Crédito especial e dá outras providências.).

O suprimento de energia no pequeno povoado refletia muito mais o desejo de agradar os visitantes nos períodos de festa, uma vez que a população permanente do povoado era de um

¹⁶ Companhia Energética do Estado do Piauí.

¹⁷ Faz referência à Prefeitura de Aroazes, cidade que pertencia ao Santuário até 1992.

pouco mais de 400 famílias. Vale lembrar que para os grupos políticos, era importante serem notados como benfeitores da Santa, construindo assim uma memória positiva a respeito da sua atuação política.

Ainda na Festa da Exaltação de 1978, o trote dos cavalos na abertura dos festejos foi substituído pelo ronco dos motores da procissão de carros no dia 5 de janeiro: “A festa teve início dia 5 com enorme afluência de romeiros, havendo a missa pela manhã, e a tarde a procissão dos carros, com quase cinquenta veículos acompanhando a cruz pelo povoado, até o Santuário [...]” (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix 1968-1984). A procissão de carros aponta para algo novo na celebração à Santa Cruz dos Milagres: a elitização da devoção, uma vez que uma das manifestações mais populares, a dos vaqueiros, foi substituída por uma aparentemente mais controlada, e da qual participavam os mais bem aquinhoados.

A festa crescia a cada ano e isso podia ser medido pelas ofertas contabilizadas ao fim da festa. No ano de 1978, inclusive, houve uma maior participação da diocese de Teresina, que, com ajuda do Vigário Geral Monsenhor Mateus Cortez Rufino, programou a celebração do Santuário, assim como também garantiu as confissões e batizados, que a cada ano aumentavam nesse período de festa.

Mas as celebrações cresciam de forma extraordinária, e começaram a assustar o padre, pois o grande número de devotos-romeiros acarretava numa procura maior por sacramentos, o que de todo não seria um problema se não fosse o número insuficiente de padres para atender tantos fiéis, especialmente a partir do dia 10 de setembro, quando duplicava o número de devotos no Santuário.

[Festa de Exaltação 1979] os horários para confissões continuam apertados entre as missas da manhã e à noite depois da novena. Houve, no entanto grande atendimento, quando ajudaram também o Pe. Manoel Matos, vigário da Primavera em Teresina, e também o Pe. Nery de Valença. Persiste o problema de comunhão de pessoas provenientes de algumas paróquias onde não se faz mais confissão individual, e as confissões comunitárias de que participam são feitas de molde a perturbar mais ainda as pessoas sem sólida formação. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

As confissões trouxeram para o Santuário a oportunidade de uma melhor conexão dos devotos com a Santa, mas, ao mesmo tempo, acabaram criando um problema, pois muitos deixavam para se confessar apenas no Santuário, e o número de párocos à disposição dos fiéis que buscavam a Santa era reduzido, como já informamos anteriormente. Havia problemas também na atuação dos religiosos convidados, visto que alguns se misturavam aos romeiros nos passeios no povoado, se perdendo nos entretenimentos disponíveis ao pé do morro,

enquanto outros aproveitavam a oportunidade para vender produtos, ampliando a disputa pela devoção entre o comércio e a Igreja, questão que será aprofundada no próximo capítulo.

Mas, ao confessarem seus pecados, os devotos se viam diante da necessidade de corrigir suas falhas, seguindo uma imposição da instituição, que visava controlar as condutas dos devotos, não apenas durante as festas em celebração à Santa. Segundo João Hauck (2008), essa tentativa de restabelecer a ordem e o domínio sobre essas regiões fortemente marcadas por manifestações de religiosidade popular e também sobre os sujeitos que nelas habitam tem relação com a própria história do Nordeste.

O messianismo que por este tempo ressurgiu no Nordeste mostra que as esperanças do povo iam –se extinguindo, diante da dominação cada vez mais expressiva das classes ricas. Era voz corrente entre elas que o povo, viciado por trezentos anos de despotismo, não saberia usar de sua liberdade. [...]. O peso da situação econômica, muito difícil, recaía sobre os que nada tinham. (HAUCK, 1980, p. 29-30).

A obrigatoriedade dos sacramentos durante as manifestações religiosas populares, como as festas em homenagem à Santa Cruz, foi, sem dúvida, uma forma de controle da devoção, uma significativa modificação das práticas tradicionais. Adriano Saraiva (2010), ao analisar as manifestações religiosas de comunidades ribeirinhas de Porto Velho no estado de Rondônia, ressaltou que

O catolicismo oficial é voltado para a salvação da alma que fará frente a um “catolicismo de santos” em que a figura de Cristo perde importância, a oração dá passagem às formulações mágicas e a resolução dos problemas cotidianos suplantam a salvação da alma. (SARAIVA, 2010, p 160).

Os primeiros habitantes do pequeno povoado de Santa Cruz, como uma forma de agradecer as bênçãos derramadas em sua comunidade, celebravam a Santa, atraindo outros sujeitos que, também pelo espírito comunitário e religioso, se deslocavam em busca da proteção e das graças da Santa Cruz, pois celebrar é tornar-se parte da festa, é agradecer a benção:

Os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprindo aquela sua arte do contrato o santo fará o mesmo. (GALVÃO, 1976, p. 31).

Mas, com o passar dos anos, celebrar a Santa Cruz e cumprir os sacramentos impostos pela Igreja tornou-se algo até desejado por essas comunidades, pois não havia quem não procurasse ter a benção do padre e conseguir a absolvição de seus pecados, mediante a

penitência que lhe fosse dada. Assim, em algumas regiões do Nordeste, como em Santa Cruz dos Milagres, os fiéis passaram a conciliar os dogmas normatizadores da Igreja Católica com as suas formas de devotar os santos.

Na década de 1980, o Santuário viveu uma explosão de romeiros, que, atraídos especialmente pelas melhorias no acesso e na própria estrutura, passaram a ir em massa para o pequeno povoado. Muitos caminhões saíam de pontos importantes de Teresina levando os devotos-romeiros em romaria, além de caminhões de outros estados, especialmente do Maranhão e Ceará. Essa grande quantidade de transportes seguindo para o Santuário acabou por mudar um pouco a dinâmica da Festa, algo que não passou despercebido pelo Padre.

[Festa de Exaltação 1982] A festa tem duas grandes concentrações uma primeira dia 5, depois um esvaziamento quase completo, quando começa o movimento outra vez, a partir do dia 10. O fenômeno se deve à facilidade maior de transporte para os romeiros, como também o encarecimento de uma permanência maior no local. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

O crescimento na festa sugeria a necessidade de melhorias no atendimento pastoral difíceis de serem efetivadas por um único pároco. Mesmo com os pedidos insistentes e as tentativas de organização, o padre não conseguia dar à Festa de Exaltação o sentido que ele esperava, nem mesmo as confissões haviam dado ao padre a ordenação desejada. Além disso, as obras do Santuário, que haviam se iniciado ainda em 1969, e que, a princípio, previam apenas pequenos reparos, acabaram tomando outras proporções, pois o Santuário, segundo o padre, já se mostrava acanhado se comparado com a grandiosidade da devoção.

Ao longo de 14 anos, Padre Davi organizou, como pôde, a reforma do Santuário. As ofertas que aumentavam a cada ano passaram a ser utilizadas na preparação de cada nova festa, na construção da casa paroquial, na instalação de bebedouros, em melhorias na casa dos romeiros e na ampliação do Santuário. A reforma contou com uma planta feita pelo próprio padre, que previa a construção de um templo em formato de cruz, com torres altas que pudessem ser visualizadas de longe.

Imagem 8: Desenho do Santuário feito pelo Padre Davi



Fonte: Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984.

No ano de 1983, a Festa de Exaltação à Santa Cruz dos Milagres foi preparada de forma especial para a apresentação do novo templo e a conseqüente benção, que seria dada pelo Arcebispo de Teresina, Dom José Freire Falcão. A festa reuniu milhares de fiéis e agradou a todos que foram à cidade, apesar dos problemas de abastecimento de água em decorrência da estiagem. Mas nada tirou o brilho da celebração. Pelo contrário, a festa foi descrita como um misto de alegria e satisfação.

[Festa de Exaltação 1983] A procissão foi grandiosa, impressionando vivamente o Sr. Arcebispo, estava presente também uma TV de Teresina. No dia 14, como ficou registrado em ata¹⁸, foi a missa da Festa, com a solene benção do Santuário foi colocada à direita da porta principal da Igreja uma placa metálica, com as datas marcantes da história do Santuário. No balanço final da festa ficou a impressão de que tudo correu melhor que nos anos anteriores. (Livro do Tombo I, Paróquia de São Felix, 1968-1984).

¹⁸ O Padre se refere a uma ata registrada pelo Arcebispo, na qual fala da importância do Santuário para o catolicismo local e da importância da Santa Cruz para os romeiros do Piauí e de outros estados.

O ano de 1985 se caracterizou pelo grande número de pessoas que se dirigiu à Santa Cruz, e, dentre eles, estavam sujeitos que faziam da celebração da Exaltação à Santa Cruz um momento para comercializar produtos de toda a ordem. Dessa grande afluência de devotos também a Igreja se beneficiava, em função das ofertas que recebia de seus fiéis. O Jornal O Estado definiu a festa de Exaltação desse ano como uma grandiosa festa, por ter recebido gente do Piauí e de outros estados, como uma celebração de sucesso, marcada não só pelas graças, mas pelas ações bem-intencionadas do prefeito da época, como vimos no capítulo anterior.

Já para padre Davi, o grande número de pessoas no Santuário trazia, por um lado, satisfação com o aumento das ofertas dos fiéis, e, por outro, medo, pois os cofres cheios de dinheiro atraíam a atenção, segundo o padre, de “ladrões e oportunistas”, sendo necessário uma quantidade maior de voluntários para contagem e organização do dinheiro doado. Essa ação ocorria ao longo da Festa, por uma exigência do pároco, que via como compromisso apresentar aos fiéis o valor arrecadado durante a festa.

[Festa de Exaltação a Santa Cruz 1985] Cada ano aumenta o trabalho com a contagem, organização e troca de dinheiro, fato necessário, não somente para apresentar a renda ao povo no final da festa, como mesmo porquê não é possível ficar com todo esse dinheiro para ser contado e trocado¹⁹ depois da festa. (Livro do Tombo II, Paróquia de São Felix, 1984 - 1993)

Como dito anteriormente, a Festa de Exaltação a Santa Cruz sempre foi a que despertou maior interesse, tanto dos políticos, quanto dos próprios religiosos colaboradores, pois, por ser a maior festa, ganhava destaque nos jornais locais, fazendo com que parte das ações significativas que ocorriam no Santuário fossem reservadas para esse período. Dada a sua grande importância, a Festa de Exaltação passou a integrar o calendário litúrgico da Diocese, sendo que o próprio poder público municipal, como vimos no capítulo anterior, definiu, em 1984, que o dia 13 de setembro, dedicado às celebrações a Santa Cruz dos Milagres, seria feriado. No ano de 1989, o Arcebispo de Dom Miguel Felon Câmara participou, acompanhado de um grande número de padres, das celebrações no Santuário. Segundo o arcebispo, a festa foi grandiosa, sem acontecimentos negativos e com grande participação popular nas liturgias.

Mas, para além da satisfação de Padre Davi Mendes com a repercussão da festa, sobretudo, a da Exaltação, havia o que ele ainda considerava ser fundamental para tornar a

¹⁹ Até 1984, o padre fazia a troca das cédulas menores e moedas no comércio local, mas, a partir do ano de 1985, foi aberta na região um posto do Banco Bradesco, que ajudou na troca e depósito do dinheiro, e garantiu maior segurança. Além disso, a cada fim de festa eram apresentadas a receita e as despesas da Festa, como forma, segundo o padre, de prestar contas do dinheiro doado para a Santa.

devoção verdadeiramente identificada com a Igreja: a ritualização da devoção através do Encontro dos santos.

3.3 Peregrina Santa Cruz e os passos para a criação do Encontro dos Santos.

Ao longo do capítulo, analisamos as tentativas de educação religiosa por parte do Padre Mendes e as táticas de resistência dos devotos, aqui percebidos como atores importantes no processo de formação e manutenção da devoção à Santa Cruz dos Milagres. Na documentação produzida pelos párocos, constata-se que, apesar de serem vistos como católicos, eles seguiam sendo um problema por não limitarem suas manifestações à esfera do sagrado. Os padres reconheciam que seguir em romaria já era um ato de fé, que, dependendo do mês do ano — maio (Festa da Invenção) ou setembro (Festa da Exaltação) — traduzia-se no embate dos romeiros com as forças da natureza, que, mesmo hostis, davam significado ao sentido de peregrinar e purgar os pecados tão presentes na vida dos devotos. Mas, aos olhos da Igreja, faltavam a essas festas um outro sentido, pautado na evangelização comunitária, que acabou culminando na criação do Encontro dos Santos, festa curta que abraçava as demandas da Igreja Católica.

Ainda em 1985 tiveram início os Encontros interparoquiais de animadores de comunidade, que eram ações pastorais que tinham, como objetivo, unir a região em torno das paróquias de Valença, Pimenteira, Elesbão Veloso e São Felix, essa última responsável pelo serviço pastoral no Santuário de Santa Cruz dos Milagres, pois, para os religiosos, era necessário compromisso e união entre as paróquias.

[...] Em agosto passado estiveram reunidos em Valença todos os padres, freiras desta zona, que compreende as paróquias de Valença, Pimenteira, Elesbão Veloso e São Felix para um levantamento da situação pastoral desta região, bem como estabelecer normas de ação conjunta e prioridades de trabalho.

Surgiu daí a decisão deste encontro em Santa Cruz dos Milagres, com pessoas ligadas ao trabalho pastoral nas cidades e capelas de cada paróquia. (Livro do Tombo II, Paróquia de São Felix, 1984 - 1993).

Para esse encontro estratégico foram divididas as despesas de alimentação entre os participantes, que ficaram reunidos ao longo de 22 a 25 de outubro de 1985. Aos animadores de paróquia, que trabalhavam diretamente com os fiéis, coube apresentar ações que pudessem integrar mais a comunidade, tais como dramatizações, encontros e palestras, e, com isso, o

pároco acreditava que os leigos, unidos com a Igreja, poderiam dar um sentido maior à evangelização tão sonhada por ele.

A impressão que levamos todos do Encontro é que foi excelente, no qual saímos satisfeitos. Pode muito bem ter sido o primeiro passo de um grande trabalho.

Os padres e as Irmãs combinarão de se reunir novamente, em Valença, para uma avaliação e programar o tempo e local para o segundo Encontro. (Livro do Tombo II, Paróquia de São Felix, 1984 - 1993).

O segundo Encontro Interparoquial ocorreu quase três anos depois, mas antes desse encontro foram feitas reuniões com o objetivo de orientar, de maneira mais dinâmica, os animadores paroquiais. Os Encontros reforçavam a necessidade de uma união em prol da evangelização na região, pois, apesar de estarmos em meados do século XX, ainda havia muita dificuldade nesse exercício pastoral, e esses encontros reforçavam a obrigação de cada animador, promovendo também uma espécie de reciclagem. O discurso para a formação do Encontro estava muito alinhado, desde o princípio, com as propostas formuladas pelo Padre Davi Mendes. As reuniões eram sempre feitas com poucas pessoas, no máximo 15 de cada paróquia, que deveriam servir de multiplicadores das ações religiosas, sendo que deveriam remeter sempre à necessidade do Encontro com os Santos.

O árduo trabalho de intensificar as ações pastorais fazia com que o padre usasse não apenas sua força política e religiosa, mas, também, financeira. Os Encontros eram, por vezes, onerosos para o Santuário, mas, na percepção do pároco, eram necessários. Em agosto de 1988, o padre, por exemplo, optou por celebrações ao ar livre, a fim de envolver os fiéis locais e ainda assim demonstrar todo o esforço do Santuário para a evangelização.

[...] as despesas de hospedagem este ano, por decisão nossa, ficou exclusivamente por conta do Santuário, atingindo a importância de R\$ 48, 500 cruzados, contando arroz e carne. As demais paróquias ficaram apenas com as despesas de transporte como também a nossa paróquia²⁰. (Livro do Tombo II, Paróquia de São Felix, 1984 - 1993).

O terceiro Encontro ocorreu em novembro de 1988 e contou com um surpreendente número de 70 participantes, que seguiram para Santa Cruz dos Milagres para debater a realidade religiosa da região. Mas nem mesmo as ações de reorganização pastoral e religiosa foram suficientes para afastar os próprios animadores das tentações que circundavam a terra da Santa

²⁰ Aqui, o padre se refere à Paróquia de São Felix. Cabe lembrar que a coordenação pastoral do Santuário era feita por essa paróquia.

Cruz, pois muitos deles acabavam cedendo às danças e às bebedeiras, o que desagradava imensamente os organizadores, dentre eles, o próprio Padre Davi Mendes.

O pessoal atingiu no total de 70 pessoas, que é a capacidade máxima para o Encontro, notando-se uma falha no fato de se dividir os participantes também pela casa dos romeiros e do encarregado, o que traz problemas para o andamento mais eficiente do conjunto. Constituiu problema, discutido no grupo dos padres e freiras, como também no plenário, o fato de algumas pessoas quererem à noite depois da missa, descer para o povoado, para voltar somente tarde da noite. (Livro do Tombo II, Paróquia de São Felix, 1984 - 1993).

A crítica se dirigia também a alguns padres que acabavam permitindo esse desvio de conduta pelos devotos, pois havia sempre os que saíam com a “permissão às vezes de uma irmã ou de algum padre” (Livro do Tombo II, Paróquia de São Felix 1984 - 1993), o que de certo modo feria as próprias regras do Encontro, tão veementemente defendidas ao longo das reuniões. Segundo elas, era necessário parcimônia e exemplo daqueles que integravam o importante papel de evangelizar e tocar o povo, soando de modo contraditório os passeios noturnos pelo povoado.

Era esperado que os participantes tivessem um espírito mais voltado para a contemplação e para a vivência desses momentos de fé e carisma, mas, ao se deparar com as insubordinações e conivências, Padre Davi não deixava de manifestar sua desaprovação, pois os párocos não podiam ser coniventes com aquilo que era reprovável e que deveria ser combatido através, justamente, de atividades de evangelização. Atividades que deveriam assegurar a observância dos ritos católicos nas devoções populares, em meio à disseminação, por exemplo, do espiritismo e da umbanda²¹, que, no norte do Piauí, gerou, em algumas circunstâncias, alguma preocupação, na medida em que retiravam do rebanho católico potenciais homens e mulheres de fé. Por essa razão, era preciso que os párocos, em algumas situações, não agissem de forma tão enérgica e mais de forma conciliatória, a fim de manter o apoio e os multiplicadores dos ritos católicos.

No oitavo Encontro Interparoquial, ocorrido em agosto de 1990, o padre lembrou as ações já efetuadas, apontando, por vezes, os anos em que foi necessário mais de um encontro, como em 1985 e 1988. Os principais pontos de debate foram os batismos, matrimônios e

²¹ O Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio, hoje Diocese de Campo Maior, aponta o final da década de 1940 como de entrada das religiões denominadas espiritualistas. Pelo menos no norte do estado, elas estavam segregadas às regiões rurais, onde a assistência religiosa era ineficiente e, muitas vezes, não respondia às necessidades populares. Já no sul, o exemplo de conflitos entre as chamadas religiões espiritualistas foi mais nítido na região de Oeiras – PI, considerada a capital da fé católica no Piauí, principalmente, por ter ocupado até o século XIX o posto de capital do Estado. Essas religiões serão ocultadas e, por vezes, negadas por seus praticantes, que, segundo pesquisas, tinham medo da rejeição social.

comunhões, sendo que o primeiro foi visto como primordial, merecendo uma preparação mais efetivas de pais e padrinhos para o sacramento. Apesar da importância das questões a serem discutidas, o evento durou apenas dois dias, sendo feito de modo apressado, o que gerou certo incômodo no padre.

Por mais que as discussões não se direcionassem para a efetiva criação de uma nova festa, os anseios do padre por uma melhoria nas ações pastorais estão presentes em todo o Livro do Tombo, assim como é possível perceber que as celebrações ou a forma de apreensão do sagrado pelos devotos seguiam ocorrendo de maneira autônoma, o que também não significava desrespeito às práticas institucionais. Mas não ter controle sobre os sentimentos, as promessas e celebrações dos romeiros-devotos deixava o pároco insatisfeito e nem mesmo as mudanças introduzidas ao longo de 5 anos eram tidas como suficientes aos seus olhos.

O fato é que os religiosos que passaram por Santa Cruz dos Milagres parecem não ter considerado o protagonismo do povo, aquele que possibilitou a devoção à Santa e atraiu outros sujeitos que passaram a devotar uma cruz de madeira, que se materializava e se personificava a cada novo afilhado e a cada nova narrativa de graça.

O povo também é mentor e organizador de romarias e as promove com ou sem parceria com a Igreja. De caráter laico-sagrado, despojadas de preconceitos, especulações e dogmas teológicos, desmancham, desconstroem e a seu modo reconstroem ritos, símbolos, cânticos, formas de sociabilidade e solidariedade. Para delas participar não se pede filiação, frequência, participação ou adesão exclusiva àquela religião. Mais do que a filiação religiosa, é importante a filiação ao santo de devoção. (VILHENA, 2003, pp.22-23).

A passagem acima evidencia que não são as missas ou os batismos que atraem os devotos, apesar de eles também serem importantes nas festas religiosas, mas a relação de cumplicidade que os devotos têm com os santos, apesar de essa ser criticada pelos religiosos que vêem essa relação como obscena e licenciosa. E, no caso da Santa Cruz, apesar do reforço ao atendimento pastoral dos romeiros, as festas seguiam tendo um forte apelo comercial e lúdico.

No ano de 1990, próximo ao Dia de todos os Santos, Padre Davi inaugurou o que seria para ele a verdadeira romaria, um novo modo de aproximar-se do sagrado, que tinha como objetivo as paróquias da região em torno do Santuário de Santa Cruz dos Milagres. Ele acreditava que, desta forma, uniria o povo e também conseguiria fazer uma festa a seu modo, que duraria apenas um dia, um dia de adoração à Bendita Cruz de aroeira. A celebração seria organizada da seguinte forma: cada comunidade traria o maior número de pessoas possível acompanhadas de seu respectivo santo padroeiro, tudo ocorreria como se fosse um encontro

entre divindades e, assim, poderiam celebrar juntos esse momento de união e de fé. Padre Davi deixa bem claro, no Livro do Tombo, que essa ação permitiria uma melhor orientação dos fiéis, como nunca havia sido feito na devoção à Santa Cruz, e era também uma oportunidade de pôr em prática tudo que ele havia desejado e conscientemente planejado.

No dia 28 de outubro, logo cedo, começaram a chegar os primeiros carros enfeitados, entoando preces, embalados pela alegria, e, também, pela novidade; o padroeiro ou padroeira vinham em meio a esses enfeites, em cima dos caminhões ou em caminhonetes. Eram tantos santos e tanta gente que, por um instante, parecia que setembro havia voltado. Nesse momento, cabe lembrar a importância dos encontros interparoquiais como um elemento de preparação, pois são os sujeitos leigos ou religiosos dessas paróquias que mobilizam o povo para essa nova celebração.

[...]Não se fez conta do número de carros, ônibus e caminhões era tanta gente que parecia um dos dias de festa.

Foi um dia de muita chuva. O povo chegou a Igreja todo molhado, mas o programa foi feito todo, parece que a dificuldade aumentou a alegria. (Livro do Tombo II, Paróquia de São Felix, 1984 - 1993).

Após a missa, a Santa Cruz seguiu em procissão pelo povoado, sendo que, depois do percurso, os devotos voltaram para suas paróquias. Tinha início com essa procissão o Encontro dos Santos, que deveria ocorrer sempre no último domingo de outubro, o mais próximo do dia de Todos os Santos. Nele, o pároco orientou o povo sobre o sentido pastoral e sobre seu significado para vida das pessoas, que voltaram para suas casas, se sentindo ainda mais imersos pela graça.

Aos olhos de Padre Davi, o Encontro dos Santos havia sido um sucesso e consolidava seu projeto de evangelização, que previa uma atuação mais direta de outras paróquias em um só dia de celebração, que não ficava restrita a Bendita Santa Cruz, mas a todos os santos, numa demonstração evidente do controle das devoções pela Igreja cujos interesses ele representava.

4. ORAÇÃO NA FEIRA: COMERCIANTES ITINERANTES E AS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA DEVOÇÃO À SANTA CRUZ DOS MILAGRES.

As festas religiosas católicas são um espaço de múltiplas experiências. Algumas delas são vividas em consonância com as prescrições eclesiais, e, nelas, o devoto, que segue para o Santuário, Igreja ou pequena capela busca a benção do padre e os sacramentos, acaba por demonstrar¹ sua fé através do respeito aos ritos católicos institucionais. Mas as festas são também lugar das experiências individuais, pois, durante elas, agradecem as graças alcançadas e pagam promessas, às vezes de maneira dolorosa, pois acreditam que só a dor é capaz de livrá-los do peso do pecado e promover o bem-estar diário.

Mas essa heterogeneidade nas celebrações também expõe outras dinâmicas na festa em homenagem ao(à) seu(sua) santo(a) de devoção. Afinal, não basta ir ao Santuário, é preciso trazer um souvenir, muitos deles benzidos pelo padre, que represente a estada no território santo. Para os romeiros, mais do que gastos, estas lembranças do Santuário são vistas como materialização do poder protetor do(a) santo(a) e são levadas para o ambiente doméstico a fim de abençoarem sua casa e seus moradores. Comprar uma imagem de santo(a) e levar de presente para os parentes é uma prática comum entre aos frequentadores de um Santuário ou ponto de devoção. Isto porque a imagem de um(a) santo(a), ao adentrar o lar dos devotos, torna-se um patuá de proteção, enquanto que o(a) santo(a) dado(a) de presente, segundo a tradição, possui mais poder do que o(a) santo(a) comprado(a), pois foi dado(a) com o coração.

No caso da Santa Cruz, ao redor do templo religioso, uma diversidade de produtos é posta à venda e involuntariamente passam a concorrer com a Santa pela atenção dos fiéis, assim como a própria Igreja passa a concorrer com os comerciantes pela venda de produtos, já que a instituição também possui seus produtos, que são postos à venda. Mas para a Igreja, a venda se justificava, na medida em que a renda obtida era utilizada para a manutenção e ampliação da obra da Santa Cruz.

Ao final da década de sessenta, a feira ao pé do morro ainda era tímida, e apenas algumas poucas barracas ocupavam o pé do morro, já que nem mesmo toda a tradição da festa atraía os comerciantes até o povoado. Devido ao ainda pouco expressivo número de romeiros que frequentavam a festa, os comerciantes optavam por ocupar, especialmente, o adro da Igreja, pois, entre os intervalos das missas, os fiéis aproveitavam para fazer a compra de imagens de

¹ Entendemos que o fiel, mesmo que não um exímio seguidor das recomendações eclesiásticas, tem uma fé legítima nos seus santos de devoção. Para os padres que deixaram registros nas fontes consultadas e analisadas ao longo do texto, a fé verdadeira era aquela que seguia exclusivamente as orientações da Igreja.

santos, que eram tomadas, por muitos, como recordação da visita ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres.

A partir de 1969, o afluxo de romeiros começou a crescer de maneira tão expressiva que causou a admiração do padre e dos comerciantes. Em grande medida, isso se deveu aos investimentos na infraestrutura de acesso à capela feitos por Padre Davi e à divulgação feita pelos próprios devotos da Santa Cruz. Isso fez com que as barracas triplicassem naquele ano, tornando-se, assim, fortes concorrentes da Santa, pois, além das imagens, outros produtos passaram a ser oferecidos. A heterogeneidade da oferta de produtos fazia com que os devotos se programassem para os dias de festa e os comerciantes itinerantes passassem a frequentar a terra da Santa, levando uma variedade imensa de produtos, tais como roupas, calçados, chapéus e maquiagens, tudo para satisfazer os devotos compradores, que garantiam, inclusive, os trajes para os dias de festa.

Esse grande número de comerciantes predominava na Festa de Exaltação, mas no final da década de 1970, as intervenções estatais e melhorias na infraestrutura farão com que os comerciantes se apropriem, até mesmo, da mais religiosa das festas, a da Invenção da Santa Cruz, que ocorria em maio, período de chuva na região. O acesso de número expressivo de comerciantes será motivo de questionamento pela Igreja local, pois o Padre encarregado do Santuário temia que pudessem comprometer manifestações de celebração à Santa desejadas e autorizadas pela Igreja.

A Santa deixa de ser o único motivo de deslocamento dos devotos ao pequeno povoado. As intervenções e transformações vividas após 1970 acabaram transformando esse ato de fé em uma celebração festiva, com bailes concorridos, que tornavam o pé do morro em um ambiente perigoso para o ímpeto doutrinador da Igreja. Aos olhos de Padre Davi, não bastava toda a educação ou orientação nas missas, se, logo após, os devotos se entregavam aos desejos da carne nas festas e bares das vielas do povoado.

Nesse capítulo, analisamos o comércio na Terra de Santa Cruz dos Milagres, detendo-nos, especialmente, na Festa de Exaltação à Santa Cruz dos Milagres, por ser considerado o período de maior movimento de romeiros, que se instalam no município durante os dez dias de festa. Abordamos, ainda, a incorporação dos mendigos na devoção, bem como a instituição de leilões e as rifas que movimentavam o povoado e alimentam os cofres destinados à Santa e os bolsos de quem negocia.

4.1 O preço do Santo em Santa Cruz dos Milagres: O comércio itinerante e as relações entre os romeiros, Igreja e comércio.

Uma constante nas festas religiosas católicas brasileiras é o comércio que se instala nas proximidades dos templos e que concorre com as celebrações. Amadas pelos devotos e odiadas pelos padres, as barracas oferecem toda sorte de alimentos, bebidas e jogos que desagradam a Igreja e desviam a atenção de quem deveria estar imerso na devoção ao(a) santo(a). No caso da devoção à Santa Cruz, essa percepção fica evidente na fala do Arcebispado do Piauí, na qual ele afirma que “tais solenidades constituem uma verdadeira profanação do culto religioso [...] são de grandemente ofensivas [...]” (CURIA DE TERESINA, Decretos e Normativas, 1926-1955, p. 38).

A pouca assistência religiosa foi, como já falamos anteriormente, um dos motivos de uma fé mais ao gosto do povo, que, mesmo apegados a Deus e com respeito à Trindade, ainda celebrava com danças e pândegas as graças alcançadas pela intervenção do(a) santo(a). Tradicionalmente no estado do Piauí, as novenas caseiras acabavam com vendas de bebidas e bailes dançantes, já que os devotos guardavam, por vezes ao longo de todo o ano, o dinheiro da oferta e aquele que seria gasto nas barracas de bebidas.

A pouca atuação dos párocos de Valença² na devoção fizeram com que o povo tivesse atitudes próprias diante de Santa Cruz dos Milagres, chegando mesmo, em alguns momentos, a celebrá-la sem atuação direta da Igreja, pois a instituição, nesses primeiros anos, servirá apenas para garantir os sacramentos. A Santa, no entanto, terá os cofres sempre cheios com ofertas, que permitirão, primeiramente, a manutenção do templo e, após o final da década de sessenta, a construção do Santuário.

Mas o que garante o grande número de barracas durante as festas é o sucesso da Santa. Quanto mais concorrida a festa, maior era o número de comerciantes itinerantes que afluíam para ela, oferecendo outras formas de divertimento aos devotos. É importante salientar que o termo “comerciantes itinerantes” foi empregado em nossa dissertação de mestrado³, na qual pudemos demonstrar que a maior parte dos comerciantes que frequentam/frequentavam as

² Como já observado em outro momento, Santa Cruz dos Milagres pertencerá, até 1968, à Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, de Valença, após a reestruturação promovida no Piauí por Dom Avelar Brandão Vilela, em 1965. Tendo como base as recomendações do Concílio Vaticano II, o Santuário passará a compor a Paróquia de São Felix, sob a administração eclesial de Padre Davi Mendes.

³ Na pesquisa de mestrado, intitulada “Bendita e Louvada seja: experiências sociais de fé – mercado e festa na devoção a Santa Cruz dos Milagres – PI (1968- 2012)”, discutimos esse comércio que se concentra nos dias de celebração à Cruz. No caso específico de Santa Cruz dos Milagres, a imagem da santa é vendida junto a de outras imagens de santos, quer sejam eles nordestinos, como é o Caso de Padre Cicero e Frei Damião, quer sejam santos europeus, como Santo Antonio, Santo Expedito ou mesmo Nossa Senhora em suas mais diversas nomenclaturas. Essas imagens são chamadas, por alguns devotos, de amigos de Santa Cruz. Na presente tese, recuamos temporalmente e discutimos esse comércio religioso no final da década de 1960.

festas religiosas no Piauí vinham de outras regiões, especialmente do Ceará, com tradição na produção de imagens e fitinhas. Esses comerciantes viajavam de festa em festa religiosa, vendendo seus produtos de forma itinerante, observando o calendário das principais festas religiosas no Norte e Nordeste e seguindo, geralmente em grupo na venda de seus produtos.

As barraquinhas com imagens de santos eram as mais numerosas, mas alguns mais ousados deixavam as barracas ao pé do morro e vendiam as relíquias no adro da Igreja, competindo com a missa com seus gritos para atrair os fregueses. Padre Davi, inclusive, alertava, durante suas homilias, para a necessidade de os devotos se manterem firmes na sua fé, tendo cuidado com as distrações.

Nas páginas do Livro do Tombo de São Felix do Piauí, é possível perceber a recorrência das solicitações pelo apoio do poder coercitivo do Estado, no caso, da ação da polícia militar local, que nem sempre atuará como esperado pelo sacerdote. Os pedidos por reforços sempre iam acompanhados do histórico da festa e de sua importância para os católicos da região e do Estado do Piauí, pois o padre esperava, com isso, uma atuação mais forte das instituições estatais que deviam se preocupar com o bem-estar de seus contribuintes.

Pelo final da década de 1960, muito se falava dos milagres de Santa Cruz, mas pouco era feito por esse espaço de devoção tão concorrido, nem mesmo a arquidiocese atuava de modo efetivo no que era considerado o primeiro Santuário do Estado. Padre Davi, ao solicitar a ajuda de forças policiais em 1970, faz referência, no ofício enviado à Secretária de Justiça, ao comércio desordenado, que, segundo ele, era um dos principais problemas da festa: “O comércio transforma tudo em uma imensa feira de todos os artigos, em casa, barracas e bancas no meio da rua.” (Livro Tombo I – São Felix do Piauí, 1968- 1983). É preciso ressaltar que as barracas espalhadas pelo caminho até o Santuário promoviam renda não apenas para aqueles que vinham de outras cidades vender seus produtos, mas, também, para os moradores do povoado, que se ocupavam especialmente da venda de comidas, além de transformarem suas casas em hospedaria.

Martha Abreu (1999), no seu já clássico *Império do Divino*, aponta para a importância das barracas nas celebrações para o Divino no Rio de Janeiro. Durante a festa, as barracas serviam de entretenimento aos devotos e, em muitas circunstâncias, afetavam a ordem, sendo, por isso, coibidas não apenas pela Igreja, mas também pelo estado. As barracas instaladas durante a festa do Divino se misturavam aos picadeiros do circo e coloriam a festa, dando o ritmo pela sonoridade das gargalhadas.

[...] a festa no campo de Santana incluía ainda feira livre, onde negras com seus apetitosos tabuleiros vendiam roscas do espírito- santo, pães variados, marcados com a pombinha, cuscuz e cocadas, angu e mocotó; barracas da sorte, de comidas e bebidas, onde se fritavam fígado ou peixe e se podiam beber canecas de vinho verde; barracas de jogos diversos (ABREU, 1999, p. 66).

As barracas em Santa Cruz dos Milagres possuíam muita semelhança com as tendas festivas do Divino descritas por Marta Abreu, pela diversidade de produtos em oferta e também pelo conflito com a Igreja, que, muitas vezes, criticava a omissão do estado. Havia outro grupo especialmente incomodado com o comércio e com as atividades lúdicas que acompanhavam a celebração à Santa Cruz: os intelectuais. Alguns deles, que haviam vivenciado a festa no início do século, associavam as folias dos folguedos religiosos à ignorância do povo e sua pouca educação para a fé.

O intelectual piauiense Mário Baptista, mesmo tratando de forma pejorativa as celebrações no entorno do Santuário, aponta também as novidades que a festa trazia, sem deixar de citar a festança, pois, segundo Baptista (1912, p. 03), “O carnaval é perfeito: apenas falta a máscara e os brinquedos entrudo, mas as roupas, as modas dos romeiros são tão dissemelhantes e dispares que facilmente o observador tem a nítida impressão de estar assistindo a uma alegre mascarada”. Para o autor, a celebração ao Santo parecia um baile festivo, as roupas coloridas e pouco discretas davam à celebração o aspecto de mundana, uma festiva “pândega”, como denomina Baptista.

Essas roupas coloridas eram, na maioria das vezes, compradas nas feiras armadas ao pé do morro e sugeriam, em suas estampas, que a festa da fé havia se tornado um espetáculo carnavalesco. Claro que esse era o olhar dos mais ortodoxos, pois para o fiel a roupa nova passaria por um tipo de benção, já que era a primeira vez em que estava sendo vestida. A observação atenta ou, até mesmo, preconceituosa dos mais tradicionais percebia que, entre os devotos, não havia os tons sóbrios, nem o silêncio e a contrição das celebrações religiosas. Mario Baptista sugere que as festas e as feiras pareciam infinitas com orações que se perdiam no barulho das risadas e batidas das bandas de música.

Assim, as relações comerciais são inseridas no universo devocional, não se apartando, mas dialogando com ele, pois os santos, vendidos próximos à igreja, não garantem apenas a proteção de quem será presenteado com essas imagens, mas, também, de quem as compra. Em razão disso, a festa deixa de ser direcionada apenas para a fé e passa a ter uma forte relação mercadológica.

[...] à medida que introduziam no campo as relações capitalistas de produção, as festas deixavam de ter um caráter essencialmente sagrado e adquire um caráter marcadamente comercial. Esse caráter sagrado traduzia-se na atitude de seriedade e de respeito diante das coisas do santo, dos muitos significados expressos em seu ritual e da própria eficácia que era atribuída tradicionalmente às festas. (ZALUAR, 1983, p. 65).

Essa lógica de mercado, introduzida na festa religiosa, compõe aquilo que podemos denominar de disputa entre bens religiosos e bens não religiosos. Aqui, o confronto não se dá entre religiões distintas que disputam pela atenção do fiel, mas entre elementos desejados por esses romeiros-devotos. Assim como outros autores, Zaluar também compara a dinâmica das festas na contemporaneidade às celebrações coloniais, até mesmo, em termos da mudança nos pedidos: o apelo ao santo deixava de ser apenas por saúde, que passa a pedir por fortuna ou realizações profissionais, seguindo a lógica dos novos tempos.

Para José Maria da Silva (2012), essa lógica de disputa existe nas religiões sem que alguém intervenha de maneira significativa, pois, nesse sentido, as religiões atuam como empresas, e cada uma delas determina um tipo de produto à venda. Para o autor, o ecumenismo seria uma necessidade do próprio mercado religioso, no sentido de haver uma racionalização da competição na situação pluralista” (SILVA, 2012, p. 4). É necessário, segundo ele, que o fiel transite pelas diversas religiões⁴, e atrações que cada uma oferece para que possa escolher a fé que mais se adequa às suas necessidades, sendo esses produtos convertidos em necessidades dos fiéis:

Nesse mundo pluralista todos os sistemas explicativos da realidade, religiosos ou não, estão concorrendo uns com os outros pela hegemonia da explicação, sem a presença do mediador coercitivo que defina o melhor ou qual deve ser escolhido. Tudo funciona como um livre mercado em que as doutrinas não mais podem ser impostas, mas sim postas à observação e possível escolha. (SILVA, 2012, p. 4).

Como já observado em outro momento, nessas visitas às feiras do pé do morro, o importante era encontrar o santo perfeito para que fosse abençoado na missa, só assim ele poderia entrar no lar, já que estava bento⁵. Além disso, era preciso comprar o santo de

⁴ Importante salientar que a disputa entre católicos, evangélicos e umbandistas tornou-se mais forte em regiões onde a atuação da Igreja Católica se fez desde a colonização do Estado, por volta de meados do século XVII, enquanto que em regiões de pouca interferência católica a devoção se fez misturada a elementos diversos, e até mesmo com trânsito por outras formas de culto cristão. No estado do Piauí, não há trabalhos sistematizados sobre esses conflitos, apenas alguns trabalhos mais locais e documentos oficiais da Igreja católica, como Livro do Tombo e alguns informativos. Por volta da década de 1970, os jornais locais passaram a apontar os umbandistas como “macumbeiros charlatões”, mas não localizamos fontes em que fosse mencionado o combate a esses religiosos na Terra de Santa Cruz dos Milagres.

⁵ A tradição oral diz que o santo só pode ser colocado dentro do lar depois de abençoado pelo padre. Só assim ele terá efeito na vida do devoto, seja daquele que o comprou para uso próprio, seja daquele que foi presenteado.

encomenda, aquele da devoção do parente que não pôde vir, mas que esperava pela imagem milagrosa. Além das imagens dos santos, havia também os fogos que deveriam ser comprados para serem soltos em favor do santo, e, ainda, as velas e fitinhas que seriam acesas ou então amarradas na sala dos milagres, só são possível graças aos comerciantes itinerantes, que, atentos à necessidade dos devotos, levam os produtos ano a ano para a festa.

Como aponta José Lopes (2011), as lojas tinham como função facilitar a vida do devoto para a compra dos produtos. Vale lembrar que nesse espaço de compras, a Igreja exerce uma influência secundária, e que a prioridade é das outras experiências do devoto, que dialogam e definem a escolha do produto e seu uso.

As lojas comercializam artigos religiosos complementam essa aproximação, ao oferecer uma diversidade muito grande de produtos e ao localizarem -se de forma a facilitar o acesso dos devotos e fiéis. Essas inovações têm possibilitado aos devotos e fiéis tratar a imagética religiosa como um campo de objetos em torno do qual gravitam e funde-se signos e valores produzidos para uso e no uso de sua experiência devocional, modificando os motivos figurativos impressos e introduzindo representações diversificadas na rede que compõe a imagética do campo religioso do catolicismo popular, mas também além dele. (LOPES, 2011, p. 11).

Apesar de boa parte dos produtos expostos atenderem a lógica religiosa da Santa Cruz dos Milagres, como no caso de outros santos vendidos no povoado, a Santa passa, no entanto, a concorrer com inúmeros elementos não religiosos, que, além de desviar a atenção dos devotos, faziam com que a divindade perdesse parte das ofertas. Pelo menos essa era a percepção dos religiosos, uma vez que boa parte do que era guardado durante o ano pelos devotos era para ser gasto nas feiras, comprar a roupa da moda e calçados e para aproveitar as guloseimas que só eram experimentadas durante a festas. As roupas, é preciso lembrar, tinham um propósito social e uma certa função no ritual. Além de procurarem usar um traje novo para receber as bençãos, os devotos buscava ser bem visto nos espaços festivos e apresentáveis diante da Santa.

Peter Berger sugere que as disputas no campo religioso não ocorrem apenas entre religiões diferentes por esse público devoto e crente, ou seja, o conflito não está inserido apenas no campo religioso e doutrinário, mas também no campo econômico. Essa realidade passou a ser inserida nas festas religiosas pelo próprio processo de secularização que não elimina o caráter religioso, mas tende a reorganizá-lo a fim de adequá-lo ao momento histórico.

Como resultado da secularização, os grupos religiosos também são levados a competir com vários rivais não-religiosos na tarefa de definir o mundo, alguns dos quais altamente organizados (como vários movimentos ideológicos revolucionários ou nacionalista), outros muito mais difusos institucionalmente

(como sistemas de valores modernos do “individualismo” ou da emancipação sexual). (BERGER, 1985, p. 149).

Berger nos permite perceber as mudanças pelas quais passam a religião a partir da secularização, mas, ao mesmo tempo, nos sugere cuidado ao observar esses “fenômenos religiosos”, para não tornarmos a análise mecanicista demais ou racional demais, tendo em vista as relações cotidianas dos sujeitos com a fé, na medida em que a religião mantém uma força muito grande nas relações entre os sujeitos. A análise das fontes permite perceber as mudanças na devoção, até mesmo a inserção de novos elementos ao culto e ao cotidiano da festa, e, em meio a isso tudo, estão as famílias que, em peso, mantêm a devoção, integrando os mais novos às práticas dos antigos.

Esses elementos não institucionais também são utilizados como ferramenta de poder e conflito, assim a dicotomia sagrado/profano permanece, não com a mesma intensidade pelos devotos, mas de maneira bem viva pela Igreja Católica, que, teologicamente, não aceita a interferência de outros elementos ao culto. Em Santa Cruz dos Milagres, os elementos não institucionais competem no solo sagrado da Santa e ambos estavam em busca de seu cliente potencial, o devoto. Retomando Berger, diríamos que pluralidade religiosa tornou os espaços de devoção também um domínio de mercado.

A situação pluralista é acima de tudo uma *situação de mercado*. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica de mercado. (BERGER, 1985, p. 149).

Dessa relação do devoto com o mercado de artigos religiosos, surge uma necessidade, que, aos olhos deles, não está inserida em uma lógica mercadológica, mas, sim, na devoção à Bendita Santa Cruz.

Fotografia 9: Passeio na Feira



Fonte: Antônio Sousa⁶

Como se pode observar na Figura 9, a feira ao pé do morro da Santa vendia de tudo e ainda coloria a terra árida ao redor da Santa. O fluxo era intenso entre o Santuário e o olho d'água, e esse pequeno espaço que separava as relíquias de Santa Cruz dos Milagres tornava-se um ponto de encontro, onde as pessoas compravam e se divertiam; alguns comerciantes sem barraca estendiam as lonas no chão e vendiam seus produtos, atraindo os fregueses pelo grito. Geralmente, ficavam expostos, nessas lonas, roupas, calçados e redes, produto de primeira necessidade nas casas sertanejas, que até mesmo ajudava na estada daqueles que vinham sem ter onde ficar e acabavam armando as redes nos galhos das árvores próximas ao Santuário. Assim, os devotos eram tocados pelas ofertas dos comerciantes itinerantes e ficavam em meio à disputa pelo menor preço.

Outras celebrações no Nordeste se assemelham à de Santa Cruz dos Milagres, na medida em que, nelas, as feiras ocupam um lugar de destaque. José Clerton Martins e Edwilson Freire analisam a Festa de Santo Antônio, em Barbalha (CE) como uma celebração do sagrado e do profano, na qual, dentre os elementos de disputa, está o comércio, que também configura-se como uma das atrações da festa:

⁶ Algumas fotografias não trazem a informação sobre a data em que foram tiradas. Supomos, com base nos elementos da própria imagem, que algumas sejam do período compreendido entre os anos de 1980 e 1990.

No centro da cidade fervilha o comércio, em que se pode comprar desde imagens de santos católicos a bonecos pornográficos, é o lugar por excelência dos vendedores. Pode-se comprar de tudo, incluindo o divertimento lúdico (nos brinquedos do parque) e até mesmo o prazer carnal (em vários prostíbulos disfarçados de bares). (MARTINS, FREIRE, 2006, p. 561).

Os ritos instituídos competem com um mercado heterogêneo, com elementos/produtos diversificados que encantavam os devotos e aplacavam os desejos, fazendo com que não só os objetos que serviam à devoção sejam consumidos, mas, também, aqueles relacionados com a vaidade e o prazer. Em Barbalha, as meretrizes se misturavam aos devotos, assim como em Santa Cruz dos Milagres, onde os chamados “bares de temporada”, que eram abertos apenas no tempo da festa, traziam moças de várias regiões para o entretenimento no povoado. O Padre via essa atividade como um “incômodo ofício”, pois, no período de celebração da Festa de Exaltação, “espalhava-se o meretrício por todo o povoado” (Livro Tombo I – São Felix do Piauí 1968- 1983), especialmente, após o pôr do sol, pois a escuridão das pequenas vielas tornava esse comércio mais fácil.

Fotografia 10: Bares de Temporada



Fonte: Antônio Sousa.

Alguns bares tinham estrutura muito rústica, eram cobertos de palha e ficavam nas zonas periféricas do povoado, sem as mínimas condições de higiene. O da imagem acima ficava próximo a um córrego, misturado aos animais e ao esgoto que corria livremente ao lado da barraca. Mas essas rústicas instalações não impediam o povo de o frequentar, sendo que algumas dessas barracas vendiam inclusive comida, os populares tira-gosto, que consistiam, na maioria das vezes, em dobradinha⁷, sarapatel e torresmo. É possível notar que, logo atrás, um outro bar concorria com esse, aparentemente mais coberto, com a dita “latada⁸” coberta, o que pode sugerir um lugar de encontro, ou seja, um espaço de prostituição. Entre as duas barracas, uma pequena construção de palha servia de banheiro, que atendia as necessidades mais urgentes.

Meses antes da Festa de Exaltação de 1970, Padre Davi solicita reforço para o “controle dos corpos”, que, além dos remexos nos bailes de forró, também se profanavam nos prostíbulos. Ao solicitar ajuda para manutenção da ordem na devoção, ele faz menção à falta de escrúpulos e desordem, sendo que as casas de prostituição funcionavam a qualquer hora, comprometendo a participação nos ofícios religiosos: “O meretrício não há meios de manter afastado e dia e noite há festas dançantes por toda parte.” (Livro Tombo I – São Felix do Piauí 1968- 1983).

Essa falta de “decoro” com o Santo podia ser notada em outras celebrações piauienses. Algumas não atraíam tantos devotos como em Santa Cruz dos Milagres, mas causavam o mesmo escândalo nos intelectuais e políticos que pretendiam regular e instituir a ordem, como se observa na fala de Mathias Olímpio⁹, que aponta para certo desvio dos fiéis no trato com a Santa. Olímpio corrobora o olhar de outros intelectuais como Higino Cunha e Mário Baptista, que entendem a aproximação entre devotos e santos como algo indecoroso e bem típico das comunidades incultas. Seu olhar sugere que as práticas do povo eram condenadas pela sua propensão ao fanatismo, uma fragilidade da população rural, que não havia ainda sido atingida pelo desejado progresso.

A maneira por que realizam essas promessas é que provoca riso e dão- nos a medida da hipocrisia que as envolve. O todo de unção e piedade, de beatitude e fraqueza dos que em momento aflitivo ou de necessidade recorrem á divina

⁷ São as vísceras, geralmente de porcos, que depois de limpas são fritas e servidas com farinha e limão; assim como o sarapatel também feito das vísceras de bode servido com farinha;

⁸ Segundo o dicionário Aurélio: Armação para sustentar trepadeiras. No Piauí, são construções temporárias cobertas de palha, que servem, inclusive nos períodos de festa, para abrigar os convidados do sol. No caso específico de Santa Cruz dos Milagres, serviam de bares e, às vezes, de prostíbulos.

⁹ Matias Olímpio foi uma figura muito importante no Estado do Piauí. Foi Promotor Público em Teresina (1905-1907), Secretário de Governo (1907-1911), Governador do Piauí (1924-1928) e um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. Mais informações in Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí.

proteção, não condiz o saracotear impudico, os ademanes picantes, os ditos concupiscentes e as expressões dúbias que se observam nos festejos em paga dos benefícios feitos. (MELO, 1912, p. 65).

Havia certa semelhança entre o olhar de Mathias Olympio de Melo e as recomendações de Padre Davi Mendes. Para ambos, a devoção implicava submissão e decoro nas práticas. Para o padre, havia a necessidade de uma disciplina religiosa, enquanto que para Melo, era a falta de erudição que fazia do povo do sertão vítimas fáceis do fanatismo, homens e mulheres que confundiam a benção com passos de valsa. Sendo assim, não havia nessa terra uma crença disciplinada e os devotos “só se lembram da divindade quando vê pendente a cabeça a espada de Dâmocles, a ameaça de perigo, está bem distante da fé que abala montanhas” (MELO, 1912, p. 65).

Inspirados em Giovanni Levi (2014), pensamos as peculiaridades dos sujeitos que devotavam a Santa Cruz. No caso específico de Santa Cruz dos Milagres, a fé dos sujeitos que se perdiam em compras e distrações profanas transformava a venerável cruz em amiga dos devotos, permitindo relações e cultos diferenciados em relação ao que previa a ortodoxia católica, seja a pregada nos púlpitos ou a dos livros. No clássico livro de Alba Zaluar (1983), *Os Homens de Deus*, a autora afirma que o diálogo entre o santo e o devoto pressupõe muito mais do que relações de regras. Para a autora, há mudanças que ocorrem naturalmente em uma devoção, o que não significa que as celebrações se esvaziassem, pois os santos podem ser sujeitos tão animados como seus devotos, e, no caso de Santa Cruz dos Milagres, ela transita entre a penitência e as celebrações dançantes e animadas dos devotos.

As críticas ao comércio itinerante, aos bares e aos prostíbulo se deslocavam de festa em festa serão criticados pelo pároco logo após sua chegada à Santa Cruz dos Milagres e se prolongarão até a década de 1980. Não é possível definir se, após essa década, o pároco passa a ver a prostituição como um mal menor, o que se pode dizer é que os prostíbulo passaram a misturar entre as casas e hospedarias, tendo como diferencial a venda de outro tipo de atrativos vistos como luxuriosos.

O que era oferecido pelas meretrizes não deixava de ser um serviço, pois os devotos, que se deslocavam para cidade, iam em busca da Santa, mas também, como aponta Jucilaine Carvalho (2016), de todos os objetos de consumo que eram oferecidos nesse período de festa. A antropóloga ainda discute as tensões e contradições desse momento de festa, especialmente se levarmos em conta os serviços oferecidos nos prostíbulo, que acabam, inconscientemente, sendo absorvidos na festa.

[...] O bojo dessas tensões e contradições estão intrinsecamente relacionados a um mercado religioso efervescente e vivo em que as trocas simbólicas ultrapassam as formas de trocas reconhecidamente defendida no seio da sociedade capitalista. Nesta festa,romeiro, igreja, e prestadores de serviços defendem seus espaços a partir da visão de mundo em que estão inscritos. A prostituta, neste contexto, pertence ao universo dos prestadores de serviços, inserida no mercado sexual [...] (CARVALHO, 2016, p. 3).

As meretrizes estiveram no foco de uma versão da origem de Santa Cruz dos Milagres, difundida pela tradição oral, como apontam as pesquisadoras Maria Cecília Nunes e Verônica Ribeiro. Segundo a tradição, elas teriam sido as responsáveis pelo fim parcial do fluxo das águas milagrosas do Olho d'água dos milagres, ao lavarem o corpo envolto em pecado nas águas cheias de graça, cometendo, desta forma uma heresia. Esse ato teve, como efeito, o esvaziamento da vertente de água, fazendo com que a fonte secasse, para desespero dos fiéis, mas a Santa, tomada de misericórdia, teria providenciado uma nova fonte.

[...] O olho d'água¹⁰ indicado pelo desconhecido secou depois de algum tempo. É que nele tomou banho uma meretriz e um vaqueiro profanou sua água dando banho em seu cavalo. Mas Santa Cruz teve pena de seus devotos e fez ressurgir outra fonte milagrosa debaixo de uma frondosa oiticica, onde ainda hoje se encontra. (NUNES; RIBEIRO, 1995, p.358).

O vaqueiro e a meretriz, após um encontro de amor, teriam se banhado na fonte de água milagrosa, o que teria se constituído em uma profanação, sendo que todos os devotos foram punidos, pois uma das fontes de cura de Santa Cruz dos Milagres secou. Essa estória contada de boca em boca reforça a percepção de que as meretrizes desencaminhavam os devotos da Santa, e sua associação a vaqueiros baderneiros.

Mas para Sérgio Brandim, teria sido justamente a descrença desses sujeitos nos poderes milagrosos da fonte que os teria feito profanar suas águas, e que a punição e a nova fonte disponibilizada para os fiéis demonstrariam a vontade da Santa em agraciar seus devotos e de perdoar-lhes os pecados:

A incredulidade é capaz de afastar os sinais sagrados, levando o incrédulo à punição não por seus atos, mas pela falta de fé no que é dito como verdade. A lenda contribui, dessa forma para a distinção de duas figuras humanas diferentes, aquele que não acredita muito, mas é capaz de aceitar, e aquele que não aceita, por não acreditar, passando, dessa forma, a merecer a punição ou a penalização de seus atos. Assim podemos dizer que o romeiro, ao espacializar e ritualizar a sua fé, tende a ser o fiel “pecador”, temente da vontade divina. (BRANDIM, 2007, p. 44).

¹⁰ Importante lembrar que, após colocar a cruz no alto do morro, o beato teria levado o vaqueiro até uma fonte de água também milagrosa, que seria usada para as bênçãos da Santa Cruz dos Milagres.

Entendemos que essa estória funciona mais como um alerta em relação aos infortúnios a que estavam sujeitos os fiéis menos crédulos. Seria, como nos recorda Regis Lopes (2000), ao analisar a devoção a Padre Cicero, vincular a falta de fé com o recuo das graças e com os infortúnios, dentre os quais estaria a exclusão do espaço santo e das graças que ele promove.

Pode-se, ainda, considerar que o banho da prostituta e do vaqueiro na água santa seja uma forma de enfrentamento à ortodoxia da Igreja, decorrente da não aceitação dos milagres atribuídos à Santa. Esta, no entanto, acabou por valorizar a situação tida como desrespeitosa, dando destaque à punições dadas para aqueles que não crêem e, especialmente, a necessidade de ser temente e respeitar a divindade, visto que aquela fonte de vida, que brota no sertão, poderia então esvaziar-se ao sentir o pecado e descrença de seus fiéis.

Como nos lembra Pierre Sanchis (1983), a presença das prostitutas nas festas religiosas, de certa forma, fazia parte do ciclo da devoção, existindo referência a elas desde o período medieval nas celebrações religiosas portuguesas.

É, portanto, possível que a prostituição nas romarias represente a corrupção de um fenômeno mais antigo de licença sexual ritual, fenômeno cuja extensão e modalidade não podem ser precisadas com a documentação de que atualmente dispomos. Eventualmente podíamos ligar este fenômeno a antigas práticas, sagrado ou mágico, mas, em todo o caso, deveríamos analisá-lo no quadro global da romaria. Enquanto festa e peregrinação popular. Será necessário explicitar como se articula com o seu núcleo essencial (SANCHIS, 1983, p.175).

Eram corpos dançantes e festivos e extremamente escandalosos que, aos olhares mais recatados e moralistas, ocupavam as ruas estreitas e sem saneamento de Santa Cruz dos Milagres. Jurandir Costa (1979) aponta as críticas que, no século XIX, eram direcionadas a esses corpos livres, que contrapunham a moral e as normas de higiene, pois o corpo da mulher, que se deixava levar pela libertinagem, era sujeito às doenças e era impróprio para a reprodução, além de desencaminhar as famílias.

As prostitutas tornaram-se inimigas dos higienistas principalmente pelo papel que supostamente tinham na degradação física e moral do homem e, por extensão, na destruição das crianças e da família. Contaminando os libertinos com suas doenças venéreas, induziam a produção de filhos doentes e votados à mortalidade precoce. Seduzindo os incautos com suas sensualidades depravadas, levavam a miséria e a infelicidade a famílias inteiras. (COSTA, 1979, p. 265).

Os bordéis divertiam homens e mulheres. Algumas dessas meretrizes ficavam pelas esquinas, atraindo seus potenciais clientes. Muitos deles, localizados nas proximidades do Rio

São Nicolau, estavam “vestidos por uma camuflagem, todos tem fachada de bares, porém toda a cidade sabe que é um “cabaré”” (CARVALHO, 2013, p. 107). Outros funcionavam em casas alugadas situadas próximas ao cemitério, mantendo distância tanto da Igreja quanto do olho d’água. Essa localização sugere uma certa relação de respeito, já que algumas dessas moças se diziam também devotas, tendo se livrado de alguns males pela fé em Santa Cruz dos Milagres.

Fotografia 11: Parte Interna dos Bordéis



Fonte: Acervo Jucilaine Carvalho.

Diferente das barracas improvisadas próximas ao rio São Nicolau, as casas alugadas transformadas em bordéis traziam uma certa sofisticação, tendo em vista as condições das outras habitações. Eram cobertos de telha, mas possuíam piso em cimento cru, com pequenos quartos separados por cortinas coloridas, nos quais os clientes eram atendidos em qualquer horário. Mantinham o disfarce de bares, tendo a frente ocupada por cadeiras e alguns freezers, que utilizavam energia de geradores alimentados a óleo diesel.

Mas essas mulheres não podem ser percebidas apenas como causadoras dos desvios dos romeiros, pois elas também buscavam a graça. Elas começavam a trabalhar apenas depois de cumpridos seus votos com a Santa, que consistia, na maioria das vezes, no pagamento de alguma promessa e na participação em pelo menos uma novena. Os olhares dos romeiros

comumente se voltavam para elas, mas havia uma certa aceitação da prática, já que ofereciam serviços que fomentavam a economia local.

Apesar da aparente aceitação, havia, para além dos religiosos, quem se incomodasse com a liberdade desfrutada por essas “mulheres do mundo”. A elite, que, a partir de meados da década de 1970, passou a frequentar o Santuário, apropriou-se, muitas vezes, do discurso médico, para apresentá-las como impróprias e desviantes das famílias. A historiadora Margareth Rago (1987) aponta os argumentos empregados pelos médicos da época, que afirmavam que a prostituição pública favorecia:

[...] a ociosidade, a preguiça, o desejo desmensurado de prazer, o amor ao luxo, a miséria financeira, que leva a mulher a buscar recursos próprios fora do lar, o desprezo pela religião, a falta de educação moral e principalmente o temperamento erótico da mulher. Além disso, acrescenta, os bailes populares e as folias carnavalescas criam condições especiais para emergência de práticas devassas e pervertidas. (RAGO, 1987, p. 86).

Essas práticas eram muito condenadas por sanitaristas e religiosos, que não levavam em conta as barreiras sociais que parte dessas mulheres enfrentava, pois muitas já haviam sofrido violência no lar e acabavam encontrando na prostituição a solução para o seu próprio sustento. Outras, por terem seduzidas e abandonadas à própria sorte após engravidarem, entravam no universo da prostituição, ficando, por isso, sujeitas a olhares recriminatórios e à violência de amantes insatisfeitos.

Vale salientar que, no período contemplado na tese, a noção que se tinha era que as mulheres eram responsáveis por seu corpo, mas não donas dele, sendo necessário regulá-lo para o convívio social. Consequentemente, se o corpo era violado e os prazeres passavam a ser comercializados, a mulher deveria ser punida, e, se a punição não viesse em forma de criminalização de sua atividade, elas eram excluídas da sociedade e vistas como párias.

Em Bom Jesus da Lapa, Carlos Steil observou a grande proximidade que havia entre os bailes e a própria prostituição e a festa religiosa:

A poucas quadras do portão da esplanada, nas esquinas e ruas onde transitam os romeiros, há pontos de prostituição, onde as moças que vendem lembranças religiosas do Bom Jesus, como fitas para o pulso, correntinhas e medalhas, também oferecem um momento de prazer que pode vir a ser partilhado em algum dos hotéis da cidade, especializados neste tipo de serviço. [...] e, se a prostituição é um fenômeno da vida cotidiana da cidade, nos dias da romaria ganha visibilidade. (STEIL, 1996, p. 139).

Para além das compras feitas nas barracas instaladas no pé do morro e dos jogos de tabuleiros, tiro ao alvo ou cartas, os romeiros aproveitavam os dias em Santa Cruz para saber

sobre a saúde dos parentes, sobre o nascimento das crianças, e, ainda, sobre os motivos de fulano ou de beltrano não estarem no Santuário naquele ano.

Fotografia 12: As sociabilidades da feira de Santa Cruz dos Milagres.



Fonte: Acervo Patrícia Santos.

A fotografia acima sugere esses momentos de conversa entre os devotos, bem como o encontro de gerações, durante os quais são retomadas as memórias sobre as festas de que já participaram e sobre outras romarias. Como sugere Luitgarde Barros (2001), as relações que se constroem nesse espaço estarão sempre muito ligadas às suas experiências de vida, principalmente “ao tratar de fatos relativos à infância e à juventude [...]” (BARROS, 2001, p. 103). Ainda segundo o autor, as relações se intensificam quando o universo conhecido pelos sujeitos envolvidos é o da sua aldeia, ou seja, do local onde viviam desde a infância.

Em razão disso, entendemos que a feira permite também uma viagem por lugares não habitados ou conhecidos pelos fiéis, tanto em termos espaciais, quanto temporais. Assim, as conversas fluíam por meio da evocação de memórias coletivas ou memórias individuais, que alimentavam as histórias sobre festas de outros tempos, marcadas por outros rituais e participantes. A imagem acima, que se refere a Festa de Invenção da Santa Cruz, que ocorre em maio, aponta para as transformações pelas quais a festa passou. Cabe lembrar que a partir de 1985, com a melhoria nas estradas, a mais religiosa das festas, sob a percepção do Padre Davi

Mendes, passou a atrair inúmeros comerciantes, que se apropriaram dessa festa, dando aos devotos mais uma oportunidade no ano de comprar toda a sorte de produtos, pois antes o período das vendas ficava restrito à Festa de Exaltação à Santa Cruz.

As memórias dos fiéis que retornavam à festa eram acionadas ao avistarem a igreja, que, mesmo pequena, podia ser percebida no alto do morro. E as celebrações vividas na infância e adolescência retornavam com força aos filhos da terra que voltavam para receber as bênçãos da Santa. Esses fiéis percebiam as mudanças, as inovações que, mesmo lentamente, chegavam à cidade, especialmente em um povoado que, até a década de 1960, parecia estar perdido em meio aos morros áridos do sertão piauiense. Com o passar dos anos, o espaço em que se encontrava a Santa Cruz, antes lugar quase exclusivo de penitências e orações, experimentava o burburinho da feira e dos bailes e jogos.

As mudanças ocorridas e as melhorias feitas no templo, na Fazenda Galileia e nos espaços comuns ao redor do Santuário eram custeadas com a renda proveniente do aluguel das barracas, bem como das ofertas dadas pelos fiéis. Após a Festa de Exaltação à Santa Cruz, em setembro de 1972, Padre Davi constatou que as barracas existentes já não atendiam as necessidades, especialmente por serem alugadas para uso dos comerciantes itinerantes, e decidiu tomar medidas para torná-las mais úteis: “As barracas de aluguel, no povoado, não tem mais condição de aproveitamento. Depois da festa vou mandar demolir tudo, para construção melhor posteriormente” (Livro Tombo I – São Felix do Piauí 1968- 1983).

Inicialmente, as barracas em Santa Cruz dos Milagres eram feitas de taipa e cobertas por palhas, que se adequavam bem ao clima e deixavam, inclusive, a temperatura mais amena, mas nos fortes invernos costumavam ficar deterioradas, o que demandava frequentes intervenções em toda a estrutura. As novas barracas, erguidas na década de setenta, passaram a ser construídas de adobe e cobertas com uma espécie de lona, causando desconforto na festa de setembro por causa das altas temperaturas, mas que garantia uma maior durabilidade, e deviam seguir as recomendações do padre, sendo que as que ficavam próximas ao Santuário deveriam vender exclusivamente imagens de Santo ou objetos relacionados a devoção, como velas e terços. A disputa por esse “ponto do padre” se dava, como diz Jucilaine Carvalho (2013), pela visibilidade que as barracas tinham, pois o local onde eram instaladas permitia que, ao saírem das missas e novenas, os devotos-romeiros pudessem visualizar os artigos religiosos, comprando-os para serem abençoados nas próximas missas. A essas barracas se somaram os panos dispostos nas ruas, praças e calçadas, sobre os quais os vendedores expunham a mercadoria, como já apontado em outro momento.

A década de setenta se caracterizou por uma grave seca, que se associou à falta de investimentos efetivos por parte da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) no Piauí e no Nordeste como um todo. No ano de 1976, o governador do Estado do Piauí à época, Dirceu Mendes Arcoverde, buscou financiamentos para desenvolver a indústria no estado do Piauí, e os jornais locais¹¹ expõem a necessidade de melhorar a infraestrutura e garantir o desenvolvimento, com projetos que teriam, como objetivo, “robustecer nossa economia” (Jornal O Dia, 12 de setembro de 1976), revigorando o estado e oferecendo fontes de emprego e renda.

Segundo Francisco Alcides Nascimento (2010), as críticas que despontavam nos jornais e que destacavam a situação em que se encontrava o estado do Piauí, eram, de certo modo as críticas feitas por Padre Davi Mendes, especialmente no que dizia respeito “à falta de infraestrutura básica, em especial, de estradas e energia elétrica, como se disse antes, dificultaram a aprovação de projetos piauienses naquela instituição, criada para diminuir as disparidades regionais e que terminou por gerar disparidades intrarregionais” (NASCIMENTO, 2010, p. 10). A SUDENE, segundo o autor, manteve investimentos em estados já desenvolvidos do Nordeste, deixando os estados periféricos ainda mais abandonados em um momento que deveria ser de uma explosão desenvolvimentista. Se, por um lado, os problemas econômicos do estado servirão de pauta aos jornais do estado, por outro, a crise será a responsável pela grande afluência deromeiros e pelo crescimento das promessas e das ofertas no Santuário de Santa Cruz dos Milagres nos anos seguintes. Foi justamente nesse período que aumentou a visitação de fiéis, que, em busca da proteção e das graças da Santa Cruz, lotavam as missas, a sala de ofertas de ex-votos, a sala dos milagres, bem como os espaços externos do Santuário, como o adro e o cruzeiro.

Apesar da satisfação com o incremento da devoção que financiava as reformas necessárias, a situação preocupava Padre Mendes, especialmente, a forma como o devoto gastava seu dinheiro no período das festas em comemoração à Santa.

[1979] como nos demais movimentos uma espécie de fuga às tensões, como também o comércio se intensifica e as despesas inúteis se multiplicam. É terrível constatar, mas é verdade que a reação do povo à própria insegurança é exatamente o contrário do que a lógica poderia estabelecer. (Livro Tombo I – São Felix do Piauí, 1968- 1983).

¹¹ Entre o final da década de 1960 e as décadas de 1970 e 1980, os Jornais *O Dia*, *O Estado* e *Jornal da Manhã* irão expor, em suas páginas, a necessidade de medidas efetivas de fomento no Estado do Piauí. Importante apontar que existiam outros jornais no estado, mas, por conta do foco dessa investigação, apenas esses três foram utilizados na pesquisa, não havendo, nos outros, questões relevantes à discussão.

Mas o devoto que buscava a Santa e se divertia buscava, justamente, fugir das dificuldades cotidianas, pois, por mais difícil e cara que fosse a vida, eles seriam capazes de superá-las pela misericórdia da divina Santa Cruz dos Milagres.

Durante as festas, a cidade também era movimentada por outro tipo de comércio, o dos jogos de azar, que levavam os fiéis devotos de Santa Cruz dos Milagres a arriscarem, muitas vezes, as economias guardadas durante um ano inteiro. Mas o sucesso dos jogos também se devia à situação econômica do Estado, pois, como citado anteriormente, o longo período de estiagem e a fraca economia, além de direcionar o piauiense para o sagrado, também o levava as bancas de jogos, tão combatidas pelos clérigos, mas ignoradas pelas forças policiais, que faziam vista grossa as ações dos “enganadores” dos pobres fiéis, como a eles se referia Padre Davi Mendes.

Os jogos de azar, que animavam e atraíam os devotos, eram cercados, em sua maioria, por homens, e, mesmo prometendo prêmios mais modestos, como alguns cruzados, mantinham-se lotados de ávidos apostadores. Algumas dessas barracas de jogos faziam a alegria das crianças, com premiações que iam de brinquedos a doces e bolos, mantendo os olhinhos grudados nas guloseimas e ávidas pela vitória dos pais. Os jogos se tornaram uma febre no Piauí entre as décadas de 1970 e 1980, e a promessa de riqueza rápida tornava a procura por esses jogos cada vez maiores. Diferente das barracas de jogos das Festas de Santa Cruz dos Milagres, os jogos das loterias locais ofereciam muito dinheiro, mas, como havia pouca fiscalização, acabaram se tornando um problema, como apontavam os jornais do estado. O Jornal O Estado (1981) coloca os bingos como um “bico para os desempregados”, enquanto que o Jornal O Dia (1981) é mais profundo na sua análise quanto aos problemas que os jogos geravam:

[...]

Inocentes em sua aparência – e até concedemos que correspondam a sorteios honestos- os bingos representam um deslocamento de recursos financeiros que poderá ser tudo menos benefício a nossa esfera econômica.

O principal malefício desses bingos talvez resida no fato de que todo o dinheiro arrecadado por seus promotores vai-se embora do Piauí, alimentar o capital de giro de outros empreendimentos inteiramente alheios ao nosso progresso. (Jornal *O Dia*, 1981, p. 2).

Assim como o padre, a imprensa local estava atenta à ineficiente atuação do estado nos problemas decorrentes da seca e da falta de investimentos. Além disso, a grande procura da população por esses jogos acabava levando os poucos trocados de alguns, em sua maioria, já muito empobrecidos, e enriquecendo poucos. Se para a Igreja Católica, os jogos eram um gasto de dinheiro e energia em algo que desviava espiritualmente seus devotos, para os fiéis da Santa,

que incluíam entre os pedidos de graça a glória de ser um dos ganhadores, era uma forma remediar a pobreza e, desta forma, poder ofertar mais à Cruz.

Na Festa de Exaltação, em 1983, o padre teve seu desejo atendido, com a proibição, pelo estado, dos jogos, como pode-se constatar no Livro do Tombo: “A proibição do jogo na festa pelas autoridades, fez sentir também maior segurança para os romeiros, havendo um número menor de furtos e assaltos” (Livro Tombo I – São Felix do Piauí 1968- 1983). O padre considerava os jogos como uma distração que acabava deixando os devotos-romeiros mais vulneráveis às ações dos lanceiros, que aproveitavam o burburinho de pessoas ao redor das barracas de jogos e a energia elétrica precária do povoado para efetuar seus furtos. Essa movimentação constante de pessoas fazia com que acabassem sendo confundidos com os romeiros, sem que os devotos pudessem recuperar seus bens furtados. A proibição dos jogos, sob a perspectiva do padre, asseguraria um ganho maior para os cofres da Igreja e uma participação mais efetiva dos devotos nos sacramentos.

É preciso, no entanto, considerar que a fé se mantinha viva justamente nas festas em homenagem à Santa, pois os fiéis se espalhavam pela cidade, compartilhando as graças alcançadas e as promessas feitas. De acordo com Mariely Santana (2009), durante essas festas eram os fiéis que tinham protagonismo, pois participavam das missas, procissões e novenas e, muitas vezes, eram os responsáveis por parte da organização das celebrações, visto que, quando não estavam envolvidos diretamente no rito, ocupavam-se de manter a parte festiva viva, organizando leilões, rifas e bailes que animariam os fiéis, sendo essas folganças parte da festa religiosa.

Se, para o fiel, essa dicotomia entre sagrado e profano não existia, para a Igreja, ela comprometia a verdadeira religiosidade, em função da promiscuidade e dos excessos cometidos pelos devotos.

[1985] Apesar do esforço do vigário em preservar a área do Santuário do avanço do comércio, o problema ainda continua. O povo entende as explicações do vigário, mas é preciso uma vigilância permanente sobre os vendedores ambulantes. Para acabar qualquer ideia de usar o Santuário como pretexto para o comércio, o vigário não aceita sequer velas porque por aí começaria a venda de outros objetos. (Livro do Tombo II – São Felix do Piauí, 1984-1990).

Parece-nos que o problema não estava apenas na comercialização de produtos nas proximidades do templo, mas na venda de produtos mais baratos, que não fomentariam a receita

do Santuário, sendo que os recursos adquiridos por produtos vendidos por esses comerciantes não reverteriam para os cofres da Santa.

Padre Davi, como procuramos demonstrar ao longo do trabalho, fazia do Livro do Tombo o espaço de manifestação de suas frustrações, tanto em termos de ação pastoral quanto daquelas que a comprometiam, como a falta de policiamento ou de infraestrutura. Diante da interferência e concorrência de comerciantes vindos de fora, ele assim expõe “[...] a própria paróquia põe a disposição do povo, catecismos, bíblias, livros de cantos e faz tudo a preço de custo e somente no recinto da sacristia” (Livro do tombo II – São Felix do Piauí 1984-1990), do que poderíamos inferir que a Igreja também cometia seus leves sacrilégios ao comercializar seus produtos dentro da igreja. Diferentemente das vendas promovidas pelos comerciantes itinerantes, a Igreja, que se via como detentora das celebrações, acreditava ter direito de vender produtos religiosos sem que isso fosse interpretado de maneira negativa, uma vez que as arrecadações estavam direcionadas às boas obras do Santuário.

A construção da escadaria que dá acesso ao Santuário, no ano de 1987, permitiu não apenas um melhor acesso dos devotos ao Santuário e ao olho d’água, mas também transformou os 181 degraus em um concorrido espaço comercial, que separava, mas também unia, a vida sagrada e profana em Santa Cruz dos Milagres. Essa escadaria traduz muito bem as tensões e disputas dos sujeitos que buscavam sobreviver vendendo seus produtos, como também representa bem a penitência, pois vencê-la e chegar a Igreja corresponde concretamente ao um sacrifício de fé, perpassado por dor.

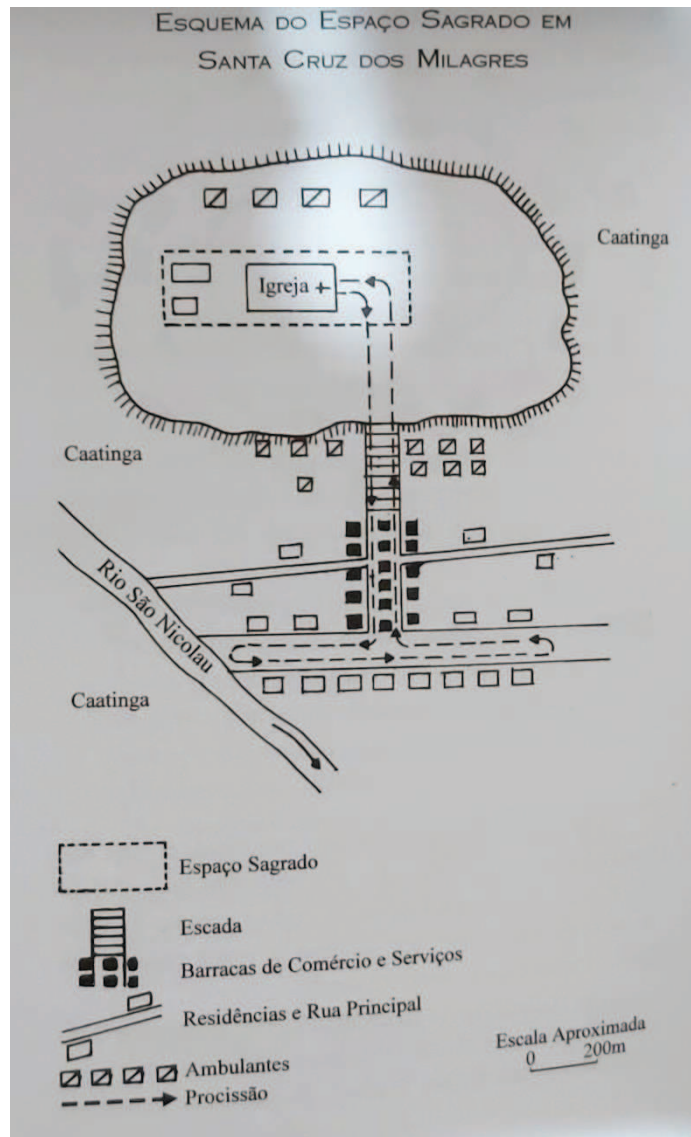
A escadaria também traz a marca do poder público, que, como vimos anteriormente, se utilizou muitas vezes da devoção para ganhos políticos. No Livro do Tombo, Padre Davi registra sua satisfação com a obra: “foi inaugurada a “escada” que parte do pé do morro até o patamar da Igreja, um belo trabalho da prefeitura, com verbas federais.” (Livro Tombo I – São Felix do Piauí 1968- 1983). Não foi possível encontrar, nem nas leis do município de Aroazes, nem nas Atas da câmara de vereadores, referências diretas à obra de construção da escadaria, o que pode sugerir que ela tenha sido colocada de forma genérica entre as obras de infraestrutura do município. Em nossa busca de documentos, constatamos, ainda, algumas lacunas nas documentações oficiais referentes aos anos de 1970 a 1990. Pode-se, no entanto, supor que os recursos para a obra sejam oriundos da SUDENE, pois ela já havia destinado verbas para a construção de poços tubulares.

A escadaria permitia um acesso mais rápido ao povoado, em especial ao olho d’água. As dificuldades impostas pela descida do morro de pedra foram superadas pela construção dessa escada, que também facilitava o retorno da procissão à Igreja no último dia de festa. A

realização da obra pela prefeitura do município garantiu, ainda, ao prefeito, um lugar privilegiado na memória dos devotos, sendo por eles apresentado como um homem de fé e devoto da Bendita Santa Cruz dos Milagres. Como aponta Ecléa Bosi (1994, p. 453), “o sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica ‘neutra’. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando a sua posição ou matizando-a”. As memórias estão cercadas tanto pelo que é dito, quanto pelos silêncios, que podem ser materializados em obras ou ações que serão perpetuadas, e, ao longo dos capítulos da tese procuramos mostrar como se deu esse processo de construção de uma memória, pelos devotos, pelos intelectuais, pelos políticos e pela Igreja, sobre a devoção à Santa Cruz.

Construir uma escada ligando os acessos importantes do povoado, antes de ser uma ação em prol da devoção do povo, respondia a interesses políticos e mercadológicos, implícitos nos discursos, mas explícitos nos resultados. O devoto que enxerga a Santa como protetora e milagreira se satisfaz com as mudanças feitas na terra da Santa. A difícil acolhida dos devotos, antes tomada como sacrífico e privações, ao tornar-se mais fácil para os romeiros, gera publicidade positiva para a devoção, para o administrador do Santuário e para os políticos locais e do estado.

Descrição da escadaria



Fonte: ROSENDAHL, 2009, p. 48.

A imagem acima, retirada do livro de Zeny Rosendahl, nos dá uma dimensão de como a escadaria passou a funcionar na lógica do Santuário. Para a autora, o sagrado coexiste com o profano, servindo a escada como elo, mas ao longo de seu texto, a autora sugere que não há “participação da Igreja, nem repressão à atividade do comércio [...]” (ROSENDAHL, 2009, p. 50). O que temos observado, ao analisarmos os Livros do Tombo, é uma postura diferente daquela apontada pela autora, pois a Igreja participou e também coibiu qualquer movimento que pudesse confrontar ou concorrer com a devoção à Santa. As fontes sugerem uma sutileza nas ações, o que não significa que não tenha havido conflito, e é importante considerar que, mesmo atos aparentemente sutis, podem provocar os embates entre grupos e interesses antagônicos.

Tendo em vista o tempo dispendido para a pesquisa realizada por Rosendahl, podemos supor que algumas fontes não foram acessadas pela autora, até porque o Livro do Tombo utilizado na pesquisa ainda se encontrava em uso, não sendo permitido seu acesso, ou, então, que ela não tenha tido acesso a outras fontes por desconhecer sua existência. Cabe, no entanto, destacar a importância do trabalho que realizou, pois, mesmo sem esse material, a autora nos possibilita visualizar as práticas ocorridas nesse espaço religioso, além de nos permitir olhar os meandros dessa hieropólis.

Essa mobilização em direção à Santa Cruz dos Milagres foi feita de negociações, como já salientamos nos capítulos anteriores, entre Estado e a Igreja. Daí a importância da construção de uma estrutura urbana que garantisse o fluxo dos devotos, que, para a Igreja, asseguraria uma maior projeção da Santa Cruz entre os fiéis católicos, tanto daqueles que já viviam a experiência de devoção desde a infância, quanto aqueles que descobriram, na pequena cruz de aroeira, a possibilidade de se verem protegidos e beneficiados com graças. Algo importante para se pensar é a capacidade de mobilização que a Santa sempre teve, pois, mesmo em um período de dificuldades de acesso à Santa Cruz dos Milagres, os romeiros compareciam. Foi a conciliação de interesses da Igreja, através da figura de Padre Davi Mendes, com o poder público, representado pelos prefeitos de Aroazes e governos do Estado do Piauí, que promoveu a consolidação da devoção.

Assim, como propõe Pierre Bourdieu (2015), é possível pensar esses antagônicos poderes mobilizados por um mesmo interesse, que se articulam, oferecendo ao fiel algo que consiga atender sua demanda religiosa, evitando, desta forma, uma concorrência, a fim de aprimorar suas estratégias para oferecer produtos e serviços aos romeiros que afluíam para o Santuário.

O capital de autoridade propriamente religiosa de que dispõe uma instância religiosa depende da força material e simbólica dos grupos ou classes que ela pode mobilizar oferecendo-lhes bens e serviços capazes de satisfazer seus interesses religiosos, sendo que a natureza destes bens e serviços depende, por sua vez, do capital de autoridade religiosa de que dispõe levando-se em conta a mediação operada pela posição da instância produtora na estrutura do campo religioso. (BOURDIEU, 2015, p. 58).

Seria importante, pensando na perspectiva do autor, analisar como a Igreja consegue sua autonomia, mas também como ela dialoga com esses elementos que também buscam se impor no universo da devoção. Não seria demais dizer que, ao negligenciarmos as relações comerciais e, portanto, de poder, que se formam no ambiente religioso, estamos excluindo algo presente na teia social. Por esse motivo, dialogamos com Berger (1985), Bordieu (2015) e Thompson (1986), teóricos que, apesar de clássicos, ainda se inserem em uma linguagem muito

contemporânea quando se trata de pensar a sociedade e sua incursão pela religião. Especialmente se observarmos seu diálogo com a experiência, na medida em que a devoção também é fruto das relações e das experiências de vida que temos, pois, mesmo que existam motivações pessoais para chegarmos até um santo, outras relações podem nos direcionar para buscá-lo.

Inspirados em E.P. Thompson, podemos refletir sobre o cotidiano desses sujeitos e sobre aquilo que os mobiliza. Aquilo que era negligenciado ou, então, condenado, e, por vezes, apenas remetido ao profano de uma festa religiosa, pode, por vezes, como a venda de santos, velas e terços, ser fundamental para a experiência religiosa dos devotos de Santa Cruz dos Milagres:

[...] verificamos que, com “experiência” e “cultura”, estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. (THOMPSON, 1986, p. 189).

Os devotos, motivados pelas graças possíveis, se tornam consumidores vorazes daquilo que estivesse relacionado com sua devoção, pois havia o prestígio decorrente da posse de um elemento mágico, que pode promover curas extraordinárias. Assim, os grupos de romeiros buscarão todo o tipo de benefício, inserindo a festa em uma outra lógica e, em algumas circunstâncias, darão outro sentido à devoção.

Além dos comerciantes itinerantes, outros sujeitos se valeram de seu prestígio para conquistar espaço nesse lucrativo domínio de Santa Cruz. Na verdade, a disputa comercial acabou envolvendo outros ministros da fé, que acabaram provocando tensões durante as Festas de Santa Cruz dos Milagres. Os três momentos de festa em homenagem à Santa Cruz, para alguns párocos, mais do que promover os sacramentos, haviam se tornado momentos em que algumas pessoas afluíam ao Santuário para venderem seus produtos religiosos.

A grande dificuldade está no vigário anterior de Santa Cruz [...] ¹². No seu tempo ele mandava imprimir estampas com a imagem da Santa Cruz para vender aos romeiros, fazendo disto uma fonte de renda pessoal. Passados 17 anos desde que entregaram a paróquia todos os anos ele vai a Festa levando

¹² Alguns nomes foram omitidos, preservando-se os personagens, pois ao longo dos dois Livros do Tombo, Padre Davi faz muitas críticas aos seus antecessores, especialmente em relação à falta de estrutura e de cuidado com o ambiente sagrado.

enorme quantidade dessas estampas, fazendo vender no comércio e por vendedores ambulantes. Até aí tudo bem, mas não se conforma só com isso e manda vende-las no alto da Igreja e no patamar. (Livro do Tombo II – São Felix do Piauí, 1984-1990).

Dentre as falas do padre, muitas delas estão direcionadas à falta de zelo com o espaço sagrado, que tornava o ambiente da santa um lugar de comércio, episódio algumas vezes comparado pelo padre ao uso que os sacerdotes faziam dos templos judeus e que foi duramente contestado por Cristo no Evangelho de Marcos, segundo o qual Cristo quebra as barracas e critica o uso da “casa do pai” como comércio.

A heterogeneidade dos sujeitos e, até mesmo, o uso dos espaços nos Santuários nos remetem ao analisado por Carlos Steil (1999) em Bom Jesus da Lapa, e que revela a necessidade que os devotos tinham de ocupar e experimentar cada lugar na terra da Santa, movimento que não era involuntário, mas que também se dirigia para a satisfação de desejos que iam para além dos religiosos, pois o homem que compra uma imagem de santo está em diálogo com seu grupo e, juntos, dão significado àquela imagem. Como aponta Berger (1985, p. 20), a atividade humana é sempre e “inevitavelmente coletiva. Embora seja possível, talvez com intuítos heurísticos, analisar a relação do homem com seu mundo em termo puramente individual, a realidade empírica da construção humana do mundo é sempre social”, ou seja, aquele que dialoga com o seu grupo dialoga também com a Santa.

Dessa forma, a própria feira carrega consigo elementos sagrados, que a desvincula de um caráter meramente profano, pois, como observado por Berger (1985), esses ambientes podem ser profanos, mas, se olharmos cuidadosamente, eles também estarão impregnados de elementos sagrados, pois ao comprar os elementos do culto eles os insere no ritual, fazendo com que as imagens, terços e a própria roupa usada nos dias de festa passe a carregar bênçãos.

[...] o antônimo de sagrado é o profano, que se define simplesmente como a ausência do caráter sagrado. São profanos todos os fenômenos que não “saltam fora” como sagrados. As rotinas da vida cotidiana são profanas a não ser que, por assim dizer, se prove o contrário, caso em que se admite que estão impregnados, de um modo ou de outro do poder sagrado (como trabalho sagrado, por exemplo). Mesmo nesses casos contudo, a qualidade sagrada atribuída aos acontecimentos ordinários da própria vida conserva o extraordinário. (BERGER, 1985, p. 39).

Considerar a possibilidade de que os homens e mulheres que conseguem ter acesso à imagem do seu santo de devoção é tornar aquilo que aparentemente parece apenas como mercadológico como algo importante no altar familiar. Se direcionarmos nosso olhar à perspectiva proposta por Eric Hobsbawm (1996), na introdução do seu livro *Ecos da*

Marselhesa, nos transportaremos ao tempo em que o comércio no povoado de Santa Cruz dos Milagres se fazia intenso no período de comemoração da Santa, momento em que as quinquilharias eram adquiridas. Rita Amaral, ao estudar as festas no Brasil, quer sejam elas profanas/civis ou religiosas, percebeu a importância do trânsito/da circulação, no caso das festas religiosas, dos elementos que ultrapassam/extrapolam sua função ritual.

Nas ruas que contornam a praça onde estava montado o arraial desenvolveu-se intenso comércio de quinquilharias, comidas e bebidas. Ao mesmo tempo, nos últimos dias da festa as pequenas barracas já não obedeciam a proibição de se colocar bancas para servir bebidas. Os excessos de bebidas em certos locais, o footing e o trottoir, a pura diversão e completa descontração das pessoas que iam ao largo fugiram ao controle da diretoria. A participação popular efetiva, na festa, realiza-se, portanto, no sentido oposto ao da ordem e do controle. (AMARAL, 2001, p. 103).

O trecho acima trata do Círio de Nazaré, festa na qual também se dá a disputa entre grupos por legitimidade, tanto a Igreja, o Estado, quanto os próprios devotos, que vivem constantemente o conflito e a negociação. No caso de Santa Cruz dos Milagres, os grupos hegemônicos são compostos pela Igreja e Estado, sendo que esse último parece atender o interesse do povo para angariar prestígio e cooptar os eleitores, enquanto a Igreja buscava coibir qualquer valor, ação ou comportamento que fosse tido como lascivo e contrário à ética cristã. Mesmo em um tempo de aproximação, o padre tentava impor a sua lógica a muito custo e, às vezes, fracassava, tanto pela falta de apoio no serviço religioso no período de festa como pelo olhar bem menos conservador dos seus devotos.

De acordo com o pároco, havia um consumo de bens condenável, que, apesar da inserção de cantos, da preparação dos devotos através do sacramento da comunhão e da confissão coletiva, se mantinha e até se intensificava a cada ano que passava. Enquanto ele mantinha essa sutil queda de braço com os comerciantes, ele esquecia-se da importância que essa “economia lúdica da fé”, como exposto por Elder Alves e Graciene Santos (2016), possuía na própria movimentação do Santuário.

A categoria de economia lúdica da fé diz respeito aos processos econômicos de produção, circulação e consumo de produtos, imagens, mensagens e práticas simbólicas presentes no espaço/ tempos dos eventos populares dinamizados pelas práticas culturais onde a fé assume um lugar capital. O Círio pode ser situado como uma festividade impulsionadora e impulsionada pela economia lúdica da fé [...] (ALVES; SANTOS, 2016, p. 344).

Fazendo uma aproximação com o Círio em Belém do Pará, diríamos que também houve um esforço, a partir de 1968, para estruturação e ampliação da devoção, pois o padre, mesmo

se preocupando com o que considerava o desvirtuamento da verdadeira devoção à Santa Cruz dos Milagres, não consegue esconder sua satisfação com os cofres cheios de oferta ao fim de suas principais festas e com o aumento da afluência de devotos que, segundo as estatísticas¹³ feitas pela própria Igreja, crescia a cada ano.

Apesar do grande crescimento de romeiros, houve prejuízos, tanto para comercio como para a festa, na Festa da Invenção da Santa Cruz, realizada em maio de 1988, devido às condições das estradas que, por conta das fortes chuvas daquele ano, que dificultaram o acesso ao Santuário, especialmente, de quem vinha de Teresina.

[Festa da Exaltação 1988] A renda financeira aumentou sensivelmente, passando de 22, 000,00 para 34, 400,00 (Trinta e quatro mil e quatrocentos cruzados novos). Mas são grandes as despesas de preparação da festa, hospedagem e pessoal de serviço, pela quantidade de gente podia-se esperar renda maior. Há de considerar-se, porém, que foi um ano muito difícil para o povo. O próprio comércio ressentiu-se muito desta situação, falando –se em prejuízo para muitos deles.

[...] Ressente-se ainda seriamente pela falta de estrada principal que liga a São Felix. Este ano o serviço de acomodações das passagens estragadas pelo inverno novamente foi feito já nos dias da festa [...]. (Livro do Tombo II – São Felix do Piauí, 1984-1990).

As dificuldades de acesso ao Santuário e os prejuízos delas decorrentes para os cofres da Igreja impediam, na visão do padre, que a devoção se tornasse grandiosa e conhecida para além da vizinhança. Faltava, portanto, uma ação mais efetiva dos agentes do estado, que deveriam realizar as melhorias na infraestrutura e nas vias de acesso à Santa Cruz dos Milagres.

No ano de 1990, no entanto, o padre percebe o sucesso que as duas festas religiosas, Invenção e Exaltação, faziam, não havendo mais distância ou dificuldade. Mas o grande movimento de fiéis durante a Festa da Invenção fez brilhar os olhos de outro grupo, os comerciantes itinerantes, que se beneficiaram das melhorias feitas para incrementar a oferta de produtos. Mesmo assim o clérigo analisou as mudanças de forma crítica:

Esta festa sempre teve caráter puramente religioso. É feita em tempo em que o Santuário fica quase completamente isolado, com as estradas cortadas. Somente se podia chegar a cavalo e a pé, o que reduzia o número de participantes e consequentemente a exploração comercial.

Com o tempo essas condições estão se modificando [...]. Assim cresce a participação e também o comércio, retirando os poucos o tem de religiosidade que envolve tudo. (Livro do Tombo II – São Felix do Piauí, 1984-1990).

¹³ O padre fazia o cálculo a partir da renda adquirida na festa, quanto maior oferta no cofre, maior o número de fiéis.

Nesse ano de 1990, houve, contudo, chuva escassa, e os comerciantes puderam chegar ao povoado, tanto por São Felix, na direção de Teresina, quanto de Aroazes, sede do município. Os três dias de contrição e silêncio, que o padre tanto almejava, seriam também utilizados pelos devotos para comprar souvenirs que irão abençoar seus lares após o retorno do Santuário.

4.2 Agradecendo a bendita Santa: Ex-votos, Pedintes e presentes na lógica da graça em Santa Cruz dos Milagres.

Observamos, ao longo dos capítulos, as diversas formas de celebrar a Santa Cruz dos Milagres. Esta heterogeneidade na celebração em nome da santa também presente nas representações da graça, algumas delas materializadas nos ex-votos, outras por atos de solidariedade entendidos como gratidão à santa e, também, os atos penitenciais, nos quais a dor tornava encerrava a dívida com a Santa. Portanto, cada ação era percebida, pelos devotos, como promessa paga.

O pagamento de promessas e as formas escolhidas para agradecer a Santa davam ao povo o poder de escolha, pois eles agradeciam de formas variadas, com sacrifícios dolorosos, como, por exemplo, a entrada na Igreja de joelho e ida a pé ao Santuário; havia ainda as ofertas de “esmola à santa”, que consistia no depósito de dinheiro no cofre de Santa Cruz dos Milagres, localizado no adro no altar, usualmente, altas cifras, que davam a dimensão do valor que tinha a graça para o devoto. Além de todas essas formas de agradecer, havia os tradicionais ex-votos, geralmente membros como cabeças, pernas, braços, órgãos internos, ou representação dos objetos conquistados, como casas, bicicletas, cavalos, dentre outros elementos que representavam graças materiais.

Os ex-votos, geralmente ligados a alguma parte do corpo, pareciam saídos de um filme de ficção, e enchiam a Sala dos Milagres de membros e órgãos recém curados. Expô-los significava para o devoto que a cura havia ocorrido ou que, caso a cura não tivesse sido efetiva, que a santa havia possibilitado o restabelecimento parcial da saúde, e era necessário agradecê-la e mostrar a outros fiéis que o milagre havia ocorrido. Desta forma, as narrativas extraordinárias saíam do Santuário e tomavam outros lugares, enchendo as terras da Santa de novos seguidores.

Havia, na época, uma recorrência nos ex-votos, sendo que a grande maioria representava a cabeça, seguida de outros membros superiores e inferiores; esses últimos, geralmente, em decorrência de ferimentos no trabalho, como cortes profundos sofridos devido à profissão que exerciam. Como era necessário voltar ao trabalho para prover o sustento da prole e sua própria

sobrevivência, as mãos e pés, que pareciam esquecidos em meio ao adro do Santuário e na Sala dos Milagres traziam as marcas dos sertanejos.

Corpos curados



Fonte: Acervo Patrícia Santos

Os acometidos por males nas mãos e pés sofriam com a dificuldade de trabalhar, pois, além do medo de se verem inválidos diante de tanta necessidade, os problemas, às vezes, eram causados em decorrência da falta de cuidado na lida no campo, que iam de ferimentos causados por algum tronco a quedas de cavalo. Mas havia ainda os problemas causados pela idade, ou mesmo por questões genéticas, que, na maioria das vezes, eram vistos como castigo, sendo, portanto, necessária a intervenção extraordinária da Santa.

Outro ponto a ser considerado é o diálogo de Santa Cruz dos Milagres com outras divindades, sendo possível notar, entre os ex-votos, a presença de imagens de outras santas muito cultuadas, como Santa Luzia, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora da Conceição, o que sugere uma grande aproximação de Santa Cruz dos Milagres com outras importantes santas populares. Há também fotografias, roupas e túnicas dos curados, em uma desordem visual, mas que tem um significado importante para o fiel que as deposita, assim como para aqueles que visualizam esse espaço de graça.

Desta maneira, os ex-votos se apresentam como uma resposta aos resultados práticos dos santos, garantindo a restauração no que parecia impossível, agindo no extraordinário, bem como resolvendo questões cotidianas que facilmente poderiam ser resolvidas por seus fiéis, visto que, para esses sujeitos carentes de tudo, ter o pedido atendido soava como uma espécie de resposta, um alento de alguém que parecia ouvir suas súplicas, como Riolando Azzi (1987) ressalta:

A fragilidade da vida levava assim o homem a sentir-se pouco responsável por ela, reforçando o caráter de seu predestino, tão bem expresso nos ex-votos, como ações de graça, acumulados nas salas dos milagres, construídas ao lado dos Santuários de devoção popular. [...] em tudo isso, um aspecto é evidente: a necessidade manifestada pelo ser humano de proteção especial, a fim de que pudesse sair vencedor nesse tão instável jogo da vida. Dessa forma, os espíritos superiores passaram a dividir com o homem a responsabilidade de sua vida individual, familiar e social. (AZZI, 1987, pp. 62-63).

Os ex-votos passavam a enfeitar os caminhos de Santa Cruz dos Milagres, sendo possível, no período das Festas de maio e setembro, encontrar partes do corpo em cada canto. Entretanto, o pagamento de promessas não se restringia ao depósito de ex-votos, mas a ações ingênuas, como afirma Padre Davi Mendes, em seu livro de memórias, mas que eram cercadas de significado para o devoto que as fazia, como por exemplo “varrer a igreja e tirar o lixo no vestido” (OLIVEIRA, 1990, p. 21), falar em voz alta com a Santa como se conversasse com uma amiga, sem contar em promessas curiosas que demonstravam a linha tênue entre a devoção e a própria realidade social desses fiéis.

[os devotos] obrigavam os animais a cumprir as promessas feitas por eles. Eu lembro bem aquela velhinha bastante alquebrada, puxando um jumento pelo cabresto, caminhando vagarosamente ao redor do cruzeiro da Igreja... com uma vela acesa no lombo do animal, presa por uma fita. [...] Morava a boa distância de uma cidade do interior, sem parente e recursos, nem mesmo uma pequena e bendita aposentadoria de hoje. Passava a semana juntando lenha como podia. E no sábado ia vender na feira. Com este dinheiro comprava alguma coisa para semana toda. Era sua sobrevivência. E um dia o jumento amanheceu doente, quase a morrer. Ela viu naquilo o seu próprio fim, apegou-se com a Santa Cruz e agora ele estava ali ajudando a pagar a promessa que ela fez por ele...e por ela também. (OLIVEIRA, 1990, p. 21).

A narrativa desse pagamento de promessa, feito pelo padre, nos redireciona às necessidades dos devotos, para quem a falta de assistência coloca a Santa como uma âncora na vida difícil. De acordo com Azzi, não era apenas a obrigação da fé que os movia, era o cotidiano, que era áspero e rude, razão pela tinham na graça o afago que precisavam. A velhinha que pede que seu animal sobreviva, também sugere a sua, e como oferta para o pagamento da graça uma vela e algumas ave marias, que era a oferta que a pobre senhora podia dar e a Santa reconhecia.

Assim pensavam seus fiéis, que, atingidos pela dura realidade social, tornavam a Santa uma semelhante sua.

As pessoas tomadas pela graça se espalhavam pelo Santuário, cada um fazia sua penitência pessoal para agradar a divindade, não bastava os sacrifícios do trajeto, era necessário mostrar como o corpo, antes sofrido, podia suportar tudo para agradecer a Santa. Para Alba Zaluar (1983), a penitência pode ser percebida como uma forma de pagamento de uma dívida, mas também pressupõe um “preconceito moral e uma nova ética religiosa: é que a romaria era oposta à festa, por não ser diversão” (ZALUAR, 1983, p. 89). Partindo do olhar da autora, e dos sacrifícios feito pelos devotos, podemos dizer que o corpo entrava em preparação desde o início da viagem, e, após cumpridas as suas obrigações com Santa Cruz dos Milagres, ele se envolvia nas outras celebrações pela terra da Santa.

A pagadora de promessa



Fonte: Jornal O Dia, setembro de 1990.

Os Jornais, na época, traziam as imagens dos agraciados, muitas vezes, em pagamentos dolorosos, posto que os fiéis costumavam seguir de joelhos do adro do pequeno Santuário até o altar, onde costumavam depositar suas ofertas, ou iam apenas apresentar seu agradecimento. Este era um ato feito tanto por idosos, quanto por jovens, pois, na verdade, não havia idade para os atos de agradecimento doloroso. Alguns, ainda, trajavam hábitos, roupas que eram usadas, especificamente, para o pagamento de promessas. Assim, a exemplo dos devotos de São Francisco de Assis, vestiam uma túnica, na maioria das vezes marrom, e a depositavam no altar, encerrando, assim, a dívida com a Santa, o que não significava o fim da relação entre devoto e Santa.

Agradecimento



Fonte: Antônio Sousa

A foto acima aponta para duas importantes peculiaridades: as túnicas, depositadas no abrigo da Santa, geralmente em tons de marrom, que representam os penitentes sertanejos e imitam, por vezes, a veste dos beatos peregrinos, eram, geralmente, feitas de algodão e tinham

como propósito proteger e garantir conforto, já que alguns devotos, pelo tempo de pagamento da promessa, continuavam exercendo normalmente suas atividades. Outro ponto a ser destacado na imagem é a falta da presença física da Santa Cruz, geralmente retirada do altar e colocada à frente do púlpito para garantir uma maior proximidade aos fiéis, mas, o fato de ser local de abrigo da Santa confere a esse espaço um lugar também de milagres, pois abriga o sagrado, ficando então cheia de ex-votos.

É importante destacar também a importância dada pelos jornais às promessas e à própria relação com a Santa. Para os fotógrafos, era imprescindível mostrar os atos de fé que ocorriam naquela região, pois, mostrar as lágrimas, sorrisos e sacrifício conferia credibilidade à Santa diante daqueles que acreditavam nela, embora a imagem fotográfica exposta no jornal tenha, evidentemente, uma clara intencionalidade. Como apontam Mauad e Lopes (2014), aqui a técnica de quem apresenta as fotos está aliada à mensagem que desejam passar, isto é, a de fiéis que se transportavam do seu cotidiano para viver dias de graça.

Dores do corpo pela salvação da alma.



Fonte: Jornal O Dia.

Na fotografia anterior, o olhar contrito do penitente sugere que sua graça foi grande, por isso, exigiu dele um grande sacrifício. Os devotos seguiam de joelhos ou, então, caminhando em direção ao Santuário e à Cruz, que, na percepção deles, os esperava de coração aberto para abraçá-los pela graça. Assim, a Cruz passa a ser comparada à Maria, pela proteção maternal que dedicaria aos seus devotos. O hábito marrom, que, provavelmente, o camponês vestiu por meses em sinal de respeito, após o pagamento da promessa, será tirado e depositado junto com os demais. Com a promessa cumprida, era hora de retomar o ciclo normal da vida, agora com um elemento a mais, as narrativas da graça.

As penitências, às vezes, eram cumpridas pela família inteira, que entendia a importância do ato para aquele que se curou, ou, por vezes, como cita Padre Davi Mendes no seu livro de memórias, eram promessas feitas por terceiros, o que não impedia que a família seguisse junto para o pagamento da graça recebida.

Família em Graça.



Fontes: acervo Patrícia Santos

Na foto acima, é possível perceber uma família seguindo o ritual de pagamento de promessa, e, pela localização deles no Santuário, supõe-se que vieram desde o adro da Igreja de joelhos, seguindo a penitência para Santa Cruz dos Milagres, com o objetivo de chegar até o altar e, assim, se encontrar com a Santa. Pela posição das mãos, acreditamos que carreguem terços, e que, muito provavelmente, estejam rezando o rosário, posto que essa era uma das formas de agradecer. O fato de estarem ajoelhados demonstra o respeito que têm pela Bendita Santa de aroeira.

As imagens, como sugere Ana Mauad (1996), têm, como função, incomodar e nos emocionar. Basta pensarmos na carga que elas trazem para quem as observa. As composições fotográficas que destacamos na tese estão repletas pela intencionalidade do autor, que mostra os fiéis passando do incômodo ao conforto, em demonstrações de intensa devoção.

É, justamente, por considerar todos esses aspectos, que as fotografias nos impressionam, nos comovem, nos incomodam, enfim imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes. Quotidianamente, consumimos imagens fotográficas em jornais e revistas que, com o seu poder de comunicação, tornam-se emblemas de acontecimento. [...] MAUAD, 1996, p. 5).

Assim, tomamos a imagem como um aporte importante, e, ao mesmo tempo desafiador para a presente tese, não apenas pelas suas possíveis interpretações, mas também pela dificuldade de acesso a fotografias referentes ao período de recorte da investigação. Como já referido em outro momento, isso, com certeza, decorreu da falta de recursos dos romeiros para fazerem o registro fotográfico, visto que havia, para cada fiel, o dinheiro guardado ao longo do ano se destinava à compra de produtos religiosos.

Para além dos ex-votos e das promessas penitentes, havia outro elemento que compunha a lógica dos milagres no período das festas, especialmente, na Festa de Exaltação em setembro: os pedintes ou esmoleres, como os devotos costumavam chamá-los. Eles ocupavam o adro do Santuário nos períodos de festa, tornando-se parte do rito religioso, pois os devotos faziam promessa de darem as “esmolas de Santa Cruz” aos pedintes, e esses aproveitavam as celebrações em honra de Santa Cruz dos Milagres para garantir sua participação na devoção.

Homens, mulheres e crianças percorriam longas distâncias, em caravanas, em busca das esmolos oferecidas pelos fiéis, que, em forma de agradecimento. Reservavam as moedas e alimentos que iriam ser distribuídos para esses pedintes, que vinham maltrapilhos, alguns deles vítimas de problemas sociais sérios, como a seca e violência no campo, e que acarretavam na fome e fuga dos seus lugares de origem. A maioria dos pedintes era composta de idosos e crianças, o que acabava acionando a misericórdia popular. Mas não eram assim tão bem vistos

e benquistos por todos, visto que, em algumas circunstâncias, sua presença tornava-se sinônimo de problemas, pois alguns pequenos furtos eram cometidos pelas crianças e adolescentes que ficavam vagando pela festa e aproveitavam a natural distração dos devotos para pegar carteiras e bolsas.

A esmola na festa religiosa e a inserção desses pedintes no ritual é um elemento forte na história dos rituais religiosos, e estava presente na devoção à Santa Cruz dos Milagres entre as décadas de 1960 e 1990, período abarcado em nossa investigação. Essa prática despertava a misericórdia dos fiéis que saíam das celebrações e se viam tomados pelas palavras de fé e amor aos semelhantes. Natalie Zemon Davis analisou essa ação nas portas das Igrejas de Lyon no século XIX, em frente às quais os mendigos apelavam para a solidariedade dos fiéis recém abençoados e tomados pela graça, algo semelhante ao que ocorria em Santa Cruz dos Milagres.

Além das crianças, quem fazia barulho e escândalo pelas ruas eram os mendigos profissionais, homens e mulheres que raramente, se é que o faziam, trabalhavam por pagamento e que usavam de toda sua qualificação para recolher esmolas. Alguns eram doentes, velhos ou deficientes e tiravam o melhor partido dessas deficiências. (DAVIS, 1990, p. 29).

Os pedintes profissionais de Lyon usavam suas dificuldades físicas para despertar a empatia dos romeiros e, conseqüentemente, abrir seus bolsos para que os inabilitados ao trabalho tivessem como comer. Seu corpo, muitas vezes, sofrido fazia com que os fiéis, inebriados pelos ensinamentos cristãos, vissem despertar sua solidariedade. Por essa lógica, os privilegiados, por terem alcançado as graças da Santa deviam ser generosos com aqueles que não as tinham conquistado. Importava, por isso, celebrar doando aos pedintes da Santa.

Muitos deles supliciavam o corpo como forma de mostrar seu sofrimento: epiléticos, deficientes, famintos e maltrapilhos expunham o corpo doloroso aos olhares dos fiéis, que escolhiam, nessa feira dolorosa, aqueles que pareciam mais necessitados para receber as “esmolas feitas graças”, que, organizados em fileiras e com mãos estendidas celebravam cada moeda conquistada.

Havia aqueles que fingiam ser epiléticos e os que fingiam ter sido mordido por cachorros louco; havia os que se passavam por carrascos ou peregrinos penitentes e mulheres que se diziam em penitência, esmolando durante o dia como Maria Madalena e “fazendo serão” mais tarde no mesmo ofício que ela tivera. (DAVIS, 1990, pp. 29-30).

Apesar da distância cronológica e espacial entre a devoção a Santa Cruz dos Milagres e o os fiéis de Lyon, observamos que as práticas ultrapassaram o tempo e se mantiveram praticamente intactas. Em Santa Cruz, era possível encontrar o pedinte epilético, a mãe amamentando, as senhoras idosas meio senis, as crianças maltrapilhas e os acometidos por

alguma tragédia, que narram suas tragédias diárias como forma de comover os ouvintes. Em suas performances propositais, visavam comover os observadores e transeuntes. Assim, as doenças preexistentes eram ampliadas, enquanto bebês chorosos no colo de mães esqueléticas expunham a miséria daqueles pedintes, que através das esmolas concedidas pelos devotos acabavam por serem incluídos¹⁴ no rito.

Pedintes de Santa Cruz dos Milagres



Fonte: Acervo Patrícia Santos.

Todas as misérias humanas pareciam estar expostas na fila de pedintes ao sol, que, sentados praticamente na porta da Igreja, assemelhavam-se quase a um quadro bíblico, em que alguns agraciados com bens e comidas deviam socorrê-los. Apesar da contemporaneidade da foto acima, as fontes revelam que leprosos, deficientes, loucos e idosos quase senis viviam de mãos estendidas esperando os milagrosos tostões dos devotos da Santa Cruz. Apesar da constrangedora presença de tantos pedintes, eles acabaram sendo integrados ao rito sem muita

¹⁴ Como já observado em outro momento, a dificuldade de encontrar fotografias do período do recorte entre 1968-1990 tornou necessário o uso das fotos mais contemporâneas. Nesse caso, são fotografias tiradas pela autora em maio de 2012.

contestação pelos devotos. O Estado, por exemplo, fechava os olhos, não havendo na documentação oficial qualquer registro de ação para conter ou proibir os pedintes peregrinos.

Padre Davi Mendes, nas suas memórias, menciona as ações misericordiosas dos fiéis, que, percebendo-os como agraciados pela Santa, pois dividem o pouco que possuem com aqueles que consideravam menos favorecidos. Esses fiéis doadores eram vistos como piedosos pelo Padre e sua ação de agradecimento seria condizente com a postura da Santa, habituada, no olhar de seus devotos, a ser sua protetora.

Santa Cruz dos Milagres é um destes lugares que apresenta ao romeiro piedoso todo este clima de espiritualidade e transcendência, ainda mais porque, sendo um Santuário novo em vista a secularidade de tantos outros, e mais, um Santuário de condições tão modestas quanto as da grande maioria de seus romeiros, exige já por si mesmo um nivelamento maior com os irmãos mais pobres, e uma aceitação penitencial de acomodações mais cômodas. (OLIVEIRA, 1990, p. 16).

A realidade da mendicância se fazia também em outros espaços de devoção, e servia, de certa forma, ao propósito da Igreja de despertar misericórdia e resiliência de seus fiéis. Mas também aparecia como problema, pois a desordem causada por tantos pedintes fazia com que a festa perdesse sua tão desejada estética e ordem e, conseqüentemente, trazia lanceiros, que aproveitavam a distração dos fiéis para fazerem pequenos furtos.

A ação de pedir esmolas era, por vezes, vista como ex-voto, quando esta estaca direcionada para os Santos e suas obras. Como observado por Antônio Araújo (2000), a região de Minas Gerais possuía muito desses pedintes, que aproveitavam-se da misericórdia dos fiéis para pedir tostões para obra dos Santos, a fim de garantir as melhorias na infraestrutura dos templos sagrados, “[...] em meio a complexa e fluida rede de relações que definiram a sociedade mineira, inseria-se [ermitão] de forma peculiar no campo das atividades religiosas, exercendo pela lícita função um papel significativo na difusão do espírito devoto” (ARAÚJO, 2000, p. 74). No caso específico de Santa Cruz dos Milagres, as necessidades eram maiores que o desejo de ajudar a Santa, não sendo possível perceber esses pedintes benfeitores fazendo seus pedidos em prol da Santa; pelo contrário, aqueles que assim se identificavam narravam histórias extraordinárias de sobrevivência, principalmente a resistência à seca ou abandono dos pais ao longo das muitas fugas da estiagem, e, para demonstrar sua ligação a Santa, a acionavam nas suas narrativas como a protagonista da vitória.

Tomamos, como proposto por Michel de Certeau (1994), a relação do devoto no pagamento da promessa como algo para além dos púlpitos, “[...] aqui a crença é entendida não como objeto do crer (um dogma, um programa etc...), mas um investimento das pessoas em

proposição, o ato de enunciá-la, considerando-a verdadeira”. (CERTEAU, 1994, p. 278), pois, como já citamos, teologicamente muitos desses atos seriam condenáveis. Entretanto, para o devoto, o que importava era pagar a dívida, sem preocupar-se com as formas como ela viria a ser paga.

Essa ação de doação é experimentada também em Bom Jesus da Lapa, e remonta à própria criação do Santuário, quando o número de devotos que se deslocavam para lá tornava a mendicância um bom negócio, e, conseqüentemente, a grande quantidade de miseráveis que frequentavam o Santuário despertava a caridade, tornando-os parte do ritual de pagamento de promessa dos devotos de Bom Jesus,

A esmola está integrada no sistema de ritos e cultos [...] quer seja ele destinado aos mendigos, quer aos santos. Os romeiros geralmente trazem uma certa quantia de dinheiro trocado na sua menor unidade, para dar a cada um dos pedintes ou para colocá-lo aos pés das imagens dos santos [...]. (STEIL, 1996, p. 72).

No caso da devoção à Santa Cruz dos Milagres, a mendicância praticamente não é citada nos documentos oficiais. No Livro do Tombo ela é apenas sugerida, mas sem grandes informações ou mesmo críticas. Como já referido anteriormente, os incômodos causados pelo grande número de mendigos mal eram apontados pelo pároco, pois, embora incômoda, ela acionava a misericórdia dos cristãos católicos, em consonância com o projeto de evangelização de Padre Davi. O pequeno povoado de ruas de terra abraçava festivamente os miseráveis que para ele se dirigiam. Assim, a mendicância deixava de ser um problema social ou reflexo das condições do homem do campo e passava a ser associada às graças da Santa, se inscrevendo “prioritariamente dentro de um sistema de valores e significados religiosos” (Livro Tombo I – São Felix do Piauí 1968- 1983). Nessa passagem, Padre Mendes faz referência a um importante trecho bíblico do Novo Testamento, no qual o evangelista Mateus atribui valor religioso ao ato de dá esmolas.

Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles. Do contrário, não tereis recompensa junto do vosso Pai que está no céu.
Quando deres esmolas, que tua mão esquerda não saiba o que faz a direita. Assim, tua esmola se fará em segredo; e teu Pai, que vê o escondido, recompensar-te-á”. (MATEUS 6: 3-4).

Em Santa Cruz, as esmolas dadas aos “mendigos da Santa Cruz” deveriam ser vistas por outros fiéis. A ação solidaria não era escondida, pelo contrário, era utilizado como publicidade, pois o pagamento da promessa demonstrava que o milagre realmente havia ocorrido, e os fiéis,

tomados pela graça, queriam demonstrar para outros devotos da Santa que a misericórdia também poderia ser um ex-voto. Retomando Carlos Steil, os devotos não se importavam com a forma como o dinheiro era gasto, pois para eles bastava pensar em como isso funcionaria na sua lógica ritual.

[...] A esmola tem sentido em si mesmo, enquanto estabelece um elo entre o doador e seu destinatário que remete sempre ao próprio Jesus, na medida em que este, no evangelho, se identifica com os pobres. [...] Nesse sentido, a questão social que produz estes miseráveis se coloca muito periféricamente para uma concepção de esmola se inscreve prioritariamente dentro de um sistema de valores e significados religiosos. (STEIL, 1996, p. 72).

Os mendigos nos permitem analisar a condição do sertanejo na época, envoltos em um universo de violência e fome, problemas que nem sempre eram causados pela seca, visto que o sertão misterioso, mesmo com seus elementos de fé e de poderes incríveis, também fazia com que convivessem com o autoritarismo e a violência. Mendigar de festa em festa apontava para a falta de pouso desses homens e mulheres e sua busca por sobrevivência junto a todos os santos. Com devoção ou não, a conveniência os tornava devotos, em um mundo, como afirmado por Cândido da Costa e Silva (1982), em que valiam menos as convenções religiosas e mais a garantia de acordar sem fome no dia seguinte.

Entretanto, em Santa Cruz dos Milagres nem toda a esmola era pública, pois havia as doações que eram feitas em silêncio, diretamente no cofre da Santa. Algumas não possuíam valor de ex-voto, e representavam o agradecimento pela vida, por milagres anteriormente conquistados, mas também podiam seguir a lógica do milagre e servir para a proteção dos fiéis. Essas ofertas geralmente eram mensuradas no final das festas com o valor arrecadado nos cofres, e, para o padre, elas também demonstravam a grande procura das pessoas pelo milagre da Santa.

A arrecadação servia de termômetro para os religiosos, e o crescimento ao longo dos anos permitiu que a Arquidiocese avaliasse o poder de atração da devoção. Na década de 1970, inclusive, haverá uma boa participação dos Arcebispos, até mesmo na procissão final, momento em que as celebrações eram comandadas pelo líder da Igreja Católica no estado, o que causava satisfação no padre e também na população, que se sentia representada e acolhida.

Havia, ainda, outro tipo de oferta que ajudava na arrecadação nas festas, que eram as ofertas doadas para os leilões, que, além de divertir, mostravam o poder aquisitivo daqueles que arrematavam as denominadas “joias”. Quanto maior o lance, mais animados ficavam os devotos, especialmente, os homens que se envolviam na disputa por produtos variados e,

geralmente, embrulhados em papel de seda ou celofane, os que, além de os deixarem expostos, conferiam aos pacotes dispostos aos olhares de todos os devotos um visual atrativo.

As doações dos leilões consistiam em galinhas assadas, guisados¹⁵ de gado e ovelhas, bolos de todos os tamanhos e sabores, e, entre os mais disputados, haviam os de milho, macaxeira¹⁶, goma¹⁷ com queijo ou roscas de goma, sabores que encantavam pelo cheiro. Além dos bolos, havia também os doces de frutas locais, como caju caramelizado e doce de abóbora com coco, os saborosos doces de banana com cravinho e doces de batata com coco. Havia ainda animais vivos, como galinhas, patos, porcos, ovelhas e cabras, que, quando não iam para o leilão, aumentavam o número de animais da fazenda Galileia. Os jornais do Estado, ao registrarem os leilões e rifas, expunham a heterogeneidade dos presentes da Santa:

Santa Cruz dos Milagres é a festa de padroeiros mais famosa do sertão e onde todos os moradores se manifestam para render suas homenagens à cruz. São levados presentes de todos os tipos, desde galinhas até bois, rapaduras, doces e artigos da região para serem leiloados. (Jornal *O Dia*, 1976, p. 6).

Os presentes dedicados à Santa ocupavam a pauta dos jornais locais, dada a sua profusão e, principalmente, por sua heterogeneidade. Os doces, geralmente produzidos na véspera da viagem, além de chegarem frescos à Santa Cruz dos Milagres, vinham com uma carga de fé e agradecimento. Não era um doce ou bolo produzidos para qualquer um, eram as guloseimas feitas para a Santa.

Os leilões eram geralmente organizados por grupos de devotos-romeiros que vinham de outras cidades já preparados para realizá-lo, mas, na maioria das ocasiões, era organizado por casais e jovens da paróquia, que faziam a publicidade do tão esperado momento, para o qual vinham pessoas importantes da região e políticos, que se animavam e se misturavam aos romeiros na disputa das tais joias.

Padre Davi, no seu livro de memórias, chega a fazer referência a presentes de grande valor, tais como colares, brincos e pulseiras dados à Bendita Santa. Esses presentes permitem inferir quais as condições sociais de alguns dos sujeitos agraciados com o milagre, pois até mesmo nas cartas que deixavam junto a essas ofertas revelavam ter consciência do valor do

¹⁵ Trata-se de carnes cozidas e, geralmente, preparadas com mais de um tipo de carne. Esse prato é feito para grande número de pessoas em festas nas zonas rurais das cidades, e é ainda muito comum no Piauí, onde a maior preocupação do anfitrião é servir bem seus convidados.

¹⁶ O mesmo que mandioca.

¹⁷ Nome popular da fécula de mandioca, utilizada no preparo de bolos e tapiocas (no Piauí, chamadas de beiju). Segundo o dicionário Aurélio, goma significa: 2. Bras. cola feita com farinha de trigo, polvilho e etc., e água.

produto, mencionando “que essas coisas do mundo¹⁸” não pertenciam à Santa, mas que com seu valor o padre executaria sua obra.

No registro que fez do ano de 1982 e sobre a Festa da Exaltação de Santa Cruz dos Milagres, o padre menciona o crescimento das ofertas e de como elas haviam crescido ao longo dos 10 anos de seu trabalho pastoral:

A participação financeira é sempre maior, apesar de mais difícil a vida. Este ano, pela primeira vez, a renda dobrou. Atingiu um total bruto de Cr\$ 1, 6530, 00- um milhão seiscientos e cinquenta e três mil cruzeiros. Depois da festa dei andamento a construção do novo altar. (Livro Tombo I – São Felix do Piauí, 1968- 1983).

As esmolas silenciosas, doadas no cofre do altar ou mesmo na hora das ofertas durante a celebração da missa, serviam especialmente para as melhorias no Santuário, como compra de bancos e bebedouros, e reformas na estrutura da Igreja, dentre outros serviços que garantiam que o singelo templo pudesse atender as necessidades dos fiéis. Como já mencionado em outro momento, ao final de cada festa, o valor arrecadado era informado, assim como onde seria aplicado.

Mas a Santa possuía alguns concorrentes, como os comerciantes itinerantes e os mendigos/esmoleres. Se os primeiros foram amplamente criticados pelo padre, os segundos tocavam em questões muito delicadas para o padre, como os preceitos cristãos tão pregados, de forma que, apesar de causarem dissabor e enfearem o povoado, não impediam que a oferta da santa fosse garantida.

Fazendo um breve quadro das ofertas de 1969, primeiro ano de padre Davi Mendes a frente do Santuário de Santa Cruz dos Milagres, até o ano de 1983, é possível perceber um crescimento de mais de 100% nas ofertas. As melhorias no Santuário tornaram-se, portanto, um atrativo tanto para os fiéis, velhos e novos, como para quem via a devoção como um negócio, isto é, os políticos ou comerciantes. O quadro abaixo demonstra essa evolução nas ofertas.

¹⁸ Na década de 1970, alguns grandes leilões foram feitos em prol do Santuário de Santa Cruz dos Milagres. Esses leilões ofereciam produtos valiosos, como TV e obras de arte, que eram entregues ao padre, omitindo-se quem presenteava.

TABELA DE OFERTAS DA FESTA DE EXALTAÇÃO¹⁹

ANO	OFERTAS NO COFRE DE SANTA CRUZ AO FINAL DA FESTA DE EXALTAÇÃO ²⁰
1969	Cr\$ 7. 500,00 (Sete mil e quinhentos cruzeiros novos)
1970	Não há citação quanto a valores arrecadados ²¹
1971	Cr\$ 16, 500, 00 (Dezesseis mil e quinhentos cruzeiros)
1972	Cr\$ 21,000,00 (Vinte e um mil cruzeiros)
1973	Cr\$ 31,200,00 (Trinta e um mil e duzentos cruzeiros)
1974	Cr\$ 41,000,00 (Quarenta e um mil cruzeiros).
1975	Cr\$ 53,000,00 (Cinquenta e três mil cruzeiros).
1976	Cr\$ 85,000,00 (Oitenta e cinco mil cruzeiros).
1977	Cr\$ 117,000,00 (Cento e dezessete mil cruzeiros).
1978	Cr\$ 181,000,00 (Cento e oitenta e um mil cruzeiros).
1979	Cr\$ 332,000,00 (Trezentos e trinta e dois mil cruzeiros).
1980	Cr\$ 480,000,00 (Quatrocentos e oitenta mil cruzeiros).
1981	Cr\$ 810,000,00 (Oitocentos e dez mil cruzeiros).
1982	Cr\$ 1,653,000,00 (Um milhão Seiscentos e cinquenta e três mil cruzeiros).
1983	Cr\$ 2,746,910,00 (Dois milhões setecentos e quarenta e seis mil novecentos e dez cruzeiros).

A tabela tem início no segundo ano de atuação de Padre Davi Mendes no Santuário de Santa Cruz dos Milagres, pois, para além da preocupação do padre com uma educação religiosa, havia uma preocupação com a infraestrutura do Santuário. Essas reformas foram feitas com as doações daqueles que, com mãos calejadas, ofertavam tanto aos mendigos da Santa, quanto para a própria Santa, pois visavam alcançar graças e a proteção da Bendita Cruz.²² Padre Davi não descuidava de mencionar as dificuldades encontradas para dar prosseguimento às obras: “esse ano foi difícil para os romeiros quanto as condições da estrada como de abrigo para os

¹⁹ A opção pelo ano final de 1983 se deve ao fato de ter sido o período em que o resultado das aplicações dos romeiros pode ser observado nas melhorias no templo.

²⁰ A Festa de Exaltação, que ocorre em setembro, corresponde à festa que conta com o maior número de devotos. Por esse motivo, optamos por considerar os valores arrecadados nesta que é tida como a maior festa, e que merece também o maior número de menções pelo padre no Livro do Tombo.

²¹ No registro desse ano, o padre menciona o grande número de fiéis no Santuário, mas se detém mais na presença do governador do Estado e de sua comitiva, aspecto que foi tratado no segundo capítulo.

²² A tradição oral diz que a oferta que é dada ao santo deve ser feita de coração. Há, ainda, a necessidade de doar um valor considerável para garantir o milagre e também sua total efetivação.

mesmos. A seca se manifestou como nunca, não se encontrando quase nada verde na região”. (Livro Tombo I – São Felix do Piauí 1968-1983). Mas eram justamente, essas circunstâncias, que pareciam levar os fiéis ao desespero, que renovavam a esperança de seus fiéis e os levavam a financiar a “obra da Santa”.

As circunstâncias adversas enfrentadas pelos devotos ficam evidentes na decretação de estado de calamidade no estado pela Assembleia Legislativa do Estado do Piauí no ano de 1980. À seca se somaram os saques, que ocorriam também nos estados vizinhos, e eram a grande preocupação dos deputados. O crescimento das ofertas em anos de seca ou desordem social esteve, portanto, relacionado com a situação vivida por muitos desses devotos, que, como dizia Padre Davi Mendes, eram movidos por uma fé no sobrenatural, no extraordinário que viria da Santa.

Faltando poucas horas para o governo decretar calamidade na totalidade dos municípios piauienses, o assunto que ocupou a maior parte do horário da sessão ordinária da Assembleia ontem foi exatamente esse. A oposição e governo estão pedindo que a calamidade seja decretada em todo o estado, para que aqui não ocorra o que se verificou nos estados do Ceará e Rio Grande do Norte, onde o comércio começa a ser saqueado por famílias famintas que abandonam suas terras por falta de emprego e tangidos pela fome. (Jornal *O Dia*, 1980, p. 3).

Os Santuários, nessas situações, passam a servir como um espaço de graças e benções de formas variadas, quer sejam elas materiais ou não-materiais, como apontam John Eade e Michael Sallnow (1991), que, em certa medida, dialogam com a perspectiva de Berger, de que, nesses Santuários, se forma um mercado religioso que não disputa mais apenas com outras religiões. Nesse caso, são os bens materiais, os ditos bens não religiosos, que acabam interferindo no culto e passam a ser incorporados a ele. Carlos Steil também aponta para as mudanças nesse espaço de devoção:

Se hoje as indulgências não podem mais ser comutadas ou vendidas, como acontecia nos Santuários medievais, as doações em dinheiro, velas, missas pelas almas e todas as espécies de ofertas monetárias acabam sendo incorporadas dentro do circuito religioso de mercado do Santuário. (STEIL, 1996, p. 80)

No Livro do Tombo dos anos de 1979, 1980, 1982 e 1983 fica atestada a necessidade que os devotos sentiam de, mesmo em crise, garantir as ofertas com a divindade, e, a exemplo dos fiéis de devotos de Padre Cícero, analisados por Régis Lopes (1998), os fiéis de Santa Cruz também criavam um mercado de proteção em que ofertas em dinheiro, peças para o leilão e

esmolas para os mendigos demonstravam o tipo de graça que buscavam alcançar e o valor que davam ao milagre.

No mercado da proteção, o fiel negocia com o sagrado apostando na boa vontade do protetor. No pedido de alguma ajuda, o afilhado constrói com o “Padrinho Cicero” como um pai de compreensão e não como um pai de punição. Nessa economia de trocas, o argumento conveniente para o devoto é moeda corrente. A astúcia do protegido em busca de proteção não é um pecado. (LOPES, 1998, p. 38).

As formas de buscar a misericórdia da divindade eram muitas e, em tempos de crise, era necessário, para além das preces, uma dose de ousadia, que, na maioria das vezes, era vista pela divindade como inocente, sendo que era essa percepção dos devotos-romeiros que os fazia manter alguns ritos, em evidente oposição ao que pensava e propunha o padre. Tendo em vista essas artimanhas, os devotos, que sofriam com a seca e com a crise econômica da década de 1980, abraçavam a divindade e tudo aquilo que pudesse ligar-se a ela.

No ano de redenção de Santa Cruz dos Milagres e da benção do Santuário, em 1983, o padre mencionou a grande seca que assolava o sertão e manifestou sua surpresa com a renda arrecadada. Apesar da miséria do povo e das dificuldades diárias dos sertanejos, aquele rincão do sertão parecia encantado, livre da violência e das lutas de todos os dias, ocupado por verdadeiros sobreviventes, que solicitavam graças e proteção recheando os cofres da Santa.

O ministro do interior Mario Andreazza, concordou ontem que o Nordeste está caminhando para situações difíceis, mas não via nas invasões a municípios do interior o início de uma convulsão social- Estamos com cinco anos consecutivos de seca e os efeitos se acumulando. Estamos enfrentando o período mais difícil. O problema maior é quanto ao desemprego. Caminhamos para situações muito mais difíceis, se não conseguirmos criar condições dignas de sobrevivência para as populações do interior disse o ministro. (Jornal *O Dia*, 1983, p. 2).

Outra atividade realizada para arrecadar dinheiro para os cofres da Santa eram as rifas, que, apesar de não serem tão recorrentes, eram feitas, geralmente, quando as ofertas dadas à Santa eram de objetos como bicicletas, joias, cosméticos e perfumes, que eram doados pelos fiéis para que fossem revertidos em obras para a Santa Cruz dos Milagres. Esses grandes prêmios geralmente eram doados pelas importantes famílias da região ou por devotos mais abastados, embora não haja no Livro do Tombo qualquer referência a doações feitas por políticos.

Provocou muito interesse esse ano [1971], a rifa de uma bicicleta oferta do Dr. Jeremias Pereira da Silva e Dona Lourdes sua esposa, atingindo a importância de Cr\$ 2, 344,00 (Dois mil trezentos e quarenta e quatro mil Cruzeiros). A

renda financeira da festa foi realmente extraordinária [...]. (Livro Tombo I – São Felix do Piauí, 1968- 1983).

Concomitantemente a essas outras formas de pagamento de promessas que apresentamos acima, seguiam majoritariamente ocorrendo as mais dolorosas, que eram vistas por Padre Davi Mendes como algo a ser avaliado, pois refletiam, como ele dizia, a “pureza e originalidade desta espiritualidade” (MENDES, 1990, p. 20), sendo algo perturbador aos seus olhos e seus ensinamentos litúrgicos. Vale lembrar que, para Michel de Certeau (2011), a Igreja confere importância ou não a determinadas ações dos seus fiéis, pautada nos interesses litúrgicos que essas ações venham a ter;

Sempre apoiado em regras que caracterizam um estatuto da sociedade eclesial, a censura clerical extrai da massa da literatura hagiográfica uma parte “conforme” a uma norma do saber: esta parte será canônica e canonizável. O resto, que é o principal, é julgado severamente, mas tolerado por causa de sua utilidade para o povo. (CERTEAU, 2011, p. 296).

Era essa pura espiritualidade descrita por Padre Davi Mendes que acabava se traduzindo nos excessos, pois se manifestava como expressão de uma fé feita de dor e festa, elementos que não eram sinônimo na liturgia católica, na medida em que o mesmo o corpo condenado à dor deveria seguir puro, sem as máculas do mundo profano, algo que não correspondia à lógica dos devotos de Santa Cruz dos Milagres. É preciso também considerar que a própria narrativa dos milagres de Santa Cruz não nasceu no seio da Igreja, ou seja, não há uma hagiografia que sirva de exemplo, pois, na verdade, quem personifica a Santa são seus devotos e são eles também que constroem, anteriormente à apropriação da devoção pela Igreja, uma relação de crença.

Por não possuir uma hagiografia e, principalmente, pela impossibilidade de se construir uma narrativa eclesial de um objeto de devoção, a Santa, que se torna madrinha de seus devotos, tem suas bênçãos contadas pelos fiéis que enxergam nela os traços da graça. Assim, a Bendita Cruz é a madrinha protetora, que recebe os ex-votos, que acolhe os penitentes, que celebra a esmola dos seus mendigos. Uma cruz que se fez santa por seus devotos em uma Igreja que foi acolhida somente posteriormente na devoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...]

Deus vós salve os santos, lá da Santa Cruz;
 Deus vós salve as águas que nos deu saúde;
 Deus vós salve as águas que nos deu saúde;
 Que nos deu saúde, mas Jesus também.
 Se eu não morrer paroano eu venho,
 Paroano eu venho, mas depois também no céu
 e na terra para sempre amém.

(Romeiras de São Francisco do Maranhão – 2012).

A pesquisa de Santa Cruz dos Milagres foi quase um exercício de devoção, quer pelos sacrifícios da busca por novas fontes para o trabalho, quer pela atenta escuta e análise das narrativas dos milagres, que traziam as experiências de graças incríveis promovidas pela Santa Cruz dos Milagres ou pelo *combo milagroso* Santa Cruz dos Milagres e Olho d'água dos Milagres, que como apontado ao longo da tese garantiam saúde e alegria a quem a eles apelava.

O bendito acima revela muito sobre a fé que os devotos tinham e ainda têm na Santa e sobre os pedidos de proteção que parecem não se esgotar. Nele, o santo é cúmplice dos seus devotos e com eles compartilha um cotidiano de luta, tanto por sua representação nos altares familiares, quanto no nome que põem nos filhos ou nos negócios. Se entendem a Santa Cruz dos Milagres como a responsável por seu sucesso, logo, como agradecimento, batizam o negócio com o nome da Bendita Cruz, na cidade homônima. Para cada lado que se olha é possível notar o poder da providência, das graças concedidas por Santa Cruz disposta nos letrados.

Minha curiosidade - de historiadora sertaneja e apegada à terra - foi despertada por essas narrativas de uma Santa Cruz que tomam conta do estado do Piauí, com milagres que parecem brotar a cada novo registro de cura ou de graças alcançadas. No meio do sertão, entre as dores e doenças da filha do vaqueiro, ela fez surgir a graça onde não morava a esperança. Motivada a desvendar a história dessa secular devoção, procurei conhecer os lamentos e as celebrações dos devotos da Bendita Cruz, que, tímidos, se mostravam acanhados a cada indagação.

A pesquisa que compartilhamos nos capítulos dessa tese é resultado de oito anos de imersão no universo religioso piauiense, mais precisamente, no catolicismo popular do estado do Piauí. É produto de visitas a Arquivos diocesanos, ao Arquivo Público do Piauí, à Câmara de Vereadores da cidade de Aroazes, à Assembleia Legislativa do Estado e ao Arquivo Público do Estado do Maranhão, além de exercícios etnográficos sobre as principais festas religiosas do

estado, de festas mais simples e pontuais como as celebrações ao Divino ou o pagamento de promessas individuais que culminavam com as festas em homenagem aos santos.

Essas considerações finais trazem uma lógica narrativa diferente, pois se propõem a expor as lacunas ainda não preenchidas pela pesquisa que realizamos sobre a devoção, uma manifestação de religiosidade popular registrada em muitas narrativas orais e em uma documentação dispersa ou extraviada. A documentação mais organizada tem início em 1957, quando o pequeno Santuário ainda pertencia à paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição em Valença, e na qual encontramos pequenas menções às festas ou mesmo às obras feitas no Santuário, que ainda consistia numa pequena capela.

Apenas em 1968, com a primeira grande divisão de paróquias no Piauí e, com a transferência da tutela de Santuário da Igreja de Nossa Senhora do Ó e Conceição para Igreja de São Felix, que as narrativas da devoção começam a ter registros sistemáticos e, conseqüentemente, se pode contar uma história da Bendita Cruz. O ano também sugere um período de consolidação da devoção, com uma participação mais efetiva da Igreja Católica, apesar da devoção já ter à época quase 200 anos. Acredita-se que o primeiro documento sobre Santa Cruz dos Milagres data de 1888, quando da autorização da construção da primeira capela para proteger a Santa. Infelizmente, o documento não pôde ser localizado, nem nos arquivos em São Luís, no Maranhão. O máximo que conseguimos localizar foram registros sobre a dificuldade de gerenciar as Igrejas e Capelas na região do Piauí, além de algumas autorizações para construções de capelas, mas nenhum dos documentos fazia referência direta à Santa Cruz.

Para reconstituir a origem da devoção, recorreremos aos Livros do Tombo e ao Livro de notas do bispo da época, Antônio Cândido de Alvarenga, mas as informações encontradas são poucas, o que pode ser atribuído ao fato de que a região pesquisada era ainda pouco provida de religiosos e distante da sede arquidiocesana, sendo que o território de Santa Cruz dos Milagres se encontra separado por 648 km de péssimas estradas. Diante das dificuldades de acesso, outras fontes foram localizadas e analisadas com o objetivo de compreender como os muitos atores vivenciaram a devoção à Santa Cruz dos Milagres.¹ Face à necessidade de fazer escolhas, optamos por deixar de lado as fontes orais, tais como os relatos de milagres e graças relatados pelos devotos, o que nos permitiu analisar a devoção à Santa por outro ângulo, não menos desafiador, na medida em que cotejamos as fontes produzidas pela Igreja com fontes

¹ Cabe esclarecer que, no que diz respeito à relação dos políticos tanto estaduais, quanto municipais com a Santa Cruz, percebemos a apropriação, muitas vezes, da devoção por esses poderes institucionais, mas preferimos não trabalhar no sentido foucaultiano e, sim, a partir dessas experiências, tanto as do devoto e da Igreja, quanto do Estado.

administrativas e com as matérias jornalísticas. Assim, se, por um lado, nos vimos cercados por fontes que falavam pela voz da instituição, outras procuravam dar conta da voz do povo, que, aos olhos dos párocos e dos intelectuais, era baderneiro e devotava de forma desordenada a Santa Cruz.²

É verdade que um personagem assoma, e com certo protagonismo, das páginas da tese, o Padre Davi Mendes de Oliveira, que viu na devoção a Santa Cruz dos Milagres uma forma de restaurar a fé católica no estado, que hoje ainda é considerado o mais católico do Nordeste. Chegamos a esse padre não apenas pela consulta feita ao Livro do Tombo ou ao seu livro de memórias, mas, também, pela oralidade, tanto pelas falas de seus apoiadores, quanto de seus detratores. Dentre aqueles que apoiaram as tentativas de ordenamento das festas em homenagem à Santa, estão aqueles que as percebiam como necessárias, pois “as pessoas extrapolavam e criavam baderna na festa da Santa”.³

Em nossa pesquisa para a tese pudemos constatar que a maioria dos devotos de Santa Cruz dos Milagres, no período por ela abarcado, era de analfabetos ou semianalfabetos, que, por essa razão, pouco produziram de memórias escritas sobre a devoção. Assim, a continuidade e a popularidade da devoção à Santa Cruz dos Milagres não se deram pelos escritos proféticos de homens tomados pela graça ou pela pena de homens de letras,⁴ mas pelas histórias contadas nas reuniões que ocorrem nas fazendas, sítios, vilas e mercados. Se deram pelo encontro entre semelhantes, fiéis que tornaram a celebração possível e, conseqüentemente, seguiram buscando a Bendita Santa.

E, para o êxito e continuidade dessas narrativas orais, é preciso considerar que os relatos de graças extraordinárias promovidas pela Santa Cruz dos Milagres contagiavam e seguem contagiando. Afinal, eram milagres tão incríveis que, dificilmente, eram contestados. Eram curas difíceis e, por isso mesmo, possíveis apenas para a Santa. É essa percepção que faz com que, de olhos marejados, um devoto narre, desta forma, a graça alcançada: “estava desenganado e minha madrinha me curou, eu estava com a mão em carne viva e inchada, preta, ia amputar, mas minha mãe pediu uma graça e me curei”. Ou, então, o que faz com que uma afilhada de

² Se, em nossa pesquisa de mestrado, nos aproximamos das narrativas orais dos devotos da Cruz, na tese, priorizamos a documentação que localizamos nos Livros do Tombo, com o objetivo de analisar as negociações e os conflitos que caracterizaram a relação entre a Igreja Católica e os devotos no recorte temporal definido.

³ As falas dos devotos foram feitas de forma espontânea, em diálogos informais com devotos ao longo das festas (Invenção e Exaltação) nos anos de 2008, 2011, 2012 e 2017. A maioria só aceitou conversar de modo informal, sendo os pontos mais importantes descritos em cadernos de pesquisa feitos pela autora, como forma de narrar os episódios vistos pela pesquisadora.

⁴ Para Bataille, o homem contemporâneo está orientado pelo desejo de continuidade devocional, e, por isso, mata o Deus ancestral, substituindo-o por um Deus mais “popular”, primeiro o “Deus Judeu e depois o Deus Cristão” (2015, p. 44).

Santa Cruz dos Milagres, ao receber a graça e perceber o poder divino da Santa, e, por fim, sua proteção perpétua, diga: “Eu estava desenganada, mas minha madrinha me curou”.

Em nossa investigação, mais do que conhecer a percepção sobre os devotos, pudemos conhecer os fiéis romeiros, aqueles que vivem a devoção de forma ruidosa, recorrendo a dois autores que consideramos fundamentais para tratar das memórias produzidas pelos devotos, a brasileira Verena Alberti (2004) e o italiano Alessandro Portelli (2016). Assim como para Alberti, entendemos que algumas coisas podem ser respondidas pelos documentos, mas nenhum documento é capaz de abarcar as memórias, lágrimas e alegrias de quem conquistou a graça. E nem mesmo é capaz de prever as táticas dos fiéis para manter suas práticas religiosas ou mesmo suas promessas, que, por vezes, eram vistas como exageradas e desordenadas pelos párocos e intelectuais.

Só as memórias podem nos remeter ao tempo dos devotos. Aquele em que, de olhos fechados e ativando as lembranças, experimentamos os barulhos da festa, com as orações se sobrepondo aos bailes, o cheiro de velas misturando-se ao perfume agridoce das prostitutas e aos temperos dos guisados oferecidos nas barracas. Ainda recorrendo a Verena Alberti (1996, p. 5), diríamos que tomamos emprestados as falas e as “transformamos em objeto de estudo”, sujeitos, em certa medida, as mesmas armadilhas da documentação escrita, pois estamos sujeitos à compreensão de quem fala e às suas intencionalidades. Alessandro Portelli, por sua vez, afirma que um dos recursos mais importantes para a análise dessas narrativas é a sensibilidade do pesquisador, a quem cabe restituir o significado e a importância, já que “nesse lugar de memória, as vozes se cruzam” (PORTELLI, 2010, p. 29). A pesquisa possibilitou, ainda, a conciliação de instrumentos analíticos antropológicos e históricos, que permitiram que contemplássemos histórias pessoais que, por vezes, se confundem com a história do próprio Santuário, com documentos que, em alguns momentos, parecem transitar pelo universo fantástico dos devotos.

Se pensarmos por exemplo, nas transformações ocorridas na devoção ao longo dos anos, perceberemos como as memórias foram mantidas na dinâmica ritual, nos repetidos ciclos festivos, que se renovam a cada ano, como alguns ritos que permaneceram praticamente intactos, como os pagamentos de promessa dolorosa, com fiéis cumprindo um longo trajeto de joelhos, e a própria prática da esmola como voto. Não é à toa, que uma verdadeira rede de mendicância foi criada com famílias se deslocando para ocupar o lugar como “mendigos de Santa Cruz”.

Foi a importância dada por homens e mulheres à devoção que levou a própria Igreja Católica a ocupar o Santuário. Vale ressaltar que o espaço já era administrado por uma paróquia,

mas as próprias fontes dão conta de fraudes e do pouco investimento no espaço de devoção, sendo inclusive pouco assistidos pela própria Diocese do Piauí. As menções às festas em homenagem à Santa são superficiais, apesar de terem ocorrido algumas intervenções do então bispo Dom Severino Vieira de Melo, em 1929. É possível, a partir de então, perceber uma intervenção maior da Diocese no norte do Estado, inclusive no controle das festas. Essa ação teria possibilitado o aparecimento de diversas devoções populares⁵ no sudoeste e sul do estado, que, mesmo baseadas nos ritos católicos, elevaram ao posto de santos e santas sujeitos marginalizados que não haviam recebido a glória dos altares.

Outro ponto que merece ser destacado é a atuação dos padres nas questões políticas, quer nas ações elogiosas a determinadas famílias, quer nos conflitos com grupos que tiveram suas ações condenadas, como as referidas no Livro do Tombo da Diocese do Maranhão. Essa atuação permitia uma aproximação dos clérigos com as “coisas do mundo” e fundamentava muitas de suas críticas à própria ação da Igreja. Um exemplo disso foram as reclamações em relação à distância da diocese, que não foi resolvida com a criação da Diocese do Piauí, e que mereceu duras críticas do Monsenhor Chaves (2013), mais preocupado com questões burocráticas do que com a ação pastoral propriamente.

Até mesmo Padre Davi Mendes se viu envolvido nas disputas políticas, não necessariamente em Santa Cruz dos Milagres, mas em São Felix, onde ficava a sede do Santuário. Ele menciona, inclusive, ameaças e agravos à sua honra por parte de políticos locais, tema sobre o qual optamos por não discorrer na tese. Como procuramos demonstrar, Padre Davi investiu significativamente em melhorias no Santuário a partir de 1970, o que atraiu políticos, governadores, deputados, vereadores e seus correligionários para a Terra de Santa Cruz em busca da benção da vitória nas eleições e do voto dos fiéis eleitores. Essa prática é ainda observável na cidade, sendo que nos anos eleitorais podem ser vistos muitos políticos da esfera estadual ou municipal, que se mostram munidos do mais sincero sentimento religioso, visitando o Santuário em busca das benções da Santa.

Em termos dessa disputa entre o religioso e os políticos que caracterizou o período contemplado na tese, foi possível notar, por exemplo, o conflito velado entre o Padre e o prefeito de Aroazes, que algumas vezes excluía o religioso das inaugurações de obras no então povoado de Santa Cruz dos Milagres, sendo que o prefeito usava as melhorias na infraestrutura como

⁵ Apenas para citar alguns santos na região de Santa Cruz dos Milagres temos: Finado Tertuliano Lima em Valença, Finada Auta Rosa em Amarante. Maiores informações em: NUNES, Maria Cecília de Almeida; RIBEIRO, Verônica Maria Pereira. Manifestações Folclóricas. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Piauí: formação, Desenvolvimento e Perspectivas*. Teresina: FUNDAPI, 1995.

plataforma política, o que desagradava o pároco. Na verdade, essa situação nos suscitou um questionamento: o padre estaria incomodado com o uso político da Santa ou com a exclusão do seu nome nas questões que envolviam o povoado? A pesquisa que realizamos parece sugerir que o momentâneo ostracismo a que era submetido o padre o incomodava mais do que a utilização da Santa como “cabo eleitoral”.

Para além das questões políticas, é preciso considerar ainda a dimensão econômica da devoção à Santa Cruz dos Milagres, que pode ser atestada na grande procura por parte de comerciantes itinerantes para as celebrações à Santa. Mas, diferentemente de outras importantes cidades que têm o movimento religioso como sua mola propulsora, Santa Cruz dos Milagres não teve o sucesso esperado, pois a cidade ainda é pequena e tem a maioria da população dependente do município. Não há na cidade, curiosamente, projetos voltados ao turismo religioso, apesar de a cidade receber um fluxo de romeiros em todos os períodos do ano. O comércio em torno do Santuário, por ocasião das festas, não despertou, ainda, a atenção dos pesquisadores locais, sendo apenas citado de maneira pontual. Entendemos, no entanto, que a disputa entre bens religiosos e bens não religiosos é extremamente importante na dinâmica das festas de Santa Cruz dos Milagres, e, por esse motivo, optamos por abordá-la na tese, na medida em que o comércio, que não possui o mesmo valor simbólico da Santa, serve de sustentáculo na manutenção do templo. Se analisado a partir da perspectiva do turismo religioso, tomando como foco os patrimônios material e imaterial da festa e também a própria produção de bens não religiosos, o comércio evidencia que o Santuário se constitui também em um espaço de compras, no qual os devotos cobertos de bençãos da Santa enchem os bolsos de quem comercializa na Terra da Santa.

Um novo Santuário de Santa Cruz dos Milagres teve início em 2013, tendo sido inaugurado em janeiro de 2016. Construído também em formato de Cruz, ele tem capacidade para aproximadamente 5 mil pessoas, número que triplica no período da festa. Nele, se apinham as pessoas que, contritas e quase hipnotizadas, observam a Santa em seu altar. O novo Santuário traz as marcas dos devotos, pois em cada banco da Igreja encontramos as marcas de famílias e grupos que doaram recursos para a compra dos móveis do templo, em uma ação que nos remete ao período colonial em que a compra de paramentos permitia um lugar “à direita do pai”. A inauguração desse novo templo mereceu destaque nos jornais impressos, televisivos e eletrônicos locais, sendo que através dele o sonho dos devotos da Santa e do Padre Davi Mendes tornou-se realidade, pois ele representava a magnitude da devoção à Bendita Cruz.

O templo antigo, contudo, mantém-se imponente em cima do morro, guardando a relíquia preciosa de Santa Cruz dos Milagres, mantendo viva a memória de seus fiéis e

possibilitando a construção de novas memórias, que, por vezes, se confundem com a própria história do Santuário. Ainda é possível ver devotos seguindo em paus de arara para a cidade santa, assim como os acampamentos improvisados instalados debaixo das árvores secas da caatinga. Pode-se ver ainda os romeiros aproveitando os banhos no rio São Nicolau, que além de espantarem o calor, garantem o banho do dia, ou, então, consumindo cerveja e quitutes feitos de iguarias locais, como galinha caipira, panelada e sarapatel. Os devotos ainda sobem o morro no fim do dia para dar início às novenas, para comungar com a Santa e soltar fogos, entrecortados por vivas. E, após terem sido cumpridos os ritos devocionais, os devotos descem novamente o morro, para, então, aproveitar o resto da noite nos bailes e bares, de forma ainda tão semelhante ao que ocorria nos anos 1970 e 1980.

Mas o que ainda nos impressiona após esses anos de pesquisa é perceber como a devoção constrói os sujeitos e suas crenças. A aridez do solo, as dificuldades de hospedagem e, até mesmo, de deslocamento, não impedem que os devotos mantenham sua fé ano após ano. Mas a essas práticas que se mantêm praticamente inalteradas desde os anos setenta, aparecem outras práticas que podem ser hoje capturadas pela câmera dos celulares, que tornam acessíveis imagens da devoção através das redes sociais.

Santa Cruz dos Milagres pode ser considerada, ainda hoje, como um dos maiores movimentos de devoção popular do Nordeste, não só pela quantidade de devotos que atrai, mas, também, pelo número de bens e serviços que são movimentados durante suas festas. A tese que produzimos sobre a devoção à Bendita Cruz não se constitui, certamente, em um ponto final, pois há ainda muitas questões a responder e aspectos a desvendar. Nosso olhar seguirá, por isso, voltado para a Cruz de aroeira, espreitando o pôr do sol do estio que cobre de vermelho alaranjado os morros da Terra de Santa Cruz, fonte segura de inspiração para futuros trabalhos.



Novo Santuário de Santa Cruz dos Milagres – Inaugurado em janeiro de 2016.

REFERÊNCIAS

Fontes:

ARQUIDIOCESE DO PIAUÍ E TERESINA. Decretos e Normativas (1926 – 1955). Teresina: Cúria Metropolitana.

_____. *Livro do Tombo da Diocese do Piauí e Teresina* (1954- 1971). Teresina: Cúria Metropolitana.

DIOCESE DO MARANHÃO. *Livro do Tombo Diocese do Maranhão e Piauí* (1856 – 1898). Maranhão.

AROAZES. *Ata da Câmara Municipal de Aroazes*, exercício de 1971 a 1979. AROAZES: Câmara Municipal.

_____. *Lei n° 04 de 09 de maio de 1977*. Autoriza o executivo municipal a construir uma estrada carroçal ligando o povoado Santa Cruz dos Milagres ao lugar alto bonito e dá outras providências. Aroazes: Prefeitura Municipal, 1977.

_____. *Lei n° 14 de 26 de julho de 1977*. Abre Crédito especial e dá outras providências. Aroazes: Prefeitura Municipal, 1977.

_____. *Lei n° 22 de 04 de setembro de 1984*. Institui feriado municipal no dia 13 de setembro, consagrado a Santa Cruz dos Milagres, padroeira do povoado Santa Cruz dos Milagres, deste município. Aroazes: Prefeitura Municipal, 1984.

BINGOS SERVEM DE “BICO” PARA DESEMPREGADOS. *Jornal O Estado*, ano XII, n° 2575. Teresina, 15 de set, 1981.

CAMINHÃO VIROU: 10 MORTOS E 13 FERIDOS. *Jornal O Dia*, ano XIX, n° 2802. Teresina, 11 de set. 1969.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998.

DEPOIS DA SECA, O BINGO. *Jornal o Dia*. Teresina, ano XXX n° 7641.

DEPUTADOS DEFENDEM CALAMIDADE. *Jornal o Dia*, ano XXIX, n° 7252, Teresina, 6 de maio de 1980.

DIRCEU UNE-SE AO POVO NA FESTA DE SANTA CRUZ. *Jornal O Dia*, ano XXV, n° 4584, Teresina, 15 de set 1976.

DOM AVELAR FALA A REPORTAGEM DE O DIA. *Jornal O Dia*. Teresina, Ano XVIII, 15 de dez 1968.

DOM AVELAR VISITA O PAPA. *Jornal O Dia*. Ano XIX nº 2824, Teresina, 8 out. 1969.

FERREIRA, J. Fonseca. Instrução Pública Piauiense. *Jornal o Piauhy*. Teresina, ano XIX 08. 02. 1909. nº 994.

VALENÇA, *Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição*. 1958-1990.

SÃO FELIX DO PIAUÍ. *Livro Tombo I – Paróquia de São Felix*, 1968-1983.

_____. *Livro do Tombo II – Paróquia de São Felix*, 1984- 1990.

MELLO, Matias Olímpio. Das Escolas Normais II. *Jornal O Piauhy*. Teresina, ano XIX. 01. 1909. Nº 990.

MELLO, Matias Olímpio. Festas Populares Piauienses. In *Revista Litericultura*. Ano I. nº 4. Teresina: Tipografia Paz, 1912

NOTAS E COMENTÁRIOS. *Jornal O Apostolo*. Teresina, ano VI, outubro de 1912, nº 272.

O GOVERNADOR VAI A SANTA CRUZ. *Jornal O Piauí*. Ano XX, nº 3139, Teresina, setembro de 1970.

PIAUI. Mensagem do Governador João Clímaco de Almeida. Teresina: COMEPI, 1970.

REUNIÃO DE BISPOS. *Jornal O Dia*. Ano XIX, nº 2819, Teresina, 1º out de 1969.

SANTA CRUZ DOS MILAGRES. *Decreto de Criação da Paróquia de Santa Cruz dos Milagres*, 06 de janeiro de 1997.

_____. *Manual do Romeiro: Terço da Divina Santa Cruz*, 2007. p. 5.

SITUAÇÃO NO NORDESTE FICA MAIS DIFÍCIL. *Jornal O Dia*. Teresina, ano XXXII, nº 5.623,

VAQUEIROS PROTESTAM CONTRA A DECISÃO DO PADRE DE AROAZES. *Jornal O Dia*. Ano XXV nº 4581, Teresina, 10 set 1976.

Bibliografia:

ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

AGUIAR, Marcondes Heberte. “A juventude e a luta pela terra no Piauí: memórias no processo de construção do assentamento Marrecas – PI (1985- 1994)”, – Dissertação de Mestrado em Memória, Linguagem e Sociedade. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

ALBERTI, Verena. *O que documenta a fonte Oral?* Possibilidades para além da construção do passado. In II Seminário de História Oral. Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

_____. *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBURQUEQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Memória Cronológica Histórica e Corográfica da Província do Piauí*. 4ª ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015. Coleção Centenário.

ALVES, Elder P. Maia; SANTOS, Greciene Lopes dos. PATRIMÔNIO IMATERIAL E TURISMO RELIGIOSO: ESPETÁCULO E CONSUMO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA. In RODRIGUES, André Figueiredo; AGUIAR, José Otávio (orgs.). *História, religiões e religiosidade: da Antiguidade aos recortes contemporâneos, novas abordagens e debates sobre religiões*. São Paulo: Humanitas, 2016.

AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira: Sentidos do festejar no país que “não é sério”*. São Paulo: EbooksBrasil, 2001.

ANDRADE, Solange Ramos. *A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir*. In *Projeto História: revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo: EDUSC, 2008.

ARAÚJO, Antonio Luiz d'. *Arte no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

AZZI, Riolando. *A teologia no Brasil: considerações históricas*. In DUSSEL, Enrique (et al.). *História da Teologia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 21- 43.

_____; GRIJP, Klaus Van der. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo III (1930-1964)*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BASTOS, Cláudio. *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: FMC, 1994.

BARROS, LUITGARDE OLIVEIRA CAVALCANTI. *Literatura e memória – O Sertão de Ulysses Lins de Albuquerque*. In ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli

- Napoleão. *De Sertões, Desertos e Espaços Civilizados*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001, p, 101-109.
- BATAILLE, George. *Teoria da religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. *Os Santos Nômades e o Deus estabelecido: um estudo sobre religião e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II (1959- 1965)*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BIBLIA SAGRADA*. 118ª ed. São Paulo: Ave-Maria Ltda., 1998.
- BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BORDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. *A economia das trocas simbólicas*. 8ªed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BORGES, Célia Maia. A religiosidade dos colonos: a força das imagens e dos rituais. In PASSOS, Mauro e NASCIMENTO, Mara Regina (orgs.). *A Invenção das devoções: Crenças e formas de expressão religiosa*. Belo Horizonte: O Lutador, 2013, p. 59-88.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: Edufpi, 2015.
- BRANDIM, Sérgio Romualdo. *Romeiro e fé: um estudo sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres* – Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CAMPOS, Roberta Bivar C. Interpretações do catolicismo: do sincretismo e antissincretismo na /da cultura brasileira. In TEIXEIRA, Faustino; MENESES, Renata. *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 135-150.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2013.

CARVALHO, Jucilaine Maria de. *Exaltação do profano na festa do Sagrado em Santa Cruz dos Milagres-PI* – Dissertação de Mestrado em Antropologia. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2013.

_____. Prestadoras de serviço do sagrado: as prostitutas de romaria na festa da Santa Cruz dos Milagres, em Santa Cruz dos Milagres-PI. In anais da 30^o Reunião Brasileira de Antropologia. Disponível em: <http://evento.abant.org.br/rba/30rba/files/330_2017-09-08.pdf>. Acessado em 20/02/2019.

CARVALHO JUNIOR, Dagoberto Ferreira de. *História do Episcopado do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1980.

_____. Devocionário Piauiense: Santa Cruz dos Milagres. In *Revista Presença*, ano V, nº 12, julho- setembro. Teresina: COMEPI, 1984.

CARVALHO, Pe. Miguel. *Descrição do Sertão do Piauí*. Comentário e notas de Pe. Cláudio de Melo. Teresina: APL, FUNDAC, DETRAN, 2009.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. *Dom Avelar Brandão Vilela: uma biografia histórica*. Dissertação de Mestrado em História. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2010.

CASCUDO, Luís Câmara. *Religião no Povo*. São Paulo: Global, 2011.

CASTELO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba: O vaqueiro*. 6^o ed. Teresina: Corisco, 2003.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *A escrita da História*. São Paulo: Forense Universitária, 2011.

CHAVES, Monsenhor Joaquim. *Obra completa*. Teresina: FMC, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

COUTO, Edilece Souza. Devoções, Festas e Ritos: algumas considerações. In *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá. Ano I, nº 1. Setembro 2008, p. 2-10.

CUNHA, Higino. *História das Religiões no Piauí*. 2^a ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.

- DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DIAS, Claudete Maria Miranda. *Balaíos e Bem – te- vis: a guerrilha sertaneja*. 2ª ed. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2002.
- DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ELIADE, Mircea. *Sagrado e Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- EADE, John; SALLNOW, Michael. *Contesting the sacred: the anthropology of Christian pilgrimage*. London: Routledge, 1991.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- FERNANDES, Rubem César. *Os Cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares*. Brasiliense, 1982.
- _____. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FILHO, Eurípedes de Sousa Dourado. A Dança de São Gonçalo. In *Cadernos de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1987.
- FREITAS, Eliane Tânia. As vidas e as morte de Jararaca: narrações de uma devoção popular no Nordeste Brasileiro. In *Revistas de Estudos da Religião - REVER*. São Paulo. Dezembro 2007, N. dezembro, ano. 7, p. 1-30.
- FREITAS, João Alfredo de. *Lendas e Superstições do Norte do Brasil*. 2ª ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2018. Coleção Centenário.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *O fío e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *História Noturna*. Trad. Nilson Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. A Destruição da terra sem males: o conflito religioso do Caldeirão de Santa Cruz do Desterro. In PEREIRA, João Baptista Borges; QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.). *Messianismo e Milenarismo no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2015, p. 79-97.

GOMES, Paulo César. *Os Bispos Católicos e a Ditadura Militar Brasileira: a visão da espionagem*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HAUCK, João Fagundes, [et. al.]. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época: Século XIX*. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOBBSAWM, Eric. *Ecos da Marselhesa: dois séculos reveem a Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

HOORNAERT, Eduardo. *Os Anjos de Canudos*. 3ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. – Tese de doutorado em história. UFPR: Curitiba, 2004.

_____. *Festas religiosas: a materialidade da fé*. In *História e Debates* n° 43. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. In *Revista Tempo*, 2014, volume 4, p. 3-20.

LIMA, Marcos Fernandes. *O MST e a luta pela terra no Piauí: história e memórias familiares (1989 – 2014) – Dissertação de Mestrado História Social*. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2017.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. Os intelectuais e o debate educacional: pensar a educação do Piauí. In *Caderno de Pesquisa*, São Luís, v. 23 n. Especial, set/dez, 2016. P. 199- 211.

LOPES, Régis. *O Verbo Encantado: a construção do Pe. Cicero no imaginário dos devotos*. Rio Grande do Sul: UNIJUI, 1998.

_____. *Padre Cícero*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto história*, São Paulo PUC, vol.17, nov. 1998, p. 63- 201.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

MACHADO, Paulo. *As trilhas da Morte: Extermínio e Espoliação das Nações Indígenas na Região da Bacia Hidrográfica Parnaibana Piauiense*. Teresina: Editora Corisco, 2002.

MARTINS, José Clerton de Oliveira; FREIRE, Edwilson. “... E viva o Pau!!!... e viva Santo Antônio!!! O sagrado e o profano na festa católica brasileira. In MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline Lima. (orgs). *FOLKCOM: do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas*. Teresina: Halley, 2006, p. 561-579.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996.

_____; LOPES, Marcos Felipe de Brum. Imagem, História e Ciência. in *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 9, n. 2, p. 283-286, maio-ago. 2014.

MAUSS, Marcel. *Ensaio Sobre a Dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas*. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2013.

MELO, Pe Cláudio. *Piauí, Diocese e província eclesiástica*. Teresina: Arquidiocese de Teresina, 1993.

MENESES, Renata. Santo Antônio no Rio de Janeiro: dimensões da santidade e da devoção. In TEIXEIRA, Faustino; MENESES, Renata (orgs.). *Catolicismo Plural: Dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 109 – 133.

MESSIAS, Noeci Carvalho. *Religiosidade e Devoção: as Festas do Divino e do Rosário em Monte Carmo e em Natividade – TO*. Tese de Doutorado em história. Goiás: Universidade Federal de Goiás. 2010

MOTT, Luiz. *Piauí Colonial: população, economia e sociedade*. 2º ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010.

_____. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (org). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. 1º ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018, p. 121- 175.

MORAES, Dione. Ainda queremos ser... tão? reflexões sobre identidade cultural e imaginário de sertão no Piauí. In *Público e Privado*. Nº 7, janeiro-junho 2006, p.15 -16.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Imprensa e Imagens: a construção de representações do Piauí e de Teresina através de jornais diários na década de 1970*. Clió: Revista de Pesquisa Histórica. ISSN: 2525-5649 < n. 28.1 >. Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a História do Piauí*. Vol. I. Teresina: FUNDAPI; FMC, 2007.

_____. *Pesquisas para História do Piauí*. Vol II. Teresina: FUNDAPI; FMC, 2007.

NUNES, Maria Cecília de Almeida; RIBEIRO, Verônica Maria Pereira. Manifestações Folclóricas. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Piauí: formação, Desenvolvimento e Perspectivas*. Teresina: FUNDAPI, 1995, p. 345 -370.

_____. Revisitando a cultura popular no Piauí: marcas do passado nas manifestações do presente. In SANTANA, R. N. Monteiro de. *Apontamentos para história cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003. p. 87 – 94.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares. O Símbolo e o Ex voto em Canindé. In *Revista de Estudos de Religião*. Nº 3, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_oliveira.pdf>. Acessado em: 08 de junho de 2010.

OLIVEIRA, Pedro Pedro A. *Ribeiro. Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis. RJ: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Stanley Braz de. *A Hierópolis de Santa Cruz dos Milagres: produção de um lugar através do sagrado (1992- 2008)*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2011. Dissertação de Mestrado em Geografia.

PASSOS, Mauro. Lá vem a Bandeira... Os Reis e seus atores. In *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, ano III, nº 9, jan 2011, p. 253 – 268.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In PASSOS, Mauro (org.) *A Festa na Vida*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Festa, Religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asteriscos, 2008, p. 99- 122.

PINHEIRO, Áurea Paz. *As Ciladas do Inimigo: tensões entre clericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2001.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 1-15.

PONTES, Emilio Tarlis Mendes. Fé e Pragmatismo no Sertão. In *Revista Mercator*, Fortaleza, v.13, nº 2, mai/ago, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/mercator/v13n2/1676-8329-mercator-13-02-0155.pdf>> Acessado em: 27 de fev de 2019.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte da Escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os Literatos e a República: Clodoado Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: FCM, 1994.

_____. *História, Literatura e Sociabilidade*. Teresina: APL, EDUFPI, 2015.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolução popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

_____. *Hierópolis: O sagrado e o Urbano*. 2ª ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

_____. Hierópolis y processiones: lo sagrado y el espacio. In CARBALLO, Cristina Teresa (coord.) *Cultura, Territorios y prácticas religiosas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

_____. *Primeiro a Obrigação, depois a devoção*. Rio de Janeiro, EDURJ, 2012.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, V. 9, nº 19. Set. 1989 – fev 1990. p 219 – 243.

SANTANA, Mariely Cabral de. *Alma e festa de uma cidade: devoção e construção na Colina do Bomfim*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTIAGO, Cristiane Maria Cordeiro; SALES, Marta Celina Linhares e PAULA, Jorge Eduardo de Abreu. Caracterização físico-ambiental da bacia do Rio São Nicolau - semiárido piauiense. *Revista Equador*, 2013, 1º, volume 1, p.118-139.

SANTIROCCHI, Ítalo D. “O beijo e a festa: O jubileu do Bom Jesus em Congonhas” In PASSOS, Mauro & NASCIMENTO, Mara R. do (Org) *A invenção das devoções: crenças e formas de expressão religiosa*. Ed. O Lutador, Belo Horizonte, 2013, p. 167 – 204.

SANTIAGO, Cristiane Maria Cordeiro; SALES, Marta Celina Linhares e PAULA, Jorge Eduardo de Abreu. CARACTERIZAÇÃO FÍSICO-AMBIENTAL DA BACIA DO RIO SÃO NICOLAU- SEMIÁRIDO PIAUIENSE. In *Revista Equador*, V. 1. Nº 1, Teresina, 2013. Disponível em: [www.ojs.ufpi.br > index.php > equador > article > download](http://www.ojs.ufpi.br/index.php/equador/article/download)>. Acessado em: 20 de março de 2019.

SARAIVA, Adriano Lopes. *Religiosidade Popular e Festejos Religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia*. In *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, nº 7. Maringá, 2010, p. 147-163.

SILVA, Cândido da Costa. *Roteiro da Vida e da Morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Gisvaldo “Um levante no sertão do Piauí: A trajetória camponesa na formação do assentamento Marrecas (1985- 1995)”. - Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2012.

SILVA, Severino Vicente da. Modelos de Igreja no Brasil no final do Século XIX. In: SILVA, Severino. Vicente da. (org.) *A Igreja e o Controle Social nos sertões nordestinos*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 73 -81

SILVA, José Maria. Mercado Religioso Tupiniquim. In Disponível em <http://www.viannajr.edu.br/revista/eco/doc/artigo_70004.pdf>. Acessado em 19 Nov 2012.

SOIHET, Raquel. Festa da Penha: resistência e interpretação cultural (1890- 1920). In CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e Outras F(r) estas: ensaios de história social da cultura*. São Paulo: Unicamp, 2006, p. 341- 370.

SOT, Michel. Peregrinação. In LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean – Claude (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 353- 367.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa- Bahia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SOUZA, Laura de Mello. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI – XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SUSIN, Luiz Carlos. Da Religião do Sacrifício à Religião da Fraternidade. In *Teocomunicação*. V. 40 n. 3. Porto Alegre, 2010, p. 378 – 389.

TAVARES, Fátima. Religião, Festa e Ritual como agenciamentos possíveis. In PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila e MESQUITA, Wania (orgs.). *FESTA como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 119-130.

TINHORÃO, José Ramos. *Festa de Negro em Devoção de Branco: Do carnaval na procissão ao teatro no círio*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1986.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). 2ª ed. Campinas: Unicamp, 2012.

VAIFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

VARGAS LLOSA, Mario. *Guerra do fim do mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VENDRAME, Maíra. *Ares de Vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)*. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre: PUCRS, 2013.

VILHENA, Maria Ângela. O Peregrinar: Caminhada Para a Vida. In ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.). *Turismo Religioso: Ensaio Antropológico sobre Religião e turismo*. Campinas/SP: Papirus, 2003, p. 11- 27.

WEBER, Franz. Celebrar a vida: A cultura da festa nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). In PASSOS, Mauro. *A festa na vida: Significado e Imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 143-164.

WOODWARD, Kenneth L. *A Fábrica de Santos*. Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Siciliano, 1992.